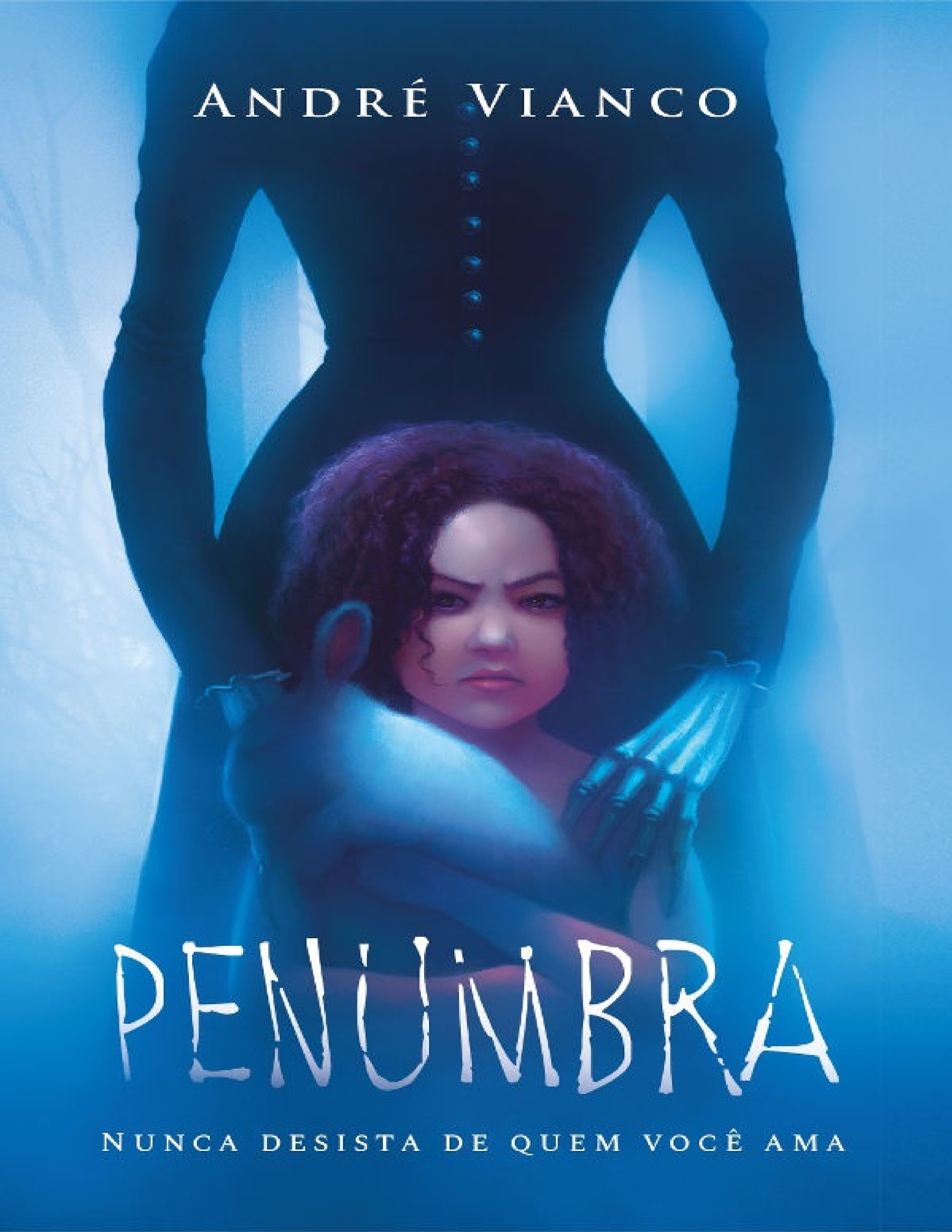
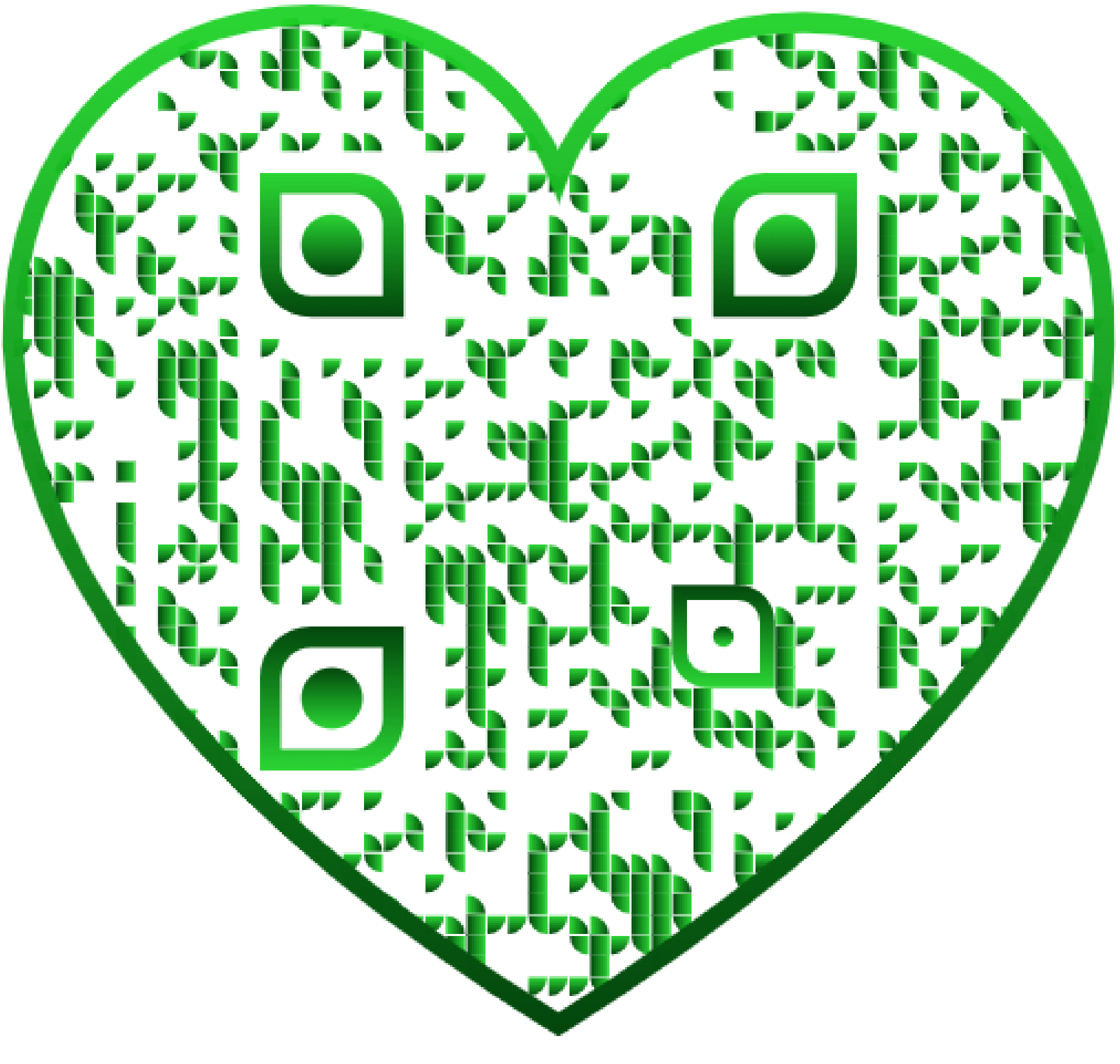

André Vianco
PENUMBRA
Nunca desista de quem você ama



Lana jurou nunca esquecer sua mãe. Ela é uma menina teimosa e decidida, que sempre quer fazer tudo do seu jeito. E desta vez não será diferente. Quando acorda na Penumbra, um lugar misterioso onde é sempre uma alvorada eterna ou um crepúsculo sem fim, Lana descobre que precisa quebrar sua promessa e deixar para trás tudo que mais ama.

Ao se recusar a aceitar isso, a menina desafia a Penumbra e sua guardiã, a babá Osso Duro. Mas nem a aparência cadavérica da babá será o suficiente para deter Lana. O que ela não pretendia, no entanto, era despertar as criaturas sombrias daquele lugar, que se alimentam da memória dos recém-chegados. Conforme os perigos vão aumentando, Lana e a babá se unem para lutar contra as forças da Penumbra, pois percebem que somente juntas poderão vencer a distância e o vazio deixado pela separação daqueles que mais amam.

Carregado de sombra e ternura, *Penumbra*, o novo romance de André Vianco, faz o leitor conhecer, muito além das aparências, duas personagens intrigantes, que travam batalhas contra a saudade e descobrem, de forma surpreendente, que alguns laços nunca poderão ser desfeitos.

PENUMBRA

Copyright © 2017 André Vianco
© 2017 Casa da Palavra/LeYa

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação
Bárbara Anaissi

Revisão
Milena Vargas
Mariana Bard

Projeto gráfico de miolo
Elmo Rosa

Diagramação
Filigrana

Capa
Leandro Dittz

Ilustração de capa
Ralph Damiani

Curadoria
Affonso Solano

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

V668p
Vianco, André, 1975-
Penumbra / André Vianco. – Rio de Janeiro : LeYa, 2017.

ISBN 978-85-441-0615-0

1. Ficção fantástica brasileira. I. Título.

17-45317

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 – sala 701
21512-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

ANDRÉ VIANCO

PENUMBRA

NUNCA DESISTA DE QUEM VOCÊ AMA

LeYa

Para minha amada esposa, Marisa.
Para Sofia, do titio: bagunceira, teimosa e peralta.
E para todos aqueles que seguiram a viagem cedo demais.

Acho que nunca fiz isso antes. Nunca mandei uma advertência para aqueles que leem minhas linhas. Agora, no entanto, pela natureza desta história, eu tenho que prepará-lo, deixá-lo ligado, antes de começar sua leitura. Este alerta vem como se alguém do outro lado do manto me pedisse que cravasse aqui uma flâmula, um aviso. Esta é uma história sombria, melancólica. Ninguém dentro destas páginas teve um final feliz – não um final terreno, ao menos. Não se preocupe, não vou falar sobre as razões que as trouxeram até aqui, entenda que isso não importa. O que importa é o novo episódio, sobre o novo começo que, a propósito, todos nós que respiramos e lemos estas linhas com nossos olhos de carne, de posse de nossos ouvidos de nervos, viveremos um dia; estaremos lá. Ainda que soe antagônico, a jornada que se abrirá à sua frente, na qual você está prestes a embarcar, começa precisamente após o nosso misterioso segundo final, quando abrimos os novos olhos e descobrimos que estamos lá, do outro lado do manto, trilhando a jornada inescapável. Seria muita pretensão dizer que com estas mal traçadas linhas vou remover um véu, mas tudo que verão daqui pra frente não é obra minha. São os passos e as escolhas de uma menina chamada Lana.

Um último sublinhado, se você ainda tem paciência e teima em seguir em frente por sua própria conta, sem que ninguém segure sua mão: recomenda-se sentir esta história como uma melodia de ninar, uma cantiga longa, cantada por uma voz rouca que rasga a noite fria, lançando versos melancólicos sobre a escuridão. Quem canta é ela, aquela que ronda as crianças que já se foram. A babá das crianças perdidas. O farol na escuridão. A senhora Osso Duro.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13

CAPÍTULO
1

HAVIA UM ZUMBIDO NO AR, PERSISTENTE, preenchendo o entorno quando Lana abriu os olhos devagar, como quem acorda de um sono profundo e longo naquelas manhãs em que não queremos sair da cama de jeito nenhum, mesmo que o despertador esteja gritando ao lado, mandando a gente para a escola, enquanto a mãe se esgoela do corredor. Lana apertou os braços e sentiu o vazio, obrigando-a a sentar-se, tremendo de frio e medo. Estava cansada. Não queria estar ali, e parecia que tinha se agarrado a um barbante para não despencar das alturas. Insistir em se segurar naquele cabo por horas a fio, por dias e dias e por toda a eternidade, até apagar e acordar agora com aquele barulho em seus ouvidos. O som não era do despertador, e ela não podia identificar exatamente de onde vinha. Parecia surgir do alto, de uma nave pronta para aterrissar e removê-la de uma ilha distante, remota e perdida. A menina, ainda com frio, juntou as pernas e ficou sentada, admirada com a paisagem nova ao redor. Tinha muita coisa faltando ali. Muita coisa. A principal delas era sua mãe. Nos últimos meses, ela sempre estivera ao seu lado, quando Lana abria os olhos e pedia para ir para casa. Nem o coelho de pelúcia, parceiro certo das noites longas, estava por perto. O coelho não era dela, tinha sido emprestado por outra criança que esteve em seu lugar um dia. Naquele lugar onde as noites eram agitadas e barulhos estranhos nunca eram novidade. Sempre tinha um apito, um alarme, alguém a olhando ou colocando a mão em sua cabeça. Era muito, muito diferente estar sozinha, e não estava gostando nada daquilo. Duas bolinhas brilhantes e líquidas brotaram em seus olhos, e logo desceram pelas bochechas escuras da menina, enquanto relâmpagos prateados riscavam o céu. Lana premeu os lábios e secou as lágrimas. A coisa certa era chorar, mas ela não queria, não iria deixar aquelas lágrimas atrevidas descerem pelo rosto. Precisava entender, ter certeza.

– Mamãe – sussurrou para o vazio.

Seus olhos perscrutavam o terreno cheio de vento e de nuvens carregadas, mas os ouvidos não perceberam resposta ao seu gemido. Girou no gramado, sentindo a folhagem fria entre os dedos. Tremia. Não devia estar ali. Não

queria estar ali. Não gostava das coisas frias. Queria sua mãe, seu coelho, coisas que podia controlar. Queria voltar para casa. Precisava voltar para casa.

Lana olhou para o alto. Estava desprotegida. No meio do nada. O céu estava rubro e escuro, como se o sol, atrás das nuvens que varriam o alto, tivesse acabado de se pôr. Lana franziu a testa. Também poderia ser a alvorada com o sol brincando de nascer. Noite, dia. Ela não sabia. Estava perdida. O chiado teimoso que a despertou podia muito bem ter sido o vento. Ele batia ligeiro, esfriando a pele, fazendo a relva sussurrar, tremulando o tecido fino de sua camisola. Grãos secos pinicavam seus pés. Uma joaninha subiu em seu dedão, era amarela, como se as asas fossem banhadas a ouro. O bichinho escorregou quando alcançou sua unha e tentou subir de novo. Teimosa. Lana sorriu pela primeira vez. Então lembrou-se do que estava esquecendo. Não estava em sua casa. Não sabia o que estava fazendo naquele lugar estranho. A joaninha voou, e Lana teve medo da paisagem. Onde aquele gramado de lâminas altas terminava? A Penumbra engolia o entorno e intimidava, mas mesmo assim, como boa teimosa que era, ficou de pé.

Fechou os olhos tentando lembrar onde estava antes de despertar ali, mas não conseguia. Sentia falta dos fios saindo do seu braço. Das coisas presas a ela. As coisas presas que lhe davam segurança e garantiam que permanecesse. Era estranho estar solta e poder fazer o que quisesse. Ela sempre lutava para poder fazer o que queria. Agora, livre, estava perdida. Sua mãe deveria estar ali. Deveria? Lana girou sobre si mesma mais duas vezes, cada vez mais confusa. Como tinha chegado ali? Seus ouvidos captaram um novo barulho que fez seu estômago gelar. Era um choramingo. Alguém chorando baixinho perto dela.

Lana ajoelhou-se na grama, assustada. Onde estava? Não sabia em qual direção ficava a sua casa. A mãe dizia que era perigoso andar sozinha na rua, ainda mais à noite. Quando a mãe saía para trabalhar, Lana escapava furtiva do apartamento e passava pela portaria, gostava de ver os skatistas na praça da rua de baixo. Gostava de correr atrás dos coelhos que fugiam da casa da velha doida. Outro relâmpago iluminou a relva fugazmente. Sem trovão. Nunca tinha acontecido nada nas ruas perigosas de seu bairro, mas ali não era o seu bairro. Não havia skatistas nem coelhos. Ali era um lugar deserto, misterioso e com choramingos irritantes e raios riscando o céu indeciso. Lana

apurou a audição e percebeu que vinha da sua direita. Arrastou-se um pouquinho. Seus olhos já estavam acostumados ao lusco-fusco. Desde quando estava escuro? Não se lembrava da luz de seu quarto. Era lá que queria estar.

– Mãe! – Ela ouviu alguém chamar.

Alguém perto dela também clamava o passado. Era uma voz de criança, como a dela. Sentiu-se unida àquela voz desconhecida. Queriam a mesma coisa. Queriam o calor da mãe bem ao lado, mas ali, naquele lugar, estavam longe da mãe e do calor, e o vento frio gelava até a alma. Precisava de fogo, de um aquecedor, um cobertor, uma fogueira para se aquecer. O vento constante não ajudava a confortá-la. Queria era voltar para casa. Daria um jeito. Ela sempre conseguia dar um jeito nas coisas e ter o que queria. Acharia uma porta, uma passagem que a ligasse com sua mãe. Faria birra e bateria o pé até conseguir achar o caminho de casa. Despertaria imediatamente se aquilo fosse um pesadelo. Lana não tinha a menor dúvida de que, se não encontrasse sua mãe, ela a encontraria, de algum jeito, de alguma forma. Sua mãe era tão teimosa quanto ela. Era só questão de tempo.

Olhou para baixo mais uma vez. A joaninha andava sobre seu pé, sem pinicar, sem fazer cócegas. Lana poderia esmagá-la se quisesse. Mas era só uma joaninha teimosa, insistindo em ficar perto dela. Caminhou abaixada na direção do choramingo. Iria descobrir de onde ele vinha. Conseguia enxergar pouco à frente, sentia o mato na altura dos joelhos, folhas grossas e escuras que faziam barulho quando eram esmagadas debaixo dos seus pés. Cheiro de chuva. Uma sombra encolhida na relva revelou-se logo adiante, deixando-a atenta e apreensiva por um segundo.

Olhou ao redor. Só a Penumbra. A criança também estava sozinha. Isso não era certo. Não ali. De onde vinha, lembrava-se de ver outras crianças com as mães sempre junto. O céu relampeou. Um feixe de nuvens baixas correu sobre a relva, tampando o horizonte por alguns segundos. Ia cair um toró. Sua mãe falava isso. “Vai cair um toró, Lana.” O céu vibrou e piscou de novo. Sem trovão. A menina achou esquisito e teve medo do céu. O choramingo foi ficando mais próximo enquanto seus pés se moviam, fazendo a grama cantar uma cantiga de ninar. Era um corpo menor que o dela, mais magro e mais fraco. Era outra criança que sofria na escuridão, desabrigada, vulnerável e perdida na Penumbra, no meio da neblina que começava a se dissipar. Lana,

aos poucos, ia percebendo onde estava.

– Mãe? – perguntou a voz esganiçada do garoto, virando-se para Lana.

A menina ficou parada e olhou em volta mais uma vez. Tudo era engolido por aquele escuro e por aquele vazio que pareciam lugar nenhum. As nuvens foram se abrindo lentamente, mostrando estrelas que salpicavam o céu ainda indeciso, ainda vermelho.

– Não sou sua mãe. Também estou perdida por aqui – disse a garota de pele de chocolate.

Lana se aproximou, queria apoiar a outra criança e também ser apoiada. Estar com alguém naquele momento parecia melhor que estar sozinha. Ao menos poderiam pensar juntos, se consolar juntos. Lana não se lembrava do que tinha acontecido antes de ir parar ali, mas sabia que precisavam de consolo. Que talvez ela, a durona da escola, fosse a que mais chorasse. Ela era osso duro. Era implicante e gostava de que ouvissem sua opinião. Tinha uma professora que sempre pegava no seu pé porque Lana não gostava de desenhar um bicho do jeito que ela, a professora, colocava na lousa. Levou o dedão até a boca e roeu a unha levemente. Seu coração estava disparado. Não se lembrava do rosto da professora. Ela a via todos os dias. Como não conseguia lembrar? Fechou os olhos e esforçou-se. A briga pelo bicho… Tinha sido qual bicho? Um bicho que ela gostava de desenhar do seu jeito, não do dela.

– Eu quero a minha mãe – choramingou o menino.

Lana chegou mais perto. Ele estava com uma calça azul de tecido grosso e sem camiseta, sentado no chão, encolhido, abraçando as pernas. Tinha a cabeça raspada e cheiro de hospital, ossos ressaltados no peito e na cintura.

– Você também tá com frio? – perguntou Lana.

O garoto apenas balançou a cabeça em sinal negativo.

– Então por que tá todo encolhido?

– Eu tô com medo. Eu quero a minha mãe.

– Eu também quero a minha mãe. E tô com frio – disse Lana, esfregando os braços.

– Eu tô com medo.

– Você já disse isso. A gente tem que ficar junto para não ficar com medo. E algo me diz para sairmos daqui.

– Eu não quero sair daqui. Quero a minha mãe.

Lana se ajoelhou ao lado dele, que tremia enquanto o vento assobiava, fazendo a relva sussurrar. Ela estremeceu quando o tocou. Gelado como a morte. Abraçou-o mesmo assim, sentindo uma picada na ponta dos dedos e levantando a mão, assustada. Ele olhou para ela.

– O que foi?

– Nada. Você picou minha mão.

Lana levantou-se e abaixou o rosto junto às costas do menino. Tinha um corte imenso bem em cima do risco de sua coluna, da nuca até o fundo de suas calças azuis com manchas escuras no traseiro. Ela conhecia aquilo. Por isso sua mão tinha sido pinicada. Eram pontos feitos com um fio de plástico.

– Você foi operado?

O menino fez que sim com a cabeça.

– Fui.

– Eu já fui operada também, mas eu era bem pequena e não lembro. Minha mãe disse que só não morri porque minha avó, lá no céu, cuidou de mim.

Os dois se abraçaram mais apertado quando novos raios faiscaram, mais próximos deles agora. Seu coração batia acelerado. Já tinha sido operada uma vez, mas não lembrava mais por quê. Tinha ficado internada? Não se recordava mais da voz da sua mãe, apenas do que ela dizia. Lana passou a mão no chão. Era bom sentir o chão. Aquilo a acalmava.

– Deu tudo certo? – perguntou o menino, tirando-a de sua divagação.

– Sim. Deu. Por isso estou aqui, senão eu teria morrido. Só sei que foi bem sério.

– Deixa eu ver.

– O quê?

– O corte. Quero ver como vai ficar.

Lana ergueu sua camisola e mostrou a parte de baixo do abdômen.

– Nem dá pra ver nada, tá tão escuro – queixou-se o garoto.

– Mesmo se estivesse de dia, você não veria muita coisa. Ficou um negócio fininho. Eu nem lembro o que foi, e olha que eu adoro aprender o nome das coisas. Minha mãe sempre diz que é importante saber o nome das coisas.

O menino tornou a ficar calado. Mais um raio picotou o céu, fazendo os dois olharem para cima.

Lana sentiu um frio na barriga, como o “sentido aranha” do Peter Parker. Ela sabia que precisavam andar, sair dali. Falar em sua mãe não havia sido muito inteligente, já que queria confortá-lo. Certamente ele estava se lembrando da própria mãe agora.

– Vamos para outro lugar. Esses raios estão vindo cada vez mais perto.

O menino sinalizou que não com a cabeça.

– Eu tô com medo. Não quero sair daqui. Minha mãe vai me achar.

– Se cair um raio na sua cabeça, ela vai achar é um monte de pó em vez de você inteiro.

O garoto ficou com os olhos arregalados e levantou-se, dando a mão para Lana.

– Você tá mentindo, né? Eu não vou virar pó!

– Precisamos nos abrigar. Aprendi que raios amam crianças no descampado.

Ficaram ambos calados com seus pensamentos até que escutaram o choro. Era um choro rasgado, lançado por pulmões fortes, repicando na escuridão. Trocaram um olhar longo e espantado.

– É um bebezinho? – questionou o menino.

Lana girou lentamente, mais uma vez valendo-se da sua audição, colocando a mão em concha sobre a orelha direita.

– Qual é o seu nome? – perguntou ela.

– Jorge.

– A gente precisa sair daqui, Jorge. Tô com um mau pressentimento.

– E o neném?

– Eu vou atrás dele. Vou achá-lo. Daí a gente sai fora.

O menino arregalou os olhos.

– Eu vou ficar sozinho de novo? No escuro?

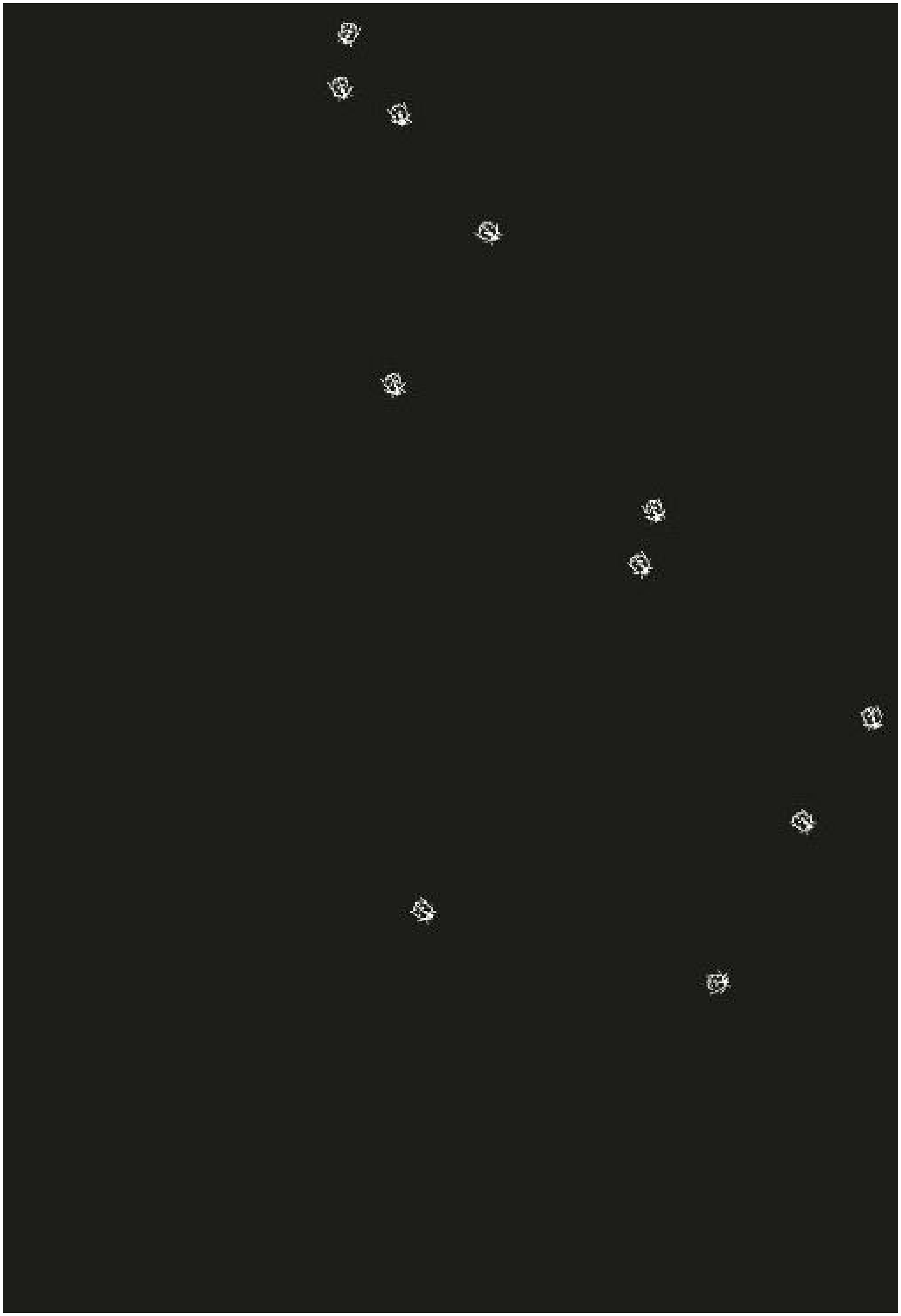
– Você pode vir comigo se quiser, mas vem logo.

Jorge segurou a mão da garota.

– Qual o seu nome?

– O meu é Lana. Fique comigo que eu cuido de você até sua mãe voltar.

Juntos vagaram pela relva, guiados pelos gritos aflitos do bebê. Por que não havia luzes ao longe, pontinhos nas janelas e postes de iluminação pública enquanto os malditos raios insistiam em espocar no céu rubro sem fazer barulho de trovão? O que teria acontecido para ela acordar ali, no meio do nada? Algo tinha dado errado enquanto ela e a mãe esperavam a melhora. A mãe disse alguma coisa tipo "tudo vai dar certo, princesa". Talvez fosse só um jeito esquisito das coisas darem certo. Confiava em sua mãe. Sua mãe tinha que estar por perto e, certamente, apareceria de uma hora para outra, como sempre fazia, para esquentar seu coração. Lana estava com medo também, mas não podia falar para Jorge, só o deixaria mais apreensivo.



CAPÍTULO
2

ERA UM BEBÊ CAÍDO NO GRAMADO. Seu coração se comprimiu ao encarar a neném pequenina deixada no chão. Lana olhou para todos os lados. Não era possível! Tinha que ter uma mãe ali perto. Que não fosse a sua, mas tinha que ter uma mãe. Quem deixaria uma nenenzinha jogada no chão? Lana bufou contrariada. Estavam unidos agora. Mais uma criança perdida.

– Ela é tão magra! – murmurou Jorge, aproximando-se. – É tão pequena. Deve estar faminta.

O vento sereno tinha virado ventania, contínua e fria. Apesar de não escutar trovões após os relâmpagos, só podia estar mesmo vindo uma boa chuva.

– Temos que nos abrigar. Acho que tá escurecendo ainda mais.

– E a neném?

– Vamos levá-la.

– Mas e se a mãe dela não encontrá-la quando voltar?

Lana mordeu o lábio. A suspeita crescia, mas ela não queria contar para o menino nem admitir. Não iria aceitar aquilo tão fácil, havia lutado muito para continuar onde estava. Tinha se agarrado ao barbante, tinha fincado o pé no chão. Não iria deixar sua mãe tão cedo. Iriam sair dali e se abrigar, porque a chuva vinha, mas depois ela teria uma missão mais importante: voltar para casa. Não ficaria naquele lugar. Queria voltar para casa. Estar ali não era certo. Ninguém havia pedido sua permissão para separá-la da mãe. Tinha tantas coisas para viver ainda. Tinha planejado uma porção de coisas. Conhecer o mar, o casamento, a clínica veterinária onde cuidaria de dinossauros e unicórnios.

Jorge olhou para cima. Não via mais as estrelas. O choro da criança preenchia a campina. O céu se iluminava repetidamente com os relâmpagos de Lana, clareando as nuvens que se adensavam mais uma vez.

– Vem. Vamos procurar abrigo – repetiu Lana, finalmente aninhando a pequena em seu colo. – Ssssh, ssssh, para de chorar. Para.

– Olha! – exclamou o garoto, surpreso, apontando para o alto.

O céu escuro tinha ganhado uma pontinha de luz. Um brilho que parecia uma estrelinha girando.

– Parece que ela tá se mexendo – observou Jorge. – O que é aquela luz, Lana?

A neném berrava, pranteando solto, enchendo a encosta da colina com sua música de fome e dor.

Lana apertou a neném contra seu peito mais uma vez e balançou-a como as mamães faziam.

– Para de chorar. Para de chorar, por favor, princesinha. Você tem que parar – pediu a menina.

Ela foi se acalmando aos poucos, como se entendesse o carinho da menina perdida. Lana sorriu ao ser atendida e a afastou só um pouquinho do peito, admirou seu rostinho delicado e ficou apreensiva. Podia contar os ossos das costelas e das mãozinhas daquela criança. Seus olhos molhados estavam encovados nas órbitas. Lana repuxou os lábios. Tinha que fazer alguma coisa. Precisava ajudar a neném e o pequeno Jorge a seu lado. Estavam ali, juntos, por alguma razão que ela ainda não conseguia decifrar.

– Tá doente, tadinha.

Um barulho distante colocou a dupla em alerta. Abaixaram-se instintivamente. Era o som de vozes cochichando. Viram lanternas ao pé da colina, movimentando-se na escuridão da mata. Estavam longe, bem longe, mas podiam ser ouvidos. O lugar vazio e silencioso propiciava a propagação de seus resmungos.

– É gente grande. Acho que estão procurando essa neném.

Lana franziu a testa e segurou a bebê.

– Lana, eu tô com medo. Acho que não é minha mãe. É melhor deixar essa neném aí.

– Não. Eu cuido dela. Ela tá com frio.

– E se aquelas luzes forem de pessoas perigosas? Eles podem estar atrás da gente. Talvez queiram bater na gente, Lana.

– Por que iriam nos bater? A gente não fez nada para eles, Jorge.

O menino deu de ombros.

Lana aproximou-se ainda mais de Jorge e acolheu-o debaixo do seu braço.

– Temos que sair daqui. Já falei. Precisamos de um abrigo. Para nos esconder, para entender onde estamos.

As luzes no meio do mato se mexiam na direção do trio. Agora, outra fonte de luz capturava a atenção dos dois. Um clarão que não era de raio, porque era constante, lambia a campina, projetando um círculo no chão e obrigando as três crianças a apertarem os olhos ao mesmo tempo. Era brilhante e dourado, esparramando-se pelo chão como um fluido.

– Que bonito.

– Eu ainda tô com medo, Lana.

– Não fique com medo, Jorge. Estão vindo buscar a gente.

O menino agarrou a cintura de Lana enquanto o clarão fechava o foco sobre eles, como se apenas o trio fosse interessante no vazio da noite. Lana não disse nada, mas conforme a luz se aproximava e as marolas douradas lambiam o mato, também começava a temer. Seu coração batia disparado e sua respiração ficou mais rápida. Onde estava sua mãe, afinal? Não era para ela nem os outros dois pequenos estarem sozinhos num lugar daqueles, numa hora daquelas. Tinham sido abandonados na Penumbra, e agora havia uma luz. Havia um lugar por onde seguir. A luz se intensificou ao mesmo tempo que pareceu mais definida, focada, com as ondas douradas se dissipando e evaporando no ar, como fagulhas que giravam ao redor da fonte luminosa. O facho de luz formou um círculo à frente dos três, parando de incomodar seus olhos e ficando a dois metros de distância.

– É o caminho de um anjo – murmurou a menina.

A bebê não chorava mais. Seu rosto frio aninhou-se a Lana, e seus dedos mirrados enrodilharam o cabelo encaracolado da garota, que abriu um sorriso sem perceber.

O facho de luz começou a aproximar-se devagar do trio, fazendo Lana e Jorge darem um passo para trás, assustados. A luz, sem conhecer os temores das crianças, continuou a avançar.

Lana virou-se para o descampado, observando as lanternas que também

chegavam cada vez mais perto. Não fazia ideia de quem eram aquelas pessoas nem de quantas eram. Seriam boas? Queriam pegá-los? Virou-se e notou o facho de luz quase tocando seu pé. Uma comichão subiu por sua perna, fazendo-a saltar e gritar.

– O que foi? – perguntou o menino, alarmado.

– Não sei. Eu me assustei quando ela me tocou.

– A luz?

Lana segurou a respiração quando a luz se moveu mais uma vez em sua direção. Sentiu a comichão de novo. Sua pele zumbia conforme a luz tingia sua pele marrom.

– Ai! Eu não aguento! É esquisito demais – reclamou ela.

– Então corre, Lana. Não deixa te tocar novamente.

– Segura a neném, vou atrair essa luz para o outro lado.

– Eu não quero ficar sozinho aqui!

– Deixa de ser medroso, Jorge. Eu volto – disse a menina, passando a neném para o garoto. – Vai para perto deles um pouco. Devem estar procurando a bebê.

Jorge olhou para as lanternas que subiam a campina, sumindo e voltando a aparecer conforme o vento lambia e fazia as lâminas de mata dançar.

– E se eles não forem bonzinhos?

A luz do céu moveu-se mais uma vez, fazendo Lana começar a correr. Não queria sentir aquilo de novo, aquela coceira que parecia penetrar em seu espírito, eletrificar sua pele e fazer sua cabeça inteira vibrar. Queria escapar dali e encontrar sua mãe. Ela saberia explicar o que estava acontecendo e onde estava. Lana sentiu-se dentro de algum tipo de pesadelo. Parecia ter embarcado em algum daqueles vídeos esquisitos em que nada tem pé nem cabeça. Torcia para acordar enquanto corria, subindo a colina, para longe da misteriosa luz celeste e para longe das lanternas, pensando em como conseguir se afastar de todos aqueles clarões e, ainda por cima, encontrar sua mãe. Quase podia ver o rosto da mãe adiante, divisando a Penumbra, saindo do escuro, com um sorriso largo, com dentes alvos e brilhantes marcados por lábios… De repente, ouviu um grito.

– Lana!

Ela parou de correr e olhou para baixo. A luz não tinha vindo em seu encalço, estava atrás de Jorge. Lana começou a correr morro abaixo, apressada. Ele era medroso demais para aguentar aquela luz sinistra perseguindo-o.

Lana disparou de volta, ainda mais aflita. Tinha certeza de que a luz iria atrás dela. Era só chamar a atenção daquela coisa. O que era? Não fazia nenhum barulho, então não era um helicóptero de resgate para levá-los embora para um lugar seguro. A luz “encostava” neles. Era estranha. Era de um lugar que ela nunca tinha visitado. Acelerou os passos ao perceber o rosto apavorado de Jorge.

– Vem pra cá!

Jorge rompeu a inércia, obedecendo a Lana e começando a andar. Não queria ser tocado por aquele facho de luz. Melhor passar bem longe. Não sabia onde estava nem por que tinha surgido ali, em lugar nenhum. A luz se movia devagar, mas avançava sempre em sua direção, parecendo uma cinta doida para sentar em seu lombo. Queria pegá-lo, castigá-lo.

– Ela quer me acertar, Lana. Ela quer me pegar. Eu quero a minha mãe!

Mais uma vez relâmpagos rajaram o céu, competindo com a luz que os perseguia.

– Vem, me dá a neném, Jorge.

Lana pegou a bebê de volta e girou, olhando para todos os lados. Ela queria um lugar para se esconder, para pensar. Não sabia o que era aquela luz que, mais uma vez, vinha em sua direção. Olhando para trás, notou que o facho de luz não estava mais reto, tinha começado a espiralar, descendo prateado. Era ao mesmo tempo lindo e assustador.

– Lana…

A menina olhou para Jorge e deu dois passos atrás. A luz intensificou o brilho, revelando insetos pequenininhos que andavam sobre a grama. As fagulhas se tornaram joaninhas douradas, iguais à que Lana tinha visto antes. Rastejavam aos montes, contornando as crianças. Jorge deu um grito assombrado. Lana sorriu. As pequeninas já eram cintilantes e atraentes, mas, ao toque da luz, resplandeciam, levantavam voo e suas asinhas lampejavam.

A luz moveu-se em sua direção outra vez, revelando que tinha vontade própria. Lana virou-se para Jorge e pediu que corresse morro acima.

– Vá para o topo, Jorge! – comandou ela, apontando para a esquerda, enquanto seguia para a direita, descendo mais.

– Eu não quero ir sozinho – choramingou o menino. – Quero voltar pra minha casa!

– Não vou te deixar sozinho, prometo. Só quero confirmar uma coisa.

Eles começaram a correr sobre o aclive, afastando-se cada vez mais um do outro e também da luz dourada.

Lana viu a luz ir em seu encalço, como previra. Conforme ela acelerava, a luz também o fazia, tornando a se aproximar.

– Vem, Jorge! – gritou para o menino. – Vamos subir.

Os dois se encontraram quando estavam chegando ao topo da colina. Viam lá embaixo as lanternas vasculhando a mata, provavelmente buscando por eles três.

Lana colocou a bebê no chão, sobre a grama, e deu a mão para Jorge, afastando-se dois metros da criança.

– O que você tá fazendo, Lana?

– Ssssh! Olha. Eu descobri o que a luz quer.

Os dois, de mãos dadas, viram a luz seguir em direção à neném.

– Ela está atrás dela, não da gente – revelou a menina.

– Ahhh.

Lana tinha acertado. Agora o facho alcançava a neném deitada no gramado.

Quando a luz tocou o pé da neném, ela começou a chorar, e logo berrava a plenos pulmões. Jorge olhou aflito para a garota, e Lana não se conteve. Correu até a pequena, mas quando colocou as mãos no corpo mirrado da neném, sentiu o estranho formigamento cobrir sua pele, fazendo-a vibrar. Sua cabeça começou a doer. Olhou para cima e arregalou os olhos. A luz agora tinha feições. Lana soltou a neném e abriu a boca, impressionada. Jorge mantinha os olhos arregalados e distância da visita luminosa. As joaninhas douradas continuavam caminhando ao redor das crianças, girando num

enxame, como fagulhas lançadas de uma grande fogueira, formando uma parede de zumbido ao redor.

“Está tudo bem.”

Lana abraçou a neném, decidida a tirá-la do círculo de luz.

“Acalme-se, meu anjo. Acalme-se. Deixe a pequena comigo.”

Lana olhou para o lado, de olhos arregalados ainda, procurando no rosto de Jorge pistas de que não estava enlouquecendo sozinha.

– Você ouviu isso, Jorge?

– O quê?

– A luz… Ela falou.

“Ele não pode me ouvir, Lana. Só vocês duas.”

Lana ficou imóvel, inebriada pela energia que corria em torno de seu corpo e pela emoção daquele momento.

“É a hora dela ir, Lana. Você está certa. Sou uma passagem.”

A luz fez uma pausa e sua face virou-se para a neném. Então, voltou-se para Lana.

“Você pode vir se quiser. Você é tão diferente dos outros, estou ansiosa para tê-la comigo.”

Lana balançou a cabeça em sinal negativo.

“Ah! Quer ficar mais um pouco?”

– Eu quero voltar para casa. Eu quero a minha mãe. Onde ela está?

“Sua mãe não está aqui na Penumbra, Lana. Este é um lugar do qual você não pode fugir, pequena. Não há luta contra a passagem. Venha comigo, Lana.”

– Não! E eu não sou obrigada a ficar onde não quero! Eu quero a minha mãe e eu quero agora!

“Solte a criança. Você não é dona do destino dela.”

– O que você vai fazer com ela?

A voz doce e reconfortante, dona de um rosto de luz, olhou placidamente para Lana, encharcando-a de paz.

"Farei o melhor."

– Estou com medo de deixar ela ir com você. Você machuca.

O rosto sorriu.

"Eu não posso machucar vocês, querida. Não posso. Eu sou apenas um caminho. Deixe a neném no chão e veja, Lana."

Lana, ainda resistente, colocou a bebê sobre a relva. E se fosse mentira daquela luz idiota? O que ela queria dizer com não poder fugir? Aquela luz não mandava nela coisa nenhuma e não sabia de nada. Ela iria achar a sua mãe a qualquer custo. Algo de errado estava acontecendo naquele lugar.

– Se ela chorar um tiquinho que seja, eu juro que pego de novo.

"Então não toque nela agora. Eu preciso levá-la. Todos que estão aqui, na Penumbra, precisam seguir em frente."

A garota ficou imóvel enquanto a luz avançava sobre o corpo da neném, que ainda esperneava.

– Lana, o que tá acontecendo? – perguntou Jorge, aproximando-se um pouco.

Lana ergueu a mão, pedindo silêncio.

"Não estou machucando a neném. Ela está apenas assustada. Todos vocês ficam com medo, mesmo das coisas boas. O medo é natural aqui na Penumbra. Vocês não sabem que estão vindo… para cá."

– Para onde vai levá-la?

"De volta para casa, Lana."

A bebê foi diminuindo o choro até que este se transformou num choramingo manhoso. A luz abriu o facho lentamente e todo o corpo da pequena neném foi coberto pelo halo.

"Tudo ficará bem, Lana. Confie em mim. Daqui para a frente esta neném terá outra jornada. Venha você também. Ficar aqui só fará você gastar seu tempo e chamar atenção de coisas ruins, coisas que não querem lembrar."

– Onde está a minha mãe?

A luz pulsou e a feição que Lana viu se fez notar novamente.

"Ela não pode vir aqui, Lana. Ela está em outro lugar."

– Quem é você?

“Ela deixou você vir, Lana. Ela gosta muito de você.”

Jorge aproximou-se da menina e segurou sua mão.

– Com quem você tá falando?

– Com a luz.

Jorge olhou para a neném.

– Ela deve ser boazinha, já parou de chorar.

– E o Jorge? – perguntou a menina para a luz.

“Eu só posso carregar um por vez, Lana. O menino Jorge vai ter que esperar, a hora dele chegará também.”

– Mas você me chamou. Disse para eu ir também. Você está mentindo!

“Não, pequena Lana. Eu não tenho razões para mentir para ninguém que chega aqui. Sou apenas a saída deste lugar, a passagem. Apareço sempre no alto. Não esqueça.”

– E por que precisa levar a neném? Por que não pode levar o Jorge e pode me levar?

O rosto se fez ver mais uma vez enquanto, de forma impressionante para aquelas duas crianças, a neném se dissolveu em centelhas brilhantes, mantendo seu formato por um breve instante. E então, juntando-se à nuvem de joaninhas douradas, começou a girar. As joaninhas cintilantes chegaram perto do rosto de Lana, que se esquivou por um breve momento, com seus olhos faiscando com o reflexo dourado. Depois as bolinhas de luz ascenderam pelo facho, que parecia sugá-las para o alto.

– Por que não leva o Jorge? Ele tá com medo de ficar aqui sozinho.

O rosto ficou claro e destacou-se do halo de luz.

Jorge encolheu-se contra Lana, assustado com o que via.

– Ela ficou zangada com a gente, Lana? Ela vai me bater?

“Você é um caso especial. Você tem muita energia, muita força neste lugar. Você atraiu a Penumbra, Lana, e não o contrário. Quanto ao Jorge, só posso levar quem já esqueceu o antes. A Penumbra é um lugar feito para sarar os que fazem a passagem. É um lugar para curar e esquecer. Só as

coisas importantes contam aqui. Jorge ainda sabe o que aconteceu. Quando ele não souber mais nada, eu virei para ele.”

– Eu não tô entendendo nada do que você tá falando – revelou a menina. – Amo desvendar enigmas… Mas eu não sei o que estou fazendo aqui.

Um relâmpago distante espocou ao longe no céu.

O facho começou a se estreitar, e o rosto desvaneceu gradativamente.

“Não faça mais isso, Lana. Vocês precisam esquecer tudo.”

– Eu quero saber onde está a minha mãe! Eu não quero esquecer nada!

“Vão. Fiquem com eles até que eu volte, Lana. Aqui fora será muito perigoso para você, sua força vai chamá-los antes da hora. Os outros teimosos vão encontrá-la e vão atrás da sua força.”

– Será perigoso? Eu não sei quem são os teimosos! – protestou a menina.

– Perigoso? Do que você tá falando, Lana? – perguntou o menino assustado, agarrando-se ainda mais ao braço da garota e intrometendo-se na conversa.

A luz apagou-se e não sobrou traço da neném ou da claridade. O céu voltou a um breu angustiante e vazio, aquela indecisão do lusco-fusco. Agora anoitecia, e nem mesmo tinha amanhecido direito.

Jorge estava colado ao corpo da menina.

– O que é perigoso, Lana? Você tá me deixando com medo. Eu quero a minha mãe também. Me ajuda, Laninha.

– A luz falou comigo, Jorge. Ela disse para irmos com eles. Disse que aqui fora é perigoso e que a gente precisa esquecer tudo.

O menino ergueu os olhos para a garota.

– O que a gente precisa esquecer?

Lana deu de ombros. Não sabia onde estava. Não sabia quem era Jorge nem a neném. Mas sabia que algo único os unia. Sua suspeita se intensificava, ganhava contorno, parecia plausível.

– Não sei. Ela disse que vamos esquecer o antes. Que você não vai saber mais nada.

– Que antes?

Lana sentiu um aperto no peito. Ela não sabia mais o que dizer para ele. A única suspeita que começava a fazer sentido em sua cabeça era sombria demais. Não sabia ainda lidar com tudo aquilo. Não podia ser verdade. Queria estar enganada, estar errada. Não queria enfrentar aquilo agora. Era muito cedo. Ninguém tinha perguntado se ela queria partir. Se ela queria ficar. Sua mãe tinha soltado sua mão. Sua mãe tinha feito uma escolha. Fechou os olhos e inspirou fundo. O sorriso de sua mãe. Sua mãe de pele morena, de cor de chocolate, de sorriso largo e dentes tão brancos que brilhavam quando seus lábios se abriam. Às vezes a mãe era feliz demais, outras, chorava e soluçava sem motivo aparente, e Lana ficava preocupada. Lembrava-se da mãe sozinha no quarto. Lana deitava-se ao seu lado e cantava para ela dormir. Moravam no alto. Havia uma cortina esvoaçante no quarto da mãe, onde ventava mais. O som de latidos lá embaixo. Lana fechou os olhos e sentiu o chão fofo debaixo de seus pés. Só queria sair dali o quanto antes e abraçar a mãe.

Um novo clarão no céu fez Jorge gritar. O relâmpago tinha caído próximo a eles no alto da colina. O garoto, tremendo de medo, abraçou-se à menina mais velha.

– Vamos descer o morro e fazer o que a luz disse.

– Você confia nela?

– Acho que sim. Ela é a coisa menos estranha na história toda, desde que acordamos aqui.

Ainda que vaga, sua resposta pareceu bastar para convencer o garoto, que se soltou do corpo dela e desceu ao seu lado, olhando seguidamente para trás. Foram caminhando em silêncio, em direção às luzes das lanternas que vagavam pelo mato da campina. Só o vento falava e fustigava seus corpos. Entre uma dúzia de passos e outra, eles lançavam olhares esperançosos para cima, mas o céu continuava escuro e assustador.

Com a luz dourada das lanternas chegaram também vozes mais nítidas e menos intimidadoras. Eram duas. Uma mulher e um rapaz, que andavam vasculhando e conversando. Não pareciam muito empolgados com a tarefa.

– Não adianta subir mais, Rosa. Ela já veio buscar.

– Faz tempo que não vem só um – comentou a mulher. – E tem outra, foi bem mais pra cima.

– Não. Foi meio por aqui – resmungou o rapaz, apontando a lanterna para o chão. – Meio aqui.

– Você parece esses perdidos da Penumbra, Letão. Deixa de ser besta. Você, melhor que ninguém, sabe que ela vem por cima, no topo. O que ela faria aqui embaixo?

O homem deu de ombros e ergueu sua lanterna alimentada por uma chama que ardia dentro de um cilindro de metal negro. A luz bruxuleava e alcançava cinco metros de distância apenas.

– Estou achando tudo muito estranho hoje. Tem um sentimento no ar, como se alguma coisa tivesse chegado aqui antes da hora.

– Ah! Olha lá! Falei – disse a mulher, abrindo um sorriso e apontando para as crianças. – Venham!

As crianças permaneceram no mesmo lugar, tentando entender aquelas duas pessoas que tinham surgido do nada, no meio daquela campina escura, convidando-os a sair dali com eles. Vestiam trapos velhos e desgastados, roupas que pareciam ter usado toda a vida, andrajos que não lembravam mais suas cores e suas formas.

O rapaz ergueu a lanterna acima da cabeça, fazendo Jorge se encolher um pouco, assustado com o brilho que vinha do fundo de espelhos da lanterna. Contudo, o olhar do moço com a luz de fogo ia além dos dois. Ele deu passos na direção de Lana e Jorge e logo subiu o morro, abaixando-se junto a uma rama de mato mais alto.

– Ah, não, Letão. Agora, não – resmungou a mulher, aproximando-se das crianças. – Temos pelo menos dois convidados. Não dá tempo de ir atrás de coelhos hoje.

– Não vai demorar nada, Rosa. Nada. Eu já vi. Está bem aqui.

– Só você mesmo, Letão. Não liguem para isso. Os coelhos fazem parte da realidade dele. Ele vive caçando aqui no descampado da chegada.

– Vocês comem coelhinhos?

A mulher arregalou os olhos e sorriu.

– Eu sempre esqueço que vocês não sabem de nada daqui. – Rosa riu sozinha e passou a mão na cabeça de Jorge. – Sempre esqueço. Sou meio cabeça de vento, acostumem-se. Esquecer é uma coisa de que a Penumbra

gosta.

Rosa encarou os olhos de Jorge e deslizou a mão pelos cabelos do menino.

– A Penumbra não quer que vocês lembrem, sabe? Vocês precisam deixar as lembranças para trás.

Letão voltou com um coelho grande e gordo no colo, e um sorriso largo no rosto coroava o momento, enquanto ele empurrava o bicho para a frente das crianças.

– Pena que vocês ficam tão pouquinho com a gente… Amanhã cedinho ela já vem apanhá-los. Uma pena. Eu falei, mas nunca dá tempo de nos acostumarmos uns com os outros. Só sobra a saudade. Ah, quanta saudade – continuou Rosa, virando das crianças para o céu que escurecia, cada vez mais roxo e pipocado com estrelas onde as nuvens deixavam a visão passar. – Nunca vi tantos raios numa só noite. Tem algo de diferente na Penumbra.

– Eu te disse – alertou Letão.

Jorge olhava para o coelho enquanto mordia o lábio inferior. Estava com vontade de colocar a mão no pelo branco e brilhante do bicho, mesmo achando que ele era grande demais, dono de olhos vermelhos do tamanho de cerejas gordas – e um bocado intimidadores. Letão abaixou-se e pegou o coelho no colo.

– Ele não morde, Jorge – disse Letão, adivinhando o receio do pequeno. – Só está agitado, mas logo se acalmará e vocês poderão brincar.

– Sério?! Você deixa?

O coelho se revirou no colo do rapaz, jogando as pernas para cima e para baixo com energia.

– Claro que deixo. Mas está vendo? Se eu o der para você segurar, ele vai fugir. Olha, você pode me ajudar carregando minha lanterna. Vamos aproveitar esse tempo juntos com algo divertido. – Letão estendeu sua ferramenta para o garoto, que a apanhou prontamente, com um sorriso no rosto. – Minha missão é te deixar confortável aqui na recepção. – Voltou-se e apontou para a garota. – E você também, Lana.

A menina sorriu, aproximando-se, mas então parou. Tinha algo de errado com aqueles dois. O coelho agitou-se mais uma vez. Lana sentiu seu coração

acelerar. Sua mãe falou que não deveria confiar em gente estranha, e aquela dupla decididamente era gente estranha. Sentiu o coração enregelar junto com as batidas mais rápidas. Sua mãe… Tinha quase esquecido sua vontade de encontrá-la, envolvida naquele encontro inusitado. Sua mãe parecia um pouco mais distante agora, como se fosse um quadro pintado na parede, do qual ela se afastava a cada passo que dava com aqueles dois. Não se lembrava exatamente do sorriso da mãe. Não tinha certeza se tinha sido ela ou outra pessoa que deu o alerta sobre as pessoas estranhas. As coisas em sua cabeça, a memória, começavam a falhar. Lana sentiu uma aflição brutal. Tudo que tinha de sua mãe era o passado, as lembranças, e a luz a advertira de que ela teria de esquecer. Mas precisava se esquecer inclusive da mãe? Lana pinçou os lábios com os dedos. Podia ter sido outra pessoa… Sua avó, que nunca tinha visto na vida? Talvez. Olhou para a mulher e para o homem e rememorou sua apreensão.

– Como vocês sabem o meu nome e o dele? A gente nunca contou pra vocês.

Letão e Rosa trocaram um olhar e sorriram, aproximando-se em silêncio. Lana deu dois passos para trás, dando a mão para Jorge, que estava com a testa franzida, sem entender bem o que estava acontecendo – mas, se tinha uma coisa que ele entendia, era o medo. Lana também estava com medo daqueles dois. O menino, segurando a lamparina, deu um passo em direção à amiga.

Letão coçou a cabeça, enquanto Rosa deixou a mão descansar na cintura. Lana acompanhou o movimento e viu o cabo de uma arma na bainha da mulher. Não conseguiu disfarçar a surpresa, pois, além de uma faca, ela ainda tinha uma pistola. A menina apertou a mão de Jorge e começou a se afastar.

A lamparina que Rosa carregava piscou uma vez, tremeluzindo e lançando sombras sobre o chão, iluminando o caminho que tinham que seguir.

– Você não deve ter medo da gente, Lana – disse Rosa, séria. – Nosso papel neste momento é justamente ajudar. Encaminhar vocês dois. Defendê-los.

– Como sabem o meu nome?

Letão acariciava a cabeça do coelho. Ele tinha o rosto sério de quem sabe

que coisas importantes estão em jogo. Quando o sorriso voltou à sua face, não parecia natural. Era um sorriso calculado, daqueles de quem decora seu papel.

– A gente recebe uma lista com todos os nomes de quem vai chegar. A lista é dada todos os dias. Todos os dias crianças como você, Jorge e a pequenina Francine vêm parar aqui.

Lana olhou para Jorge e tornou a encarar os dois.

– A gente tem que procurar vocês, e é muito perigoso aqui fora. Quando vocês chegam, ainda estão muito carregados de energia, e há coisas aqui na Penumbra que querem lhes tirar isso, toda a energia que puderem. Eles não gostam daqui.

Jorge abraçou Lana, que sentiu o corpinho do menino começar a tremer. A garota bufou e ergueu as sobrancelhas.

– É por isso que eu carrego estas coisas, para proteger vocês. É só para o bem. Para evitar que nada mais dê errado até ela chegar – explicou Rosa, batendo com o dedo na empunhadura de sua arma.

– Ela quem? – perguntou Jorge.

Letão e Rosa se olharam novamente. Letão parou de acariciar o coelho.

– A gente não fala dessas coisas. Vocês só precisam vir conosco.

– Onde estamos? – perguntou Lana.

Rosa balançou a cabeça.

– É melhor vocês virem logo. Eles já sabem que estão aqui. Temos que colocar vocês sob nossa guarda até que ela chegue. Sem ela, vocês correm perigo. Dentro da recepção eles não podem fazer nada, é um trato aqui da Penumbra. Eles não gostam da recepção e nem do velho prédio queimado.

Lana agarrou Jorge e recuou mais um passo.

– A gente não vai a lugar nenhum antes de saber onde estamos – disse Lana, rangendo os dentes.

Relâmpagos pipocaram no céu, infestando o pé do morro de luz e fazendo Letão e Rosa se empertigarem, olhando para todos os lados.

– Lana, seja boazinha. Não teime com isso bem agora. Você precisa vir.

– Não vou. Diz onde estou ou eu não saio daqui.

Letão ajoelhou-se perto de Lana e estendeu o coelho para os dois.

– Vocês não querem que eles matem o coelhinho, não é? Se ficarmos aqui, o coelhinho vai morrer primeiro. Eles são bem rebeldes e têm uma fome insaciável. Os dentes deles são enormes. Sem brincadeira, são imensos.

Jorge arregalou os olhos mais uma vez e levantou a lamparina, iluminando seu rosto pálido com a luz dourada.

– Lana…

A menina observou o coelhinho e seus olhos vermelhos, que refletiam a luz bruxuleante. O animal abriu a boca enquanto farejava o ar, exibindo seus dentes branquinhos e compridos. Lana não soube por que, mas sentiu-se muito comovida. Ninguém deveria pagar o preço de suas escolhas.

Lana acariciou a cabeça do coelhinho enquanto duas lágrimas caíam pelo rosto.

– Onde a gente está? Onde está a minha mãe? – insistiu a menina.

– Vamos até a recepção. Quando a gente chegar, prometo que conto tudo – pediu Letão, segurando a mão da menina. – Esses relâmpagos, eles não são nada bons neste momento. Você não deve ficar trazendo as coisas de lá para cá, Lana.

– Eu queria tanto ficar – choramingou a menina, virando-se e abraçando Jorge.

– Muito bom – disse a mulher. – Muito bom. Ela ainda não está aqui atrás de vocês, mas logo vai chegar a hora. Ela não fala muito, mas faz vocês entenderem direitinho. Vamos andando, vamos procurar a Francine. De acordo com a lista, vocês foram três hoje. Três pobres sofredorezinhos.

– Você pode carregar a lamparina da Rosa, se quiser – disse o rapaz para Lana. – Parece que você ficou com ciúme de ver seu amiguinho carregando a minha.

Lana deu de ombros, enquanto Rosa olhava para Letão em desagrado.

– O que vamos procurar? – perguntou a menina.

– Pegue a lamparina, Lana – ordenou o rapaz.

– Francine, a outra criança. – Rosa olhou para o pedaço de papel roto em sua mão e ergueu as sobrancelhas, colocando o dedo no lábio. – Engraçado,

Lana. Não está marcada a hora da sua chegada. Sempre marcam. Acho que esqueceram você.

A mulher guardou o papel no bolso e voltou a encarar a menina. Rosa estendeu a lamparina para Lana enquanto olhava para o amigo que balançava a cabeça, ansioso. Letão olhava fixamente a mão parada no ar da menina ao mesmo tempo que segurava a respiração. O coelho esperneou mais uma vez. Rosa balançou a lamparina, instigando a menina a apanhá-la.

– Vamos, pegue. Esta é a luz que você tem que carregar. Pegue. Siga adiante, menina.

– Francine era um bebê?

Rosa e Letão ergueram as sobrancelhas. Letão colocou a mão no bolso e tirou um papel amassado e dobrado em quatro. Desdobrou-o e aproximou-se da luz suspensa por Rosa.

– Aqui não diz nada. Pode ser um bebê.

– A hora dela tá marcada aí no seu papel? – perguntou a menina, curiosa.

Rosa bateu a mão no bolso.

– Sim. Marcadinha.

Letão colocou a mão em concha sobre os olhos.

– Onde essa danadinha foi parar?

– Talvez não precisemos encontrar a Francine. Eu vi a luz no alto da colina. – Rosa apontou para cima. – Chegamos tarde. A luz a carregou. Tomara.

– É muito importante que tenha ido. Não podemos vacilar com essas coisas vindo atrás de vocês. Por isso que vamos dar uma olhada antes de voltar para a recepção – disse Letão, apontando para a colina e empurrando Jorge pelos ombros. – Mesmo que seja um bebê, desperta a atenção deles. Quando vocês chegam, eles sentem o cheiro. Querem mesmo os pequenos. Os puros têm muita energia.

– Ela já foi, sim – revelou Lana. – Era bebê. Bem novinha, acho que tinha acabado de nascer.

– Esses são os piores. – Rosa estava com uma cara triste. – Não gosto de ver os recém-nascidos. Não tiveram tempo de contar suas histórias, não é?

Não tiveram tempo de mostrar seu caráter. Nem viveram a doçura de se apegar às coisas mais importantes.

– Ela era bem pequenininha. Parecia doente – comentou Jorge, torcendo a boca. – Coitada.

– O que são as coisas mais importantes? – perguntou Lana.

Rosa parou de andar e abaixou sua lamparina, olhando para as crianças.

– Isso é um mistério, não é? Saber o que é para valer. As pessoas se importam com tantas coisas vazias, pequenas. Vocês, as crianças, sabem o que é importante. Aí, quando vão crescendo, que nem a gente, esquecem. A gente perde o foco. A gente passa a achar as outras coisas mais importantes do que as pessoas que estão ao nosso lado. A gente se preocupa com as coisas, com o relógio, com o dinheiro e com as contas e para de escutar vocês, de escutar direito, quietinho, com carinho.

Letão parou perto de Rosa e estendeu um lenço para a mulher.

– Para de falar dessas coisas, Rosa. Você é outra que não pode desfazer o que já foi. Dá a lamparina para ela.

– Ela me perguntou se eu queria ir junto, mas eu não quis deixar o Jorge sozinho – disse Lana, passando a mão na cabeça do menino. – Posso segurar o coelho?

Letão lançou um olhar interrogativo para Rosa. A mulher balançou a cabeça em sinal positivo, mas então seu rosto triste se transformou, à medida que processava o que Lana tinha revelado.

– A luz falou com você?

– Hum, hum. Disse que eu poderia ir com ela se quisesse, porque sou uma menina diferente de alguma coisa que vocês têm aqui.

Letão torceu os lábios, preocupado, passando o coelho para a menina e ajoelhando-se para observar melhor o céu, que agora tinha nuvens escurecidas agitadas, tapando qualquer fatia do firmamento. Mais um relâmpago, bem perto dessa vez, clareou o pé do morro, desenhando suas sombras duras contra o chão de terra por uma fração de segundo, fazendo o apreensivo Letão pôr a mão sobre o cabo da arma.

Rosa colocou os dedos sobre o punho do rapaz, detendo seu movimento, enquanto olhava para cima.

– Melhor nós voltarmos para a recepção, queridos. O tempo está ficando feio.

Letão fez um sinal positivo.

– E as outras crianças? Desistiu de procurá-las?

Rosa encarou Lana, balançando vigorosamente a cabeça.

– Não. De jeito nenhum. Na recepção ninguém desiste das crianças. É nosso trabalho encontrá-las e encaminhá-las. A lista dizia que eram três, e a lista não costuma enganar a gente. Amanhã chegarão mais crianças como vocês, mas não se preocupe com isso. É o que eu disse. Preocupe-se com as coisas certas, uma coisa de cada vez. Quando vocês chegam aqui, não há mais razão para pressa ou preocupação. Vocês só precisam ficar protegidos até que ela venha pegar vocês pra seguir em frente.

– "Ela" quem?

– Eu quero a minha mãe – resmungou o pequenino.

– Vamos parar com esse papo de mãe. Isso vai atrasar vocês – reclamou Letão.

– "Ela" quem? – insistiu a menina, curiosa e receosa ao mesmo tempo.

– A babá de vocês, ela está chegando. É ela quem vai cuidar de vocês daqui para a frente, até alcançarem a nova passagem, a saída da Penumbra.

Jorge franziu a testa.

– Eu nunca tive babá na minha vida.

Rosa e Letão sorriram para o menino. Letão, que ainda estava abaixado, olhando para cima preocupado, abraçou o garoto.

– Agora você terá. A melhor de todas. Não é mais aquela vida, porque você está aqui agora, mas ainda conta, não é?

Jorge deu de ombros sem entender o moço.

– Por que precisamos de uma babá? Eu não quero babá nenhuma. Quero a minha mãe – protestou Lana.

A estranha dupla trocou mais um dos já habituais olhares.

– Eu não vou a lugar nenhum. Vou ficar aqui esperando. Minha mãe vem me buscar.

– Eu também quero a minha mãe – acrescentou Jorge.

Letão e Rosa suspiraram profundamente e estremeceram quando dois relâmpagos fulguraram acima de suas cabeças. Dessa vez, um trovão potente roncou, fazendo o quarteto ficar de olhos pregados no céu.

– Vamos andando… – sugeriu o rapaz.

– Gente, é sempre a mesma coisa. "Eu quero minha mãe, quero meu pai, quero minha vó…" Mas todos vocês acabam seguindo em frente. Vamos combinar o seguinte: vamos para a recepção. Lá cuidaremos de vocês, com todo o carinho. Se amanhã ainda quiserem ficar por aqui… – Rosa olhou para Letão, buscando apoio –, prometo que os trarei de volta. Para mim, promessas são coisas muito sérias.

– Amanhã é outro papo, acreditem – concordou o homem. – A Penumbra trabalha depressa nestas terras. A recepção sempre dá um jeito de ajudar vocês.

– Se eu puder ficar com o coelhinho, eu vou – disse Jorge, caminhando até Letão e estendendo os braços. – E você deveria vir também, Lana. Eu vou me sentir melhor se estiver por perto.

Lana ficou olhando para aquele esquisito quarteto à sua frente, três pessoas e um coelho de olhos vermelhos que a encarava de maneira fofa. Virou para trás, para o morro onde tinha visto a luz. A luz que carregou Francine. A menina suspirou fundo, com a certeza de que acabara de embarcar na maior enrascada de sua curta vida. Queria conversar de novo com a luz. Ela tinha soado gentil e sincera. De onde aquela luz havia surgido e para onde tinha ido, Lana não se lembrava mais. Nem de seu rosto que luziu dourado. Queria ver sua mãe. Sua mãe que tinha um sorriso e tinha cabelos… Cabelos que iam até as orelhas? Eles balançavam com o vento? Eles ficavam escorridos quando iam à piscina? Lana suspirou. Não se lembrava mais dos cabelos da mãe, só do calor e de como era gostoso estar com ela.

CAPÍTULO
3

LANA ACORDOU ATURDIDA. Não sabia onde estava. Teve um sonho ruim. Sonhou com um menino doente e um bebê abandonado. Quem abandonaria um bebê no meio de lugar algum? Virou-se na cama. Não tinha o cheiro de sua cama, e um bichinho começou a cutucar seus pensamentos. Não estava em casa, fora levada de lá para outra cama, com cheiro de coisas novas, com cheiro de chegada ao mundo. Ouvia sirenes e as luzes brilhavam. Relâmpagos. Lana apertou os olhos. Sua mãe estava ao seu lado, passando a mão em sua cabeça e dizendo como seriam as coisas quando ela pudesse voltar para casa. A voz da mãe acalmava seu coração e a fazia se arrepender. Sua mãe viveria ao seu lado para sempre. Para sempre. Ninguém iria separá-las. Ninguém poderia ou teria essa força. Acontecesse o que acontecesse elas ficariam juntas, aqui nessa terra ou na outra que diziam existir.

Lana despertou quando pensava na mãe. Filetes de luz tingiram as paredes estranhas, como se lá fora a tempestade lançasse relâmpagos para guiar as nuvens no mar do céu. O cheiro que a cercava não era do lugar das coisas novas, das vidas novas… Estava num quarto velho, deitada numa cama velha, e o cheiro da chuva e do mofo era a sua realidade. Sentou-se desapontada na cama. Alguém a tinha colocado ali. Lana olhou para o barbante em seu punho, amarrado com um lacinho. Era tudo de que ela se lembrava. Da comida quente em sua barriga, das palavras de consolo e dela mesma amarrando a ponta do barbante no pulso. A outra ponta ela havia amarrado na cabeceira da cama, dando três voltas num caibro roliço. Desatou a outra ponta e enrolou seu barbante, colocando-o no bolsinho da camisola.

A criança doente na cama debaixo era realidade. Segurou-se à cabeceira enquanto seus olhos se acostumavam com o ambiente escuro que ia ganhando contornos pouco a pouco. Apesar da realidade desagradável e do cheiro de que não gostava, tinha a impressão de que já estivera ali antes. Já tinha visitado aquele quarto em algum momento. Sentia falta de algo que havia estado com ela e agora não estava mais ali. Olhou para as mãos. Devia estar em algum lugar. Tinha dormido num colchão de palha. Ouvia água pingando do lado de fora, tilintando acima de sua cabeça. Não havia forro, e via as

telhas cheias de teias. A chuva batia no telhado. Poderia tocar o teto se quisesse, já que estava na cama do alto de um beliche de madeira dentro de um quarto onde havia ao menos mais oito daqueles. Quantas crianças caberiam ali? Com os olhos acostumados à Penumbra, olhou para baixo e deu um grito. Tapou a boca com as mãos.

– O que foi, Ana? – perguntou o menino, surgindo com uma expressão de pavor no rosto. – Por que você gritou? Tem algum bicho aí em cima?

Lana negou com a cabeça. Era ele, o menino doente. O menino com as marcas feias e nojentas nas costas.

– Por que você gritou tão alto?

– Meu nome é Lana. Não é Ana.

Lana estava ofegante. Fechou os olhos e os contraiu. Estava sonhando. Ainda estava sonhando. Só podia ser isso. Sua mãe, no mundo de verdade, estava do seu lado, segurando sua mão. Ela podia sentir a mão quente da mãe e os olhos castanhos dela sobre os seus próprios. Lana apertou ainda mais os olhos.

Eu quero acordar. *Eu quero acordar*, suplicou a menina para si mesma.

O rosto da mãe. O sorriso largo. Os cabelos lisos. Era esse o rosto de sua mãe. Ela a olhando. Ela cantando em seus ouvidos. Ela pedindo perdão. Era esse o rosto de sua mãe, evaporando em sua mente. Tão logo a via, ela desaparecia. Era um sorriso estreito? Sua boca era grande ou pequena? A mãe disse bem baixinho em seu ouvido que às vezes era melhor partir do que ficar. O que aquilo significava? Lana não queria partir. Lana queria ficar. A mãe disse “Adeus, filha querida” e a beijou no rosto. Ela queria responder, mas agora não podia, porque estava num quartinho na recepção, não estava mais ao lado dela, e era por isso que a mãe não a escutava e continuava pedindo perdão por não poder cumprir sua promessa. Lana estava fazendo de tudo para manter a sua. Jamais esqueceria sua mamãe. A menina olhou para baixo, o coração disparado. Desde quando tinha tanto medo de ficar na parte de cima da cama? No parquinho ela pulava do alto do escorrega, pendurava-se de ponta-cabeça no trepa-trepa. Aquilo era tranquilo, moleza. Estava baixinho, mas tinha sentido medo de cair. Pulou para o chão e bateu a mão nele, com a outra mão sentiu o barbante em seu bolso. Se ficasse com medo de novo, ele estaria ali. Encarou o menino.

– Não fique com medo. Só não gosto de dormir no alto, sozinha.

Jorge se descobriu num pulo, deixando a colcha esfarrapada no pé da cama, e levantou-se com o coelho em seus braços.

Lana sorriu. Também tinha esquecido o coelho. Afagou o bichinho.

– Onde você estava, felpudinho?

– Ele dormiu comigo, eu não quis deixar ele ir embora.

Lana passou a mão na cabeça do menino e lhe deu um beijo na testa.

– Jorge… – balbuciou.

– Você demorou para acordar, poxa vida. Eu fiquei acordado um tempão, não conseguia dormir. Este quarto é muito escuro e trovejou na nossa cabeça a noite toda. Eu vi uma aranha descendo do teto e depois subindo.

– Onde estamos?

– Não sei, Lana. Aquela moça disse alguma coisa de *recepção*?

– Que moça?

– Eu não gosto de recepções. A gente fica esperando pra ser torturado. Minha mãe me levava numa dentista que tinha um monte de… – Jorge parou no meio da frase. – Um monte… Eu não lembro o nome daquela coisa…

– E eu não me lembro dessa moça.

– A Rosa. Ela nos trouxe pra cá junto com o outro, o de nome esquisito.

Lana arregalou os olhos. Rosa! A mulher da lamparina e da arma na cintura, que a tinha arrastado para aquele lugar e não a deixara ficar lá fora.

– Letão. Esse eu lembrei. Por que será que tem coisas que a gente tá esquecendo, e outras, não?

Jorge ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça de um lado para outro.

– Que nome estranho, né?

– Tudo aqui é estranho, Jorge. Não posso esquecer isso.

– O quê?

Lana começou a andar pelo quarto. Já tinha se acostumado com a Penumbra ali dentro e conseguiu até distinguir as tábuas velhas de madeira que formavam o piso. A menina olhou para o caibro que servia de coluna para o beliche ao lado daquele em que tinha dormido e deixou a mão passar

pelas ranhuras na superfície da madeira. Desenhos de pequenos corações entalhados.

– Esquecer o quê, Lana?

Os colchões também eram estufados com palha para dar algum conforto aos corpos que deitavam ali ao chegar. Andou entre os outros beliches do quarto pequeno de pé-direito alto. Os rabiscos nos caibros e nos estrados das camas de cima eram feitos pelas crianças que dormiam nas camas de baixo, deixando rastros de sua passagem. Quantas crianças teriam estado ali?

Lana andou até um dos três guarda-roupas e abriu as portas. Mais desenhos com giz de cera. Desenhos inacabados. Não tinha roupas. Só alguns cobertores velhos e desfiados e travesseiros fedorentos. Encontrou um estojo com lápis de cor e toquinhos de gizes de cera multicoloridos escondido embaixo da pilha de travesseiros. Pegou-o e o colocou sobre uma cômoda torta, com o pé quebrado. Balançou a cadeira que estava remendada e frouxa. Olhou de novo para Jorge e para o coelho e depois para os desenhos na parte de dentro do guarda-roupa.

– Parece que tudo aqui precisa ser consertado – resmungou o menino, que seguia cada passo de Lana.

Na parede havia a fotografia de uma locomotiva soltando fumaça, pessoas antigas, cinza e brancas, paradas numa plataforma de concreto com suas malas, prontas para partir. Algumas encaravam o quarto de volta. Essas davam frio na barriga, com olhos brilhantes e rostos sombrios, como se fossem assombrações. Jorge afastou-se da foto e parou ao lado de Lana, afagando o coelhinho.

Havia quatro cômodas como aquela primeira. Todas de cor escura, com puxadores faltando, madeiras empenadas e pés tortos. Eram feias. Abriu uma das gavetas. Roupas de bebê. A gaveta era resistente, precisou fazer força para tirá-la do lugar. Jorge veio para o seu lado novamente, alisando a cabeça do coelho enquanto Lana retirava um macacãozinho vermelho lá de dentro.

– Eu acho que a gente deve fazer o que eles estão pedindo, Lana.

Lana puxou a peça até o nariz e aspirou fundo. Cheiro de cravos. Ela conhecia aquele cheiro. Era familiar. Já tinha sentido o cheiro daquelas flores em algum lugar por perto. A voz de sua mãe cantando uma cantiga de ninar e depois um bocado de silêncio. Paz. Não havia medo nem raiva. Um cantinho

mais silencioso, como aquele ali. Havia sido logo depois do frio, quando as dores deram um tempo e foram passear. Sua mãe não iria deixá-la sozinha sem lutar. Sabia que a mãe tinha ficado muito triste. A vida sempre fazia com que as coisas continuassem em movimento, mesmo que apartasse aqueles que se amam. Dobrou o macacão novo e delicado, depositando-o sobre as outras tantas roupas da gaveta. Roupas que jamais seriam usadas por aquelas crianças. Uma gaveta cheia de saudade.

– Quando eu era desobediente, meu pai me castigava. Não gosto de me lembrar disso. Doía demais.

Lana olhou para o garoto um momento. Ele tinha soltado o coelho, que agora corria pelo chão. O menino revirava uma gaveta do guarda-roupa, com as costas encurvadas e cheias de pontos negros que iam da nuca até sumir pela calça fina de aparência hospitalar. Ele pegou uma camiseta e sorriu, estendendo-a para Lana ver.

– Gostei desta.

Lana também sorriu. Tinha um grande escudo de ferro estampado na camiseta.

– Sinto falta das minhas roupas. Eu gostaria de usar esta aqui.

O cheiro das flores se acentuou, fazendo Lana olhar à sua volta.

Jorge vestiu a camiseta e assentou-a em seu corpo, passando a mão no peito.

– Minha mãe sempre dizia para obedecer, Lana. Quando a gente obedece, coisas boas acontecem.

Lana pegou um dos tocos de giz de cera e ficou olhando para uma folha de papel em cima da cômoda. Observou todos os rabiscos nas portas dos guarda--roupas e nas madeiras das paredes e os riscos nas camas. Não queriam esquecer. Lana riscou um traço oval no centro do papel. Não queria esquecer. Cravou rabiscos ondulados pela superfície do papel. Não podia esquecer. A menina apertou os olhos e colocou a mão na cabeça. A dor tinha sumido, bem como sua lembrança. Por que tinha que lutar pela mãe? Ela estava doente? O cheiro das flores veio com ela, com a sensação de que estava tudo bem. Ela ficara um tempo sem poder abrir os olhos para tudo se acalmar dentro de si, tudo se juntar mais uma vez, mas sabia, com todas as

suas forças, que a mãe estava ali, ao seu lado. Lana sorriu ao sentir sua mãe bem pertinho, colada ao seu rosto. Sua visão estava nublada. Só via os contornos do rosto da mãe. Como era o sorriso dela? Lana não se lembrava se a mãe gostava de sorrir ou se era uma daquelas pessoas sérias e compenetradas, ocupadas demais em organizar as coisas de plástico e ferro ao seu redor, que nunca tinham tempo para nada porque sempre havia coisas para entregar para os clientes. A sensação foi tão poderosa que os pelos de seus braços se arrepiaram.

– Mãe… – murmurou a menina, com os olhos fechados e o nariz apontando para o alto.

Jorge ficou parado observando a amiga. Parou de acarinhar o coelhinho – que tinha voltado e esperneava em suas mãos.

Então Lana arregalou os olhos e segurou o papel em frente ao seu rosto. Aquilo que tinha desenhado era uma cabeça! Uma cabeça com cabelos encaracolados.

– O que foi, Lana? – perguntou Jorge, assustado com os movimentos bruscos da menina.

– Tá acontecendo algo com a gente, Jorge. Uma coisa que eu não quero que aconteça.

– O quê?

– Tá vendo? – Ela mostrou o desenho para o menino.

– É uma cabeça?

– Sim.

Jorge encolheu os ombros enquanto abraçava o coelho.

– Só que, não fica brava, tá? Só que essa cabeça aí tá vazia, Lana.

– Eu sei! É por isso que tô doida da vida, Jorge! É isso que eles estão fazendo com a gente aqui. Este lugar é uma armadilha! Eles querem que a gente esqueça as coisas. Eles querem roubar nossas lembranças!

Jorge ergueu as sobrancelhas, sem entender aonde a amiga queria chegar, e espremeu-se contra a parede.

– Eles quem, Lana? Você tá me deixando com medo de novo. Quer dizer que minha mãe não vai vir me buscar? Não vai cuidar mais de mim?

Lana andava pra lá e pra cá, o chão estalando embaixo de seus pés. Todas aquelas camas vazias com vestígios de outras crianças. Onde elas estavam, afinal de contas? Para onde tinham ido? E, acima de tudo, como tinham chegado até aquele lugar?

– Minha mãe tem o rosto fino e a pele morena como a minha. Minha mãe tem cabelo encaracolado. Ela não gosta de picolé de uva, ela detesta picolé de uva!

Jorge encolheu-se mais ainda, assustado com a amiga andando de um lado para o outro e gritando, com o quarto se iluminando quando relâmpagos vazavam do lado de fora para dentro através das frestas nas madeiras das janelas.

– Para de gritar, Lana. A gente tem que ser bonzinho com eles.

A porta se abriu, e Rosa e Letão entraram no aposento.

– Que bom que já estão acordadas, crianças. Apesar de serem apenas vocês dois hoje, ela deve estar chegando para levá-los. A babá nunca falta, é infalível.

Jorge, agarrado ao coelho, deu um passo para trás e colou em Lana.

– Ela vai levá-los até o próximo ponto de coleta. Vocês precisam seguir em frente, deixar para trás tudo que trouxeram até aqui.

Rosa viu Lana com o giz na mão e aproximou-se.

– O que você está fazendo? Desenhando?

A menina, instintivamente, levou o papel para trás das costas, escondendo-o da mulher.

– Posso ver? – perguntou Rosa.

Lana negou.

– Ah! Deixa de bobagem, Lana. Deixa eu ver seu desenho.

Mais flashes de luz atravessaram as frestas das janelas, chamando atenção da mulher e do homem, que se entreolharam.

– Eu não quero mostrar. Não está pronto ainda.

Rosa virou-se para Letão e fez um sinal com a cabeça. Ele começou a andar em volta da menina enquanto Rosa ainda conversava com eles.

– Quem é essa babá? Por que minha mãe não vem me buscar? – interpelou Jorge.

– É ela quem vai cuidar de vocês agora, até que possam ver suas mães novamente.

Lana olhou para Rosa, magnetizada pelas palavras da mulher.

– Você jura que eu vou ver minha mãe novamente?

Rosa abaixou-se junto a Lana, que recuou um passo, batendo contra a cômoda atrás de si.

– Ei! Não fique com medo da gente. Só estamos fazendo nosso trabalho. Aqui na Penumbra todo mundo tem um papel a cumprir. Eu sei que este lugar não é muito bonito, mas não é para ser mesmo, vocês não vão ficar. Aqui tudo é passageiro, Lana. Não guarde nada da Penumbra, não faz bem.

– Eu tô com saudade dela.

– Você vai vê-la de novo, mas na hora certa. Goste de quem está aqui, ao seu lado, cuidando de você.

Letão apanhou o papel escondido nas costas da garota.

– Ei! Me devolve!

Letão encarou o desenho e ergueu o papel, fugindo dos pulos de Lana, que tentava recuperá-lo.

– Me dá, Letão!

Rosa pegou a folha e analisou os traços da menina. Era um rosto, ou melhor, a tentativa de um rosto. Uma forma oval, com caracóis descendo pelas laterais. Um risco onde deveria haver uma boca. Um risco sem sorriso ou amargura.

O pequeno Jorge assistia a tudo com o coelho nos braços. Não entendia por que Lana e os adultos estavam discutindo.

– Por que você desenhou isto aqui?

Lana saltou e conseguiu pegar o papel das mãos de Rosa, que se assustou com a agressividade da menina.

– Pare com isso, Lana. Me devolva esse papel.

– Não! É meu desenho! Eu não consigo terminar! Eu não consigo me

lembrar de tudo! Por que não me lembro do rosto da minha mãe?

Jorge arregalou os olhos e sentiu uma tristeza enorme invadir seu peito. Abraçou ainda mais forte o coelhinho. Ele estava quase se esquecendo da mãe. Quase tinha esquecido que aquele lugar com camas de madeira e com cheiro de coisas velhas não era a sua casa.

Letão agarrou Lana pelos ombros e a chacoalhou.

– Acalme-se, menina! Não adianta espernear agora. Você tem que se acalmar, ou vai assustar o pequeno Jorge e chamar os outros para cá. Eles não podem saber que vocês estão aqui, entendeu? Eles gostam de crianças novas e vão fazer de tudo para tirar tudo que vocês têm.

– Eu quero a minha mãe! Eu não quero esquecer o rosto dela.

– A única pessoa que você tem direito a ver, queira você ou não, é a babá Osso Duro. Já era para ela estar aqui.

– Tem alguma coisa errada com esta aqui, Letão. Ela quase desenhou o rosto. Ela não pode desenhar mais nada. Esses relâmpagos, eu nunca vi tantos. Eles vão achá-la. Vai sobrar para nós.

– Quem são eles? – perguntou Jorge.

Rosa e Letão se olharam quando outro clarão encheu o quarto de listras iluminadas, varando as frestas da janela.

– São os atravessadores, Jorge. Eles não gostam de ficar aqui na Penumbra.

– Lana, você precisa aceitar que está aqui e não pode voltar agora. Você tem que esperar. Logo entenderá tudo.

– Eu sei o que aconteceu comigo. Se era para ser um segredo, vocês são péssimos em acalmar as crianças e em esconder segredos.

– Que segredo, Lana? O que aconteceu com a gente?

Lana encarou o garotinho enquanto Rosa o pegava no colo, junto com o coelho, e ia em direção à porta.

– Lana! O que aconteceu com a gente? – indagou Jorge aos gritos.

Lana olhou para Letão, que balançou a cabeça em sinal negativo.

– Ele não é como você, Lana. Ele é pequeno e não vai entender. Não diga a ele o que aconteceu.

– Ele precisa saber também. A neném partiu sem saber, ela era muito pequena, mas o Jorge precisa saber.

– Cada um tem sua hora, Lana. Ele precisa esquecer. Você precisa esquecer. Se não esquecer, eles vão achá-la.

– Não! Eu não vou esquecer nada.

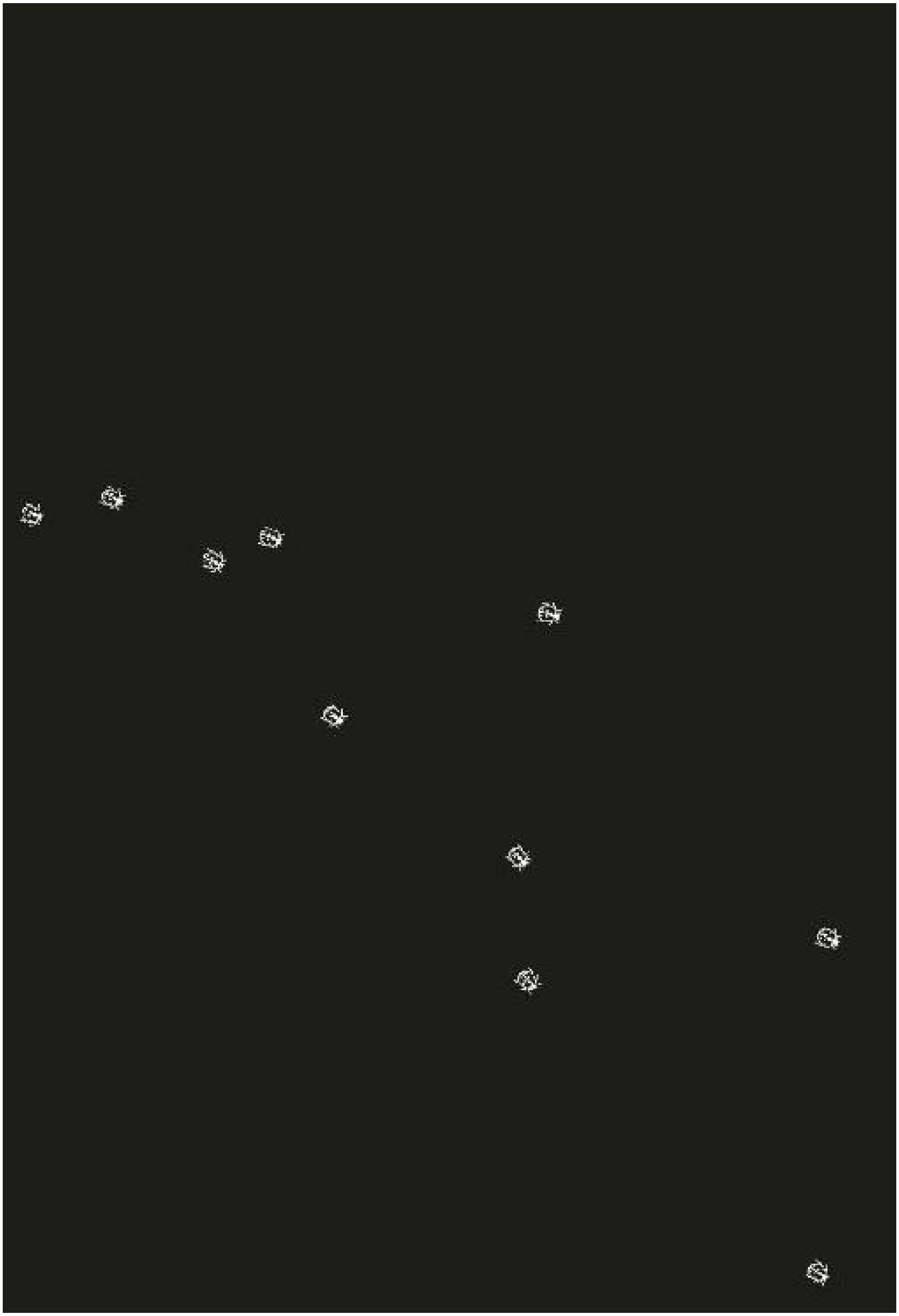
– Esqueça tudo, menina. Esqueça. Você não pode lembrar como chegou aqui.

– E se eu não quiser esquecer? E se eu quiser saber?

Rosa passou pela porta levando Jorge e o coelho, enquanto Letão encarava Lana, travando o caminho.

– Se você teimar com isso, vai atrair coisas muito ruins para todos que gostam de você. É isso que você quer? Assombrá-los para sempre? Ser um fantasma?

Lana ficou lívida e não soube o que responder. Segurou o desenho e olhou para aquele rosto incompleto. O sorriso de sua mãe. Seus lábios. Os dentes dela. Estavam tão próximos, presos em sua memória, mas agora pareciam lhe fugir. Como sua mãe sorria? Lana sentia o coração bater acelerado sem entender como ele podia ainda estar batendo. Lana sabia, mesmo que não tivesse revelado ao pequeno Jorge. Lana sabia. Ela e Jorge eram crianças mortas.



CAPÍTULO
4

– ELA DESISTIU DA GENTE? – perguntou Lana.

Rosa negou com a cabeça. Só ouviam o barulho da colher de Jorge batendo no fundo do prato de lata, velho, que repousava sobre a mesa de madeira com uma perna menor que as demais e balançava sempre que o menino apoiava os cotovelos no tampo. A cozinha era meio triste, toda marrom e sem graça, com um chão de terra batida. A torneira pingava sem parar, e um tacho com uma gororoba borbulhante fervia no fogo. As paredes eram de tijolos vermelhos, pequenos e aparentes onde o reboco tinha descascado e caído, e as telhas no alto, misturadas aos sarrafos, estavam cheias de teias.

– Não! De jeito nenhum. Aquela senhora pode ser muito rabugenta, mas se tem uma única coisa da qual ela não abre mão é de vocês. Ela nunca desiste de suas crianças. Nunca.

– Para cada um de vocês que ela entrega, ganha mais uma chance de esperar pela criança certa. Ela ama cada uma, mas não vê a hora de receber aqui a certa. Só assim ela poderá descansar e partir – interveio Letão.

– Então ela nos troca por mais tempo? Somos como uma mercadoria?

– Mercadoria, mercadoria, não. Digamos que vocês são o ofício dela. Ela adora cuidar de vocês, faz de tudo para salvar suas alminhas, mas olha, sabe como é, trabalho é trabalho, vocês são o ofício dela – reforçou o homem da recepção.

– O que é ofício? – perguntou o menino, colocando mais uma colher de sopa dentro da boca.

Lana sorriu pela primeira vez desde a manhã.

– Ofício é a responsabilidade, Jorge. Ofício é com o que você se ocupa. Minha mãe era muito ocupada. Vivia correndo com as coisas do trabalho dela. – Os olhos de Lana brilharam. – Ela tinha sempre coisas para fazer, e eu descobri que ela nem sempre estava escutando minhas perguntas.

Um clarão varou a janela da cozinha conjugada com uma sala pequena,

com dois sofás remendados.

Rosa andou até a janela aberta e fechou suas folhas de madeira.

– Lana, meu bem, você já provou minha sopa? – perguntou a mulher.

– Que horas vai chover? Esses relâmpagos… Sempre que tinha relâmpagos, também tinha chuva – observou o menino.

Jorge pegou um pedaço de pão e comeu. Lana olhou para a cestinha e viu apenas mais três pedaços, apanhou-os enquanto o menino olhava para o lado. Se desse bobeira, ele comeria tudo e a deixaria de barriga vazia. Só não queria comer agora.

– Tô sem fome, Rosa. Agradeço sua preocupação. Isso é tão estranho.

– Você ainda não saiu da recepção para falar de coisas estranhas, vai ver muita coisa esquisita por aqui, menina, garanto. Mas haja o que houver, fique sempre junto da babá, obedeça-a – disse a mulher, olhando preocupada pela fresta da janela. – O que está deixando você aborrecida?

– Minha mãe dizia que eu era sempre um saco sem fundo. Uma *zolhuda*. Mas, desde que pisei neste lugar, não sinto fome.

– Não é bom ficar lembrando o que sua mãe dizia antes, Lana. Você ouvirá coisas novas. Amará coisas novas, em breve. Deixe espaço em seu coração para o que está com você – disse Letão, parando ao lado das crianças e passando a mão na cabeça da menina.

– Cada um reage de um jeito quando chega aqui, Lana. Não se preocupe. O que interessa é atravessar logo a Penumbra com a babá, que vai entregá-la ao outro lado. Nunca pisei lá, mas dizem que as coisas voltam ao normal.

Rosa voltou até a janela e abriu uma folha, deixando a claridade pálida varar para dentro do cômodo, que se tingiu de roxo. Ficou olhando para o céu e suspirou.

Lana não sabia se era manhã ou tarde, apenas apreendia que muito tempo tinha se passado desde que deixaram o quarto naquela manhã. Tinha saído do quarto agitada e com a mente pesada, mas agora tudo parecia bem distante. Descobriu alguma coisa antes de se sentarem para comer. Algo importante, mas sequer lembrava por que tinha ficado tão chateada com aqueles dois esquisitos. Só queria poder voltar para casa. Voltar a ver sua mãe, mas sabia que isso só seria possível depois de estar com a prometida babá. Pegou Jorge

pela mão e foram juntos para a porta. Ela estava indignada com a demora da Osso Duro. Se era ela quem traria a mudança para sua vida, para que pudesse reencontrar a mãe, a tal babá tinha que aparecer logo.

A pequena queria sair dali para buscar respostas, precisava descobrir como voltar para casa. Ainda tinha coisas que queria dizer para sua mãe. Queria contar a ela onde estava e dizer que, apesar da travessia, estava bem. Sabia que ela iria gostar de ter notícias. Eram muito ligadas. Lana arregalou os olhos. Isso. Era isso que tinha descoberto no quarto! A passagem. Ela tinha feito a travessia. Era estranho, mas sabia que era disso que se tratava. Ficou olhando para o menino Jorge. Ele tomava a sopa com voracidade, seu rosto estava bem melhor do que ontem, quando o vira pela primeira vez. Agora ele estava corado, com as maçãs do rosto avermelhadas e os olhos vivos, vestindo uma camiseta com o desenho de um escudo, que escondia suas costelas aparentes e as feridas nas costas. Ele ria enquanto brincava com o coelhinho que insistia em se meter entre seus pés.

Ela não antevia qual seria seu próximo passo. Não atinava como faria para voltar para casa nem se isso seria possível. Sentia-se só. Sentia-se perdida e tinha vontade de chorar a todo instante. A única coisa que entendia é que não deveria contar nada para o menino. Ele era pequeno demais. Ela também era pequena, mas sabia o que estava acontecendo. As coisas flutuavam em sua cabeça. Lana começava a se acostumar com o casebre e a gostar de estar ali, aos cuidados daqueles dois estranhos enquanto se sentia vulnerável, sem forças para bater o pé e voltar para o seu mundo. Eles a receberam nesse novo estágio. Eram as únicas pessoas que conhecia naquele lugar atual. O que tinha acontecido para estar ali? Por que estava ali e por que precisava esperar uma babá para seguir adiante? Queria ver o rosto da mãe e relembrar quem era ela. Estava triste por não conseguir desenhar o rosto de sua amada mãe no papel. Sentia-se presa, amarrada a um lugar em que não podia se mover. Tirou o desenho do bolso enquanto Jorge corria pela cozinha, saindo pela porta que dava para o terreiro da frente. Lana levantou-se e o seguiu. Jorge erguia poeira por onde passava, perseguindo o animal que saltitava entre madeiras e galhos rasteiros. O menino sorria, e Lana sabia que aquilo era felicidade. Precisava cuidar dele, como se tivesse nascido para estar ali, para ajudar aquela criança. De alguma forma, o pequeno havia achado conforto e parado de chorar e de ter medo, aquele tipo de medo duro e

congelante que o fazia ficar plantado ao seu lado o tempo todo. Lana sorriu sem perceber. Pôs a mão no bolso da camisola e sentiu o barbante ali no fundo, tranquilizando-a. Tinha prometido à mãe nunca a esquecer. A lembrança fugaz e desconfortável contraiu seus lábios, fazendo-a abandonar o sorriso tímido. Ainda não conseguia preencher aquele vazio no desenho. Onde deveria curvar os lábios da mãe? Tirou o papel do bolso e encarou os traços. De que tamanho eram seus olhos? Ela podia ouvir a voz da mãe e sentir sua mão afagando-lhe o cabelo, como se ela estivesse ali, bem do seu lado, mas nada disso a ajudava a recordar suas feições. Lana virou-se, sentindo a presença morna da mãe. Mas ela não estava lá. Apenas Letão estava parado perto da porta.

A menina sentou-se no terreiro e começou a chorar, extravasando toda a tensão que sentia. Ela era só uma menina. Não devia se debruçar sobre dúvidas tão maduras. Ela deveria era se levantar e correr atrás do coelhinho, como Jorge; ser menina, ser só uma criança de novo. Não estava pronta para pensar como uma pessoa crescida. Não estava pronta para estar ali, se virando na Penumbra. Queria a mãe, queria a avó. Queria alguém que pusesse a mão em sua cabeça e dissesse que estava tudo bem em sentir medo e tristeza.

– Você não pode chorar, criança. Você tem que ser como aquele ali. Leve e despreocupado. Assim facilita meu trabalho.

Lana ergueu o rosto e encarou a escuridão além do terreiro. Onde o vento fazia a folhagem das touceiras altas cantar, onde estava escuro e não se via nada com nitidez a não ser a distância, era de onde vinha uma voz rouca e poderosa, marcando o início do caminho que ela não se sentia pronta para percorrer sozinha. Não por medo, mas por legítima e irredutível saudade. Sentia que a cada passo que desse adiante, mais longe ficaria o rosto de sua mãe. Tinha medo de perder aquela sensação reconfortante de que, de alguma forma, ela permanecia por perto, escondida num daqueles guarda-roupas dentro do quarto das crianças perdidas. Lana sentia-se capaz de alcançar a mãe do outro lado. Parecia que bastava empurrar o ar e estaria lá com ela, de novo no mundo dos vivos. Mas existia aquele véu, existia aquele lugar que todos chamavam de Penumbra, e, lá das sombras, a voz rouca entoava uma cantiga de ninar. Uma música que sua mãe sempre cantava. Ela era muito pequena, e a voz sempre chegava com a mão acarinhando seus cabelos,

dizendo que havia um bosque e que dentro daquele bosque sombrio e distante morava um anjo. Um anjo que roubava corações. Lana não conseguia ver a mulher de voz rouca, e quando se levantou para encarar as sombras, vasculhando com os olhos a Penumbra, sua pele inteira se arrepiou. A voz rouca parou de cantarolar e voltou, potente:

– Meu trabalho é levar vocês adiante. Tirá-los daqui.

Lana levantou-se e andou em direção às sombras.

– Quem é você?

– Você e ele esperam por mim. Aposto que o pessoal da recepção já explicou tudo. Essa é a função deles aqui.

Jorge continuava a correr pelo terreiro atrás do coelho gordinho sem notar que a senhora tinha chegado para levá-los.

– Prefiro quando vocês não choram e seguem em frente. As coisas ficam bem mais fáceis para todos nós.

Lana deu mais dois passos à frente, chegando ainda mais perto do mato alto. Percebeu o vulto de onde vinha a voz rouca e feminina ganhando contornos. Ela estava no limiar de sua visão, engolfada pela névoa que rodeava a recepção.

– Eu sinto falta da minha mãe – disse a menina. – Tenho medo de esquecer o rosto dela…

– Você não tem que sentir nada! – esbravejou a mulher, áspera, dando um passo na direção de Lana e assustando a menina.

A garota recuou para o terreiro sem dar as costas para a mulher, que agora parecia sorrir conforme seu rosto recebia a luz rala que vinha do casebre.

– Você está morta. Mortos não devem sentir mais nada – reforçou a velha.

Jorge parou de correr ao escutar a voz rouca e severa da senhora sendo dura com sua amiga Lana. O menino foi ao encontro da garota e segurou sua mão.

– Quem é ela, Lana?

– Esqueça essa baboseira de sentir e de querer. Esse tempo já passou. Era lá que você deveria ter sentido e desejado. Aqui não tem que sentir nada.

Esqueça tudo que você era para poder seguir em frente, menina. É hora de se desprender e ir adiante.

– E se eu não quiser seguir em frente? E se eu quiser voltar para casa?

A senhora deu mais um passo para perto da luz. Seu formato se encorpou. Seus contornos estavam completos.

– Ninguém volta da Penumbra, filha. Ninguém.

A mulher rouca aproximou-se de Lana e seu rosto se revelou para as crianças. A velha senhora trajava um vestido negro que descia do pescoço até os pés, arrastando na poeira do terreiro. Era fechado em sua garganta, com gola apertada, bordado branco e uma gargantilha preta que prendia uma joia púrpura em forma de pirâmide. As mangas eram longas e terminavam em franjas de onde escapavam dedos esquálidos, brancos e pontudos. Sua face era uma máscara pálida e colada aos ossos do crânio, exibindo um rosto fundo e assustador. A babá Osso Duro era um monstro com um sorriso cadavérico que assustava qualquer um.

Jorge apertou a mão de Lana e virou o rosto, escondendo o rosto na camisola da menina.

Lana levou a mão à boca para sufocar um grito de pavor. A velha babá não sorria de verdade. O esgar que percebiam era a pele que lhe faltava no semblante fantasmagórico, e os dentes parcialmente expostos remedavam um sorriso. Ela não tinha traços nem feições definidas, ossos e pedaços descontínuos de pele seca recobriam a face dura. Era um rosto intimidador e horripilante.

Lana agarrou Jorge, que finalmente tinha esquecido o coelho. O menino demorou a encarar a babá, que estava caminhando em direção à dupla. Quando o fez, agarrou Lana ainda mais forte.

– Não me solta, Lana. Não me solta.

– Você é a babá Osso Duro?

– Já disse. Sou aquela que encontra todas as crianças que fazem a travessia.

– Eu quero sair daqui, Lana. Me leva pra longe dela.

– Quando eu chego, vocês sempre dão esses chiliques. Só faço o que tenho que fazer. Não é minha culpa que o remédio seja amargo.

– Ele só tá com medo, dona. Ele sente medo de tudo aqui.

– Ele não tem que sentir mais nada. Ele também é só uma criança morta.

Jorge começou a chorar baixinho com o rosto colado no peito de Lana.

– E a senhora é muito chata. Não pode ter pena dele um pouquinho?

– Vocês estão na Penumbra, menina. Precisam sair daqui o quanto antes. A Penumbra não é um lugar bom para ninguém. Ninguém. Ter pena não vai fazer vocês saírem daqui.

Osso Duro ergueu o rosto e encarou a dupla da recepção. Rosa e Letão estavam lá, com suas lanternas nas mãos. Lana olhou para trás, vendo os dois que tinham cuidado deles. Eles pareciam com medo de se aproximar do terreiro, receosos ou respeitosos frente à presença daquela que supunha ser a babá. Lana encarou a Dona Caveira outra vez.

– A senhora é mesmo a nossa babá? – insistiu a menina.

A mulher parou em frente às crianças, ergueu o rosto esquelético e procurou ao redor, mirando o horizonte escuro mais uma vez. O céu rubro parecia o poente. Era o céu de todos os dias. Era o céu indeciso da Penumbra. Mesmo parecendo que tudo estava no seu devido lugar e que estava diante de dois novos clientes, tinha a sensação de que algo extraordinário estava por perto. Algo frio e inesperado como um picolé de uva estendido pela mão de um bom samaritano. Osso Duro voltou a encarar os pequenos e inclinou-se para Lana, inspirando fundo e fazendo o ar silvar enquanto entrava pelos buracos de suas narinas sem pele ou cartilagem.

Lana estremeceu, e Jorge começou a choramingar, apertando a menina ainda mais forte.

– Devia ter mais uma aqui. Onde foi parar?

Rosa pigarreou, chamando atenção de Osso Duro. A recepcionista tinha colocado um xale sobre os ombros, protegendo-se do vento que estava aumentando. Andou até a babá e suspirou, erguendo as mãos.

Os olhos grandes e redondos da babá pousaram sobre os dois funcionários da Penumbra até Rosa balançar a cabeça em sinal negativo.

– Ela ajudou a neném a atravessar ontem, Osso Duro – explicou, apontando para Lana. – Ela é danada. Danada.

– O quê? – A velha não conseguiu esconder a surpresa.

A babá andou até o meio do terreiro. Sua roupa negra farfalhava conforme ela se movia, levantando poeira. Lana reparou que a roupa, que parecia desbotada, na verdade era de couro, bastante grossa e tinha vários pedaços arranhados aqui e acolá, como se aquela senhora já tivesse enfrentado uns cinco leões nessa vida.

– Ela? – indagou, apontando para Lana com seu dedo comprido e esquelético. – Ela atravessou um bebê?

Letão assentiu.

– Por que não me avisaram? Por que deixaram isso acontecer? – Osso Duro ficou irritada e foi em direção aos recepcionistas.

Letão e Rosa ergueram a cabeça.

– A gente nunca viu isso acontecer. Não pensei que a senhora fosse se importar. Essa menina é novidade.

– Só eu faço as travessias! Só eu! – vociferou, agora virando-se para Lana: – Como você fez isso, menina? Diga.

Lana encolheu-se, intimidada pelo tom de voz da velha. Seus movimentos eram duros e davam medo. Lana queria voltar para dentro da recepção e não mais ficar perto dela. Ela estava brava.

Osso Duro agarrou Lana pelos ombros e a chacoalhou:

– Diga logo! Era uma menina?

Lana começou a chorar.

– Sim. Era uma menina.

Osso Duro a empurrou para trás e ergueu a cabeça, soltando um grito pavoroso. Ela agarrou um balde de madeira que estava no chão e o arremessou contra a janela da recepção, fazendo as madeiras do balde se despedaçarem.

– Não! Não! Isso não é possível! Ninguém atravessa ninguém aqui na Penumbra! Eu tenho que cuidar de cada um de vocês! Eu! Você não está autorizada a atravessar ninguém por aqui.

Lana tremia. Jorge, agarrado ao seu corpo, agora soluçava de medo. A menina girou a cabeça procurando apoio em Rosa e Letão.

– Me ajudem… – murmurou ela. – Me ajudem. Eu não quero ficar perto dela. Eu não queria atravessar a bebezinha.

– Calma, criança – disse Rosa, erguendo as mãos para Lana. – Eu nunca, nunca em minha morte, vi Osso Duro perder a cabeça. Ela é muito calma.

Osso Duro virou uma carroça carregada de mato e arrancou sua roda, arremessando o disco de madeira para longe como um *frisbee*.

– Calma? – indagou Jorge. – Ela não parece nada calma. Ela está muito brava.

Osso Duro diminuiu os gritos de raiva e soltou um caibro arrancado da carroça. Seus resmungos viraram grunhidos, e então ela andou até as crianças. Jorge fechou os olhos, tremendo em solidariedade à Lana, e começou a soltar o ar pela boca, fazendo barulho, apavorado com a proximidade da entidade. Osso Duro deixou a cabeça chegar bem perto do menino.

– Bebezinho?

Lana, trêmula, apertou o pequeno entre seus braços, protegendo-o da babá.

– Era uma neném, sim. Ela foi primeiro.

– Bebezinhos têm pouca coisa para esquecer. Lastimável.

A voz da babá estava menos carregada agora, parecia reflexiva.

– Ninguém deve atravessar as crianças. Esse é o meu trabalho aqui na Penumbra. Só eu atravesso aqui. Vocês só seguem em frente – repetiu a senhora, usando os dedos finos para bater a poeira que tinha aderido ao couro de seu vestido.

– Eu tô sentindo muito medo – gemeu Jorge.

Osso Duro colocou a mão na cabeça do garoto e a girou até que seus olhos se encontrassem.

– Eu já disse. Vocês não sentem nada. Crianças mortas não têm que sentir nada.

Lana deu um passo para trás puxando Jorge consigo.

– A senhora está assustando ele! Para de repetir que estamos mortos.

Osso Duro soltou uma risada.

– Obedeçam e sejam rápidos. Quanto antes atravessarem, menos terão que discutir comigo e menos terão que se preocupar com a forma que eu falo as coisas.

– Eu não quero ir a lugar nenhum – retrucou Lana. – Eu quero ficar aqui, bem aqui.

– Não diga uma bobeira dessas, menina. Ninguém fica na Penumbra. A Penumbra não gosta de gente vivendo aqui.

Lana olhou para o céu. Parecia que estava amanhecendo novamente. Um relâmpago fulgurou à distância, revelando uma silhueta peculiar acima das nuvens. Lana sentiu seu sangue enregelar nas veias. Parecia que algo muito, mas muito grande, estava voando. Dessa vez, depois do raio veio o trovão, que roncou fazendo o céu vibrar.

– Ela disse que era um bebezinho – disparou a babá, andando até Rosa e Letão, fazendo seu vestido gemer pelo caminho.

– A senhora já disse isso – rebateu a mulher.

– Eu disse?

Outro relâmpago brilhou à distância. Lana continuava olhando para as nuvens, perplexa. Agora tinha certeza. Havia alguma coisa enorme se movendo acima delas, e, se reparou bem, a coisa grande tinha uma cabeça e estava indo na direção do casebre. Jorge ergueu os olhos para Lana, que disfarçou seu pavor e abriu um sorriso falso, com o queixo trêmulo.

– Por que você tá com tanto medo, Lana? – sussurrou o menino.

Lana olhou para a babá, que conversava com os recepcionistas, fazendo movimentos ásperos com as mãos. Olhou para o terreiro na frente da recepção. O coelho estava perto de um cercado comendo um matinho. O vento aumentava cada vez mais, como se uma tempestade horrível estivesse chegando, mas a babá e os outros dois da Penumbra estavam calmos, tranquilos, como se nada tivesse acontecendo naquele momento. Ela sentia era mais medo. Medo porque juntava pontas soltas. Medo porque fazia suposições e tinha alertas pessimistas muitas vezes, como naquele momento. Havia algo muito, mas muito grande voando em direção à recepção. Algo do qual deveriam se esconder, fugir, mas as pessoas que supostamente deveriam estar cuidando deles dois estavam tagarelando como se nada de importante

estivesse prestes a acontecer, como se estivessem num balcão de bar. A recepção era um casebre pequeno e frágil demais para dar conta do que estava por vir. Ela apertou Jorge com força, porque detestava prestar atenção nessas coisas. Estavam enrascados.

– Lana, eu não gosto quando os outros ficam cochichando.

A menina olhou para o amigo.

– Você confia em mim, Jorge?

Ele fez que sim.

– A gente vai ter que correr, ok?

O menino balançou a cabeça novamente.

– Quando eu mandar, você corre comigo, tá bom?

Jorge respirava com dificuldade, e sua tensão tinha crescido tanto que ele não conseguiu responder. Seus olhos buscaram o coelhinho. Não queria correr e fugir sem o coelhinho.

Lana voltou a atenção para a conversa dos adultos. Letão respondia à pergunta de Osso Duro.

– Sim. Falou da nenenzinha enquanto o menino Jorge estava chorando, e você estava ocupada destruindo nossa única carroça.

Osso Duro olhou para o transporte.

– Faz parte do meu espetáculo. Eu arrumo a carroça para você depois que eles seguirem o caminho. Eu sempre ponho tudo no lugar quando eles seguem o caminho.

Osso Duro olhou para o horizonte e para outro relâmpago que explodiu no céu. Seus olhos se cerraram.

– Isso não está certo. Estão vendo os relâmpagos? Um atrás do outro? Eu não via um troço desses desde que… – Osso Duro deu de os ombros. – Faz muito tempo. Eles já apareceram por aqui? Os infelizes de uma figa?

– Não, senhora. Letão ficou de olho na janela desde que trouxemos ela para cá. Acho que ela é bem poderosa, Osso Duro. O céu não para de relampejar. Ela deve ser a tal da menina que a senhora tanto procura. A criança certa.

Osso Duro franziu a testa e abriu a boca sem conseguir dizer palavra

alguma. Encarou a menina. Lana sentiu um frio na barriga enquanto o pequeno se aninhava contra seu peito pela enésima vez.

– Não é, não. A menina certa é mais velha. Bate aqui mais ou menos – disse a babá, com a mão na altura do nariz. Foi até as duas crianças e deu uma volta ao redor delas. – Ela tem um cheiro muito bom, não vou negar. Senti logo que cheguei, mas nem chega perto de ser a menina certa. É só uma teimosinha encrenqueira como tantas e tantas outras que já passaram por aqui e foram embora!

– Boa sorte com essa aí, então – disse Rosa.

– Alguma dúvida? Preciso levá-la para a travessia imediatamente. Esse tempo não está bom. O próximo cume deve se abrir logo, logo. Vou tratar de atravessar esta garotinha. – Osso Duro passou a mão na cabeça de Lana. – Seja boazinha e siga com a luz. É a melhor coisa que você faz.

Rosa fez um muxoxo e balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Pensei que você ficaria aqui até amanhã, Osso Duro. Eu trouxe um coelho para você. Já ia colocar os legumes no fogo.

Lana sentiu a barriga roncar, estava com fome.

Jorge arregalou os olhos e encarou Lana.

– Você ouviu? Não deixa, Lana. Eu adoro esse coelhinho.

– Se esta menina atravessou uma alma, não podemos esperar aqui. Ela tem força, sim, e os tinhosos virão atrás dela. Eles são mais teimosos que ela. Eu conheço aquele bando. São encrenqueiros como o inferno. Estes pequenos vêm em primeiro lugar, coelhos eu como depois.

– Ahm, deixa disso, Osso Duro, eu sei que você adora um bom pedaço de carne, não é?

A babá fez que não com a cabeça.

– Primeiro as crianças, depois a barriga. Não consigo esquecer seu caldo, Rosa. É uma tentação, mas minha vida é fazer as engrenagens da Penumbra rodarem. Trabalho não fica pronto sozinho. Vamos cuidar da vida.

Dois relâmpagos explodiram no céu acompanhados de roncos que fizeram o ar estremecer. Jorge se abaixou tapando os ouvidos. Osso Duro ficou estática por um momento e sua mão foi até a frente do vestido. As

pontas de seus dedos acariciaram a joia roxa na gargantilha por alguns segundos. Então, ela desceu os dedos cadavéricos até o botão de bronze abaixo da gola e desabotoou o vestido.

Letão e Rosa também se moveram, levando as mãos até o cabo de suas pistolas, apertando os olhos e tentando enxergar o que fazia o céu da Penumbra se agitar.

“Trabalho não fica pronto sozinho. Vamos cuidar da vida.” As palavras se repetiram na mente de Lana. Mas a voz não era de Osso Duro. Ela já tinha escutado aquilo. Escutado de alguém que estava sempre distante e não podia ouvi-la. “Trabalho não fica pronto sozinho.”

Lana correu para dentro da casa sob o olhar espantado dos recepcionistas, que, surpresos, franquearam passagem.

– Ei, Lana! Isso não é justo! Você se esqueceu de avisar que era hora de correr!

Jorge olhou para a babá, que estava parada à sua frente, e respirou fundo, juntando coragem para se mexer e correr até o coelhinho. Voltou em direção à casa e, antes de seguir Lana para dentro, virou-se para a babá e mostrou a língua.

Osso Duro suspirou e encarou os recepcionistas.

– Sinto que essa garotinha vai dar trabalho.

Letão, olhando para o céu, segurou na coronha de sua arma e sorriu para a babá.

– Como você diz, Osso Duro, você não sente nada. Você é só uma velha morta.

Osso Duro grunhiu e franziu a boca, encarando Letão.

– Ué? É você quem vive lembrando todo mundo de sua condição aqui na Penumbra.

Rosa também olhou para cima procurando sinais. Apesar de só ver as nuvens rodopiando, ela sabia que isso poderia mudar de uma hora para outra. Os atravessadores chegavam rápido quando uma alma forte como a da menina surgia na campina. Ela tinha passado uma alma sem nem mesmo saber o que estava fazendo, sem ter consciência de que aquela porta para a travessia foi aberta por causa dela.

– Ela conversou com a luz.

Osso Duro abriu a boca, estupefata, perdendo as palavras mais uma vez. Estava ficando irritada com isso. Não costumava sentir nada quando chegava na recepção ou quando saía. Sua função era apenas dar destino para as crianças. Aquela menina era uma caixinha de surpresas. O que Rosa lhe disse era bastante incomum. Olhou para a porta do casebre por onde Lana tinha ido.

– Ela deu ordens?

– Não sei. A gente não estava lá, mas ela me disse que CONVERSOU com a luz. Não deu ordens. Você viu a carinha dela? Ela não é uma daquelas impertinentes que têm chegado, Osso Duro. Ela é doce. Ela é fofa. Cuida do pequeno que está com ela e desenhou parte do rosto da mãe num pedaço de papel.

– Ela tentar desenhar não quer dizer nada. Não deveria, é verdade. O que me preocupa são os outros que foram atraídos por ela. Essa menina está trazendo um monte deles para cá. Nunca senti tantos. Vou ter que jogar pesado com essa aí para fazê-la ir logo.

– Nunca me meti no seu trabalho, babá, mas pega leve com essa menina. Ela é diferente.

– Ela não é nada. Ela é uma morta, só isso. E crianças mortas não têm que ficar aqui desenhando o passado. Elas precisam partir.

CAPÍTULO
5

OSSO DURO ENTROU NO QUARTO DAS CRIANÇAS. A menina chorava, e isso pouco lhe importava. Se ouvisse os resmungos de todas que chegavam tristes e enfermas, não cumpriria seu dever. Precisava ser prática e curar aquelas pobres almas perdidas. Não podia dar chance para que descobrissem detalhes do seu desenlace. Se estavam na Penumbra, algo de muito sofrido tinha acontecido a seus corpos de carne. As crianças que demoravam a atravessar tendiam a se transformar em assombrações no mundo dos vivos. Suas dores e suas saudades não deixavam as feridas se fecharem do lado de lá.

– Vamos, criança. Saia desse colchão, não podemos mais ficar aqui. É perigoso.

– A senhora vai comer meu coelhinho? – perguntou Jorge.

– Não agora. Só depois que você partir.

– Então eu vou ficar com a Lana, eu vou ficar aqui e não vou partir. Eu não quero que ninguém coma este coelhinho.

– Coelhos são gostosos, sabia? Não é por isso que todos vocês gostam deles? Já que você quer ficar, talvez me veja palitando os dentes com os ossinhos dessa coisa carnudinha, garoto.

O menino se encolheu enquanto Osso Duro andou pelo quarto com seu vestido de couro negro farfalhando a cada passo. A babá olhou para a menina deitada de bruços na cama, ainda chorando com a cabeça sobre os braços, abafando o pranto com o travesseiro velho e mofado. Osso Duro não se comovia com essa cena. Tinha convicção de que despertava medo nas crianças quando entrava no quarto para cuidar delas. Era sempre assim. As crianças eram portadoras de um mal que não fora ela quem tinha implantado em seus corpos. Via-se apenas como um instrumento da melhora. Elas chegavam de um jeito lastimável e partiam remediadas para um lugar maravilhoso. E daí que tinham medo dela? Precisava ser dura e não podia ceder aos melindres e encenações dos pequenos.

– Levante-se, Lana. Sua hora de seguir em frente chegou. Estou aqui para assegurar que faça uma viagem tranquila.

Lana continuou chorando, sem encarar a babá.

Osso Duro olhou para o menino, que permanecia ao lado da amiga com o coelho no colo. A babá começou a bater com a sola do pé no chão, batucando contra a madeira.

Sussurros de crianças pareciam vir do lado de fora. Crianças que também choravam. Eram muitas vozes. Lana ergueu a cabeça e olhou para Jorge primeiro.

– Está ouvindo isso, Jorge?

O menino meneou a cabeça em sinal negativo.

– São crianças, como a gente. Elas querem falar comigo.

Osso Duro parou de bater com o pé contra a madeira e virou-se para a pequena Lana. A babá foi até a janela e olhou para fora. A Penumbra estava agitada como nunca. Osso Duro passou a mão em seu queixo e voltou-se para a menina. A babá não conseguia escutar nada, mas sabia o que era. Aquela criança tinha muita energia. Às vezes acontecia. Ela estava conectada à despedida. Os que tinham acompanhado sua estada na vida agora se desligavam dela. Era um momento sofrido, um momento em que lágrimas caíam, mas era também o começo da aceitação da separação. Os que estavam do lado de cá e continuavam a jornada tinham que se desconectar. Tinham que seguir adiante e não deixar rastros de sua energia para trás. O que devia ficar do lado de lá era o amor que tinham vivido. Osso Duro tocou os cabelos da garota e fez o que não fazia há muito tempo. Afagou a cabeça de Lana por um instante. Sabia que a menina sofria. Era por isso que ela precisava esquecer. Precisava deixar a Penumbra fazer seu trabalho.

– Eles não querem falar nada, menina. As vozes que você escuta estão lhe dando adeus.

– Eu prometi para a minha mamãe que ficaria com ela, babá. Eu não quero aceitar esse adeus.

Osso Duro torceu sua boca num esgar. A menina era forte. Ela tinha feito uma promessa.

– A Penumbra não é um lugar de promessas. Aqui você pode esquecer

assim… – Osso Duro estalou os dedos – …num instante.

– Eu não quero esquecer o rosto dela, babá. Eu jurei que não ia esquecer o rosto da minha mãe.

Osso Duro estendeu a mão ossuda para a menina.

– Não podemos ficar mais nesta casa, garotinha. Seu lugar não é aqui. Você vai reencontrar sua mãe um dia, mas só a verá novamente quando tiver passado para a luz.

Lana levantou o rosto e sentou-se ouvindo a babá. Na mão, carregava seu papel com o esboço do rosto da mãe desenhado. Fez força para tentar preencher o espaço vazio. Como eram os olhos da mãe?

O clarão de outro relâmpago entrou pela janela iluminando a parede do quartinho, jogando luz sobre os desenhos esparramados pelas paredes. Rostos vazios. Cenários incompletos.

Osso Duro voltou à janela, preocupada.

– Você precisa seguir em frente antes que eles cheguem aqui. Isso não vai fazer bem nem a você, nem a ninguém que estiver por perto. Eles são egoístas e só pensam em si mesmos. Eles não ligam para os que ficaram para trás e para a dor dos outros.

– Eu não consigo desenhar o rosto dela – queixou-se Lana.

– Você morreu, criança, sua mente está se desligando da ilusão. É por isso que está esquecendo. Você esquecerá, por um tempo, tudo que aconteceu lá, justamente para que possa atravessar, e rápido. Só as crianças que precisam esquecer vêm para cá. Não duvide de que você tem algo muito, muito importante para deixar para trás.

– Eu não posso ir sem desenhar o rosto da mamãe, babá.

Osso Duro tamborilou com as pontas dos ossos sobre a penteadeira.

– Me ajude. Siga comigo até a luz. Ela sempre chega no alto. Precisamos subir.

– E minha mãe?

– Na hora certa você lembrará tudo. Lembrará como ela é. Só não pode lembrar aqui. Me ajude que eu completo esse desenho.

– Não. Eu não vou com você.

Outro relâmpago clareou lá fora. Osso Duro percebeu as sombras se formando na parede. Sabia que Lana estava falando a verdade. Sabia que ela queria mesmo ficar ali, na Penumbra. Sabia que era a coisa errada. Precisava ser fria e realizar seu trabalho a qualquer custo.

– Ora, acha mesmo que eu vou deixar você aqui colocando a vida do Jorge em risco? Vale mesmo a pena?

– Eu prometi que nunca esqueceria o rosto dela.

– Na Penumbra, as promessas de fora não podem ser mantidas, Lana. Aqui não é lugar para prometer nada. Mas eu posso garantir uma coisa: se você seguir comigo, se for comigo até a coleta, desenho o rosto da sua mãe para que você leve o desenho. Mas seja obediente e ande logo. Sua teimosia não faz bem algum neste lugar.

– Como você vai desenhar o rosto da minha mãe se nunca a viu? Como vai cumprir sua promessa se está dizendo que aqui é um lugar em que não se pode prometer?

– Pare de ficar contra mim. Eu tenho mais o que fazer. Um monte de coisas para deixar a Penumbra funcionando. Uma dessas coisas é não dar mole para vocês e fazer todas as crianças passarem.

– Eu só vou depois de lembrar o rosto da minha mãe.

Osso Duro deu um soco contra a penteadeira que fez Lana e Jorge se sobressaltarem.

– Me ajude que eu desenho o rosto dela.

– Mas como vou saber se a senhora será honesta? E se não desenhar direito?

– Eu posso ver a sua mãe se quiser, posso ver o rosto dela quando eu quiser.

Lana arregalou os olhos e correu até a babá, jogando-se aos seus pés.

– Por favor, Osso Duro. Então me deixa ver o rosto dela. Só uma vez. Eu não quero esquecê-la! Eu juro que vou com você e faço tudo que quiser, mas me deixa ver o rosto da minha mãe.

Osso Duro retorceu o rosto mais uma vez e livrou-se do abraço da garota que continuou no chão, caída, com lágrimas nos olhos. A babá deu dois

passos para trás, silenciosa, olhando para a criança. Sua voz saiu fraca:

– Não posso prometer tal coisa. Posso prometer que desenharei o rosto dela. Isso eu posso.

– Ela tem cabelo longo, bate nas costas – disse Lana, enquanto outro relâmpago clareou o céu. – Ela gosta de fritar banana para mim e também cantar antes de eu dormir. Ela contava histórias depois do trabalho.

Outro relâmpago fez o quarto acender.

Osso Duro virou-se para a janela e viu o céu encher-se de estrias elétricas a cada frase proclamada pela menina.

– A gente mora no alto, e eu nunca tive medo de altura, mas agora não quero chegar perto das janelas.

Outro relâmpago. Jorge também ficou imóvel, agarrado ao coelho que se agitava em suas mãos.

– Pare com isso – pediu Osso Duro.

– A boca da mamãe. A boca da mamãe é larga e seus dentes… Eles… Eu não me lembro dos seus dentes…

– Pare, Lana! É perigoso! Suas lembranças têm que ir embora, não podem vir para a Penumbra. Você vai chamar coisas que não devem estar aqui. Precisamos ir logo!

– Chamar coisas? Eu lembrei – disse Lana, levando a mão à boca. – Eu tinha esquecido, mas lembrei.

Osso Duro arregalou os olhos.

– Não se lembre das coisas do lado de lá. Não lembre.

– Eu me lembrei do bicho no céu. Eu vim para cá por causa do bicho no céu.

– Ele está vindo pegar a gente, Laninha? – perguntou Jorge, ficando ao lado da menina.

Osso Duro parou na janela aberta mais uma vez, vendo o horizonte salpicado de novos relâmpagos. A garota estava lembrando. Como era possível? Quem era ela? Precisava tirá-la dali. Ela era muito forte, muito diferente de todas as outras que já tinham passado pela recepção, mas isso não era uma coisa boa. Aquela energia realmente atrairia os atravessadores,

aqueles que queriam tocar o plano dos vivos e fazer suas almas fincarem raízes do lado de lá, atormentando os que ficaram para trás. Lana era poderosa, forte, mas não era a criança certa. Não tinha a menor chance de ser. Osso Duro havia esperado tanto que não sabia mais como era o rosto da criança certa, mas sabia que a criança certa era mais alta e mais velha do que Lana. Não era mais uma menininha teimosa, metida a besta, que estava fazendo chover problemas do lado de fora da recepção. A menina certa estava no desabrochar, na transição da infância para a adolescência, inquieta para conquistar o mundo ao seu redor, não gostava mais de cantigas de ninar e nunca se preocupava com picolés de uva. Osso Duro colocou a mão na joia de sua gargantilha e a pressionou. Um zumbido passou por seus ouvidos, sem ser percebido pelas crianças. Era a segunda vez que acionava o botão. A menina era teimosa e precisava partir agora, antes que fosse tarde demais.

– Ela gostava de contar histórias do tempo em que ia para a escola de mãos dadas com a vovó. Dizia que a vovó amava contar histórias para ela dormir – relembrou a menina.

Mais dois relâmpagos poderosos riscaram o céu, quebrando o negrume.

Jorge juntou-se a Osso Duro e olhou pela janela.

– Tá anoitecendo? – perguntou o menino.

– Não. Aqui nunca anoitece.

– Mas tá ficando escuro. Muito escuro, babá Osso Duro.

A babá concordou.

– Ótimo que tenha medo, pequeno. O medo fará seus pés andarem mais rápido. Do jeito que eu preciso.

Jorge segurou na mão ossuda da entidade, notando o céu sendo engolido pela escuridão.

– A escuridão é o caminho para eles se movimentarem. Eles têm medo da luz e querem pegar vocês. Eles sempre querem. Eu tenho que levar vocês para a travessia o quanto antes.

Jorge apertou a mão da babá mais forte. Osso Duro olhou para ele e se soltou.

– Ande perto de mim. Eu cuido de você, mas não encoste muito. Eu não gosto.

Jorge, trêmulo, soltou a mão de Osso Duro e se apoiou no batente da janela.

– Quem são eles, babá?

O menino arfava aguardando a resposta. Fios negros caíam do céu, batendo no chão a grande distância. Esses rastros escuros ficavam no ar, demorando para se dissolver. A atenção do menino focou numa mancha acima da recepção. Um grande cilindro voador, sobre as nuvens, começava a emitir um zumbido, um barulho que fazia o telhado do quartinho vibrar e a poeira desprender do teto, chovendo sobre os abrigados.

Osso Duro soltou a joia na gargantilha e deslizou sua mão pelo vestido de couro negro até chegar a um grande botão de ferro na linha da cintura.

– Eles percebem quando as crianças se atrasam ou quando existe uma criaturinha especial como sua amiga Lana, esperando ou protelando a travessia. Eles amam essa energia, como se fosse um suculento e convidativo picolé de uva. Não posso deixá-los chegarem perto de vocês. Eu não deveria desistir dos atravessadores, mas não há mais por que lutar por eles. Estão condenados.

As nuvens acima da recepção se encheram de luz, destacando a sombra de tamanho descomunal que se movia em seu bojo. Quando um novo relâmpago iluminou o alto da recepção, a criatura mergulhou no céu, revelando-se pela primeira vez, abaixo da linha de névoa. Era gigante, feita de pelos laranja espetados e couro verde-escuro de réptil, com uma cabeça dotada de uma boca sem tamanho, cheia de dentes, e sobrancelhas longas guardando olhos amarelos. Ela descia rápido, em linha reta, indo direto ao chão.

Jorge arregalou os olhos ao ver a criatura sem patas, como uma serpente gigante de olhos brilhantes, batendo contra o solo, fazendo tudo estremecer.

– Esse é só o primeiro deles, Jorge – disse Osso Duro. – Esse é só o primeiro. Está pronto para correr?

Jorge, sem desviar o olhar, tremendo e deixando um fio de urina descer por suas pernas e formar uma pequena poça no chão, fez que sim com a cabeça.

Vendo o amigo fazer xixi nas calças, Lana parou de chorar e levantou-se,

indo até a janela. Seus olhos se abriram, assustados, quando viu o dragão rastejando em alta velocidade, levantando poeira e indo, ligeiro, na direção da recepção. Iria arrebentar a janela e devorar o pequeno Jorge. Ela não podia deixar aquilo acontecer.

Nesse instante, a porta às costas dos três foi aberta num safanão, e Rosa entrou arquejante, com sua arma numa mão e um grande facão na outra. Letão estava logo atrás dela.

– Osso Duro! Ele encontrou vocês! Ele está vindo comer as crianças! O que vamos fazer?

Osso Duro virou-se para a mulher, olhando para Jorge e Lana.

– Vou fazer o que eu sempre faço, Rosa. Vou lutar para salvar as crianças da Penumbra.

– Ah! Graças a Deus a senhora está de bom humor, graças! Esses dois são muito importantes, Osso Duro, não desista deles.

Jorge encarou a babá assustado, depois olhou para o dragão, que já tinha invadido o terreiro e ia depressa em sua direção, deixando um grunhido escapar pela bocarra infestada de dentes pontiagudos. Ele sacudiu a mão da babá, que estava imóvel, inexpressiva, olhando para a frente.

– Não desista da gente, babá! Não desista!

Osso Duro torceu a boca, incomodada com o pedido agoniado do menino.

– Vou fazer o possível, mas não encoste em mim.

– Esse é muito grande para as minhas poucas armas, Osso Duro, ele vai acabar comigo e com a Rosa em um instante. Eu não sei se conseguirei defender esses dois – queixou-se Letão, erguendo a cabeça acima do ombro da companheira.

O quartinho escureceu com a proximidade da criatura colossal que eclipsava a luz.

Osso Duro ajoelhou-se perto de Jorge e pôs a mão na cabeça dele. A casa chacoalhava toda, e a poeira passou de chuva à tempestade, despencando do telhado.

– Meu trabalho é defender vocês, custe o que custar, mas você promete seguir em frente quando encontrarmos a luz? Promete me obedecer até o fim

do caminho?

O menino jogou-se para a frente, soltando o coelho e se agarrando ao pescoço da babá.

– Eu prometo, Osso duro! Eu prometo, mas, por favor, não deixa esse bicho me comer, nem comer a Lana!

Osso Duro afastou o menino com dificuldade, o abraço dele era desesperado e cheio de medo. A babá virou-se para a menina, que estava pálida e imóvel.

– E você, mocinha? Se eu protegê-la também, promete seguir em frente?

A criatura assustadora parou de rastejar quando alcançou a janela. Sua imensa cabeça não passaria pelo buraco. Contudo, o monstro arremessou a língua para dentro, estourando o vidro e os batentes, lambendo o rosto de Jorge, que foi agarrado por Osso Duro. O menino começou a chorar com o rosto lavado pela saliva do dragão.

Lana sufocou um grito com a mão e seus olhos se arregalaram quando o dragão bateu contra o casebre, fazendo a parede envergar e encher-se de trincas. O que restava da pintura estourou e os desenhos de giz se desintegraram. A janela arrebentou e madeiras pularam do batente, lascas afiadas e perigosas voaram para dentro do quarto, passando a poucos centímetros de seu rosto. O cabelo cacheado da menina balançou. Jorge gritou apavorado, e Lana se arrepiou inteira.

– Minha missão é justamente cuidar de vocês, Lana. É para isso que eu existo aqui. Para confortar as crianças que foram perdidas. – Osso Duro afastou o couro do vestido para o lado, exibindo uma fileira de botões metálicos do lado direito do seu tórax, desabotoando-os lentamente enquanto falava: – Não vou deixar nenhum atravessador destruir a energia de vocês, mas para isso preciso que me ajudem. Que tenham coragem, me sigam através do perigo e atravessem para a luz o mais rápido possível.

A língua do dragão invadiu novamente o cômodo, passando pela janela destruída, saracoteando perigosamente no interior do quarto e fazendo Jorge soltar mais gritos de aflição. Rosa e Letão pularam para o corredor, e um dos beliches foi empurrado pela língua voraz da criatura, emperrando a porta. A dupla de recepcionistas começou a empurrar, fazendo a madeira estalar, mas sem conseguir abrir passagem para o trio, que ficou enclausurado no

ambiente em destruição, os escombros das paredes e do telhado despencando por todos os lados.

A babá abriu toda a janela. A criatura saída do céu, apartada da luz, serpenteava o corpo comprido rugindo e grunhindo de forma aterradora, batendo contra o diminuto quadrado e empurrando o focinho pela passagem na tentativa de invadir o quarto das crianças. Apitos tocavam dos cantos do cômodo, como se alarmes tivessem sido acionados. Lana e Jorge taparam os ouvidos, incomodados com os trinados e com os gritos de Letão e Rosa, alvoroçados do lado de fora.

– Rápido, Rosa! Vamos agir rápido, senão vamos perdê-los!

– Não precisa me apressar, eu também estou escutando. Preciso de um acesso, ele vai parar de respirar!

Jorge, encolhido e sentado no chão, sentia o peito apertado e o ar faltar.

– Me ajuda, babá! Eu não quero sentir tudo aquilo de novo! Eu vou com você, eu vou!

Osso Duro terminou de desabotoar a aba de couro no interior de seu vestido, abrindo o compartimento onde guardava suas ferramentas de trabalho na Penumbra. As crianças precisavam dela, e era hora de agir. Muitas vezes era amargo, muitas vezes era assustador, mas era seu fardo ser a mão que trazia alívio para aqueles pequenos perdidos, custasse o que custasse. Do lado direito do compartimento em seu tórax, rente ao abdômen, as crianças viram a coronha acetinada de madrepérola de uma arma de fogo. Era um revólver imenso. O cano estava escondido pela bainha, mas a ponta longa surgiu na cintura da babá, prateada e rombuda. Junto ao coldre da arma de fogo havia mais três bainhas guardando lâminas diversas. Do outro lado da cintura, estava preso um chicote de couro de tiras escuras trançadas, enrolado, com uma ponta recheada de anzóis metálicos que, agora livres, tilintavam sua promessa de dor. Não era bonito de se ver. Pareciam peças de tortura. Os dedos esqueléticos da entidade apanharam o chicote e abotoaram o guarda-armas sob o olhar hipnotizado de Jorge e Lana.

– Lana? Promete me ajudar também?

A menina viu o amigo com o rosto apavorado e respirando com dificuldade. Seu rostinho estava ficando roxo, e era evidente que ele estava desesperado com aquela visita. Escutava o dragão bater com violência contra

a parede do quartinho, pedaços de reboco voavam e os alarmes pinicavam dentro de seus ouvidos. A parede não iria aguentar muito mais tempo. Jorge estava a poucos segundos de ter um ataque, um negócio, e cair duro no chão.

– E o que acontece se ele nos pegar, babá?

Osso Duro encarou Lana enquanto esticava o chicote com um movimento único, fazendo-o estalar. O som do chicote reverberou mais alto que as investidas do monstro, provocando um estremecimento nas crianças.

– Se vocês não atravessarem, eles vão drenar a energia de vocês, vão roubar suas memórias e seus sentimentos. E quando for a vez de seus amados atravessarem a luz, eles jamais encontrarão vocês. Vocês terão sido esquecidos para sempre, terão se perdido na Penumbra.

Lana precisava fazer uma promessa para aquela entidade que tinha um revólver na cintura e um chicote na mão, pronta para defendê-los. Estavam numa terra estranha habitada por criaturas estranhas. Talvez seguir a babá das crianças perdidas fosse a melhor escolha. Talvez Osso Duro fosse a coisa mais próxima que teriam de uma mãe cuidando deles novamente. Ela era fria e assustadora, mas estava ao lado deles, lutando por eles, pronta para o que desse e viesse.

A língua sacudiu o quarto, ricocheteando contra o teto e batendo forte contra o assoalho, que cedeu e afundou, derrubando Jorge e o coelho. Os dois escorregaram; o menino gritava em direção ao buraco que se abria no chão estraçalhado, prestes a engoli-los.

– Lana… – insistiu a babá, olhando para ela, aparentando toda a calma do mundo.

A babá tinha dito que desenharia o rosto de sua mãe, e Lana não queria ser esquecida na Penumbra.

– Eu prometo ajudar.

Osso Duro abriu um sorriso largo quando Jorge levantou-se, correu e abraçou a babá pela cintura, afundando o rosto no seu vestido negro de couro. Osso Duro fez um esgar com a boca e, com a mão livre, afastou a cabeça do garoto. Jorge não era a criança certa tampouco.

– Sai de perto de mim… Eu mato monstros e abro caminhos, mas não encosta muito, não.

A língua do dragão estourou mais dois beliches contra a parede oposta onde eles estavam encolhidos. A língua era áspera e cheia de pequenos ossos que funcionavam como ganchinhos, lixando e esfolando tudo que tocava.

Osso Duro ergueu a mão, fazendo o chicote desenhar uma onda no ar sem tocar o teto baixo do dormitório, e depois jogou o punho para a frente, de modo que a tira de couro sibilou enquanto se deslocava pelo ar e ia enrodilhar a língua monstruosa do dragão. A babá puxou com força, e o bicho tentou se desvencilhar, dando uma arrancada para fora e afastando-se da parede do casebre, levando pedaços de tijolos e o que tinha restado da janela. O corpo de Osso Duro voou para fora também, através de uma nuvem de poeira alaranjada.

As crianças aproximaram-se do rombo aberto no casebre, escutando a estrutura do dormitório gemer.

– Sai, Jorge. Isso aqui vai cair em nossas cabeças. Não podemos mais ficar aqui. Temos que ir.

Lana e Jorge foram para o terreiro, assistindo ao dragão girar sobre o próprio corpo, como um peixe fisgado, lutando contra as mãos firmes de Osso Duro, mas a babá estava aferrada ao chicote. Ela olhou para os dois com seu sorriso de caveira na face pálida, mantendo a monstruosa criatura sob controle, como se fosse a coisa mais fácil daquele mundo. O bicho emitia guinchos desesperados e rodava cada vez mais rápido, erguendo uma nuvem de poeira ao lado da recepção. Osso Duro balançava os ombros de vez em quando, mas mantinha-se resistente e segura, como se já tivesse domado monstros que perseguiam crianças um milhão de vezes.

Jorge cutucou Lana e exibiu um sorriso.

– Ela é boa nisso!

Ao mesmo tempo que o garoto externava sua admiração, o chicote se afrouxou e o bicho, cansado, se afastou, fazendo com que o menino, sentindo-se ainda mais confiante e seguro por um momento, erguesse as mãos em pura alegria, jogando o coelhinho para o alto.

Porém, a fera vinda do céu cuspiu barro duas vezes e se recolocou de frente para a entrada da recepção. Começou a fungar e rugir mais uma vez, preparando-se para um novo ataque, ainda que bem menos ameaçador. Rosa e Letão chegaram à porta olhando para o terreiro e sacudindo a poeira de seus

cabelos e roupas. Suspiraram fundo e se recostaram entediados ao batente da entrada, observando de longe a aventura que se desenrolava para as crianças.

Osso Duro enrolou seu chicote e o prendeu novamente ao guarda-armas em seu tórax.

– Suma, fera! Essas crianças são minhas! – urrou a babá, tirando o revólver de cano longo do coldre enquanto virava-se para os pequenos.

Osso Duro puxou Jorge para o lado e fez um sinal para que Lana se aproximasse.

A menina olhou para o dragão, os olhos da criatura estavam se fechando vagarosamente conforme aumentava seu rosnado e retomava seu aspecto enraivecido. Ela e Jorge não teriam a mínima chance contra aquele monstro. Graças aos céus tinham a babá Osso Duro para salvá-los daquilo.

– Ele não vai deixar barato, crianças. A energia de suas almas é muito forte. Ele quer pegá-los, devorá-los, fazê-los desaparecer na Penumbra.

– Não deixa ele fazer isso, Osso Duro, por favor! Por favor! – gritou Jorge.

– Venham, me deem a mão, vamos contornar esse bicho e começar a andar em direção à estrada. O próximo ponto de coleta está adiante nesse caminho.

Lana olhou para trás, para Letão e Rosa. Eles não tinham se despedido, e agora não parecia a hora mais apropriada. Os dois deram um tchauzinho de lá da porta, onde estavam, nos escombros do que tinha restado do casebre da recepção. E as próximas crianças? Onde dormiriam esperando pela babá das crianças perdidas? Algo estava errado naquilo, mas Lana ainda não tinha a menor ideia do que poderia ser.

O monstro urrou, trazendo Lana de volta ao terreiro, segurando a mão estendida de Jorge enquanto Osso Duro mirava no dragão. Ela tinha que se unir aos dois e começar a contornar o perigoso animal. Lana estacou onde estava, olhando fixamente para o monstro, que agora a encarava. Ele piscava com seus olhos imensos e rajados de amarelo. As sobrancelhas espinhadas balançavam conforme movia a cabeça recoberta de pelos laranja. A boca tinha três fileiras de dentes pequenos e serrilhados que não levariam um segundo para esfiapar toda a sua carne de menina. Contudo, ele estava

parado, sem pés para se mover, como uma cobra, encolhido à beira do caminho, como se agora tivesse entendido que seu papel naquele jogo era esperar.

Osso Duro, percebendo o titubear da garota, baixou o revólver e agarrou Jorge pela cintura, colocando-o em seu colo e puxando Lana para fora.

– Eu não quero ir com você! – gritou a menina, puxando a mão num repelão.

A babá levou a mão à testa, soltando um grunhido de irritação. A mão que segurava Jorge no colo sacudia o revólver. Bufou e balançou a cabeça, reprovando a atitude da garota. Voltou a agarrar a mão dela.

– Venha comigo. Aqui todos têm compromissos, menina, e não opções. Não estamos na recepção a passeio. Você vai seguir em frente, querendo ou não.

– Eu não quero ir! Eu quero ir para casa!

O céu relampeou mais uma vez, Osso Duro e o dragão olharam para o alto.

– Minha mãe explicava as coisas para mim, não me obrigava a fazê-las.

– Se sua mãe tivesse te educado direito, talvez você não estivesse aqui agora.

Lana sentiu sua pele gelar. Do que ela estava falando? Os olhos da garota marejaram. Ela estava lembrando. Estava lembrando que tinha feito escolhas.

Seis relâmpagos chisparam no céu fazendo o queixo de Osso Duro cair e o dragão à beira do caminho acuar-se um pouco.

Rosa e Letão, ocupados em recolocar os escombros da janela no lugar, viraram-se para o trio à beira da estrada quando notaram os novos relâmpagos e caminharam até o meio do terreiro.

– Lana, pare de lembrar! A Penumbra é feita para esquecer!

– Eu não posso esquecer o rosto da minha mãe, eu jurei pra ela que não iria esquecer, eu jurei, babá. Ela vai ficar muito triste comigo.

Lana caiu de joelhos, aos prantos.

– Pare de se preocupar com isso. Por que está pensando se sua mãe vai ficar triste ou não? Você está aqui agora.

– Você nunca vai entender quanto eu amo a minha mãe.

Osso Duro esfregou o rosto e olhou para o começo da estrada de terra em frente ao terreiro. O próximo ponto de coleta ainda estava distante, levariam metade do dia para alcançá-lo, e era muito provável que, com todos aqueles relâmpagos, o destino daquelas pobres almas já estivesse em risco. Cedo ou tarde seriam interceptados pelos atravessadores, e como nunca tinha visto tantos relâmpagos na Penumbra, Osso Duro percebia a urgência. Não sabia se teria armas suficientes para lidar com todos.

– Eu não entendo mesmo por que você não pode esquecer. Só sei que tenho que levar vocês dois, e tenho que levar agora. Não tem nada de bom aqui na Penumbra, Lana. Vamos em frente, esqueça.

– Desenha o rosto da minha mãe, por favor, Osso Duro.

– Se você atravessar, eu desenho.

Osso Duro passou a mão novamente em sua grande joia em forma de pirâmide.

– Precisamos ir.

O dragão, antes acuado, saltou do seu canto para agora voltar a rugir.

Jorge soltou um grito apavorado, girando no colo de Osso Duro e apertando o coelho nos braços. Conforme o dragão se aproximava, Osso Duro passou o revólver para a outra mão, apontando para a fera.

– Tampem os ouvidos, crianças. Isto aqui vai fazer muuuuito barulho.

Lana olhou para o bicho parado com olhos arregalados, esperando pelo disparo. Ele não ia mais saltar sobre nenhum deles. Estava parado, esperando na Penumbra.

– Não atira, Osso Duro – pediu Lana, entrando na frente da arma.

– Mais esta agora, estava demorando para você aprontar outra.

– Vamos seguir pelo caminho, mas não atira nesse bicho. Ele está com medo.

– Meu Deus do Céu, Lana! – berrou a babá. – Ele não pode simplesmente ficar aqui. Ele é uma fera. Tem que ser morto para dar passagem para vocês. Pode devorar suas almas a qualquer instante.

– Ele não vai me atacar, eu sei. Só está confuso.

– Você é uma teimosa de uma figa! Saia já da frente! Vou acabar com isso com um tiro bem no meio dos olhos dele.

– Quando ele morrer, vai para onde?

Osso Duro deu um grito de pura irritação, recolocando Jorge no chão. Ela olhou para o horizonte. Os raios tinham parado, mas a babá sabia que não havia tempo a perder. Eles estavam a caminho, e cada minuto que a menina achava uma coisa para teimar era uma oportunidade para serem alcançados antes de chegarem no ponto de coleta.

– Tenha coração, Osso Duro! Ele não vai fazer nada.

O dragão grunhia parado no lugar.

Osso Duro contraiu a boca e bateu o pé repetidas vezes.

– Eu não posso simplesmente deixar um monstro solto na Penumbra porque você está com pena dele! Ele precisa ser arrancado daqui.

– Eu sigo o caminho, mas não atira… Ele é só um bichinho. Não precisamos de mais sofrimento.

Osso Duro tamborilava com seu indicador pontudo sobre a joia em sua gargantilha preta. Deu um giro irritada, fazendo seu vestido esvoaçar, e saiu pisando duro na estrada de terra sem esperar pelas crianças.

Lana respirava rapidamente enquanto olhava para trás e via o dragão olhar de volta para ela. Ele baixou a cabeça e ficou o mais rente possível ao chão, parecendo dócil e sem vontade alguma de atacar os pequenos.

Jorge estava paralisado, com sua calça molhada de xixi, ainda segurando o coelho. Assustou-se quando ouviu o grito de Osso Duro, que tinha parado adiante:

– Venham logo!

O menino, fascinado pela coragem de Lana em salvar o dragão e enfrentar a babá, deu a mão para a amiga e, juntos, foram em frente, deixando a recepção e o monstruoso dragão para trás.

– Por que ele queria pegar a gente, babá? – perguntou a voz fina de Jorge.

– Eles são assustadores e querem viver dentro de vocês. Gostam do que vocês têm em seu interior. Quando pegam vocês, devoram aos poucos. Um tiquinho de cada vez. Eu não posso deixar. Eles machucam todas as crianças.

Isso acaba comigo.

Jorge olhou para si, sua pele magra, pinçou uma dobra da barriga e a puxou.

– O que eu tenho aqui dentro?

Osso Duro parou um segundo e olhou para o garoto.

– Lembranças. Eles querem lembrar. Quem quer lembrar vira um monstro aqui dentro. A Penumbra não é lugar para vocês ficarem. É um lugar para seguir em frente, já falei. Ficar não serve para nada, não resolve nada. Também transforma a criança num monstro, num bicho seco e vazio por dentro.

Lana olhou para trás mais uma vez. O dragão já estava longe, quase não podia vê-lo, mas presenciou algo estranho. O dragão se dissolveu, virando uma nuvem escura que evaporou, subindo ao céu.

– Sinto que ele não queria devorar a gente.

Osso Duro franziu a boca, desgostosa.

– Sinto que ele só estava querendo nos assustar, sabe? – insistiu a garota.

– Você não sente nada. Você é só uma menina morta.

Jorge pegou a mão de Lana e a puxou. Em silêncio, os dois seguiram a babá Osso Duro.

CAPÍTULO
6

O céu era uma mistura agradável de rosa e azul. Lana continuava andando, seguindo a babá por um caminho além da colina da recepção. Eles não tinham se despedido de Rosa e Letão. Partiram rápido. Lana sentia como se tivesse dormido lá por dias e dias a fio, mas não podia ser. No dia anterior havia encontrado Jorge e a neném de que não se lembrava o nome. Rosa mencionara o nome na noite passada ou hoje pela manhã, quando amanhecia e o céu ficava roxo. Lana olhou para o alto novamente. As cores pareciam mais uma vez mergulhar no crepúsculo, mas não podia ser noite já. Eles tinham acabado de deixar o dragão para trás e o dia mal havia começado. Estava confusa. Talvez fosse o alvorecer ainda. A Penumbra só a estava deixando perdida. Sentiu seu coração apertar. Estava com saudade de Rosa e Letão sem saber muito bem o porquê, afinal de contas passou apenas algumas horas no casebre, aguardando a chegada da babá Osso Duro. Mesmo assim, algo dentro dela dizia que aqueles dois tinham feito tudo que podiam para que ela continuasse bem, para que seguisse o seu caminho sem sofrer mais. Alguém dissera, enquanto Lana dormia, que muitas escolhas eram difíceis. Deixar um ente querido seguir adiante, buscando o melhor para o seu conforto, era uma das escolhas mais difíceis. Lana só não lembrava onde estava quando teve essa conversa, com quem havia sido nem entendia seu significado.

Lana, enfim, sorriu, ao ver seu amigo Jorge carregando o coelho, a herança daquele encontro na recepção. Ela queria segurar o bichinho, mas sabia que ele acalmava o menino, e era o pequeno quem precisava ser acalmado. Ela só queria uma coisa: lembrar o rosto de sua mãe e terminar o desenho. Passou a mão no bolso da camisola e sentiu o papel dobrado lá dentro, ao lado do barbante. Talvez a mãe tivesse o cabelo mais cacheado. Talvez cantasse sempre a mesma música antes de dormir. Outro relâmpago. Lana sabia que aqueles lampejos não eram coisa boa.

A babá, que percorria o caminho à frente, virou-se e a encarou com olhos de reprovação. O tempo parecia estacionado naquela terra. Ela via a luz suave do sol nascente, mas não conseguia sentir seu calor. Parecia que era sempre

inverno ali. Seus dedos estavam frios, as pontas dos pés também. Até mesmo seu coração parecia gelado. Lana havia esquecido os nomes de sua escola e da rua onde morava. Ela ia se sentindo cada vez menos Lana e cada vez mais uma alma perdida. Sabia que as pessoas morriam. A mãe tinha falado muito disso com ela, quando acreditava que iria partir por causa da coisa no seio e enchia Lana de raiva e medo. O câncer levava muita gente embora. A menina tinha ficado apavorada com a ideia de continuar a vida sem a mãe. Ficaria sozinha. O pai não era uma opção. Ele nunca existiu. Nunca ligava, nunca dava notícias, era como se havia muito já vivesse na Penumbra e tivesse esquecido tudo.

Dois relâmpagos vararam as nuvens. Eram estranhos. Eram só luz. Quase nunca vinham seguidos de um trovão. Osso Duro parou mais uma vez, olhando para a menina.

– Lembrar na Penumbra não é uma coisa boa, Lana. Pare com isso.

Lana engoliu em seco. Não fazia de propósito. Essas coisas estavam pinicando sua cabeça. Ela escondia uma foto 3x4 do pai numa lasca do seu guarda-roupa. Às vezes, quando ficava brava com a mamãe e com o câncer de mama dela, conversava com a fotografia. Fingia que o pai estava do seu lado perguntando o que ela achava de tudo aquilo e por que estava tão aborrecida. Ele tinha os olhos cor de caramelo e nunca esteve em sua casa em nenhum de seus aniversários, nem ao lado de sua cama para fazer carinho quando ela queimava de febre. Era sempre a mãe. Era sempre ela, e só ela. E Lana tinha esquecido e não sentia mais falta do pai, mas gostava de dizer para ele como estava lidando com as coisas quando ficava brava.

– Por que você tá chorando, Lana? – A menina deu de ombros, evitando encarar o pequeno Jorge. – Eu queria saber. Você tá triste o dia todo.

Lana secou os olhos e sentou-se sobre um tronco de árvore caído.

– Eu me lembro do rosto do meu pai, que nem me conhece direito, e me esqueci do da mamãe. Eu não quero esquecer o rosto dela. Eu preferia trocar.

– Vocês se esquecerão de tudo para poder passar, menina. É assim que funciona. Vocês precisam esquecer para atravessar em paz. É lá, depois de a luz salvar suas almas, que chegarão ao encanto. Não ache que é igual à Penumbra. A Penumbra só está aqui para esquecerem o sofrimento da carne; do outro lado não há mais sofrimento.

– A gente tá de castigo aqui, babá? – perguntou Jorge.

Osso Duro virou-se para as crianças e ficou parada um instante, encarando-as. Ajoelhou-se na beira do caminho e segurou a mão de Jorge e a mão de Lana.

– Não. Vocês não estão de castigo, é bem o contrário disso. Aqui é como um remédio ruim que precisam tomar antes de seguirem em frente. Para que servem os remédios ruins?

– Sempre dizem que é para sarar a gente – começou Lana, baixando a cabeça. – Mas nem sempre dá certo.

Osso Duro soltou um suspiro e abraçou a menina rapidamente. Logo a afastou e passou a mão pelo vestido, pondo-se de pé.

– Bem, a Penumbra é um remédio amargo, mas funciona. Vocês precisam esquecer tudo que se passou para curar suas feridas e seguirem para o lugar melhor. Lá, um dia, todos os que vocês amaram na vida os reencontrarão.

– Isso vai demorar? – perguntou Lana.

– Ame agora. Goste das pessoas agora, Lana. Era isso que todos deveriam fazer todos os dias para não ficarem preocupados e arrependidos na Penumbra.

– Eu não estou arrependida, babá. Eu amei minha mãe todos os dias. Ela me beijava todos os dias. Ela me amava mais do que tudo, e eu não tenho a menor dúvida disso, babá. Só estou com saudade.

– Eu não sei o que é saudade. Nisso eu não posso ajudar – respondeu a babá, recomeçando a andar. – Apenas faça o que as crianças na Penumbra precisam fazer e siga para o lugar melhor.

– Se eu esquecer o rosto da mamãe, nunca vou atravessar em paz! Prometi a ela que não esqueceria.

– Lana, já lhe expliquei que promessas não fazem bem na Penumbra. Aqui é a terra de esquecer, e é onde as promessas não vingam.

– Mas você prometeu, Osso Duro, você prometeu desenhar o rosto da minha mãe. Prometeu me deixar vê-la mais uma vez.

– Por que você quer tanto isso? Não pode esperar? Aqui é só um pedaço, quando você for para o outro lado, eu já disse um monte de vezes, vocês vão

se reencontrar!

– Mas se eu tiver esquecido o rosto dela, como a reconhecerei do outro lado depois, Osso Duro? Eu tenho medo de nunca mais ver a mamãe!

– Do outro lado, do lado onde a luz não acaba, as pessoas se reencontram, Lana. Fique tranquila.

– Então por que a senhora não atravessou? Por que está aqui procurando a menina certa?

Osso Duro levou as mãos esqueléticas aos olhos, batendo-as contra a cabeça e bufando irritada.

– Se você não atravessar agora, eu e você estaremos em maus lençóis. Quando chegarmos à ponte, apenas atravesse. Cada relâmpago que clareou o céu é um deles vindo atrás de você, cedo ou tarde estarão aqui. Pare de querer lembrar, Lana.

– Eu preciso lembrar, Osso Duro!

– Eles vão nos encontrar, vão encontrar seu amiguinho aqui. Eles não querem saber o rosto de ninguém. Só querem tomar sua energia.

– Eu quero voltar. Quero voltar para casa. Quero me lembrar do rosto da mamãe.

Osso Duro olhou para o alto e para os lados.

– Não diga isso. Eles podem ouvir você.

– Eu quero voltar pra minha mãe!

Osso Duro aproximou-se de Lana e tapou sua boca com a mão esquelética.

– Shhhhhh. Não é uma boa hora.

Jorge, segurando o coelho, assustou-se com a cena.

– Você vai machucar ela, babá.

– Não vou. Minha missão é proteger vocês e fazê-los atravessar. Proteger significa não deixar que ela chame atenção dos atravessadores. Eles querem todos vocês. E se não formos para a ponte agora, eles vão pegá-los.

– O que eles fazem com a gente quando nos pegam?

Osso Duro fitou o menino. Ela sabia que muitas das crianças, dada a

natureza de suas partidas, chegavam ali muito assustadas, e usava isso a seu favor.

– Eu já expliquei, Jorge, mas se quer ser lembrado, tudo bem. Eles devoram sua energia, porque precisam da força que vocês carregam. Quanto maior a força de vocês, mais deles vêm para cá. Mais famintos eles ficam.

– Por que eles comem nossa força? – perguntou Lana.

– Eles são mal-intencionados. São almas que não se libertaram. Acostumaram-se tanto ao sofrimento que querem fazer os outros sofrerem também. Como você, garotinha burra, eles não quiseram esquecer. Pior, quiseram voltar. Eles usam a força das almas puras para abrir as pontes que estão fechadas e que não deveriam ser cruzadas de novo. Querem vocês para atravessar novamente.

– Atravessar para onde? – insistiu Lana.

– Para o mundo dos vivos. Eles são atravessadores. Eles voltam e assombram os vivos, causando mais dor e mais sofrimento. Eles são almas perdidas, Lana, transformam-se em fantasmas. Não há nada de bom nem fofo nisso.

– Tá vendo? Isso quer dizer que existe um jeito de voltar? Eu quero ver o rosto da mamãe, babá Osso Duro, só uma vez.

– Não diga isso! Não existe jeito algum de voltar.

– Eu não quero partir sem ver o rosto dela.

– Shhh. Eu já te avisei. Eu desenho sua mãe.

O céu voltou a escurecer, fazendo a babá encostar ao lado das crianças.

– Você tem que se aquietar, Lana! Eles percebem a sua insatisfação, o seu desejo de ficar encoraja esses desgraçados, pois isso é a mesma coisa que eles querem. Ficar para trás. Assombrar o passado. Reacender toda a dor. Essas aparições devoram o coração de quem amam, e eles não conseguem enxergar isso, Lana. E se você voltar é isso que você vai fazer: vai enfiar seus dentes e suas garras no coração da sua mãe e fazê-la chorar, porque ela saberá que você não foi para o lugar melhor, que você está vagando na terra das crianças perdidas, gastando sua energia para ficar onde não deveria.

– Mas o que eu posso fazer? Estou insatisfeita mesmo. Prometi nunca esquecê-la, não quero ir sem me lembrar do rosto dela. Eu vou morrer se não

conseguir lembrar. Só quero vê-la, não quero assombrá-la.

– Cale a boca. Você está colocando todos nós em risco. Não percebe? Não é porque você está morta que não tem mais nada a perder.

Lana arquejava. A menina olhou para as sombras esparramando-se pelo céu.

– Um deles vai atravessar porque você é uma egoísta. Preciso fazer seu amigo passar para o outro lado e ficar a salvo.

– Do outro lado é seguro, babá?

– É claro que é seguro, menino. Qualquer lugar é mais seguro do que aqui. Não viu o dragão?

Jorge balançou a cabeça afirmativamente.

– Mas se estamos mortos, qual é o problema de ficar aqui?

A babá girou sobre os pés, abrindo novamente seu grande vestido-capa e colocando a mão na coronha da arma.

– Tomara que você nunca descubra, menina. Coisas horríveis acontecem com os perdidos. Quem fica aqui seca por dentro e perde toda a paixão, vira resto do que foi e esquece o que era. Esses atravessadores não valem nada, não têm pena de ninguém. Eles só querem usar sua força para atravessar e perseguir o passado que ninguém pode mudar. Quem morreu no mundo duro, morreu.

– Atravessar dói? – perguntou o menino.

Osso Duro, com seus olhos cadavéricos e rosto soturno, assentiu e respondeu:

– Atravessar para o lado errado machuca muito.

Jorge correu até a babá e abraçou-se à sua cintura.

– Então me atravessa para o lado certo, babá! Me leva embora daqui, eu não quero sentir dor! Não quero!

– Você está morto, você não sente dor – disse Lana, com a voz amarga.

Osso Duro virou-se para a menina e abriu a boca num esgar.

– Todos aqui estão mortos, mas esses desgraçados vivem tentando trazer coisas do mundo dos vivos para perto da gente. Querem lembranças, mas

criam um ninho de saudade. Saudade, se não for bem tratada, machuca. Eles vão fazer você se lembrar das piores coisas do mundo dos vivos. Farão você se lembrar da dor, menina, e das escolhas.

Lana ficou calada, olhando para o alto como fazia a babá.

Um relâmpago estourou no céu e uma sombra explodiu contra o chão, na mata distante. O trio ficou parado por um instante, vendo fagulhas e fumaça subindo do meio da vegetação.

– Saco! Merda! Agora eles sabem que você está aqui, menina. Esse chegou perto demais. Pare de chorar, pare de sofrer, apenas esqueça.

– Eu não quero esquecer minha mãe. Você é muito malvada. Você quer que a gente esqueça quem ama a gente. Você não liga para o que sentimos!

– Você não tem que sentir nada, menina. Você é só uma menina morta. Eu já avisei. Se você não esquecer quem ficou para trás, vai fazê-los sofrer. Essa sua vontade de estar ainda do lado de lá cria um cheiro irresistível para os atravessadores. É você mesma quem dá força para eles te encontrarem.

– Me ajude a me lembrar da mamãe que eu vou embora com você, babá, para onde você quiser, do jeito que você quiser.

Osso Duro viu a menina desdobrando a folha e revelando o desenho mais uma vez. A babá sorriu. A Penumbra trabalhava devagar com aquela criança, mas estava trabalhando. Lana já havia mudado o desenho e tinha esquecido que parte do trato era Osso Duro desenhar. A babá encarou o papel. Quando a garota fez aqueles novos traços? Não tinha visto. Mas agora o desenho mostrava três pessoas na folha rota. Lana estava ao lado de uma mulher sem rosto. Do outro lado da mulher, um menino magricela.

– Esse sou eu? – perguntou Jorge, achegando-se aos rabiscos.

– É. É você, sim.

– Ficou tão legal, não é mesmo, babá?

Osso Duro olhava para a planície abaixo da colina que estavam cruzando. Era a terceira e estavam longe do casebre da recepção e das armas de Rosa e Letão. Mirou os dois miúdos agrupados ao redor do desenho. Ela não tinha tempo para contemplar e entender. Precisava cumprir sua missão. Sua missão era atravessá-los, garantir que suas almas seguissem adiante, que tivessem a chance de fazer sentido. Não tinha piedade ou qualquer apego às almas que

apareciam na recepção, só queria que eles fossem em frente, que seguissem para a ponte e fizessem a travessia. O céu continuava escurecendo, mesmo depois de o atravessador ter aterrissado. As crianças distraíam-se com o desenho da menina sem ter ideia de que suas almas estavam em risco, de verdade, naquele momento. Osso Duro cerrou os olhos e tentou enxergar onde ele estava. A poeira levantada pela queda do atravessador ainda estava suspensa no ar, a quilômetros de distância. Aquelas criaturas estavam chegando cada vez mais perto.

– Você pode me desenhar maior, com mais músculos? – perguntou Jorge.

Lana riu do pedido do amigo que acariciava seu coelho.

– Posso, mas aí não seria mais você.

– Eu sempre quis ter mais músculos. Resolveria todos os meus problemas, ninguém iria mais mandar em mim nem me bater. Se alguém me batesse, eu esmagaria sua cabeça. Ninguém iria esmagar minha cabeça nem me chamar de fracote. Meu pai não iria mais bater na minha mãe e eu iria enfrentar ele, sabe? Eu teria mais coragem!

Lana abraçou Jorge e acalmou o garoto, que tinha se exaltado.

– Lembranças são um saco, está vendo? – advertiu Osso Duro, tirando o revólver da cintura. – Ninguém precisa de lembranças aqui, Lana. Esqueça tudo, até o dia de sua morte.

– Como eu morri? – perguntou o menino.

Osso Duro colocou a mão direita em concha sobre as sobrancelhas de sua caveira. Não conseguia enxergar o maldito. Precisava descer pela ravina, levando as crianças na direção da fumaça. O caminho serpenteava por ali. Uma das pontes ficava junto ao rio, perto da cachoeira. Não gostava da cachoeira, mas a luz sempre aparecia lá no alto. Tinha que fazê-los seguir para a cura mesmo que não gostassem do jeito como ela faria isso. Não se importava com o que pensavam. Era só seu trabalho.

– Como a gente morreu? – reforçou a menina, também curiosa.

De novo essas perguntas que não ajudam em nada, pensou a babá.

– Vocês deveriam se preocupar com o que virá, e não com o que já foi.

– Não lembro o que eu estava fazendo. Eu estava doente? – insistiu Jorge.

– Lembro que eu estava com a mamãe. Ela nunca, nunca me deixou sozinha depois que fui pra lá. Estávamos num lugar que todos nós conhecemos. O lugar onde tudo começa.

Outro trovão roncou no céu ainda mais escuro.

– O tempo de vocês está acabando, Lana. Não lembre agora. Eles estão farejando você, eles querem você.

– A mamãe cantava uma musiquinha pra mim. Ela cantava para eu dormir e também cantava depois, enquanto eu estava dormindo. Antes, ela nunca estava lá. Não tinha tempo, precisava correr para resolver as coisas, mas daí percebeu que era melhor ficar comigo do que ficar preocupada com as coisas… – Lana sorriu.

Um raio intenso iluminou o céu e outra nuvem de poeira se levantou do chão, fazendo Osso Duro trincar os dentes e cerrar os olhos, virando-se repentinamente para a menina.

– Esqueça! – vociferou a babá, empurrando Lana, que voou e caiu de costas no chão empoeirado da colina.

Lana tremeu de frio e medo. Ficou ajoelhada, assustada.

– Pare de lembrar. Você precisa esquecer para ir em frente. Quer fazer todos sofrerem aqui? Quer que eles peguem o seu amigo? É exatamente isso que vai acontecer. Eles vão engolir primeiro o seu amigo, que é mais fraco, e depois você.

Lana começou a chorar. Quase tinha conseguido ver o rosto da mãe de novo. Ela cantava. Uma música conhecida tocava em seus ouvidos. O caminho do poço das lágrimas, algo sobre um caminho, sobre seguir em frente. O coelhinho escapou do colo de Jorge e foi lamber as mãos de Lana com sua linguinha áspera.

– Mamãe… – choramingou a menina.

Outro raio faiscou nas nuvens e mais um estouro espocou abaixo da colina, fazendo o chão tremer e o céu roncar.

– Esse caiu bem perto. – Osso Duro comprimiu os olhos enquanto desabotoava seu vestido e liberava o guarda-armas.

– Eu não quero ser devorado primeiro. Para, Lana!

Osso Duro viu a sombra se mexendo no pé da colina. Tinha chegado a hora de correr com as crianças. Uma criatura assustadora havia parado sobre dois pés e erguido o focinho para o ar, farejando. Viria assombrar aqueles dois. Seu corpo em forma de lobo liberava um filete fumegante, farejando e avançando. Quando tocava o focinho na relva, a grama se incendiava, e fagulhas se esparramavam para todos os lados à medida que a criatura se movia. O bicho abriu a boca cheia de dentes e soltou um urro apavorante.

– Ele nos encontrou. Está feliz agora?

Jorge correu para perto de Osso Duro, pegando o coelho no colo.

– Não deixa o atravessador nos pegar, babá, por favor!

– Temos que fugir, rápido. Temos que encontrar uma passagem para Lana seguir em frente, agora!

A criatura se movia lentamente, diferente do dragão, que tinha corrido em direção ao abrigo da recepção. Apesar de ser bem menor que o dragão, o atravessador tinha um aspecto muito mais maligno. Suas patas fortes terminavam em garras agudas e compridas. Dentes longos e pontiagudos saíam de sua boca e seus olhos pareciam feitos de fogo. Osso Duro ficava mais preocupada com esses atravessadores, porque eram mais espertos e mais engenhosos que os monstros maiores. Ele não viria babando para cima deles como o dragão; iria rodeá-los e atacaria quando estivessem desprevenidos. Eram criaturas daninhas, que viviam de atacar a luz dos inocentes. Osso Duro olhou para Lana e Jorge. Tinha que tirá-los dali e levá-los até a ponte. Era o seu trabalho, era a sua missão até que encontrasse a criança certa.

– Você precisa nos ajudar, Lana. Precisa aceitar o que aconteceu. Se você não atravessar logo, eu não poderei protegê-la.

Lana secou as lágrimas pela enésima vez.

– Se eu estou morta, estou morta. Minha mãe explicou para mim o que era a morte enquanto ela lutava. Me ensinou a não ter medo dela.

– Sua mãe é esperta. Já gostei dela. A morte é a morte. Estamos cercados, sempre, por essas duas forças naturais. Uma é irmã da outra. Começamos e terminamos na Terra e continuamos viajando pelo Universo. Essa Senhora é apenas uma porta para chegar aos outros lugares possíveis.

– Eu só não aceito não lembrar o rosto da minha mãe. Ela me acordava

com beijinhos todos os dias. Ela contava historinha antes de eu dormir. Ela me amava, babá, e eu a amava profundamente. Não quero esquecê-la.

– Mas entenda que sua energia, querida, é a coisa mais importante a preservar. Se ficar aqui, vão tomá-la de você, e você será mais um deles. Um fantasma. Siga em frente e liberte você e também quem ficou para trás. Se ficar aqui, vai esquecer tudo, vai esquecer quem você é. Siga em frente. Você viverá novos amores. Você viverá novas vidas, Lana, onde esperam por você como você espera por sua mãe. Não fique aqui. Viva novas vidas, Lana.

Osso Duro olhou novamente para a planície. A sombra tinha se movido mais uma vez.

– Ele é ardiloso. Está atrás daquela pedra esperando a gente se aproximar. Sabe que temos que passar por aquele caminho – revelou a babá, apontando o revólver na direção do monstro.

Jorge colocou a mão em concha sobre a testa e ficou parado um momento. Lana enxergou a criatura de primeira e, percebendo que Osso Duro olhava para a planície, começou a descer a colina correndo.

– Lana! – gritou a babá.

– Pra onde ela vai? – perguntou o menino.

– Fazer besteira.

Osso Duro apontou o revólver para as costas da garota e rangeu os dentes. Bufou, baixando o cano da arma. Queria dar uma lição nela, mas não poderia ser desse jeito. Começou a correr no encalço da menina.

Lana olhava para as pedras. Queria alcançar o monstro. A criatura já a tinha visto, ela sabia. Saiu do esconderijo e também começou a correr na direção da menina. Lana precisava alcançá-lo antes que fosse detida. Precisava se livrar da babá e de sua obsessão por levá-la embora, para longe de sua mãe. Lana queria tempo para lembrar o rosto dela. Só isso. Não estava pronta para ser outra coisa em outra vida. Por mais que gostasse de Jorge e da babá Osso Duro, ainda gostava mais de sua mãe e de seu passado.

A criatura acelerou, impulsionada por patas ligeiras, detentora de olhos brasis e selvagens. Lana sentiu um frio na barriga ao se aproximar e notar que o ar ficava cada vez mais quente. Talvez Osso Duro tivesse mesmo razão. Talvez não fosse uma boa ideia se aproximar de um atravessador. Precisava

controlar seu medo. Se aquela era a chave para o único caminho de volta até o mundo dos vivos, precisava ter coragem e continuar o plano, fazer contato com aquele ser apavorante que agora rosnava e grunhia. Não esqueceria o rosto de sua mãe. Tinha decidido. Lana voltaria para o mundo dos vivos.

A menina concentrou-se na corrida e acelerou, seus pés não pesavam e seus músculos não ardiam, parecia que, se ela quisesse, ela… ela conseguiria… Lana sentiu uma vertigem quando seus pés descolaram do gramado da colina, e seu corpo se elevou quando saltou na direção da criatura. A menina abriu um sorriso largo ao perceber que aquele salto era um salto diferente, um salto que não seria possível no mundo dos vivos. Lana estava voando ao encontro do atravessador, ganhando altura, cruzando a distância. Seu sorriso desapareceu ao notar que estava indo alto demais. Seu coração estava mais disparado do que seu corpo que voava. Lana deu um grito quando começou a cair de volta ao chão.

A criatura tinha freado sua corrida de fera e congelado, maravilhada com a visão de Lana cruzando o céu em sua direção, pulando e voando como uma fada.

– Ela vai cair com tudo! – gritou Jorge lá de trás.

O medo abandonou Lana ao perceber o atravessador boquiaberto e paralisado. Estava quase o alcançando, e descobriria como ver sua mãe mais uma vez. Ela sabia que podia. A babá não mandava nela. Lana sempre conseguia o que queria, era só insistir, só pressionar do jeito certo que as coisas aconteciam. Perdeu o medo do salto. Cairia perto do bicho. Só assim conseguiria voltar para casa, vencendo seus medos. Corrigiu a posição, colocando os pés para a frente e preparando-se para o impacto. Persistiria. Lana deixou a relva, chegando a um terreno mais seco. Era naquela divisa que o atravessador esperava, erguendo-se sobre suas patas traseiras. A menina caiu e rolou pelo chão, jogando para cima uma nuvem de pedriscos. Embolou-se em sua camisola e viu o pedaço de papel com o desenho da mãe voar. Lana ficou de pé e gritou, alcançando a folha, ainda dobrada. A criatura, já ao seu lado, abria a boca, salivando. Do corpo da fera se desprendia um véu de fumaça e um calor abrasante. O papel nas mãos de Lana encheu-se de fagulhas, e a menina debruçou-se sobre a folha para impedir que ela pegasse fogo.

Uma explosão. A criatura que rosnava para Lana tombou e se arrastou no chão seco, deixando a ravina e lançando pedriscos para o alto. Lana ajoelhou-se e rastejou até parar ao lado da cabeça da criatura ferida. Dele exalava um cheiro doce, um aroma de guloseimas de crianças. Os olhos da fera se apagaram, e ela soltou um som gutural. Não podia ser! Aquele bicho era sua passagem para ver a mãe. Alguém tinha dito que as criaturas da Penumbra atravessavam para o mundo dos vivos. Ela sabia que tinha ouvido isso. Lágrimas molharam seus olhos. Estava tudo perdido. A criatura ferida e agonizante estremecia no chão. A poeira dos pedriscos assentava, revelando os vultos de Osso Duro, que ralhava e resmungava, e de Jorge, que vinha atrás da babá.

– Não acredite nela – gemeu o bicho tombado. – Osso Duro é uma mentirosa. Ela não vai salvar ninguém, ela nunca consegue salvar a gente.

A criatura arfava diante dos olhos arregalados de Lana. A menina debruçou-se sobre o bicho, ficando próxima de sua bocarra impressionante, recoberta de dentes finos e escuros, com sua pelagem negra e cintilante que começava a evaporar. Fagulhas escapavam pelas trêmulas patas inferiores, e um forte cheiro de madeira queimada infestava o entorno. As patas dianteiras tinham tomado forma de braços humanos. Braços de criança. Seu corpo continuou exalando fumaça, e seus pelos de lobo, evaporando cada vez mais e mais, lançavam fuligem para o alto, que era levada pelo vento da Penumbra até restar naquele corpo apenas as feições de um garoto franzino, delicado. Pelo algum restou em seu corpo, e sua cabeça chegava a luzir. Ele estava doente, machucado e à beira da morte.

O pequeno coelho branco chegou saltando e parou ao lado de Lana, mordendo a barra de sua camisola e a puxando, tentando afastá-la daquilo que já fora a fera.

– Ela só quer ver você fora daqui. Você atrapalha a babá. Você é diferente das outras – falou a criança com a voz fraca.

– Eu preciso voltar e ela não deixa. Eu posso?

– Voltar? – O menino moribundo sorriu com sangue nos dentes. Tossiu antes de continuar: – Eu vi o seu salto. Você pode o que quiser na Penumbra. Só os especiais despencam das sombras. Por isso eles querem que você esqueça. Para não deixar a gente forte. Ela quer te iludir, toma cuidado. Ela

me prendeu aqui. Ela prende todos nós aqui.

– Eu não estou entendendo. Ela quer que eu vá embora. Ela não me quer por perto.

– Ela não quer que ninguém saia de perto dela. Ela é uma mentirosa, Lana! Uma mentirosa! Essa dor nunca vai passar. Nunca!

– Como eu posso voltar? Como eu posso ver a mamãe?

– Você… vai… vai precisar de um atravessador. Vai precisar de mim.

Lana aproximou-se ainda mais do garoto, que falava cada vez mais baixo, sucumbindo ao ferimento.

A menina estendeu o braço em direção a ele, compadecida de sua agonia e intrigada com suas palavras, enquanto o coelhinho tornava a morder a barra de sua camisola tentando puxá-la para longe.

– Lana, não faça isso! – gritou a babá, correndo em sua direção. – Não toque o atravessador!

Lana voltou os olhos para o atravessador, que sorria, e a mão dele disparou como um raio em direção à da menina, agarrando seu pulso direito com a força de um alicate. Seu rosto voltou a ser de lobo, e sua boca de fera explodiu numa gargalhada aterradora.

– Me larga! – gritou a menina, com o braço doendo e ardendo com o calor, tentando se desvencilhar do aperto.

A criatura, que um segundo atrás parecia às portas da morte, levantou-se com agilidade e começou a arrastar Lana, ganhando velocidade rapidamente e deixando uma trilha de fagulhas e fumaça. Precavido, girou a garota com força ao seu redor, fazendo uma cortina de poeira subir, nublando ainda mais a visão de Osso Duro. A babá baixou sua arma. Não podia disparar com Lana em perigo.

– Atira, Osso Duro! – berrou Jorge. – Salva a Lana!

Osso Duro trincou os dentes tentando discernir a sombra da criatura que se afastava.

– Por que você não acerta o bicho? Ele tá levando a Lana!

– Primeiro, porque eu posso acertar a menina, e não quero. Ela já está morta, mas ia machucar um bocado. Segundo, até que é bom ela aprender que

não estamos aqui para brincadeira. Deixa ela se borrar um pouco. Ele não vai conseguir atravessá-la. – Osso Duro coçou seu queixo pontudo, olhou para Jorge e para a silhueta no meio da poeira. – Bem, vamos correr atrás dela. O diabo está fraco, mas ainda pode fazer maldades.

Lana gemia, sentindo as costas arrastarem contra os pedregulhos do chão. Ela não sentia dor, mas estava aflita. O coelho de Jorge estava em seu colo, agarrado pelo braço livre da menina.

– Me larga!

O atravessador parou e olhou para trás. A maldita babá corria em seu encalço.

– Por que ela gosta tanto de você? – perguntou o bicho. – Nunca a vi correndo por ninguém. Que inveja!

– Me larga!

– Vou te largar, claro. Ou o que sobrar de você.

Lana, horrorizada, viu fios finos e vivos escapando da boca, dos olhos e dos ouvidos do atravessador. Eram fios negros como cabelo, que flutuaram e se projetaram rapidamente para ela, subindo por seus braços. Esses fios enrodilharam toda a cabeça da garota, tapando sua boca e seus olhos. Seu grito foi sufocado, e então um bolo deles enroscou-se em seu pescoço, apertando, trancando sua passagem de ar. Ela estava presa! Lana não parou de se debater por nenhum instante, lutando contra aquele abraço tétrico e desconfortável. Lutou até seus pés soltarem-se do chão e o torpor chegar. O coelho esperneou em sua mão quando seus dedos se afrouxaram. Ela não sentia mais o coelho, não sentia mais o chão. Era como se seu corpo tivesse deixado a Penumbra para trás.

Lana queria gritar, mas não podia. O calor da fera deu lugar a um frio intenso que envolveu todo seu corpo. Tinha perdido as forças e pensou que tivesse desmaiado, mas, não, a agonia continuava. Estava com os olhos cobertos e a garganta presa. Aquela pressão assustadora cedeu aos poucos. Com um puxão, Lana arrancou os fios que a cegavam e teve que fechar os olhos com força por causa da luz intensa. Seus dedos afundaram nos lábios e ela puxou o ar com vontade. Soltou um grito.

– Osso Duro! – gritou, pedindo ajuda.

Seus olhos arregalados varreram o entorno. Não tinha mais chão de terra nem pedras. O bicho, ainda ligado a ela por fios, cavava o chão acarpetado à sua frente. Lana gritou novamente ao ver uma enorme serpente atravessando o teto, como se ele fosse líquido. A serpente flutuou em sua direção e então fez uma curva na última hora, voltando para o teto e afundando no concreto, e deslizou até desaparecer. A luz tremeluziu, como se a serpente voadora tivesse interrompido a energia da lâmpada. Parecia o dragão, mas não era. Era um bicho azul-petróleo, bem menor do que o dragão. Lana caiu sentada no chão macio. Não sabia onde estava. Correu por uma porta aberta que dava num corredor com fotografias na parede, chegando a uma sala. Um vaso sobre uma mesinha de madeira. Sentiu um puxão e caiu sentada de novo. Os fios do atravessador ainda estavam presos em seu corpo. Sem saber por quê, Lana gritou:

– Mamãe!

O coelhinho pulou de seus braços e saltitou ligeiro pelo corredor, sumindo por uma porta.

O atravessador reapareceu, aproximando-se da menina:

– Fique parada! Você precisa me ajudar!

– Não! Eu quero a minha mãe!

– Eu te levo até ela, não estamos longe agora, veja, mas não estou conseguindo atravessar. Falta pouco, mas você é danada mesmo, bem que disseram. Sua casca é muito forte! Se você não ficar quieta, nunca mais vai ver sua mãe.

– Lana…

Lana sentiu sua pele arrepiar-se. Ela conhecia aquela voz.

– Mamãe!

– Lana, eu estou aqui, filha! Eu não desisti de você!

A menina girou no meio da sala. Onde estava? Ela conhecia aquele lugar. A voz vinha do corredor? Ela só via o coelhinho, que havia saído do quarto e agora estava parado à porta. As fotografias! Onde estavam? Ela podia ouvir e podia ver. Tinha que encontrar sua mãe. Ela estava ali pertinho. Era a voz de sua mãe.

– Lana! – ouviu um grito seco.

– Mamãe, eu estou aqui! Mamãe!

Uma mulher surgiu no corredor. Seu rosto estava coberto pelo tecido fino e leve de uma cortina que esvoaçava com o vento que entrava pela janela. Era ela!

– Mamãe. Sou eu! Eu disse que conseguiria voltar!

– Lana… Filha, eu estou ouvindo. Estou ouvindo você. É você mesma? Quer que eu espere mais um pouco?

A cortina continuava tremulando. Lana deu um passo à frente. Era só conseguir se aproximar. Era só atravessar a cortina. Atravessar aquele véu. Garras. Impossível vencer a distância. Todos se distanciavam cedo ou tarde. Ninguém sabia, de verdade, quanto tempo tinha para abraçar quem amava. Lana queria abraçar. Queria dizer para a mãe que ainda a amava. Foi puxada mais uma vez, sendo apartada velozmente da mulher e caindo de costas no carpete da sala, com os fios do atravessador enrodilhando novamente seu pescoço e sua cintura. Lana olhou para o lado e viu o sofá da sala. Um brinquedo que ela conhecia estava no assento. Um robozinho. Ela amava robozinhos de ferro, imutáveis.

– Fique quieta, tô tentando levar a gente de volta – disse a fera quente ao seu lado. – Só mais um instante e vou conseguir atravessar e libertar você daquela caveira dos infernos. Ela nunca ajuda a gente. Nunca! Ela traz dor. Muita dor. Ela só quer ajudar aquela outra, quer encontrar aquela outra, esqueceu a gente, esqueceu!

– Eu quero me lembrar da minha mãe. Ela está bem ali – gemeu Lana, puxando os fios do atravessador de seu pescoço, lutando para se livrar daquela força imbatível.

Estava tão perto. Era só resistir. Era só teimar que venceria.

A criatura que atravessava os mundos parou de cavoucar o carpete, e seu rosto era puro desamparo e descontentamento.

– Droga! Droga! Você tem que me ajudar! Por que sua casca é tão dura?! Não podia ser igual à de todo mundo? Eu não vou conseguir passar para o lado de lá! Não tá dando! – A criatura fez os fios prenderem com mais força a garganta de Lana. – Desculpa aí, mas preciso de mais força. Toda a sua energia.

– Lana! – repetiu a voz. – Eu não desisti de você, filhinha. É tão difícil ficar sem você aqui…

– Mãe! Socorro!

Lana deu um grito agoniado, sua garganta doía, seus braços, presos ao atravessador, estavam ficando vermelhos, e o calor da fera aumentava enquanto a sala se enchia de fagulhas. Ela lutava para se livrar.

– Você precisa me ajudar a passar! – gritou a fera, aproximando-se.

Lana empurrou o corpo para trás. Ela queria correr, mas não conseguia. A fera a mantinha presa e se aproximava de sua pele com os dentes longos e a boca salivante, apertando cada vez mais os fios que a prendiam. Por que aquilo estava acontecendo? Por que estava ali?

A menina caiu no sofá. O sofá da sala de sua casa. Era isso. A luz explodiu num clarão. Aquele lugar era sua casa! A casa onde vivia com sua mãe! A mulher no corredor. Ela tinha que alcançar a mulher no corredor. A mulher que falava dela. Era ela, sua mãe. Lana puxou os fios com toda a força que conseguiu reunir e olhou para o corredor. As cortinas esvoaçando tapavam o rosto da mulher. Ela tinha que ver o rosto da mãe. Tinha prometido não esquecer. Elas moravam ali, sozinhas. Agarrou uma almofada amarela e a colocou entre si e a fera, que dava passos na direção da garota com a bocarra aberta e os dentes salivando, querendo atingir sua pele. Segurou algo embaixo da almofada. O brinquedo. O seu robozinho, seu companheiro e herói das aventuras.

– Droga, Lana! Deixa de ser teimosa! Ela está aqui! Me ajuda, Lana. Se ficar quieta e me der mais força, eu atravesso nós dois. Você vai VER sua mãe! Vai FICAR com sua mãe. Para sempre.

Lana estava com medo. Não confiava mais no atravessador, sabia que a fera diria qualquer coisa para ter o que queria. Continuou empurrando a almofada contra o rosto da fera com uma mão. A almofada começou a fumegar e a aquecer-se enquanto a outra mão se aferrava ao robozinho. Seu brinquedo favorito. Quando o atravessador deu uma nova investida, apertando ainda mais os fios e diminuindo o espaço para ela refutar, Lana bateu contra a boca do bicho com seu robô. Pedaços de ferro e plástico fincaram na gengiva da criatura.

– Mamãe! – gritou ela. – Me ajuda. Fica comigo.

– Lana! – respondeu a voz da mãe de algum lugar, enfraquecida.

A menina chorava sem conseguir enxergar sua mãe. Estavam próximas, mas ainda separadas.

– Ela tá aqui! Ela tá aqui! Para de brigar, menina! Você disse que iria me ajudar!

– Não! – gritou Lana, golpeando novamente com seu robô. – Você não quer me ajudar!

Enfiou o brinquedo na boca da fera, que o estraçalhou, fazendo pedaços quebrados voarem para todos os lados.

– Não era pra ser assim! – rugiu a fera.

Lana contraiu-se esperando a mordida, mas ela não veio. Abriu os olhos. A fera afrouxou os fios que a prendiam enquanto grunhia com algo espezinhando seus olhos, obrigando-a a se abaixar e rolar pelo carpete, uivando de dor e raiva e distraindo-se de Lana.

Livre dos fios, Lana levantou-se do sofá de sua casa com carpete esmeralda e deixou seus olhos vaguearem. Não tinha tempo de entender. Algo em seu interior dizia que precisava agir rápido. O tempo estava acabando. Ela estava ali. Via uma mulher parada no corredor que dava acesso aos quartos. O mesmo que ela usava nas madrugadas em que acordava de pesadelos e corria para a cama da mãe. A geladeira vermelha na cozinha. O livro preferido da mamãe sendo empurrado pelos pés do bicho que lutava com algo que a fazia gemer e se revirar. Os desenhos que sua mãe tinha ganhado dos amigos da vovó, feitos pelas crianças que a adoravam e se amontoavam ao seu redor. Lana se lembrava de tudo, mas não se lembrava do rosto dela. Tinha uma fotografia delas duas no quarto da mãe! Era isso! Maldita Penumbra, maldita! Estava esquecendo! Tinha uma fotografia! Lana puxou os últimos fios que teimavam em aprisioná-la e disparou pelo corredor. A mulher estava lá! Parada na porta.

– Mamãe!

– Venha, filha! Venha!

A menina correu livre e com vontade em direção àquela mulher, abrindo os braços para abraçá-la, derrapando nos pedriscos do caminho e chocando-se contra seu corpo.

– Mamãe… – murmurou Lana, abraçando-a com força, sentindo seu colo… frio.

Ergueu o olhar. Precisava ver o seu rosto!

A cortina esvoaçante estava entre as duas, e Lana tinha o coração disparado. Sua mãe era quente, não era fria como aquela que estava entre seus braços. Os dedos de marfim a agarraram e a puxaram com vigor enquanto a cortina descia e revelava o rosto cadavérico e desgostoso de Osso Duro, que erguia seu revólver de coronha perolada.

– Fique com Jorge, sua irresponsável!

Lana ouviu o grito da criatura antes do disparo da arma de fogo de Osso Duro.

Não estavam mais no apartamento. Estavam lá, no deserto, no meio da areia, longe da colina. Lana caiu de joelhos e colocou a testa no chão, pranteando, desesperada, desapontada. Estivera tão perto de sua mãe… O atravessador mentiu. Osso Duro também mentiu. Ela tinha conseguido voltar, sim, para casa. Era possível voltar. Ela queria ficar lá, com a mãe. Não queria mais ser uma menina morta. Tinha escutado a voz dela. Tinha assombrado a mãe. Chegou a ver os desenhos pendurados na parede das histórias que a mamãe contava de sua avó. Tinha sentido o cheiro de sua casa.

Lana abriu os olhos e viu o coelho saltando da sala e voltando para o chão arenoso da Penumbra. Ele tinha pulado no rosto do atravessador e salvado a menina de alguma forma. Lana soluçava. Abriu a mão e deixou cair os pedaços de seu brinquedo favorito, o robozinho, no chão da Penumbra.

– Está vendo? É isso que você quer? Tentar atravessar só trará mais sofrimento para você. Permanecer na Penumbra é aumentar essa dor, Lana, aqui e lá na terra dos vivos.

– Você não tinha o direito de me enganar. Ela estava lá – choramingou Lana.

A menina olhou para o caminho que tinha feito. A Penumbra ia tomando toda a sua visão e a sala do apartamento se apagava, tornando-se cada vez mais transparente até sobrar apenas a paisagem do pé da colina e o corpo do atravessador estirado no chão, em forma de criança de novo.

O coelho gorducho saltou de cima do rosto do atravessador. Lana o viu

cambalear em sua direção. Ele sangrava. As coisas não deveriam sangrar e morrer na terra onde não amanhece. Lana abaixou-se, pegou o coelho no colo e o abraçou forte.

– Ele salvou você, deu pra ver tudo – revelou Jorge.

A coisa no olho da fera tinha sido seu coelho. Ele pulou no atravessador. Lana bateu com o robô na criatura selvagem e depois o coelho interferiu, antes do tiro da babá.

– Eu quero voltar para lá, babá. Eu quero a minha mãe.

Osso Duro aproximou-se de Lana e desferiu-lhe uma bofetada que fez a menina se envergar.

– Nunca mais faça isso. Nunca mais fuja com um atravessador! Eles são maliciosos.

Lana curvou o corpo com o rosto ardendo. Não aguentou e voltou a chorar abraçada ao coelho.

– Eu escutei a minha mãe, e ela me ouviu.

– Ela está do outro lado, Lana, e é lá que ela tem que ficar. Ninguém a quer aqui. Ninguém!

– Eu quero!

– Ah, é! Quer mesmo? Eu posso mandar trazê-la. Mas você quer que ela tenha uma morte tão terrível que vá precisar esquecer? É assim que se chega na Penumbra.

Jorge levantou o dedo pedindo a vez para falar. Osso Duro ergueu o queixo para o menino.

– Mas ela tinha que ser criança. Aqui só tem criança.

– Você está certo, Jorge, mas eu quero colocar uma coisa de uma vez por todas na cabeça dessa ingrata. Você tem muita força, Lana, e só vai fazer as pessoas sofrerem. Você também vai sofrer.

– Eu estava indo para o quarto dela, Osso Duro. Mas você me impediu – choramingou a menina, apontando para onde estava o corredor.

Osso Duro arregalou os olhos ao ver a mão de Lana. As marcas vermelhas e a pele ferida pelos fios do atravessador estavam lá, provando que foi por um triz. Lana, entorpecida, mostrava que o atravessador havia feito

contato, extraído energia da menina. Tudo aquilo Osso Duro tinha visto uma porção de vezes na recepção da Penumbra. Crianças se atracavam a seus passados, não entendiam que era hora de zarpar. Tinham medo de seguir adiante, e era seu dever fazer com que fossem para a boa luz. Agora aquela menina que atravessou uma neném, aquela menina que protegeu um diacho de dragão, que escutou a mãe do outro lado mesmo sem saber onde estava e o que estava acontecendo, que teve força para manter o atravessador preso do lado de cá, aquela menina apontava para o quarto de sua mãe, o quarto dissolvido, desaparecido, o quarto que não estava mais lá, e havia trazido do mundo dos vivos um pedaço de alguma coisa que não importava o que era. Mas era uma coisa real do mundo dos vivos. Osso Duro abaixou-se e cutucou os pedaços do brinquedo com a ponta do seu revólver. Coçou a cabeça. Tudo tinha se dissolvido e aquilo permaneceu ali, porque ela, a menina errada, havia trazido o objeto para a Penumbra. Uma coisa concreta do lado de lá. O atravessador pereceu, o atravessador não conseguiu furar o véu, mas Lana, de alguma forma impossível, atravessou sem saber atravessar. Havia tocado o outro lado sem danificar o véu. Trazido consigo algo do outro lado, do mundo dos inconscientes. A babá ficou olhando para a menina que soluçava. Ela podia ser birrenta e teimosa, podia ser um traste que só arranjava confusão; ela não era, de jeito nenhum, a menina certa, mas era poderosa, muito poderosa. Osso Duro bufou e voltou sua atenção para os pedaços de plástico e metal no chão.

– O que é isso?

Lana olhou para os fragmentos.

– Ele quebrou.

– Mas o que é?

Jorge, Osso Duro e o coelho se acercaram dos pedacinhos do brinquedo.

– Era um robozinho que eu tinha. Eu não gostava de anjo da guarda. Gostava de robôs. Queria ter um robô da guarda. Nos meus sonhos ele sempre crescia e me ajudava nas minhas aventuras. Era o meu guardião.

Lana soltou os pedaços do brinquedo sobre o cascalho do chão.

O coelho saltou e engoliu os destroços, puxando os pedacinhos com suas patas, e começou a tossir, engasgado com o plástico.

– Ei! Eu queria ver! – protestou Jorge, abrindo a boca do coelho e ficando desapontado. – Ele comeu! Isso não é de comer!

– Não pode ser. Isso era do outro mundo, Lana. – Osso Duro agarrou a garota pelo cangote, tirando-a do chão. – É por isso que dois já vieram! Mas eles não sabem ainda. Não sabem do que você é capaz de verdade. Temos que correr!

– Isso não vai fazer mal a ele? – insistiu Jorge, preocupado com o coelhinho.

– Me solta! – reclamou Lana, assustada.

– Quando eles souberem… Quando perceberem… Caramba! Você precisa partir. Isso não vai ser nada bom. – Osso Duro soltou Lana e andou para a frente e para trás, visivelmente perturbada.

– Osso Duro, fala para o coelhinho devolver. Ele comeu o robozinho da Lana.

– Quieto, tenho coisas mais importantes para cuidar. Vocês precisam atravessar. Agora! Mas são dois. Como vamos fazer?

Osso Duro andou para longe da dupla. Deu a volta numa pedra alta, desaparecendo e depois voltando, alisando a joia púrpura.

– Achei que tinha escutado um devorador. Eles vêm atrás de crianças perdidas também.

Jorge, que tinha agarrado o coelho, virou para Osso Duro e estendeu-o:

– Olha! Ele comeu o robozinho.

Osso Duro sacou seu revólver com coronha de madrepérola da cintura e apontou para Jorge.

– Então o coloque no chão. Essas coisas que vieram do outro lado precisam ficar aqui.

Jorge pôs o bichinho aos seus pés, assustado com a boca da arma de Osso Duro.

– Eu não gosto quando você fala assim com a gente, Osso Duro – resmungou. – Às vezes a senhora parece que não tem coração.

– Você não tem que gostar de nada, você está morto. Vocês só precisam ir para a luz e pronto. Meu trabalho está feito, minha missão está cumprida, e

a de vocês também. Estou cheia dessas suas caras assustadas. Quando trazem vocês para mim, fico parecendo a vilã da história, é sempre assim. O que eu posso fazer? Vocês precisam passar pela Penumbra e eu preciso fazer o meu trabalho, não é nada contra vocês em especial. Saia de perto desse coelho agora.

Lana correu até o bichinho e o apanhou do chão.

– Não. Ele me defendeu quando eu estava lá com aquela fera. Ele me salvou antes de você.

– Te salvou do quê?

– De ser morta por aquele outro.

– Não fale idiotice, menina. Aqui ninguém morre de novo.

– E por que eu senti dor? Por que eu senti que estava sufocando? Eu senti que estava morrendo.

– Já disse mais de uma vez. Você não tem que sentir nada. Você é só uma menina morta. Aquela criatura ia roubar sua energia. Ia fazer você decair, enfraquecer. Eles roubam energia para transitar entre o mundo dos vivos e a Penumbra. Você se transformaria num deles, numa atravessadora.

Lana lembrou a sensação ruim. A força que tinham aqueles fios, aquelas garras. Sentiu um arrepio ao recordar a maldade escondida nos olhos da criatura que a ludibriara, pedindo ajuda e prometendo que a levaria até sua mãe. Então Lana sobressaltou-se. Tinha visto a mãe! Tinha escutado sua voz! Tinha conversado com ela naquela sala! Meu Deus! Como quase esquecera aquilo? A Penumbra a estava vencendo! Ela tinha segurado na sua mão e empurrado o bicho para o lado. Ela estava lá, ela a defendeu. Tinham estado juntas. Ou só tinha achado que estavam juntas? Lana estava confusa. Não conseguia mais se lembrar do apartamento, dos desenhos na parede nem da cor do sofá.

– Babá, eu tô esquecendo ela de novo.

– Isso é o certo, menina. Não lute. Você precisa deixar tudo para trás. Solte esse coelho. Ele comeu um pedaço do mundo dos vivos e agora tem uma parte do lado de lá dentro dele. Eu preciso acabar com isso.

Lana agarrou-se ao bichinho e não soltou. Osso Duro suspirou e tocou o dedo em sua pedra roxa na gargantilha, impaciente.

– Vamos, Lana. Você acabou de colocar todo mundo em risco por conta da sua teimosia. Colabore com o meu trabalho. Eu só tenho que levá-la para a luz, mantê-la protegida. Aquelas coisas vão voltar. Eu escutei o guincho de um devorador. Eles agora sabem que você é diferente de todas as outras crianças. Se descobrirem que você consegue trazer as coisas de lá para cá, olha, eu nunca vi uma coisa dessas neste tempo todo que estou aqui esperando. Não consigo nem imaginar o que vai acontecer quando eles descobrirem. Para o bem de todos, você deve partir, já.

O atravessador, caído no chão pedregoso da Penumbra, cuspiu sangue para o alto, alarmando o quarteto ainda próximo. Eles ficaram ao redor de seu corpo assistindo àquela cena angustiante. Se era vida que animava os passageiros da Penumbra, ela estava abandonando rapidamente aquele corpo. O menino estava com os olhos abertos e imóveis, as pontas dos seus dedos tremiam.

– Faça alguma coisa, babá. Ele está sofrendo – choramingou Jorge.

Osso Duro caminhou até o corpo do atravessador que jazia inerte sobre o chão acinzentado, forrado de pedriscos. A velha suspirou e abriu seu guarda-armas, retirando uma lâmina. Abaixou-se junto ao menino e afagou o cabelo do moribundo por alguns segundos.

Entendendo o que estava prestes a acontecer, Lana deu um passo para trás. Era brutal demais ver aquilo. Não estava preparada. De alguma forma, ainda havia vida dentro daquele desesperado. Ele só queria o que ela queria. Ele só queria voltar para o mundo dos vivos, mas era impossível.

– Não há mais nada a fazer – murmurou Osso Duro. – Eu lamento. Não vamos prolongar esse sofrimento.

Lana aproximou-se de Jorge e segurou sua mão. O coelhinho, com os olhos cheios de lágrimas, encarou as crianças e então disparou para o mato.

– Entendem que não há mais nada a fazer?

Lana e Jorge não sabiam o que responder.

– Eu odeio quando esta hora chega. Odeio. Pensam que sou má, pensam que não tenho coração. Mas não há mais nada a fazer. Mais nada. Mantê-lo aqui, nesse estado, só vai fazê-lo sofrer ainda mais.

Lana assistia à cena e cutucou Jorge com o cotovelo, apontando para a

babá com o queixo. O menino virou-se para a senhora e olhou para Lana.

– Ela tá chorando? – perguntou o garoto.

Osso Duro começou a soluçar e continuou acariciando a criança. Com seus dedos finos e ossudos, fechou os olhos do atravessador. Afundou a lâmina no peito da criança enquanto lágrimas brilhantes desciam pelo seu rosto. Sua mão mergulhou no peito da criatura e retornou com um coração escuro e fumegante. O órgão pequeno e viscoso, enegrecido como carvão, foi guardado no bolso de seu vestido de couro. Antes de se virar para as crianças, a babá secou as lágrimas, tentando disfarçar. Nunca gostou de que elas vissem que também sofria. Naquele lugar ela deveria ser um símbolo de fortitude, de segurança, e não outra figura assustada e que se deixava tocar pela dor.

Um rugido longo e estridente cortou a planície, fazendo o trio olhar para o alto.

– O que é isso? – perguntou a menina.

Osso Duro levantou-se, devolvendo o facão ao guarda-armas, e virou a cabeça cadavérica na direção do barulho. Vinha das árvores, à beira da colina verde, distante de onde estavam, mas próximo o suficiente para os pequenos ficarem assustados.

– Eu sabia. É um devorador. Ele só não estava pronto ainda.

– Não deixa ele me pegar, Osso Duro! – suplicou o menino Jorge.

– Vou tentar deixar vocês dois a salvo. Esse bicho é difícil, muito difícil. Ele não quer atravessar, ele só quer encher a barriga. Haja o que houver, não saiam de perto de mim. Lana, ele vai sentir o seu cheiro. Ele sempre tenta engolir o mais forte que anda comigo.

– O que eu faço, Osso Duro? Eu não quero ser pega.

– Então atravessa primeiro, é o melhor remédio para você. Quando tiver a chance, encare e faça o que tem que fazer. Se esse bicho nos vir, estaremos fritos. Venham – ordenou a babá, puxando Jorge pelo braço e sendo seguida pela menina. – Temos que andar rápido. A planície de areia não tem muitos esconderijos. A próxima passagem está mais para a frente. Só vamos encontrar uma ponte depois dessa planície de areia, no alto, sempre no alto. A luz gosta das alturas, acho que é mais fácil coletar vocês assim. E é mais

seguro também, dá pra ver tudo em volta e a gente não é surpreendido pelos atravessadores. Eles queimam a gente, eles cegam a gente às vezes com súplicas e pedidos, tentam amolecer nosso coração, Lana. Precisamos atravessar, agora mais do que nunca.

– Onde vamos nos esconder, babá? – perguntou o menino, já andando apressadamente atrás de Osso Duro.

– Não vamos nos esconder, Jorge. Vamos correr, rápido.

O coelho, assustado com o barulho da fera, deixou o gramado e vinha de maneira acelerada de volta para o grupo.

– Eu estou com medo, babá.

– Eu cuido de você. Fique perto.

Lana deu a mão para Jorge e começou a seguir a babá pelo terreno árido que se estendia à frente. As árvores foram rareando, afastando-se, dando lugar a uma planície larga, fustigada por vento e cheia de grãos de areia que salpicavam seus rostos, forçando-os a se curvarem e protegerem a face com o braço.

A menina olhou para trás, escutando o chiado do vento rasgando em sua orelha, assobiando ao passar pelo metal dos seus brincos. Ela viu uma silhueta sair do meio das árvores e ganhar o deserto de areia.

– Babá!

Osso Duro virou-se ao ouvir o grito da menina.

– Andem mais rápido. O desgramado já achou a gente.

Lana tentou olhar para a frente, mas os grãos de areia batiam em seus olhos, impedindo que enxergasse o caminho. Apenas via o vulto de Osso Duro à sua frente, bloqueando a tempestade de poeira. Ela estendia a mão fina para Lana, para que não se distanciassem. A menina apertou o passo, puxando o pequeno logo atrás. O coelho se sacudia nos braços de Jorge, querendo pular para o de Lana. Ela queria alcançar a mão de Osso Duro a centímetros de distância. Parecia que precisava cada vez mais daquela senhora esquelética para poder seguir em frente. Mesmo fria e sem coração, estava ali, cumprindo seu papel, obstinada, insistente. Lana queria seguir. Queria ir com ela. Sentia que era o certo. Mas então se lembrava de sua mãe e da promessa. Vacilava. Queria ter dito mais vezes quanto a amava. E queria

também escutar, só mais uma vez, para ter absoluta certeza de que a mãe ainda a amava. A sensação de ter sido abandonada, deixada para trás era forte. Lana não sabia por quê… Mesmo tendo noção de que a mãe nunca a deixaria, existia aquele vácuo, aquele vazio. Não poderia quebrar a promessa. Não poderia esquecer o rosto dela. A mãe havia chorado. Lana sentiu a pele se arrepiar. Era isso! A mãe tinha chorado. Tinha pedido. A mãe tinha se esquecido de alguém também. Alguém que não era a própria filha. A mãe chorara dizendo que tudo que mais queria na vida era nunca tê-la apagado da memória. Não lembrava. Não tinha fotos. Ela sentia uma dor imensa por não lembrar o rosto de sua mãezinha, uma dor que não tinha se curado. Por isso que ela, a pequena Lana, tinha prometido. Tinha prometido que dela, da mãe, jamais se perderia. Ela não iria se esquecer do rosto da mãe, nunca.

Quando os relâmpagos estouraram no céu, Osso Duro estacou, levando Lana a bater contra seu corpo.

– Pare com isso agora, Lana! Você não pode fazer isso, não deve!

O vento ficou mais forte. Osso Duro pôs a mão na nuca e puxou uma capa longa de trás de seu vestido de couro negro.

Lana viu o céu ficar escuro, e então ela e o pequeno Jorge foram envoltos pela capa esvoaçante da babá. O som da areia batendo no tecido fino encheu seus ouvidos. Parecia que estavam dentro de uma tenda no deserto, numa barraca de acampamento em algum lugar selvagem, cinza e brutal. Jorge tremia e segurava forte a mão da menina. Do lado de fora, o vento rugia continuamente. Osso Duro olhava para ela em silêncio, enquanto Lana limpava do rosto grãos de areia grudados em suas lágrimas. Podiam se ver mutuamente graças a uma débil e vacilante claridade que atravessava a capa. Seus rostos contraídos pela ansiedade e pelo medo os uniam mais do que nunca na Penumbra. Eram todos iguais naquele instante. Tinham vindo todos do mesmo lugar e deveriam seguir todos pelo mesmo caminho. Estavam quietos, ouvidos recebendo o som áspero da areia contra a capa, unidos. Foi Lana quem ergueu o rosto, respirou fundo enquanto olhava para o rosto cadavérico, sulcado e seco da babá das crianças mortas, e disse:

– Por que estamos aqui, Osso Duro?

A babá guardou silêncio. O vento e a areia zuniam do lado de fora do casulo. Lana olhou para Jorge e para o coelho. O coelhinho, agitado, parecia

assustado, e agora queria ir para o colo da babá, que estava de cabeça baixa e com expressão entristecida.

– Por que estamos aqui? – insistiu a menina teimosa.

Osso Duro suspirou profundamente, seus ombros subiram e desceram dando nota do fardo que a velha entidade carregava. Ela olhou para as crianças e passou a mão na cabeça do coelho. Era nítido que estava mergulhada na mais profunda melancolia.

– Eu não consigo salvar todos que chegam. Não sei o que sou aqui na Penumbra. Às vezes acho que sou só uma história barata, algo inventado para vocês crianças não sofrerem tanto com as perguntas sem resposta. Todos esquecem que um dia estaremos deste lado. Eu sou só uma história barata, de um centavo suado. Eu sou um centavo incômodo e terrível e nada mais que isso.

– Não foi por mal, babá. Eu não controlo esta sensação nem meus pensamentos.

– A Penumbra vai nos castigar cada vez que você buscar o passado. Neste lugar é necessário deixar as coisas irem, Lana. Seguir em frente é a lógica da continuidade. Não tenha medo de seguir em frente. Você lutou o quanto pôde. Agora é hora de deixar todos descansarem. Não se transforme numa assombração de si mesma, Lana. Siga em frente.

Lana olhou para Jorge, lembrando as marcas nas costas do menino. Ele estava encolhido, com os olhos encovados, agarrado ao coelhinho que parecia mais calmo, sem espernear. Lana abraçou-o. Não sabia por que estavam unidos. Não sabia por que gostava tanto de Jorge e da babá. Só sabia que não poderia ter outros viajantes em sua companhia.

– Eu lembrei por que fiz a promessa, babá. Mamãe chorou porque esqueceu o rosto da mãe dela. E eu prometi nunca esquecer o dela. A vovó, mãe da minha mãe, também deve ter esquecido o rosto da minha mãe, babá Osso Duro. Então, se eu esquecê-la, ninguém mais no mundo vai se lembrar da minha mãe, da minha avó e de mim. Estaremos esquecidas para sempre. Eu preciso salvar nossas lembranças, preciso salvar a memória da minha família. Eu prometi. Prometi para a mamãe que seria uma boa menina e que jamais me esqueceria da gente, da nossa família.

Osso Duro grunhiu e curvou-se. O vento apertava.

– Vocês se reencontrarão um dia. O dia em que você deixar o passado para trás.

– Mas eu tenho medo de esquecer minha mãe. E se for mentira, e se eu não encontrar minha mãe nunca mais porque esqueci o rosto dela?

O coelho espirrou, capturando os olhares de Jorge e Lana. Jorge afagou a cabecinha do bicho ao mesmo tempo que a voz rouca de Osso Duro se misturava ao tamborilar dos grãos de areia contra a capa.

– As mães nunca esquecem seus filhos, Lana. Sua mãe vai dar um jeito de encontrá-la e vai amá-la com todas as forças. As mães nunca esquecem seus filhos. Nem mesmo a Penumbra conseguirá separá-las, mas você não pode ficar aqui. Eles virão atrás de você, porque você tem essa força para lembrar, e lembrar é tudo que eles querem. Eles se alimentam de lembranças, alguns de remorso. Eles não compreendem que precisam seguir adiante.

– Quem, babá?

– Eu já falei para vocês. Os atravessadores e todas as criaturas encantadas da Penumbra. Os atravessadores querem as crianças novas, as que têm lembranças. Eu já estava esquecendo, tem uma dessas criaturas atrás da gente agora. A Penumbra está agindo sobre nós.

Osso Duro abriu uma pequena fresta na capa e espiou para fora.

– Se foi.

Lana e Jorge ergueram a cabeça para a babá.

– O atravessador?

– Não. A tempestade. A tempestade está passando. O devorador está aqui, e é hora de lidarmos com ele.

Osso Duro abriu a capa num só golpe. O monstro estava parado junto ao quarteto, a um metro de distância. Era imenso e largo, com um corpo disforme, cheio de calombos que se projetavam de sua pele vermelha e branca, com protuberâncias nojentas que ejetavam um caldo grosso e viscoso sobre a areia, formando poças enlameadas e pestilentas.

Ao redor dos viajantes, a areia havia sido esculpida pelo vento, deixando-os no topo de um fino e temerário monte de areia, escarpado, com mais de quinze metros de altura. A cada movimento de seus pés a terra instável cedia, fazendo com que lascas grossas de areia compactada despencassem para o

lado, tornando o monte ainda mais fino e frágil.

Lana soltou um grito de pavor e agarrou-se à cintura de Osso Duro, que sacou o revólver.

– Eu cuido dele, acalme-se. Sei que é apavorante pra vocês, mas eu lido com isso todos os dias. Me dê espaço para acabar com esse bicho.

Lana tremia e não se soltava da cintura de Osso Duro.

– Está muito alto. – A garota gemeu. – Muito alto.

Jorge também tremia e caminhava de costas, afastando-se do devorador que abria uma bocarra assustadora, salivando e curvando-se, aproximando a cabeça do quarteto.

Apavorada, Lana afundou sua mãozinha no bolso, tirando de lá o barbante. Quase sem controle, sua mão deu uma volta com o barbante na cintura de Osso Duro.

– O que está fazendo?

A menina deu um nó no barbante e enrolou a outra ponta no pulso esquerdo, amarrando-o habilmente e dando outro nó com a ajuda dos dentes. Soltou um berro quando seu pé escorregou pela beirada do monte de areia.

– Não me deixa cair, babá! Está muito alto, eu não quero ficar aqui! Me tira daqui!

Osso Duro ficou imóvel por um segundo, aturdida com a situação, querendo entender o que a criança fazia. Nenhuma criança na Penumbra a tinha amarrado antes. Ergueu os olhos para a criatura parada na frente das almas, babando e rangendo os dentes. Finalmente o devorador saiu do lugar e deu um passo, abrindo mais a boca e soltando um rugido feral.

As crianças, assustadas, dispararam rumo ao fim do desfiladeiro esculpido pelo vento para fugir dos dentes afiados da criatura. A areia instável cedia sob seus pés, fazendo-os cambalear perigosamente para os lados. Osso Duro sorriu, satisfeita com a decisão dos pequenos, e apontou o revólver na direção do monstro. Seria fácil acabar com ele ali, parado à sua frente, naquele estreito pedaço de chão. O devorador não teria como fugir do disparo. O barbante de Lana balançava em sua cintura enquanto a garota se afastava. Osso Duro mirou na testa do monstro, ainda com um sorriso estampado no rosto. Era só liquidá-lo para colocar as crianças diante do

próximo ponto de coleta. Finalmente elas estavam prontas. Mais uma vez, cumpriria sua missão.

Seu dedo encostou no gatilho, era só puxar. Os medrosos ainda corriam, e era isso que ela queria. Que tivessem medo, que ficassem perdidos, que esquecessem tudo e todos e que fossem para a luz. Às vezes precisava distraí-los, mas estava na hora de acabar com a distração.

– Bom trabalho, menino, mas agora é hora de partir – disse a babá, puxando o gatilho.

O disparo ribombou no alto do monte de areia. Osso Duro caiu com as ancas sobre a areia fofa e girou para o lado, rolando pela borda do despenhadeiro arenoso. A fera levantou-se sobre as patas dianteiras, assustada com o tiro que acabara de voar em sua direção, e bateu as garras no solo, perto de onde Osso Duro agarrava-se para não cair. Uma porção grande da trilha por onde as crianças tinham corrido se desfez e desmoronou.

Os olhos da babá estavam arregalados, e sua mão segurou firme o barbante que estava amarrado em sua cintura.

– Lana! Você me derrubou!

A menina estava ajoelhada e com as mãos fincadas na areia.

– Eu estou com medo de cair, babá Osso Duro.

Osso Duro virou para a fera que rugia e erguia suas patas novamente, descontrolada e furiosa. O monstro tentou acertar a cabeça dela com suas garras, pronto para atingir a oponente quando descesse o novo golpe. Antes que ele concluísse o movimento, a entidade ergueu o revólver outra vez, com presteza, e disparou no meio da barriga da criatura, arrancando um pedaço de suas protuberâncias e fazendo-a gemer de dor. A fera, enfurecida, não conseguiu pegá-la. Osso Duro recolheu as pernas.

O movimento a fez rolar para o abismo e, em desequilíbrio, derrubar o revólver. Lana foi puxada pelo peso da babá, gritando e lutando para não sucumbir à beira da falésia enquanto tentava se agarrar no chão de areia, que se desfazia entre seus dedos. Teimosa, a menina insistia em tentar segurar os grãos, mas era impossível. A areia escorria e ia embora, esquivando-se dela. Lana gritava, porque, por mais que insistisse, não poderia deter a areia. Estava condenada a cair.

– Eu não consigo salvar nós duas, babá! – gritou em desespero.

– Você não precisa salvar ninguém – retrucou Osso Duro. – Você é só uma criança…

Lana girou o corpo, ficando de costas para a areia com os calcanhares cravados nos grãos. Seu punho ardia com o peso da babá todo em seu braço. Ela conseguiu que suas costas entrassem em atrito com a areia e olhou para baixo, para o rosto de Osso Duro.

– Uma criança morta? – perguntou a menina.

Osso Duro fez um sinal negativo. Suas mãos subiram pelo barbante, tentando voltar para cima e sair daquela posição vulnerável. Ela não podia cair. As crianças, lá em cima, estavam em perigo e dependiam dela.

– Não, Lana. Você é só uma criança que tem que ser salva. Só isso.

O monstro cheio de caroços e calombos ergueu suas patas mais uma vez e urrou.

– Pare com isso! – gritou para a fera. – Fique onde está!

O devorador não obedeceu à entidade protetora da Penumbra. Mirou as crianças. A boca que rugia e salivava empapava a areia aos seus pés, criando uma lama fedorenta e pastosa. A ferida vertia um líquido verde e basto. Seus olhos assimétricos e assustadores pousaram no pequeno Jorge, que estacionara à sua frente com o corpo magrelo e frágil, cheio de cicatrizes, e com o revólver de Osso Duro nas mãos.

Jorge fechou um dos olhos e colocou a língua para fora, apontando para o bicho. Via que a fera sangrava onde Osso Duro tinha acertado antes. Precisava atingi-lo de novo.

– Jorge! – gritou Lana, apavorada.

– Eu não tenho mais medo dele, Lana.

O menino nunca tinha atirado antes, mas já havia feito aquilo milhares de vezes nos videogames, quando encarnava heróis que não se acuavam e venciam o mal. Quando ele era forte e cheio de poderes para combater as injustiças. Era só puxar o gatilho. Segurou firme a arma e pressionou. O revólver não funcionou. Jorge arregalou os olhos, encarando o aparato e depois a fera, que se apoiou sobre as patas dianteiras, rugindo ainda mais alto. A fera preparou as garras e desferiu um tapa com suas unhas afiadas, o

braço musculoso e cheio de feridas e calombos disformes. Jorge teria sua cabeça arrancada, sem sombra de dúvida, não fosse Osso Duro ter puxado o garoto pelos pés, fazendo-o cair de cara na areia. As garras passaram a centímetros de seu crânio. Osso Duro tomou o revólver da mão do menino e puxou o gatilho quando a fera ainda tentava entender o que tinha acontecido. O projétil abriu-lhe um segundo rombo na barriga, e a explosão de sua pele expeliu um líquido quente e viscoso que cobriu as crianças, que fizeram careta de repugnância enquanto a areia sob os seus pés se transformava em lama. Jorge fechou os olhos e premeu os lábios para evitar que o líquido nojento entrasse em sua boca.

– Que droga – resmungou o menino.

Lana também tinha uma expressão de nojo, lavada por aquela mistura de areia e secreções que vazavam dos calombos da criatura. O devorador estremeceu e seu corpo rolou pela borda do abismo de areia, despencando.

– Vem, babá. Me dá a mão.

Osso Duro, ainda pendurada na borda do abismo, ergueu os olhos para Lana e ficou paralisada. A menina tinha uma aura destacada pela lua rala do céu que chegava ao topo da duna. Estava ali, com a mão estendida, para ajudá-la, para salvá-la do abismo, invertendo os papéis, confiante frente ao perigo e desafiando o próprio medo. Era ela, Osso Duro, quem salvava as crianças. Não podia dei-xá-las sozinhas. Aquela luta ingrata para mantê-las bem era sempre assim, como ter areia sob os pés, esparramando-se e escorrendo.

Osso Duro fincou os dedos na areia e escalou, com esforço, ignorando a mão de Lana. A menina não tinha que salvar ninguém. Era só uma criança morta. Uma criança morta e especial.

Osso Duro se colocou de pé diante das crianças e sacou uma lâmina do guarda-armas. Cortou o barbante e apontou o caminho com o queixo.

– Vamos. Temos que alcançar o ponto de coleta. Esse não foi o último, crianças. Você tem o dom de atrair esses bichos com sua força de lembrar.

– Vamos logo, Lana – pediu Jorge.

Lana pegou o barbante cortado e olhou para a ponta esfiapada. Voltou para perto de Osso Duro e segurou-a pelo punho, amarrando o barbante no

braço da babá, que retorceu a boca.

– A senhora quer que eu vá em frente, então vamos assim. Temos que ir juntas.

Osso Duro começou a responder algo à pequena, mas parou na metade. Aquela mão em sua mão. Aqueles olhos em seus olhos. Osso Duro sentiu algo que não sentia havia muito tempo naquela terra. Aquela maldita criança era infestada de ternura. Osso Duro já tinha gostado de uma menina como aquela. A menina certa. Não podia se apegar a nenhum deles. Eram todos passageiros em seus domínios. Vinham e iam todos os dias. Não podia criar laços.

O quarteto seguiu pela linha de areia emoldurado pelo sol que podia estar caindo no horizonte ou se levantando, deixando o céu roxo. O vento, agora fraco mas constante, fazia uma linha de areia passar sobre os viajantes, forçando-os a caminharem um pouco encurvados.

Osso Duro olhou para o fundo do precipício de areia e viu o monstro se dissolver. Passou a mão na joia em sua gargantilha. Logo outro gigante daqueles viria atrás dos pequenos.

– Andem mais rápido, crianças. Andem mais rápido. Nosso tempo está acabando.

CAPÍTULO 7

PARECIA QUE A NOITE ESTAVA CHEGANDO com a luz diminuindo além das árvores. O deserto seco e áspero ficou para trás. Tinham andado um bom pedaço calados, os relâmpagos de Lana surgindo bem de vez em quando no céu e irritando Osso Duro, que permaneceu absorta em seu silêncio e sua distância.

Haviam se sentado para descansar. Lana jogou mais um graveto na fogueira, acendida com auxílio da babá. As fagulhas vermelhas se agitavam e subiam alto, fazendo-a erguer as sobrancelhas. Aquilo deveria lembrá-la de alguém? Cinzas, fagulhas e rodopios para o alto.

Foi a primeira vez que Osso Duro, que assistia às crianças de longe após ter ajudado Lana com a fogueira, resmungou qualquer coisa.

– Ela não gosta de ficar perto da gente – disse o menino.

– Hum. Não sei, Jorge. Ela não gosta do fogo. Não gosta de escutar a gente, não gosta de nada. É uma velha seca e rabugenta.

– Sabe, eu até gostei de enfrentar aquele bicho. O revólver da Osso Duro falhou, mas eu enfrentei ele.

– Pra quem chegou aqui todo medroso…

– Eu não sou medroso! – protestou Jorge.

Lana sorriu e passou a mão na cabeça do menino. Ele não se lembrava mais de quando andava arqueado, segurando-se nela a todo instante, como se Lana fosse um escudo protetor. Do que ele tinha tanto medo? As marcas em seu corpo mirrado ainda estavam lá. Talvez a babá e o engenho da Penumbra estivessem corretos. Talvez fosse melhor esquecer todo o passado para chegar diferente na nova vida. Lana suspirou. Se seu pensamento estivesse certo, o que ela tinha que esquecer? O coelho gorducho pulou em suas pernas, aninhando-se em seus joelhos e chegando perto do fogo.

– Ei! Cuidado! Você vai virar churrasco desse jeito – alertou Jorge.

Osso Duro levantou-se de onde estava, deu dois passos na direção das crianças e torceu os lábios secos que deixavam os dentes expostos.

– Cuidado com as chamas. O fogo machuca na Penumbra. O fogo é de verdade!

– Ué! Mas você não vive dizendo que a gente não sente nada aqui?

– Cale a boca, Lana, e pare de me responder, sua teimosa de uma figa. Apenas faça o que eu digo para que tudo acabe bem e o mais rápido possível. Não me sinto bem dando moleza.

Osso Duro passou a mão no punho em que o barbante estivera amarrado a tarde toda. Olhou para Lana sentada perigosamente à beira da fogueira e viu o fio enrolado ao seu lado.

– Você não é minha mãe pra falar assim comigo – rebateu a garota.

Osso Duro aproximou-se das crianças com o rosto fechado, visivelmente irritada, e colocou a mão dentro de seu vestido como se fosse puxar uma de suas armas.

Jorge entrou na frente de Lana para defendê-la da investida da babá, mas a entidade parou e fitou os dois.

– Eu não sou mãe de ninguém, sua malcriada. Se eu fosse sua mãe, nunca iria permitir que falasse assim com os mais velhos. Nunca te daria picolé de uva no fim do passeio. Você não merece.

– Você não é minha mãe. Ela é bonita, não tem essa cara feia.

Osso Duro riu.

– Ao menos eu tenho uma cara. Como pode saber se eu sou mais feia ou mais bonita? Você nem se lembra do rosto dela, garotinha esquecida. Com essa sua teimosia, você deve ter sido uma filha muito ruim, e aposto que quando deixava seu picolé cair, ela nunca lhe comprava outro.

Lana começou a tremer, encolerizada.

– Não fala da minha mãe!

– Esqueça a sua mãe, menina. Esqueça e siga em frente. Você precisa deixar tudo para trás e seguir em frente.

– Eu não vou me esquecer dela! Não vou! Não se esquece de uma mãe!

– Mas você precisa. É melhor esquecer e deixar o sofrimento para trás. Lembrar os que não estão aqui só machuca e seca você por dentro. Eles sentem lá do lado dos vivos que algo não está bem. Que você está aqui,

amarrando-se a eles e fazendo-os sofrer.

– Não! – berrou Lana, batendo o pé no chão.

– A Penumbra faz você esquecer tudo. Se está aqui, é porque precisa esquecer. Você pode ter aprontado tanto, mas tanto com essa sua teimosia, que sua mãe bem quis que você viesse para cá!

Lana levantou-se num repente, indo em direção a Osso Duro.

– Nem tente – advertiu a babá, desabotoando seu vestido de couro.

– Não fala assim da minha mãe! Ela me ama, e eu a amo mais do que tudo! Ela nunca vai me esquecer, e eu nunca, nunca vou me esquecer dela!

Osso Duro olhou para o alto. A luz do céu tremulou.

– Não seja teimosa. Vamos andar e encontrar logo sua passagem. Você precisa sair daqui agora, Lana.

A fogueira crepitou e mais fagulhas subiram, impulsionadas pelas labaredas que cresciam.

– Eu estou nervosa! Não quero ir com você pra lugar nenhum! Não sou uma filha ruim. E, só para o seu governo, eu detesto picolé de uva!

– Esqueça, Lana. Você está morta e está na Penumbra. Nunca mais vai ver sua mãe. Passar para o lado de lá, para o próximo mundo, é a única certeza que tem quem chega ao mundo de antes. Não se luta contra isso. Ninguém vence. Nem eu, nem você. Somos irmãs, Lana. Irmãs.

Lana estava prestes a partir para cima de Osso Duro, então o pequeno Jorge entrou em sua frente, bloqueando o caminho.

– Me larga! Me solta!

– Não, Lana. Você tem que parar com isso!

– Me solta, Jorge!

– Não!

– Deixa de ser teimoso, me deixa mostrar pra ela com quem ela tá mexendo!

– Não! Ela só quer ajudar. Ela é nossa babá. Nossa Osso Duro.

Jorge e o coelho tentavam segurar Lana. O menino, agarrando seu corpo, e o coelho, mordendo a sua camisola.

– Me larga, Jorge! Me larga! Ela quer que eu esqueça minha mãe, ela fala isso o tempo todo! Eu não sou uma filha ruim. Eu só queria ficar com ela, pra sempre! Só queria ficar com ela!

– Então esquece! Se é pra esquecer, Lana, esquece – implorou o menino, com os olhos marejados. – Aquele bicho quase pegou a gente. Ele quase matou a Osso Duro, quase me matou. Você está colocando a gente em perigo.

– Não! Eu não quero que ninguém fique em perigo, Jorge.

– Esquece a outra vida, então. Me ajuda – suplicou o garoto.

Lana agarrou o braço de Jorge e contraiu o rosto, sentindo uma dor intensa na cabeça e no peito. Ela caiu de joelhos e seus dedos afundaram ainda mais na pele do menino. Lana respirou fundo e seus olhos se viraram nas órbitas, exibindo duas janelas brancas e apavorantes para o garoto.

Jorge tentou se soltar ao ver, alarmado, pequenos fios negros brotarem dos dedos de Lana e enrolarem-se em seus pulsos. Puxou os braços, mas os fios ficaram mais compridos e ariscos, saindo em profusão dos poros de Lana e envolvendo o garoto até os cotovelos.

– EU QUERO LEMBRAR! – urrou Lana.

Seu grito fez o céu relampejar novamente e congelou todos em seus lugares. A claridade foi tamanha que Osso Duro levou as mãos aos olhos feridos pela luz.

– Lana! Eu não consigo mais ver! – gritou o menino, também vitimado pelo clarão.

Os dedos de Lana seguiram cravados nos braços de Jorge, que revirava os olhos e arfava, o corpo amolecendo entre as mãos da garota.

– Lana, o que você fez? – perguntou Osso Duro, acusadora, enxergando com dificuldade.

A menina soltou o pequeno amigo, que estremecia e babava uma gosma branca da boca.

– Ajuda ele, Osso Duro. Ajuda ele! Ele está sofrendo.

Osso Duro continuava olhando vigilante para o céu vermelho e indeciso, onde nunca era alvorada e nunca era crepúsculo. As nuvens se agitavam preparando o terreno para sempre, tanto para o desabrochar quanto para o

desenlace. Estavam todos unidos na Penumbra, no território certo da passagem, e agora Lana fazia o que de pior poderia ter feito naquele lugar. Fazia uma criança recordar-se das agruras do desenlace, fazia um coração inocente sofrer.

– Ele já está morto, Lana.

– O que eu fiz?

Lana puxou as mãos de volta, com medo. Os fios que saíram de seus braços se soltaram de Jorge e se recolheram sob sua pele. A menina olhou para as mãos, assustada com o que tinha acabado de acontecer.

– Já disse, Lana. Lembrar não faz bem. Você já está se transformando num deles. Você está querendo atravessar – advertiu a babá. – Precisa deixar essa teimosia para trás ou vai fazer todos aqui pagarem o preço. Ainda há tempo para seguir em frente, menina.

Lana debruçou-se sobre Jorge. O coelho lambia seu joelho tentando confortá-la.

– Jorge, Jorge! Acorda! Acorda! Não foi por mal. Me perdoa.

Cada vez que Lana tocava no garoto, os pequenos fios escuros voltavam a surgir e se ligavam à pele do menino, e tão logo ela tirava as mãos de cima dele os fios se dissolviam, sumindo no ar.

Ela levou a mão à boca, aflita e impressionada. Já tinha visto aqueles fios antes, não fazia muito tempo, mas não conseguia lembrar com clareza o que havia acontecido nem onde os tinha visto. Contudo, tinha certeza de que aqueles pequenos fios não eram boa coisa.

Jorge começou a tossir e a chorar, enrodilhando-se, transformando seu corpo miúdo numa coisa ainda menor.

– Jorge, Jorge! Graças a Deus! Você está bem!

O menino arregalou os olhos e correu para perto do toco onde Lana estava sentada antes, à beira da fogueira.

– Não encosta em mim! Não!

O céu roncou num trovão, e o menino olhou para o alto, apavorado.

– Eu tenho medo de trovão!

– Jorge, calma – suplicou Lana, ajoelhando-se ao seu lado.

– Não, não me bate mais!

– Mas eu nunca te bati.

– Ele me bateu. Ele me bateu de novo. Bateu de novo e de novo. Ele me bateu até eu dormir. Ele me batia todos os dias. Eu tenho medo dele.

Lana olhou para Osso Duro. A babá aproximou-se da criança.

– Tá tudo doendo, tudo doendo. Ele queria que eu morresse. Queria. Tá tudo doendo, Lana. Eu quero esquecer! Eu quero esquecer de novo! – Lana não sabia o que fazer. – Eu me lembrei de tudo. Lembrei das surras. Lembrei dele batendo na porta. Batendo na mamãe, batendo em mim. Ele batia em tudo, em tudo, todos os dias. Batia em mim todos os dias. Ele me bateu até eu dormir só porque eu não ficava quietinho. Ele me bateu muito.

– Calma. Agora você não vai sofrer mais, pequeno Jorge. Você não vai sofrer mais. – Osso Duro abaixou-se e pegou o menino no colo. – Durma um pouco, Jorge. Durma.

– Não. Eu tenho medo de você, me solta. Eu tô com medo! Não encosta em mim.

Lana chorava mais uma vez. O que ela tinha feito? Por que ele tinha se lembrado das coisas ruins?

– Aqui na Penumbra não é bom lembrar, Jorge. Aqui na Penumbra é bom esquecer. Durma e esqueça, menino.

Osso Duro enfiou a mão em seu casaco e tirou um pequeno frasco com um líquido roxo. Jorge tremia em seu colo e choramingava. Osso Duro, habilmente, com uma das mãos apenas, removeu a pequena rolha do recipiente e imediatamente o fluido começou a evaporar, formando uma nuvem púrpura. Passou o vidro sob o nariz do menino, que desfaleceu e dormiu.

– Não é bom lembrar na Penumbra. Nada de bom acontece quando lembramos. Só existem lágrimas e um poço de melancolia. Vocês ainda não sabem da festa da conquista. Passar é algo bom, crianças, mas é preciso fazer isso em paz.

Lana encolheu-se sentada no tronco. O coelho novamente se aninhou em seus joelhos. Ela estava amargurada e triste.

– Levante-se, Lana.

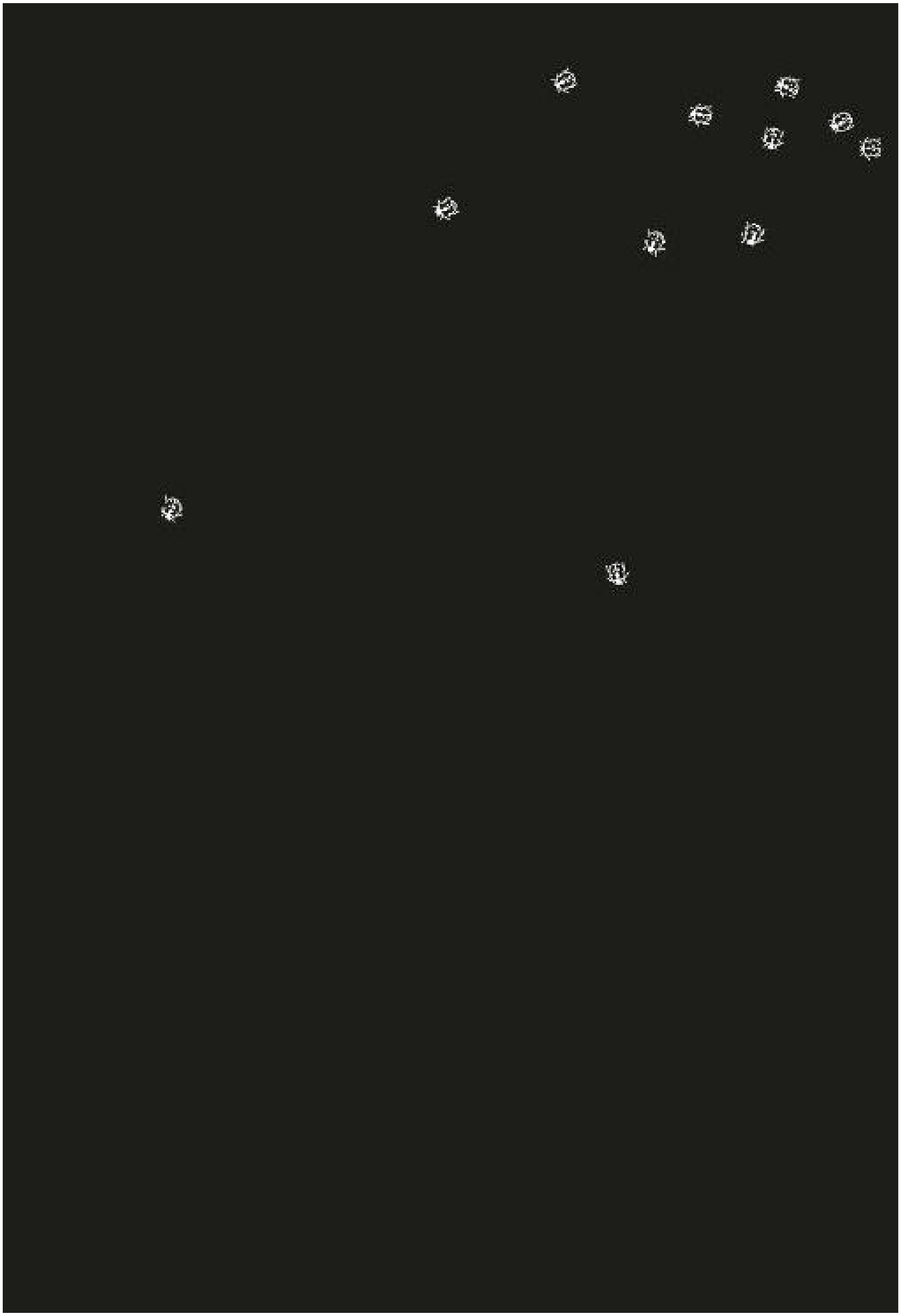
– Por quê?

– Precisamos fugir daqui. Você chamou atenção deles novamente. Não faça mais isso. Quando você traz uma recordação, você grita onde está. Esses malditos atravessadores querem a energia de vocês dois para continuar. Entendeu? Não faça mais isso. Agora Jorge está sofrendo por sua culpa.

– Não vou fazer mais, Osso Duro. Eu prometo.

– Venha.

Lana obedeceu à babá e, junto a ela e a Jorge e ao coelho, seguiu pelo caminho indicado por Osso Duro. Vendo o menino inconsciente no colo daquela senhora cadavérica e com saudade de um lugar para onde não poderia voltar, Lana sentiu algo mudar dentro dela.



CAPÍTULO
8

LANA NÃO TINHA CONSEGUIDO DORMIR desde que pararam para descansar. Osso Duro havia lhe dado apetrechos para acender outra fogueira.

A babá não gostava de fazer aquilo, então ensinou a tarefa a Lana. Colocou Jorge perto do fogo para que se esquentasse e fez duas mil recomendações para a menina. Como tinha medo das labaredas, Osso Duro havia se afastado, sumindo para dentro da floresta, mas deixando seus olhos de cão de guarda sobre as crianças adormecidas. Contudo, Lana não dormiu. Amarrou seu barbante no pulso e depois num galho do tronco de árvore escolhido para abrigá-los perto do fogo. Seus pés estavam cansados da jornada desde a recepção até ali. Mas sua cabeça zunia em mil pensamentos que queria afugentar. Queria pensar apenas em coisas de criança. Queria ser só uma menina e brincar com suas coisinhas e não se aborrecer com resultados de exames e prognósticos. Queria apenas pedir ao robozinho da guarda que cuidasse de tudo, mas, ao que parecia, a guardiã que agora atendia às suas preces tinha rosto de caveira e trajava um vestido longo e negro. Lana suspirou, percebendo que velara por horas a inconsciência de Jorge, que tinha sentado duas vezes, chorando e ainda cativo dos sonhos, erguendo os braços para se defender de alguém que não estava ali. O menino precisava esquecer de novo, como já havia esquecido uma vez, assim que chegou à Penumbra. Aos poucos Lana entendia que aquele lugar, sombrio e assustador, agia como um remédio em suas cabeças. Era estranho, mas era uma daquelas coisas dentro dos muitos mistérios lançados no mundo dos adultos. Diriam que era um remédio amargo que precisavam tomar.

Lana tentava esquecer agora mais do que nunca. Havia testemunhado como lembrar machucava. O pequeno Jorge tremeu por horas a fio, mesmo embalado pelo sono providenciado pela babá Osso Duro. Ele lutava para esquecer. Isso a fez se perguntar o que havia de errado consigo. O que ela tinha mesmo que esquecer? A Penumbra corroía sua memória, preocupando-se primeiro em apagar as coisas que a ligavam à mãe. Seria possível que ela precisasse se esquecer de sua preciosa mãezinha antes de tudo? Justo a única coisa que ela queria lembrar para sempre. Não entendia a Penumbra. Sentia-

se abandonada e indefesa, sentia-se lançada a um rio e sujeita à sua correnteza. Por que sua mãe não a defendia de tudo aquilo? Não entendia a razão de se esquecer primeiro dos amados. Por quê? Os amados, certamente, não se esqueceriam dela e jamais a deixariam ir para longe sem um bom motivo. O que tinha acontecido no fim de sua segunda vida no mundo que acabara de deixar para trás?

A menina olhou para a fogueira e depois para sua mão. Sua mão não era mais a mesma mão do mundo dos vivos. Algo tinha se transformado nela. Estava mais fina? Como? Quando? Aqueles fios negros que tinham machucado o amigo… Ela já os vira em algum lugar, não fazia muito tempo. Não confiava em Osso Duro para contar. Suas mãos tinham sido as culpadas por ter causado aquele ataque de memória em Jorge. Lana não contou para ninguém, nem ao coelho, muito menos à babá. Ela havia visto o monstro. Tinha mergulhado junto com Jorge em seu passado, tinha estado com ele lá, sentido os cheiros que ele sentira e experimentado o terror que ele experimentara. O devorador era fácil. Difícil era aquele inimigo que chegava insatisfeito todos os dias e descontava dentro de casa suas frustrações. Lana suspirou. Crianças não tinham que lidar com aquilo. Crianças tinham apenas que receber amor e aprender o que é amor. Criar um ciclo eterno de carinho e fortaleza. Mas o monstro não entendia nada de amor, respeito e confiança e batia em Jorge. Batia todos os dias. Lana passou a mão nas costas do menino. Ele havia sofrido muito. Ele tinha medo de tudo. Medo do pai e medo do hospital que o acolheu depois da dor e do sono. Passou seus dedos pelas costelas dele. Tinham tentado colocar as coisas no lugar. Tinham tentado dar uma chance a Jorge, já que a mãe do menino estava agora ao seu lado e ficaria ali para sempre, jamais voltaria a deixar o monstro chegar perto dele. Mas era tarde. Era tarde, e Jorge tinha que esquecer o sofrimento e a covardia.

O coelho estava maior do que antes. Ela notou quando ele saiu do lado do garotinho e veio ficar aos seus pés. Lana notou também um brilho na nuca do bicho. Era um ponto vermelho e cintilante. Temeu que o bichinho tivesse se machucado e agora sangrasse. Mas não era sangue. Era algo duro. Passou o dedo e assustou-se com a rigidez. Era um pedaço de ferro. Lana sentiu algo latejando em sua cabeça. Ela tinha que se lembrar. O coelho havia comido algo de metal. Era isso. Ela tinha atravessado e trazido consigo um pedaço de

seu robô favorito. O robozinho que ganhara de sua mãe. Lana sentiu uma lágrima escorrendo pelo canto do olho e depois saltando da ponta de seu nariz. A palavra “mãe” retinindo na mente. Era a primeira vez que não gostava da lembrança.

O coelho lambeu sua mão, obrigando-a a olhá-lo. Sua língua era áspera. Lana suspirou e remexeu a fogueira, fazendo fagulhas subirem. Queria se lembrar do rosto dela, só uma vez. Partiria da Penumbra para que ninguém mais sofresse, mas queria se lembrar do rosto dela. Lana observou Jorge. Aquele menino tinha sido brutalizado, maltratado e se esquecera de tudo. O que ela tinha que esquecer? Seria também algo assim tão cruel e doloroso?

O animalzinho voltou e mordeu sua roupa. A menina espantou o bicho com a mão, mas o danado não largava a barra da camisola, roendo o tecido e levantando as orelhas. Estava maior, sem sombra de dúvida. A Penumbra parecia dar fermento para o bicho. Lana empurrou mais uma vez o coelho insistente, mas dessa vez o bicho afastou-se e, num golpe ligeiro, mordeu o dedo da garota, que ficou de pé num salto, gritando.

Olhou para o coelho, que saltou para o meio do mato, embrenhando-se na floresta. Lana estranhou. O bicho estava chamando sua atenção. Correu no encalço da criatura, que saltava cada vez mais rápido, ziguezagueando entre as árvores de troncos largos e galhos abastados. Ali, a luz difusa da Penumbra entrava rajada e separada em listras que venciam as folhas. A menina sentiu um cheiro doce no ar. Um cheiro que a colocou em alerta e a distraiu do coelho por um momento. Para onde ele tinha ido? Os passos dela estalavam, massacrando folhas secas sob os pés conforme avançava. Lana girou no lugar e viu apenas troncos e mais troncos, ouvindo o chilreio de diversos pássaros e um som manso permeando todo o ambiente. Escutou um estrépito ritmado, pelo qual foi atraída.

Caminhando com cuidado, tentando não fazer barulho, andou em direção às batidas, primeiro imaginando que pudessem ser os pulos do coelho ainda em fuga, mas notou que havia uma cadência mecânica, inatural. Lana contornou uma árvore com raízes largas e esparramadas com o caule mais largo que já tinha visto na vida. Do outro lado, o som ficava mais potente, parecia mais próximo. Chegou de mansinho e viu a babá debruçada no chão, escavando o solo, jogando terra e folhas secas para os lados, afundando repetidamente seu facão que fazia as vezes de pá. Ela chorava. Lana podia

escutar seus soluços e suas lamúrias. A babá das crianças perdidas sofria. Ela parou de cavar e continuou de joelhos, olhando para o buraco. Lana contornou um pouco mais a árvore para poder ver o que Osso Duro fazia às escondidas. A babá colocou a mão no bolso do vestido e retirou um coração enegrecido lá de dentro. A garota lembrou e arregalou os olhos. Era o coração da criança teimosa, o coração daquele menino transformado que a atacara. O cheiro doce vinha dali.

Osso Duro depositou o coração no fundo do buraco e começou a cobri-lo com terra. Ela cantava a cantiga de ninar para embalar aquele pobre coração perdido. Lana sentiu seu sangue de menina morta gelar nas veias. Ela conhecia aquela música. Ela conhecia aquela cantiga de ninar!

Um clarão brilhou no céu. Outro relâmpago na Penumbra. Osso Duro levantou num salto e olhou para todos os lados, sem conseguir ver Lana, que tinha se escondido atrás do tronco da árvore.

Assim que Osso Duro passou por ela, Lana disparou de seu esconderijo e cortou a floresta, correndo, tentando se lembrar de onde tinha vindo.

CAPÍTULO
9

LANA CORREU, AFUNDANDO-SE NAS ÁRVORES da floresta escura emoldurada pelo céu arroxeado. O sol não cumpria sua promessa, nunca! Só agora tinha se dado conta de que desde que chegara à Penumbra parecia agarrada a uma alvorada eterna… ou a um crepúsculo sem fim. Não via o sol, apenas o seu prenúncio, o seu halo de luz pintando a vastidão celeste. A lua não chegava, e jamais a noite se instalou plena com estrelas salpicando a escuridão. A luz esmaecia às vezes, mas depois retomava. Porém, mesmo assim, não havia bom-dia ou boa-tarde. Era o lusco-fusco, como tinha explicado sua mãe numa tarde esquecida. Lana recostou-se ao tronco de uma árvore enquanto seu peito subia e descia descompassado. Não tinha sido a corrida. Tinha sido ela. Sua mãe. Se precisava esquecê-la, por que ela teimava tanto em aparecer em sua mente? Quase via o seu rosto. Apertou o papel com o desenho em seu bolso e não conteve o soluço. Não queria estar ali naquele lugar. Não queria esquecer a mãe, mas lembrar estava machucando as pessoas. Seria tudo isso um pesadelo? Será que ela acordaria de uma hora para outra em sua casa de novo, deitada sobre o carpete da sala tentando adivinhar desenhos nos enigmas lançados pela tinta manchada no teto? Se aquilo era um pesadelo, era o mais cruel que poderia ter tido em sua vida. Sonhar com a morte. Se pudesse estar lá, no momento da decisão mais uma vez, seguraria a mão de sua mãe, se amarraria a ela. Diria que estava tudo bem e que não existia mais dor nem precisava de tanta tristeza. A vida simplesmente continuava, não precisava ter medo. Ela, a mãe, tinha dado a Lana tudo que precisava para ser uma menina forte.

Lana expeliu uma nuvem de vapor pela boca. Estava ficando frio, e o que amava ia se apagando no pano negro do universo dentro de sua mente. O cheiro de flores voltou às narinas. Não se lembrava de sua escola nem de sua amiguinha favorita. Outra estrela que tinha se apagado. Escutou um barulho no mato e virou-se. Era o coelho gorducho. Lana caiu de joelhos e abraçou o bicho, que ficou de pé sobre duas patas e também a abraçou.

A menina fechou os olhos e escutou o burburinho de água. Sua pele estava arrepiada pelo frio. O coelho era quente e acolhedor. Era gostoso

abraçá-lo, reconfortante. Sentia-se bem-vinda. De olhos fechados ouvia o som agradável de água em movimento. Ao abri-los, notou o brilho fraco de estrelinhas estendidas por um tapete vermelho e espaçoso. Caminhou devagar, com o coelho às suas costas, fazendo barulho enquanto saltitava entre folhas secas. Lana olhou para trás. Queria voltar para a fogueira, para Jorge e seguir seu caminho. Não havia outro jeito. Tinha que seguir adiante. Recostou-se num tronco aberto tentando adivinhar por onde deveria voltar, sentada sobre uma raiz grossa, enquanto admirava as estrelinhas. Eram reflexos cintilantes na superfície de um rio largo e caudaloso. Lana sorriu. Perto de sua casa tinha um rio assim. Um rio fundo e de águas frias. O coelho levantou seu torso e ficou farejando o ar, agitando-se e saltando ao lado de Lana. O bichinho abaixou-se e mordeu a barra de sua camisola, puxando-a para perto do rio. A menina andou até a beira, o coelho ia à frente e saltou por uma faixa de areia onde deixou uma trilha de pegadas. Lana correu atrás dele, fazendo os grãos de areia voarem, e deu uma gargalhada ao tropeçar e cair. A agitação a fez se esquecer do frio, e o lusco-fusco fez estrelinhas brilharem na areia branca. O coelho saltou em suas costas e a menina tombou na areia mais uma vez, virando-se e apanhando um punhado de estrelinhas que o bichinho aninhou em seus pés.

– O que é isso? – perguntou ela, intrigada com o amontoadinho cintilante.

O coelho ficou parado, mexendo o focinho e fazendo seus bigodinhos subirem e descerem, com os olhos vermelhos perdidos. Lana apanhou as estrelinhas que refletiam o sol que se deitava no horizonte. Eram conchinhas. Conchinhas na areia.

Lana olhou para o rio e suspirou fundo. Mais uma pequena memória para atiçar a sua melancolia, a sua saudade de voltar para casa e para suas coisas. Levantou-se e andou até a beira da água. O que era estar morta? Era só aquilo? Estar apartada do passado, sem direito a se recordar de sua vida, sem contato com mais ninguém que tivesse pertencido à sua existência, ser largada naquele mundo de sombras sem sol e sem lua? Era vagar para sempre com medo de reencontrar suas memórias? Lana não gostava daqueles pensamentos. Das perguntas que quando lançava deixavam as pessoas olhando para seu rosto e as faziam passar a mão em sua cabeça de um jeito irritante enquanto falavam que ela era muito nova para pensar em tudo aquilo. Diziam para ela ir com as outras crianças, correr atrás de bola e

esquecer que um dia teriam que atravessar os campos da Dona Aranha, o destino de todos.

– Está com saudade deles, não é?

Lana virou-se, surpreendida pela voz. Pensou que seu coelho, além de andar sobre as patas traseiras, tivesse adquirido também a faculdade de falar, mas o coelho estava ali, aos seus pés, com os olhos vermelhos cintilantes e tristes, lambendo-a e empurrando-a para que voltasse para as árvores.

Quem falava com ela era uma garota da sua idade. Uma garota pálida e com um vestido longo, amarelo e brilhante como ouro, ornada com uma cabeleira vermelha exuberante, com madeixas que chegavam à altura da cintura.

– Não precisa ficar com vergonha. Pode falar comigo. Eu sei muito bem como é que é. – A garota de cabelo vermelho ergueu os braços e as sobrancelhas. – Afinal de contas eu vivo aqui, não é? Na Penumbra.

Lana a fitou. A garota exalava um cheiro adocicado que ela conhecia. Não se lembrava de onde, mas conhecia. Um cheiro doce que lembrava o cheiro das flores e dos problemas.

O coelho andou em direção à garota invasora e ergueu suas patinhas, querendo espantá-la.

– Para com isso, coelho – bronqueou Lana, andando para perto do bichinho.

A garota moveu-se e sua roupa dourada e de brilho hipnótico chamou atenção de Lana. Como era bonita. Como era bom ver algo iluminado naquele mundo de tantas sombras e indecisão. Como era bom ver uma criança que não parecia perdida nem frágil e que parecia também ter a sua idade.

– Não precisa ficar com vergonha…

– Eu não estou com vergonha. Só não sei quem é você, minha mãe sempre diz para eu não falar com estranhos.

A menina dourada ergueu as sobrancelhas, desdenhando.

– Sério? – Ela fez uma pausa, rodeando Lana, que a acompanhava com os olhos. – Você veio cedo, não é? Tenho essa impressão te olhando.

Lana deu de ombros. Não sabia mesmo o que responder.

– Interessante… – continuou a menina dourada. – Ainda se lembra das coisas que ela te disse quando você era viva. Deve ser por isso. Você veio mesmo mais cedo.

Lana lembrou que não pediu para ficar. Apenas se deixou vir. Não era mais viva. Tinha perecido de um jeito frio e distante, um jeito que fez as despedidas se emaranharem no manto sem que escutassem as respostas. Lana estava cansada de falar sozinha e de se segurar ao barbante. Na Penumbra ao menos era ouvida. Talvez Osso Duro tivesse razão no fim das contas. Aquele era o lugar certo. Ela tinha que seguir adiante, como o rio fazia. Olhou para as águas correndo mansas. Teria caído da beirada de uma ponte? Teria afundado até onde ninguém mais conseguia escutá-la? Voltou a olhar para a menina com brilho de sol dourado. Não pertencia mais ao mundo quente. Agora era uma coisa fria presa num entreposto da morte onde ninguém a queria por perto.

– Eu gosto de você – disse a menina dourada, abrindo um sorriso largo. – Você é diferente das outras.

Lana ficou parada, calada, escutando o rio correr ao seu lado e sentindo o vento passar leve pelas copas das árvores, fazendo-as farfalhar com calma. A praia de areia branca onde nunca viveria o que não tinha vivido. O coelho ainda estava de pé e andou até ela, apontando mais uma vez para a floresta. Parecia pedir que voltassem por onde tinham vindo. Lana olhou para a garota dourada. Seu vestido era colado ao corpo magro na parte de cima, e da cintura para baixo se alargava, formando uma cauda longa, como o rabo de uma raposa pintada de ouro, e que se arrastava entre as folhas quando ela se movia. Na parte da frente, o tecido terminava no meio das coxas. A menina tinha o rosto fino e a pele alva, como a de um cadáver. Seus olhos eram amarelos e brilhantes, bonitos e pacíficos. A luz teimosa do sol poente ou nascente, impossível distinguir, refletia na água e pintava a cauda do vestido com estrelinhas cintilantes. Tudo era lindo e convidativo naquela menina. Mas o cheiro trazia o aroma de alerta para Lana, que mantinha os pés plantados no lugar apesar de toda a curiosidade e da vontade de se aproximar. Aquela menina tinha o cheiro do perigo.

– Sou Patrícia – disse a menina dourada, estendendo-lhe a mão.

O coelho balançou a cabeça em sinal de repúdio e apontou para a floresta. Queria que Lana fosse embora dali.

Lana esticou a mão e apertou a dela, estranhando os dedos frios da menina dourada, que recolheu a sua rapidamente, assustada.

– Nossa! Seus dedos são mais frios que os meus. E você morreu faz poucas horas – comentou Patrícia.

O coelho gorducho e repentinamente bípede empurrou a menina dourada para longe da garota perdida.

– Ele não gosta de você, Patrícia.

A menina passou a mão na cabeça do coelhinho. O bicho abaixou as orelhas e se escondeu atrás de Lana.

– Deve ser porque eu sou uma atravessadora.

Lana arregalou os olhos.

– Você não se parece com uma atravessadora.

Patrícia sorriu. Seus dentes eram pontudos e serrilhados.

– É. Eu estou aqui há tanto tempo que aprendi uns truques. Como controlar minha aparência, por exemplo. Sou boa nisso. Não gosto tanto assim daquela coisa peluda. Como é o seu nome?

Lana coçou o braço, desconfortável.

– Pode confiar em mim. Não sou como os outros, você mesma percebeu quando disse que eu não me parecia com eles.

– Meu nome é Lana. Eu estou com a babá Osso Duro. Ela está vindo aqui, atrás de nós dois.

Patrícia olhou para os lados com olhos arregalados. Girou, e seu vestido com rabo amarelo farfalhou junto com seus passos nas folhas.

Lana pensou em obedecer ao coelhinho, apanhá-lo e correr dali, mas Patrícia virou-se com aquele sorriso agradável e amistoso, despertando sua curiosidade novamente.

– Fiquei espantada por você lembrar coisas que os vivos diziam.

– Eu amo a minha mãe e prometi que não iria me esquecer dela. Nunca.

– É por isso que logo gostei de você. Adoro essa palavra. “Nunca.” Não

merecemos ficar aqui, não é? Nem ficar fazendo o que nos obrigam a fazer. “Nunca.”

Lana coçou mais uma vez o braço, sem jeito, e abaixou a cabeça quando Patrícia se aproximou.

– Não é verdade? Você concorda comigo?

Lana esfregou o pé no chão cheio de folhas e mordeu o lábio.

– Não é verdade? – insistiu Patrícia.

– É.

– A gente não tem culpa de ter vindo pra cá, poxa! As coisas acontecem e querem que a gente aceite tudo do jeito deles, mas eu não aceito. Por isso ficam apontando o dedo pra mim, só porque eu não aceito ir embora e ficar sem minha mãe e meu pai. Eles gostam de mim, ninguém pediu pra eu morrer.

– É. Eu sei.

– Daí, só porque não quero seguir as regras que eles inventaram aqui, dizem que sou malvada. Isso é horrível. Não acha?

Lana apenas concordou com um sinal de cabeça. O ar esquentou conforme a menina dava um passo na direção dela. Patrícia passou o dedo indicador no braço de Lana, que ficou imóvel.

– Não precisa ter medo de mim.

Lana olhou para a cintura da menina. Ela usava um cintinho fino, de couro, bastante discreto. Uma bainha protegia uma arma com empunhadura feita de osso.

– Já que você concorda comigo, vem, vamos caminhar. Vou lhe mostrar uma coisa que tem aqui perto, enquanto isso te falo do que eu me lembro do lado de lá.

Lana olhou para o coelho de pé, que continuava balançando a cabeça. Depois olhou para as árvores a cinco metros dali.

– Eu tenho que voltar para a babá Osso Duro. Prometi a ela que a acompanharia. Temos que cuidar do Jorge.

– Hum. Outra alma perdida. Esta semana está intensa aqui na Penumbra.

– Por que vocês querem nos pegar? Osso Duro disse que vocês se

alimentam de nossa alma, que roubam nossa energia.

– Muitos roubam mesmo. Eu, não. Sou diferente. Não concordo com o sistema. Faço tudo do meu jeito, na hora que eu quero. Regras existem para serem quebradas.

Lana sorriu. Os cabelos de Patrícia balançavam com o vento, e ela mantinha um sorriso tranquilo no rosto. Poderia ter mentido e escondido que era uma atravessadora, mas foi direto ao assunto. Parecia falar a verdade.

– É, você parece diferente. Eu gosto do seu jeito – revelou Lana.

Patrícia retribuiu o gesto repetindo seu sorriso sedutor.

– Os outros roubam a energia de vocês, as almas que precisam esquecer, porque eles querem voltar. Curioso que você também queira ficar aqui para voltar. Temos coisas em comum.

– Eu só quero ver a minha mãe. Jurei pra ela que jamais iria me esquecer dela, do rosto dela. Jurei. E agora não consigo me lembrar do sorriso dela. Preciso vê-la só pra manter minhas duas promessas. A que fiz à mamãe e a que fiz a Osso Duro.

– Promessas, promessas. Isso é uma coisa estranha lá do outro lado, Lana. Fazem promessas pra gente que nunca conseguem cumprir. É por isso que eu sempre volto, para lembrá-los. Volto pra que saibam que eu ainda estou por aqui. Assim nunca se esquecem de mim também. Nunca vão me apagar de suas vidas.

Lana sentiu um frio na espinha.

– Como é que eu faço para voltar, Patrícia?

– Não quero ser esquecida, sabe? Tem tanta coisa boa do lado de lá. Do que você sente mais falta, Lana?

– Da minha mãe.

Patrícia riu de leve a princípio e depois começou a gargalhar. Lana fechou o rosto enquanto o coelho saltava ao seu redor.

– Por que você tá rindo? Você disse que também sente falta da sua mãe.

– Ah, eu disse? Este lugar apaga rápido as lembranças. Mas é que achei curioso que a coisa de que você mais sente falta é da sua mãe.

– Ué, mas do que eu sentiria mais falta?

Patrícia abriu seu sorriso de dentes serrilhados mais uma vez. Andou em volta de Lana e passou a mão em seu cabelo. Lana encolheu-se um pouquinho enquanto a menina aproximava os lábios de sua orelha.

– Tá vendo? Tem um montão de coisa pra você fazer do lado de lá, e eu sou a pessoa certa pra te ajudar. Vem, vem ver o que tenho para lhe mostrar. Se ficarmos aqui, a babá vai me achar e vai querer que eu fique longe de você. Ela é meio sistemática.

Lana passou a mão pelos braços e olhou para o caminho por onde deveria voltar. Escutou a voz de Osso Duro chamando seu nome e depois a voz mirrada de Jorge também gritando por ela.

– Eles já estão me procurando. Desculpa, Patrícia, mas eu tenho que ir embora.

Patrícia segurou a mão de Lana e uma profusão de dedos frios se tocou.

– Calma. Vem comigo, você vai voltar pra eles. Eu prometo. Não quer ver sua mãe mais uma vez antes de partir? Como você vai cumprir sua promessa? Como vai arrumar as coisas com ela? Aposto que ela está doida pra te ver. Vem, eu mostro sua mãe.

Os olhos da pequena brilharam. Patrícia sorria com seus dentes serrilhados e, mesmo que Lana tivesse medo daqueles dentes e medo daquele cheiro doce que abarrotava o ar, ela só escutava a parte de que era possível ver a mãe.

– Osso Duro disse que não é possível voltar.

– Ah! Aquela babá é uma grande de uma mentirosa, Lana. Ela finge que está preocupada com você. Ela prendeu a gente aqui. Essa é a grande verdade. Ela só está preocupada com uma coisa, sabe o que é?

Lana fez que não com a cabeça.

– Ela só está preocupada com a busca dela, Lana. Não está mais tão preocupada com a gente.

– Busca? Ela nunca me falou de nenhuma busca.

Lana já estava seguindo a atravessadora dourada, andando ao lado do rio, enveredando-se por uma trilha marcada por sombras e grama baixa.

– Ela está buscando a menina certa, mas nunca vai achar essa criança. É

por isso que faz todo mundo ir embora daqui. Ela não encontra a menina certa pra ficar com ela. Essa menina certa não existe, Lana! Simplesmente não existe.

Lana lançou um olhar para o rio e para trás, escutando o coelho correndo ao seu lado levantando pedriscos. A voz de Osso Duro chamando a fez parar.

– Ei, Lana, você não quer ver sua mãe de novo?

Ela virou-se para a menina dourada.

– É tudo que eu mais quero, Patrícia.

– Então vem comigo.

– Mas ela está atrás de mim, vai ficar brava porque eu desobedeci de novo.

Patrícia sacudiu a cabeça repetidas vezes.

– Não, não, você não vai desobedecê-la, só vai me escutar um pouquinho num lugar onde ela não vai incomodar a gente. Vem.

Lana sentiu suas forças serem vencidas. Ela queria demais ver sua mãe de novo.

– Tem que ser rápido. Eu não quero magoar mais ninguém.

As duas continuaram subindo a trilha, acompanhadas pelo rio.

– É longe? – quis saber Lana.

– Nada, estamos muito perto. Eu vivo por aqui, aí percebi você. Todos estão falando de você.

– Por quê?

– Porque você é poderosa, Lana. Você ainda tem muita força te ligando ao outro lado. Você é fresquinha e poderosa.

Patrícia abriu ainda mais seu sorriso e seus dentes pontiagudos ficaram totalmente à mostra. Lana não sentiu medo.

– Só precisamos continuar subindo. Subindo este morro. É logo ali.

– Se estamos subindo, por que a água do rio está nos acompanhando?

Patrícia olhou o leito vermelho do rio.

– É. Ele não gosta de descer. É um rio com vontade própria.

Chegaram até uma árvore imponente, dona de um tronco impressionante. Nem que dez pessoas abrissem os braços ao seu redor fechariam o abraço. Pequenos tocos de madeira estavam fincados na casca ao longo do tronco. Ao lado, havia uma escarpa de rocha por onde o rio avançava, uma cachoeira que corria para cima.

– Vem. É superseguro.

Lana engoliu em seco. Não queria subir.

– Eu tenho medo de altura.

– Cagona. Não quer ver sua mãe?

O coelho ficou parado na frente de Lana. Os gritos de Osso Duro e Jorge estavam ficando mais próximos. Lana roeu a unha enquanto o coelho mordia sua sandália, puxando-a pela fivela.

– Eu já entendi que você não está gostando dela, não precisa fazer isso – reclamou Lana, enxotando o animal. – Mas eu preciso me lembrar do rosto da minha mãe. Vou me esquecer de tudo, menos dela.

Lana olhou para cima e agarrou-se ao primeiro toco encravado na casca da árvore, começando a escalá-la. A cada estaca avançada, mais longe do chão seguro ela ficava. O vento da Penumbra soprava em seus ouvidos, silvando entre seus brincos e fazendo-a segurar-se ainda mais firme. Seus pés pareciam grandes demais para os tocos de madeira. Seu coração morto batia disparado. E se ela caísse? Seria possível morrer duas vezes? Ela nunca tinha tido medo de altura, e agora qualquer coisinha acima de sua cabeça a fazia tremer inteira.

– Vem, Lana! Vem ver sua mãe! – chamou a garota dourada do alto da árvore, com seus olhos amarelos e brilhantes.

Lana olhou para baixo. O coelho estava ao pé da árvore, montado num ramo da raiz. O rio estava salpicado de estrelas, refletindo a luz do céu rubro. Pássaros voavam acima das copas e a voz da babá das crianças perdidas, chamando-a na floresta, penetrava em seus ouvidos fazendo-a temer cada toco que ela galgava rumo ao topo. No primeiro momento, ela havia tido uma impressão ruim daquele sorriso de dentes serrilhados ornados pelos olhos que ardiam como brasas, mas precisava seguir em frente. Precisava seguir Patrícia, a menina dourada, para ter uma chance de ver a mãe. Patrícia havia

prometido lhe mostrar. Também queria entender por que a menina dizia que Osso Duro era mentirosa. E se estivesse seguindo a pessoa errada? E se Osso Duro fosse a pessoa que queria tomar a sua energia e a energia de Jorge? Patrícia podia trazer a verdade e ser uma salvadora. Lana estava confusa.

Quando venceu as perguntas e o medo de altura, a menina atingiu os primeiros galhos frondosos da árvore e engatinhou em cima de um ramo grosso e firme até alcançar a terra por onde os galhos se enveredavam como uma passa-rela para outro mundo dentro da Penumbra. Levantou-se, sacudindo a grama da roupa. Patrícia estava parada à sua frente. O vento que varria a campina adiante trazia um cheiro doce, de guloseimas. O céu de cor púrpura tinha ficado imenso em cima da escarpa, atraindo seu olhar. Era a primeira vez que conseguia ver o horizonte rajado de vermelho em sua amplitude. A promessa pálida do sol nascente pintava a linha curva até onde sua visão alcançava. Lana abriu um sorriso.

– Quando o sol nasce aqui, Patrícia?

A atravessadora olhou para o horizonte também.

– Engraçado você perguntar isso. A gente até esquece que ele nunca nasce. Nunca é dia. Nunca é noite. É sempre essa maldita Penumbra.

Elas pararam de repente. Um barulho à frente das duas colocou-as atentas.

– O que foi isso?

– Fica parada. Não move nenhum músculo.

Lana obedeceu.

– Estou com medo. Não quero que nada de ruim aconteça antes de reencontrar minha mãe.

– Ssh, ssh. Não pensa nela agora. Não se lembre de nada.

– Por quê?

– Simplesmente obedeça, sua burra!

Lana congelou. O coelho, persistente, tinha escalado o tronco da árvore e, ao seu lado, também parou, levantando o focinho e farejando o ar.

– Faça-o parar de fazer isso – ordenou a atravessadora. – Tem mais deles por aqui.

– Você me mandou ficar imóvel e não me lembrar de nada. Fica difícil ser obediente desse jeito.

O som de folhas secas sendo quebradas, aos montes, preencheu o entorno.

– Droga, droga, droga! Estão todos sabendo de você. Todos.

– Todos quem?

– Os outros atravessadores, Lana. Eles nos acharam. Temos que sair fora.

– Você disse que era superseguro… Agora temos que sair fora?

Olhos vermelhos começaram a pipocar na floresta escura que ladeava um caminho de pedras coroando a escarpa.

– Me segue. Eu sei de um lugar aonde eles não gostam de ir.

Patrícia começou a correr. Lana não pensou duas vezes e seguiu os passos da garota dourada. Antes de sentir medo de ficar cara a cara com os temidos atravessadores, queria que Patrícia cumprisse sua promessa. Ouviu a voz da mãe em sua cabeça, cantando a cantiga de ninar que sempre cantava enquanto lhe acarinhava antes de dormir. Relâmpagos fulgurantes explodiram à beira do caminho, fazendo com que folhas secas e galhos caídos se incendiassem. Patrícia gritou apavorada, virando e puxando Lana pela mão.

– Você está pensando nela? Você não pode se lembrar de nada agora, Lana, louca. Vai chamar muitos mais deles assim!

– Mas eu não consigo esquecer, Patrícia. É mais forte do que eu.

– Você precisa esquecer, Lana. Precisa. Não traga mais sofrimento para a Penumbra.

Lana puxou a mão, livrando-se da garota.

– Mas você me disse que iria mostrá-la pra mim! Eu só quero levar comigo o rosto da mamãe.

Patrícia olhou ao redor. Os olhos vermelhos vinham em grande número, avançando pelas sombras das árvores. Mais raios caíram ao lado delas, fazendo chover brasas e faíscas, obrigando-as a se abaixarem.

– LANA!

A menina virou-se para a voz. Era sua mãe?

– Ela nos achou. Corre! Se Osso Duro me pegar, você nunca mais verá

sua mãe. Nunca. Ela não vai deixar você voltar!

Lana respirava em haustos, confusa e dividida. Tinha prometido acompanhar Osso Duro para que ninguém mais sofresse, mas os atravessadores a cercavam agora, colocando toda a sua energia em risco; os fiapos do que ainda guardava da mãe seriam arrancados de sua memória, de sua essência. Se seguisse Patrícia, a menina dourada que era diferente dos outros, teria uma chance de ver a mãe de novo e seguir em paz, e tudo estaria certo novamente, tudo estaria bem. Tinha que tentar. Tinha que ver sua mãe.

– Vem, Lana! – gritou Patrícia, puxando a garota.

As duas correram até onde as árvores se abriam, atravessando uma campina. Patrícia era ágil e corria mais que Lana, ganhando distância. Lana olhou para trás. O coelho vinha a galope no seu encalço enquanto os olhos vermelhos haviam ficado para trás, escondidos pela folhagem e pelas árvores que margeavam o caminho. Uma cerca alta e enferrujada surgiu na frente das meninas, bloqueando a passagem.

– Vem! – orientou Patrícia.

Lana viu a menina se esgueirar por uma fenda na velha cerca. Imitou-a, seguida pelo coelho. Novamente os dois corriam atrás da garota dourada, da promessa de reencontro com o rosto esquecido. Patrícia atirou-se num barranco de três metros de altura e adentrou uma viela estreita. Lana tropeçou em raízes que escapavam do barranco e desceu o morro rolando até bater contra uma placa. Levantou os olhos, vendo o desenho empoeirado de uma maçã espetada num palito. Sacudiu as folhas que se prenderam em sua camisola e recolocou-se de pé.

– O que é isso? – perguntou ao coelho parado ao seu lado.

Lana perdeu Patrícia de vista e avançou pela viela. A trilha era formada por dezenas de barraquinhas. Numa delas, a luz piscava intermitentemente e uma música tocava baixinho.

Uma faixa colorida estampava o desenho de três unicórnios e uma mensagem escrita à mão na lousa convidava: conheça madame unicórnio, quem sabe tudo, vê tudo e tem todas as respostas por apenas um centavo. Lana arregalou os olhos e vasculhou os bolsos. Tudo que tinha era o barbante. Parou em frente à tenda da vidente. Ela não tinha dinheiro, mas se aquela Madame Unicórnio tinha todas as respostas, não poderia desistir.

Tinha que saber.

– Vem, Lana! – gritou mais uma vez Patrícia.

Lana não iria. Precisava saber. Olhou para o coelho como se pudesse pedir a ele uns trocados. O bichinho estava sentado sobre as patas traseiras, com olhos vibrantes.

– Madame Unicórnio! – gritou Lana.

Nada. Nenhum som além da música do parque de diversões. No fim da viela Patrícia batia os pés, irritada com a demora da menina teimosa.

– Lana, não temos muito tempo, precisamos ir! – gritou de lá.

– Eu quero saber.

Então a tendinha tremeu. Lana sentiu o coração acelerar. Madame Unicórnio estava vindo. As cortinas da tenda se abriram de forma automática, tremida, derrubando poeira das bordas, e o vulto do unicórnio surgiu. Era inacreditável! Estava mesmo na frente de um unicórnio. Um bicho mágico e que, além do mais, era dotado de poderes sobrenaturais.

A cabeça do animal estava de lado, apenas via-se sua sombra no fundo da tenda. Madame Unicórnio virou-se de frente para Lana, que segurou a respiração. Até que enfim alguém que sabia das coisas estava chegando. Uma luz acendeu-se no alto, iluminando seu chifre prateado, e o animal veio para frente. Lana pulava na ponta dos pés, incapaz de conter a excitação. Mas em vez de um relincho ou do som dos cascos batendo no chão, sentiu uma vibração e escutou o barulho de ferro reverberando, com dificuldade, e a cabeça aproximou-se balançando e tremendo, alcançou a cortina e projetou-se para fora. Pelo menos um pedaço dele. Um unicórnio mecânico com a cabeça de camurça empoeirada, faltando um olho. Com uma boca fofa e sem dentes, como um bichinho de pelúcia barato. Lana suspirou. Um copinho saiu do peito do animal e um mecanismo exibiu um cartão amarelado em que se lia: deposite um centavo e faça sua pergunta. A menina murchou. Patrícia gritava, dizendo que ela iria estragar tudo. O coelho lambia suas patinhas.

Lana abaixou-se e apanhou uma pedrinha. Jogou-a dentro do copinho, fazendo-o tilintar. O copo, mecânico, voltou para dentro do peito da Madame Unicórnio. Sua bochecha abriu uma portinhola empurrada por molas, e um gravador antigo, de fita de rolo, projetou-se para fora. O aparelho começou a

funcionar com seus velhos rolamentos rangendo enquanto a fita gravava. Uma sineta disparou e uma plaquinha iluminada com neon acendeu-se: faça sua pergunta.

Lana olhou para o céu da Penumbra, depois para Patrícia impaciente no fim da viela. Olhou para Madame Unicórnio à sua frente, notando o rangido do gravador.

– Por que estou aqui, Madame Unicórnio?

O gravador continuou rangendo por alguns segundos, e Lana não soube mais o que fazer além de esperar a resposta da vidente. Patrícia voltou e puxou Lana pela mão, mas a menina logo se desvencilhou da atravessadora.

– Eu preciso saber por que estou aqui!

– Ela já sabe que estamos aqui, Lana, e está vindo atrás de você. Se ela me pegar, tá tudo acabado.

A boca da Madame Unicórnio se abriu e um cartão amarelado foi ejetado para fora, ficando pendurado na boca fofa do boneco mecânico.

Lana pegou o bilhete e ficou olhando para a mensagem com uma expressão de desapontamento.

– Está satisfeita agora? Ela sempre dá a mesma resposta para todas nós! Vamos embora, foge de Osso Duro.

Lana viu Patrícia disparar pela viela de barraquinhas enquanto duas lágrimas pingavam de seus olhos e molhavam o papel. A mensagem era indecifrável e não fazia o menor sentido. Lana não entendia a linguagem dos unicórnios e jamais conseguiria entender o que a vidente estava lhe dizendo. “F4”. Aquilo não explicava nada. “F4”. A tenda roncou e o unicórnio foi tracionado para dentro mais uma vez pelos mecanismos que estruturavam aquela ilusão, e finalmente as cortinas se fecharam. Lana jogou o bilhete velho no chão e voltou a caminhar acompanhada pelo coelho.

A vitrine da barraca ao lado exibia uma variedade de doces cobertos com caramelo. As maçãs do amor eram os mais vistosos, espetadas em palitos de madeira, girando automaticamente num prato. No fundo da barraca, na parede, letras pichadas grosseiramente anunciavam: doce de mais faz mal.

Lana e o coelho avançaram. A barriga da menina roncava, e ela agora segurava uma maçã do amor. Uma faixa pendurada num pórtico fazia

propaganda dos picolés. A menina lembrava-se de alguém falar de picolés de uva, de vontade de tomar picolé naquela noite quente. Além do anúncio de picolés estavam os esqueletos de um velho parque de diversão. A montanha-russa e a roda-gigante destacavam-se de todas as outras atrações apagadas cujas armações metálicas estavam corroídas pela ferrugem, com as estruturas recobertas por trepadeiras que roubavam suas formas originais, transformando-as em esboços de outras criaturas. Lana não gostava de montanha-russa, mas tinha um fascínio pela roda-gigante. Ela ia tão alto, dava tanto medo, mas sempre voltava para baixo, sempre a devolvia à segurança. Aquele lugar a deixava serena. Ali era bom ser criança mais uma vez, mesmo naquele parque decrépito e esquecido dentro da Penumbra.

A música da barraquinha de maçãs do amor ficou para trás, e a luz se apagou. Lana observou o palito. O doce não estava mais lá. Olhou desconfiada para o coelho, mas o bicho estava estático ao seu lado, como um guardião, sobre as patas traseiras. Ele estava crescendo, crescendo bem rápido. Já batia quase em seus ombros.

– Vem, Lana! – chamou a voz de Patrícia.

Lana ergueu o rosto e balançou a cabeça. Estava quase esquecendo essa nova jornada. Tinha se desviado do caminho. Tinha cedido à curiosidade e à saudade. Aquela menina prometera levá-la até sua mãe.

Vagaram por um terreno encoberto por neblina por mais de dez minutos. Quando a bruma se dissolveu, Lana, intrigada, percebeu-se rodeada por inúmeras lápides escurecidas pelo tempo, também invadidas e parcialmente cobertas por plantas trepadeiras. As campas tinham, na maioria, um metro e meio de altura, recheadas de fotografias de crianças que já haviam partido do mundo dos vivos para a Penumbra.

Um prédio alto e enegrecido, com seis pavimentos e duzentos metros de largura, apareceu no fim do caminho, bloqueando o horizonte e lançando fuligem para o alto, emoldurado pela luz do poente. Quanto mais se aproximavam de sua entrada, mais frio e escuro ficava o céu, e o prédio ganhava mais imponência. Lana se virou para trás, atraída por ganidos e uivos. Os atravessadores haviam parado no cemitério, como que paralisados por uma barreira invisível.

– Eles têm medo de vir para cá. Entra no prédio e estará a salvo de todos

nós.

– Que lugar é este?

– É o hospital da Penumbra. Ninguém vem para este local. Nem os atravessadores, nem a babá. Todos morrem de medo daqui.

Lana olhou para o prédio, erguendo a cabeça. Ele não era negro, *estava* negro. Suas paredes e janelas tinham sido devoradas pelo fogo e pelo tempo, rachando a pintura e cobrindo-a de fuligem. As janelas tinham pedaços de venezianas penduradas, calcinadas, soltando cinzas que voavam com o vento, alimentando o nevoeiro do entorno e deixando tudo ainda mais sombrio. O telhado estava afundado para dentro de suas próprias entranhas, mostrando que o velho hospital não tinha mais forças para manter-se de pé. Era um lugar lúgubre e arruinado. Por que estavam ali?

– Entra, Lana. Eu não posso entrar. Não deixa a Osso Duro te levar. Preciso de você para atravessar e para encontrar sua mãe, como prometido.

– Mas por que você não pode entrar, Patrícia?

– Eu tenho medo. Não quero voltar aí nunca mais! – A garota passava as mãos fechadas em garras pelos braços, marcando sua pele com fios vermelhos, abrasados. – Esse é o melhor esconderijo da Penumbra. Ninguém gosta de vir aqui. Nenhum atravessador vai pôr as mãos em você. As crianças perdidas detestam este lugar. Fique aí dentro até que eu mande eles embora.

– E a Osso Duro? Ela vai ficar doida de raiva de nós duas. Eu não quero que ela fique desapontada comigo.

Patrícia franziu os lábios, revelando os dentes aguçados mais uma vez.

– Ela já deu as cartas por tempo demais. Com você do meu lado, vou acabar com a babá. Você é mais forte do que ela, Lana, dá pra sentir. Você veio pra mudar as coisas na Penumbra, e eu vou te ensinar como fazer isso. Vamos tirar Osso Duro do comando! Acabar com aquela velha intrometida!

– Não! – gritou Lana, fazendo Patrícia virar-se com os olhos arregalados.

– Não o quê?

– Osso Duro é uma boa senhora. Ninguém vai acabar com ela.

– Por que se importa? Se quiser voltar e ver sua mãe de novo, terá que tirá-la do nosso caminho. Esse é o trato.

Lana deu de ombros e avançou dois passos porta adentro. O interior do velho prédio era frio e cheirava a madeira queimada. Patrícia parou junto ao portal e torceu a boca, descontente com a menina.

– Ela está aqui ajudando todas as crianças perdidas… – disse Lana.

– Ela não está ajudando ninguém! Só quer nos espantar e deixar o caminho livre para a criança dela. É isso que aquela desgraçada sempre quis! Que a gente fosse embora daqui! Ela quer nos ver longe, nunca gostava quando a gente voltava, Lana. A gente ia embora, e cedo ou tarde os feitiços da Osso Duro perdiam o efeito e traziam a gente de volta para ela. Ela é má! É má! Ela não deixa a gente ficar com o papai e com a mamãe do outro lado. Se ela pudesse, teria jogado todas dentro da luz. TODAS!

– O lado dos vivos… Nós estamos mortas, Patrícia.

– Mas eu quero ficar lá, com minha mãe, com meu pai. Eles nunca, nunca vão se esquecer de mim. Nunca!

Lana balançou a cabeça.

– Isso não é certo.

– Cala a boca e não sai daqui. Osso Duro tem que pagar. Ela já carregou muitos, muitos dos meus amigos. Ela levou uma porção deles para a luz, e sabe o que acontecia? Os pais e as mães choravam e brigavam com ela. Osso Duro nos separa dos que amamos. É ela quem nos separa, você não entendeu ainda?

Lana não conseguia mais responder a Patrícia. Estava atônita com tanto ódio e rancor. Não sabia do que a menina dourada estava falando, do que acusava a babá Osso Duro.

– Eu vou acabar com ela, e você vai me ajudar. – Patrícia encarou Lana de novo, com seus olhos agora vermelhos. – Eu vou te ajudar também.

– Não quero mais sua ajuda, Patrícia, não assim. Eu quero a ajuda da Osso Duro – disse Lana, deixando o saguão do hospital e pisando na escadaria da frente, voltada para o cemitério e para os olhos vermelhos que a espreitavam.

Ao encarar aquele número crescente de adversários, a menina titubeou.

Patrícia rosnou. Seu vestido dourado foi perdendo o brilho áureo e tomando a cor do chão do pátio, recoberto por cinzas e carvão.

– Osso Duro não vai entrar nesse hospital. Fica aí dentro ou nunca mais verá sua mãe, estou te prevenindo. Se me desobedecer, pagará caro por isso. Tomarei sua energia de menina perdida, encontrarei sua mãe e arrancarei o coração dela, sua teimosinha de uma figa.

Lana estremeceu e não conseguiu sair do lugar, vendo Patrícia mudar de forma e tornar-se uma fera sombria com dentes enormes, patas e presas de lobo, assustadora. O vestido dourado colou-se ainda mais à pele, até se tornar indiscernível, negro. Apenas o par de olhos vermelhos da garota cintilava naquele corpo, que se curvou como um quadrúpede, com uma cauda escura e arisca.

Lana recuou e voltou para o saguão do hospital, ouvindo a velha construção ranger como se estivesse a ponto de ruir. Nesse momento, Patrícia avançou pela escadaria, urrando como um bicho, e parou ao chegar nas portas queimadas das ruínas da recepção do prédio. O monstro recém-transformado emitiu um som estrondoso, como uma turbina, um motor potente que lançou um jato de ar capaz de derrubar Lana dentro do hospital. Os restos das portas bateram, deixando a garota assustada presa lá dentro.

Lana começou a chorar, caída. Sua cabeça foi amparada pelo coelho, que se ajoelhou ao seu lado. A criatura felpuda passou a pata sobre os olhos de Lana e acariciou seu cabelo, fazendo a menina olhar para o alto. O hospital estremecia e a fuligem bailava no ar, rodopiando e descendo mansamente, como neve escura, desprendendo-se do alto do velho e carcomido telhado e cobrindo o chão do átrio central com cinzas. Lana podia ver todos os corredores dos andares de cima e imaginar aquele lugar cheio de pacientes vagando pelas alas. O prédio era imenso e evocava a imponência do passado. Tudo ali dentro cheirava a fumaça e a esquecimento.

O coelho levantou Lana e apontou para as portas fechadas.

– Osso Duro… – murmurou a menina, correndo até a porta e puxando-a com toda a força, mas sem conseguir abrir.

O coelho, de pé, já ultrapassava a altura dos ombros de Lana. Parecia que, a cada momento que ela prestava atenção no bichinho, um pouco maior ele estava. Por conta disso, o gorducho esperneava, empurrando a cabeça por uma fenda, mas, sem conseguir sair do hospital, gemia e gania como um cachorrinho de estimação.

– Vem, vamos achar outra saída – disse a menina.

Lana, seguida pelo coelho, alcançou uma janela obstruída por madeira queimada e espiou pela fresta. Patrícia, ainda na forma de monstro, lutava contra os outros atravessadores que se amontoavam do lado de fora, à margem do cemitério de crianças que um dia tinham sido pacientes naquele edifício. Eles se atracavam como cães, exibindo seus dentes e sacudindo suas bocas. Patrícia tinha uma cauda longa e vasta, destacando-se dos demais. Ela era também a maior; provavelmente, se quisesse, seria a líder daquele bando de feras com facilidade. Lana não sabia por que ela estava brigando tanto para salvá-la. Aquela criatura não era boa, estava encharcada de ódio e rancor. Queria atravessar o manto e retornar para os pais sem aceitar o fato de que todos tinham sua hora de seguir em frente. Sua hora de aceitar as coisas.

Lana sentiu um arrepio percorrendo sua pele. Aceitar as coisas. Nunca tinha sido tão claro para ela que existiam certos acontecimentos na vida, certas etapas, que fugiam do seu controle, coisas contra as quais não adiantava teimar. Era preciso compreender e aceitar. Compreender que Osso Duro não era sua inimiga e aceitar sua orientação, seus cuidados. Osso Duro era só uma engrenagem desse processo. Uma figura num lugar feito para aceitar.

– Lana!

A garota foi retirada de seus pensamentos e colou os olhos na fresta mais uma vez. Ela estava vindo. Era Osso Duro quem gritava o seu nome. Ela estava avançando rumo aos atravessadores!

– Foge, babá!

Osso Duro caminhava rápido pelo cemitério, trazendo Jorge a reboque, puxado pela mão. Quando a voz de Lana respondeu, a babá sentiu um misto de alívio e pavor. Ela estava onde ninguém deveria estar. Estava no lugar proibido da Penumbra. O memorial, as cicatrizes e as dores da vida passada. Osso Duro desabotoou o peitoral de seu vestido e deixou o guarda-armas pronto para a ação. A menina fazia relâmpagos choverem na Penumbra. Quem era aquela pequena para fazer o céu da Penumbra rachar em relâmpagos, cada um deles trazendo um maldito atravessador para perto? A hora de enfrentá-los tinha chegado, e no pior cenário possível.

– Babá, eu acho que estou me sentindo cansado…

Osso Duro estacou. O cheiro doce infestava o corredor de lápides.

– Você não está sentindo nada, garoto. Você é só um menino morto – respondeu a voz sarcástica e rouca de Patrícia.

Jorge aproximou-se de Osso Duro e recostou-se ao seu corpo enquanto a babá colocava a mão no peito dele.

– Quem é ela, babá?

– Não saia de perto de mim… – sussurrou Osso Duro.

Patrícia ergueu sua cauda numa mescla de dourado cintilante com o negrume da fuligem que recobria seu corpo e seu rosto, realçando ainda mais os olhos vermelhos e os dentes brancos e serrilhados.

– Pode ter toda a certeza de que vou obedecer você, babá – afirmou o menino, apertando a mão da senhora.

A criatura subiu numa lápide e rosnou para Osso Duro.

– Quando você quiser ir para a luz, querida, estarei aqui – disse Osso Duro.

– Mentirosa! Você sempre mentiu pra gente! Você só quer saber da menina certa!

Jorge encolheu-se, amedrontado com o rugido da fera.

– Patrícia… Eu nunca menti pra você.

– Mentiu! Você lutava pra que não fôssemos embora, brigava pra ficarmos aqui. Agora que nossos pais se foram, quer nos mandar pra longe! Eu te odeio, Osso Duro.

– Você só não se lembra direito das coisas, menina. Ninguém lembra. A Penumbra rouba da gente o que temos que esquecer.

Osso Duro puxou Jorge e continuou andando entre as lápides. Então parou novamente quando mais atravessadores surgiram, bloqueando o caminho.

– Ela trouxe um monte deles, Osso Duro. Todos com a mesma raiva que eu. Quer mesmo tentar salvá-la? Será que vale a pena?

Osso Duro tirou seu chicote do guarda-armas e deixou as tiras estenderem-se até o chão.

– Ah! O chicote. Como é sentimental. Quer lutar, mas não quer acabar de vez com a gente.

– Vocês ainda podem se arrepender e seguir em frente. Ir para o alto. Mas se for preciso… – Osso Duro tamborilou na empunhadura de madrepérola de seu revólver.

– Não! – vociferou Patrícia, fazendo os outros atravessadores também grunhirem.

Jorge espremeu-se contra Osso Duro. Os rosnados vinham de todos os lados, e os monstros de dentes serrilhados e olhos vermelhos fechavam qualquer passagem.

– Estou com medo, babá.

– Não fique. Eu cuido de você.

As feras começaram a se aproximar. Seus corpos eram cheios de rachaduras sob os pelos negros, de onde vazava uma fumaça que alimentava o nevoeiro ao redor do cemitério. Estavam agora a dois metros de distância, apertando o cerco, fechando os espaços por onde a dupla poderia fugir e emanando uma onda de calor que oprimia Osso Duro e Jorge, mantendo-os no meio da armadilha. O cheiro adocicado de cravos infestava o entorno, deixando o menino enjoado.

– Eu não gosto desse cheiro, babá.

O hálito morno das feras impregnava o caminho, enquanto os olhos de Osso Duro procuravam um ponto fraco no cerco, uma passagem para escapar dali e ganhar tempo até que conseguisse alcançar Lana. Nenhum deles seria deixado para trás. Era sua missão cuidar de todos, mas sabia que estava numa situação muito delicada. Nunca tinha lidado com mais de quatro atravessadores ao mesmo tempo, e mesmo assim tinha sido difícil dissuadi-los, conseguir um meio-termo em suas mentes perturbadas. Agora estavam mais ferozes do que nunca, mais incompreensivos do que nunca e dispostos a lutar. Eram mais de quarenta só ali, naquela fileira de tumbas do cemitério das crianças perdidas, e Osso Duro sabia que cada relâmpago que tinha visto desde o encontro com a menina era um deles que fora evocado para perto. Precisava avançar sem feri-los, abrir caminho e fazê-los recuar.

– Eles vão machucar a gente, babá. Eles querem comer a gente.

Patrícia começou a rir e a rosnar ao mesmo tempo, sendo imitada pelos demais, o que fez Jorge se encolher ainda mais.

– Eles não podem me machucar, menino. Fique tranquilo. Vou cuidar de você.

Patrícia saltou para dentro do círculo que tinha se formado, abrindo a boca e tentando dar uma mordida em Jorge.

Osso Duro puxou o menino e lançou seu chicote, fazendo-o estalar em meio aos gritos de pavor do garoto e afastando Patrícia, que se encolheu para desviar da ponta cheia de anzóis.

Um segundo atravessador aproveitou a distração de Osso Duro e investiu contra sua perna firme ao chão negro de fuligem, desferindo uma bocada na panturrilha da babá. Ela gritou de dor e caiu de joelhos, vendo parte de seu casaco chamuscar e sua pele ir embora nas presas do agressor.

Osso Duro arregalou os olhos notando a ferida na perna. Seu vestido soltava fumaça, bem como a ferida. Aquilo nunca tinha acontecido antes. Eles nunca tinham podido tocá-la, jamais machucá-la. O que estava acontecendo na Penumbra? Por que tudo estava fora do lugar?

– Todos têm a hora de atravessar, de partir, Osso Duro. A sua hora chegou. Você nunca vai encontrar a criança certa.

– Não… – murmurou Osso Duro, levantando a mão viscosa com seu sangue escuro e velho.

Lana viu quando as feras cercaram Osso Duro. Começou a golpear a porta do hospital com toda a sua força, chutando e arremessando o ombro contra as madeiras velhas e podres da construção abandonada, fazendo o prédio gemer e mais fuligem chover do alto. Era como se o hospital reclamasse do barulho e das investidas.

– Me deixa sair! Me deixa ajudar a babá! – bradou para o alto, rodopiando no meio do saguão.

O coelho a perseguia e saltitou até uma porta dupla que levava para a ala das ambulâncias. Ele pulou contra a porta, que rangeu, chamando atenção de Lana. A garota correu atrás do animal pelo corredor escuro. Ele ia rápido à

frente, desviando-se de velhas e enferrujadas macas deixadas no caminho. Lana tocou uma das macas por um segundo e viu uma criança deitada sobre ela. A criança olhou para Lana e levantou a mão. A menina deu um passo atrás, enquanto a criança evaporava diante de seus olhos. Uma assombração. Por isso não gostavam do hospital. Desenhos parcialmente encobertos pela fuligem cobriam a parede. Eram ursos e coelhos numa fazenda iluminada e infantil. O corredor terminava dez metros adiante, e o coelho, de pé e acenando para Lana, estava lá, no fim. A menina voltou a correr quando avistou uma porta antes da saída do corredor. Uma porta larga e vermelha com o símbolo dos bombeiros adesivado nela. A parte superior estava inteira, mas a inferior fora comida pelas chamas, deixando espaço suficiente para a cabeça dela passar. Porém, nem foi preciso se esgueirar. A porta vermelha cedeu à curiosidade de Lana e se abriu. Uma escadaria lambida pelo fogo, com corrimãos retorcidos e degraus de concreto, aguardava ali dentro. Ela ouviu o chiado do vento que subia pelos patamares largos e aproximou a cabeça do vão central, olhando para cima. Era muito alto. Ia até o último andar do hospital. Escutou risadas de crianças lá em cima, misturadas a choro de adultos. Muitas almas já haviam sofrido ali. Lana voltou à urgência do presente quando o coelho puxou a barra da sua camisola. Osso Duro precisava dela agora, e não no passado!

A menina voltou a perseguir o coelho, que saiu pelo fim do corredor largo e chegou ao velho pátio das ambulâncias. Três veículos com vidros quebrados e pneus deteriorados fechavam a entrada do local, mas o bichinho companheiro de Lana parecia conhecer todos os atalhos, seguindo adiante e atravessando uma guarita repleta de aparelhos de vigilância esquecidos e soterrados pela poeira. Ele parou e apontou para uma segunda porta dentro da guarita onde vigilantes já tinham cuidado do velho hospital. Lana encarou a porta e se aproximou, desviando-se de duas cadeiras com o forro carcomido e com os estofados vazando. Parou e colocou a mão na maçaneta, olhando para o coelho ao seu lado.

– Você já esteve aqui, coelho?

Lana empurrou a porta e sentiu o cheiro de cravos invadir a guarita. Sabia que aquele era o caminho para encontrar Osso Duro e os atravessadores. Deu um passo em direção à noite e viu que estava fora do hospital.

– Vem, coelho, vamos salvar a babá Osso Duro.

Osso Duro puxou Jorge pela mão, mancando e atravessando mais uma fileira de túmulos. Golpeou com o chicote outra vez, fazendo o couro enrolar na garganta de um atravessador, e girou-o, liberando o caminho. Uma dúzia deles foi derrubada e aquele ficou enlaçado, batendo contra uma lápide de granito e tombando desacordado. Outros surgiram à frente, e ela mirou o golpe de chicote em mais um deles para mantê-lo distante. Contudo, outra mordida acertou o antebraço que segurava o pequeno. Eles queriam levar Jorge, e isso ela não poderia permitir. O chicote estava preso na garganta de outro atravessador, e ela repetiu o gesto de varrer e afastar feras enquanto urrava de dor ao sentir os dentes rasgando a sua pele. Estava perdendo as energias e sentia a visão turvar cada vez que as presas das feras penetravam sua carne velha e seca. Soltou o chicote e apanhou um de seus facões. Não queria ferir os atravessadores. Eles eram malignos e mal-intencionados, mas eram só os restos de crianças devoradas pelo rancor e pela incompreensão.

Golpeou com o cabo do facão três vezes a cabeça do atravessador agarrado ao seu antebraço, fazendo-o ganir e se afastar.

– Sua hora de atravessar chegou, Osso Duro! – ameaçou Patrícia, cercando a babá e golpeando suas costas com a cauda.

Osso Duro foi jogada para a frente e para o chão, soltando a mão de Jorge, que gritava apavorado. O menino foi apanhado por um atravessador grandalhão e arrastado para longe da babá.

A velha, arquejante e cheia de dor, levantou-se devagar, apoiando-se em seu facão, e escutou o rosnado próximo de vários dos agressores.

– Vou pegar você, acabar com você, com aquela menina tonta e cheia de energia e com a mãe dela também.

– Não, Patrícia… Isso eu não posso permitir. Não toque em minhas crianças.

Os gritos de Jorge aumentaram conforme os atravessadores o carregavam para longe, aumentando também a aflição de Osso Duro, que cambaleava entre as feras novamente em círculo ao seu redor. A babá se dobrou e sua capa desenrolou-se em suas costas, cobrindo todo o corpo e fazendo as feras pararem no lugar por um momento. Patrícia, vendo a inimiga debilitada,

abriu a boca mais uma vez, exibindo as presas e incitando os demais a continuarem o ataque.

– Sinto que sua hora está chegando, velha Osso Duro…

Osso Duro levantou-se, ficando ereta e mais alta do que as feras. Seu rosto estava pálido como sempre, mas os olhos tinham recuperado o vigor e a determinação, fazendo os atravessadores mais próximos se afastarem.

– Você não sente nada, Patrícia. Você é só uma criança morta.

Osso Duro abriu a capa num só golpe e continuou, desenhando um arco com seu facão, fazendo Patrícia se afastar ganindo. Os olhos da babá ficaram presos à criatura, que correu pela fileira de túmulos, ferida pela lâmina. Às suas costas ouviu mais ganidos e lembrou-se dos gritos desesperados do menino, mas, para sua surpresa, Jorge estava de pé, no meio do corredor, livre dos seus captores, com Lana e o coelho ao lado. A menina segurava um galho de árvore e golpeava qualquer atravessador que ameaçava se aproximar de Jorge. O garoto rastejou até alcançar também um galho e levantou-se tremendo, mas empunhando o bastão para ajudar Lana.

– Vem, Osso Duro! Vamos sair daqui! – convidou a menina.

Mancando e pressionando um corte extenso na costela esquerda, Osso Duro sorriu, encurvada, e seguiu para perto das crianças, vendo Lana espantar o que restava dos atravessadores.

Patrícia uivou para o grupo, que se reorganizou no cerco. Osso Duro recostou-se em Lana de um lado enquanto Jorge acolheu-se do outro. A menina erguia o galho e arfava, determinada a proteger os dois.

– Ninguém encosta neles! – gritou.

– Não faz isso, garota. Não rompe nosso trato! – ameaçou Patrícia. – Vocês não têm para onde fugir.

Lana olhou para Osso Duro e soltou o galho. Patrícia abriu um sorriso vitorioso vendo o trio desprotegido. A babá encarou a criança ao seu lado, que tinha lágrimas nos olhos e dedos tão finos quantos os seus.

– Não chore, criança. Não chore. Você não tinha que passar por tudo isso. Você foi bem corajosa.

– Me desculpa, babá. Me perdoa, mas eu não vou desistir.

Osso Duro arregalou os olhos quando Lana apertou firme sua mão.

O coelho irrompeu de trás de uma lápide e saltou contra o estômago de Patrícia, fazendo a fera girar, ganindo, para o meio dos outros atravessadores, que ficaram aturdidos por um segundo.

Lana agarrou também a mão de Jorge e dobrou os joelhos para ganhar impulso e dar seu salto mágico, voando para fora do círculo de atravessadores e mergulhando no nevoeiro.

– Não, Lana… Não faça isso… – murmurou Osso Duro antes de perder os sentidos.

CAPÍTULO
10

OSSO DURO NÃO SABIA ONDE ESTAVA. Havia um zumbido no ar, persistente, quando abriu os olhos devagar, como quem acorda de um sono profundo e longo naquelas manhãs em que não queremos sair da cama de jeito nenhum, quando sonhamos com um picolé de uva ganho de presente. Precisava se levantar, tinha tarefas a fazer e não podia perder a hora. Levaria a filha para conhecer o hospital. Aprender em seu trabalho uma lição sobre a vida. Osso Duro apertou os braços machucados e sentou-se, tremendo de dor. Tudo doía, como havia muito tempo não doía. Mas o som não era do despertar. Eram as crianças perdidas, chorando do lado de fora e chorando lá no alto, ali dentro. Osso Duro exalou o ar que tinha nos pulmões e seu rosto confrangeu-se numa expressão que acusava a maior dor que poderia sentir, cravada em seu peito como uma ferida sendo rasgada pelo fio da memória. Eram as ruínas do hospital da Penumbra. Não havia novidade na paisagem do seu entorno. Conhecia cada palma daquele lugar. Tinha muita coisa faltando ali… Muita coisa presa no passado. A principal delas era a sua filha. Osso Duro não gostava daquele lugar.

– Lana… Por que você fez isso comigo?

Lana estava ao seu lado, vigiando por uma fresta da janela. Jorge e o coelho dormiam. A menina acocorou-se ao lado de Osso Duro e afagou-lhe a cabeça.

– Estávamos perdidas, babá. Nós duas. Se ficássemos lá, eles acabariam com a gente. A senhora se machucou por minha culpa.

De repente, Lana foi atraída por um brilho no fim do saguão e encaminhou-se para lá. Havia luz naquele local do hospital frio e esquecido. Um brilho perene, brando e apaziguador. Osso Duro, ainda mancando e encurvada, chegou ao lado da menina, olhando para a luminosidade.

– Todo ser vivo que nasce traz dentro de si a força de uma estrela, Lana.

A menina via os múltiplos pontinhos de luz atravessando a parede à sua frente. Passou a mão sobre um dos pontinhos e a casca de fuligem ao redor do fio de luz se desfez e caiu no chão, liberando ainda mais brilho na

superfície da parede. Ela repetiu o movimento e compreendeu que era uma parede de vidro, e que a claridade emanava do outro lado, revelando uma dezena de bercinhos.

– É uma maternidade?

– Sim. Aqui é onde tudo começa, Lana. – Osso Duro cambaleou para trás e olhou para o alto do saguão, apontando para o último andar. – E lá em cima é onde tudo termina. Onde muitos pensam que a luz se apaga.

– Havia muitos bebezinhos aqui? – perguntou Lana, ainda encantada com a luz.

– Ah, sim! Muitos. Chegavam bebês novos todos os dias! Era aquela explosão de luz. A vida chegando e as almas chegando à vida.

– Mas alguns, como a neném Francine… Ela parecia tão pequenininha… Ela não era só luz quando nasceu.

Osso Duro suspirou em frente ao vidro.

– Lugar estranho é um hospital, Lana. Onde muitos de nós nascemos é onde muitos de nós nos despedimos da vida também. O mesmo lugar. As mesmas paredes. O primeiro momento é de festa e o segundo é de incompreensão. Quando a força da vida começa, nunca sabemos quando terminará. Alguns percorrem esse caminho bem rápido, às vezes tem que ser assim.

– Eu não queria morrer e me separar da mamãe, babá.

– Você não pode lutar contra essa força, a força da vida e do tempo. Você não tem outra escolha a não ser aproveitar cada minutinho dessa existência, para seguir para a próxima, Lana, sem olhar para trás. Quem fica olhando para trás seca e se endurece, simplesmente esquece o que é a vida. Torna-se uma assombração pálida que não está nem aqui, nem lá. É muito melhor seguir em frente. É por isso que carrego vocês; eu luto para que continuem, menina. Essa sempre foi a minha luta, para que não desistam e continuem em frente.

– Eu não queria ter vindo pra cá.

– Poucos querem, Lana. Poucos querem. Mas temos que ajudar a todos, não é? Desde a concepção fazemos coisas que não queremos. Nascer é uma dádiva, morrer também é. Não escolhemos quando nascemos para o mundo

nem quando nascemos para a morte. São duas passagens. Depois da ponte de luz é um novo nascimento, é uma nova vida. Não precisa temer o outro lado. Como você desconhece o antes de abrir os olhos aqui, na maternidade, você também desconhece o que é abrir os olhos lá, depois da luz. Eu estou aqui para ajudar os que ficaram para trás, os que precisam esquecer. Ajudar os que não compreendem a segunda travessia. Não compreendem os desígnios.

– E quem vai ajudar a senhora? A senhora também está presa aqui na Penumbra.

Osso Duro encarou a pequena. Ela estava preocupada de verdade com sua existência na Penumbra. A babá sentia a ternura emanando daquele serzinho e atravessando o seu vestido de couro, varando suas velhas vestes e penetrando sua pele seca. E, depois de muito e muito tempo, ela decidiu que isso era bom.

– A criança certa, Lana. A criança certa vai me libertar.

– E quem é a criança certa, babá? O que ela fez?

– Lembrar me machuca, Lana. Eu não quero falar disso, muito menos aqui. Eu não podia ter voltado.

Lana viu Osso Duro andar encurvada. A velha babá parecia cansada de seu fardo. Ela olhava pela janela de vidros quebrados da maternidade. Estavam escondidas. Lana sabia que tinham que fugir. Fugir das criaturas que tinham feito mal à babá e ao menino Jorge e que a queriam. Respirou fundo. Não queria lembrar. Não *podia* lembrar. Aquelas feras que viviam do passado farejavam a sua memória das coisas do mundo dos vivos e viriam atrás dela em forma de mais relâmpagos, em forma de lobos escuros, fumegantes e raivosos. Ela não podia mais alimentar isso. Não queria que a velha Osso Duro pagasse com a vida, ainda que estivesse num mundo de mortos, por conta de sua teimosia em querer guardar para nunca mais esquecer o rosto de sua mãe. Não era um rosto qualquer. Era o rosto de sua vida.

Lana respirou fundo, sentindo um frio no estômago. Um relâmpago fugaz cintilou no céu. Osso Duro virou-se para ela.

– Você nunca vai se esquecer dela, não é?

– Nunca. Ela é a minha mãe amada. Ela é tudo pra mim.

Osso Duro baixou a cabeça e balançou o rosto pálido e ossudo em

reprovação.

– Lana…

– Eu sei, Osso Duro. Eu sei. Eu não quero mais lembrar nada. Eu não quero! Quero seguir com você, te ajudar, mas é mais forte do que eu. Não é justo ter que escolher entre a senhora e a minha mãe. Ela mora aqui, no meu peito, e não vai sair nunca, mas também não quero que a senhora se machuque por minha causa. A minha mãe gostaria que eu atravessasse, que eu confiasse na senhora. Ela vai dar um jeito de me encontrar, eu sei. Ela vai lutar contra todos esses monstros também, vai vir atrás de mim na Penumbra e vai me defender, igualzinho como a senhora faz.

– Isso é impossível, Lana. Somente as crianças vêm para a Penumbra.

– Mas a senhora está aqui, então não é impossível para todo mundo. Algo dentro da senhora torna possível a Penumbra aceitar o diferente.

Osso Duro passou a mão no rosto seco. Seu rosto desfigurado. Olhou pelo vidro do berçário, percebendo seu reflexo assustador e cadavérico.

– Eu nem sempre fui assim, Lana.

Lana abraçou Osso Duro, que retribuiu o aperto.

– É assim que você me vê? Um monstro?

Osso Duro desvencilhou-se do abraço da menina e cambaleou, recostando-se ao vidro do berçário.

– A senhora está fraca, babá. Sente-se um pouco.

Os uivos se repetiram do lado de fora. Som de arranhados na porta frontal.

Osso Duro fez menção de se levantar, mas caiu sentada. Jorge finalmente saiu de seu torpor, abraçado ao coelhão, e correu para amparar a babá.

– Preciso tirá-los daqui – gemeu Osso Duro com a voz fraca.

– Não se preocupa com eles, babá. Eu cuido disso pra senhora.

– Eles podem te destruir, Lana. Não corra esse risco.

– Eu já corri esse risco, babá. Eu estava aqui dentro quando a senhora e o Jorge foram cercados – disse Lana, afastando-se no corredor e apanhando uma cadeira de rodas.

– E mesmo sabendo que eles poderiam destruí-la, tomar toda a sua força, você saiu do hospital para me socorrer?

Lana fez que sim com a cabeça.

Osso Duro desviou da cadeira de rodas que Lana trazia e andou até a menina, passando a mão em seu cabelo.

– Eu não posso prometer, mas vou pensar num jeito de mostrar sua mãe para você. Se eu fizer isso, você parte? De uma vez por todas?

Lana mordeu os lábios e girou o pé.

– Eu vou poder dar um abraço nela?

– Não. Você não pode virar uma atravessadora, Lana. Seu lugar é no mundo de quem já foi, sua imagem morará na memória dos vivos. Sua alma seguirá em frente, para a nova jornada. Todos precisam seguir adiante, Lana. Ninguém pode ficar aqui. É como nascer de novo, chegou a hora de ir para a nova luz.

– Ela disse que iria matar a minha mãe se eu não ajudasse ela a atravessar pra lá, Osso Duro.

A mulher com rosto de caveira bufou. Olhou para a menina, que agora estava encolhida. O coelho, quase da altura da garota, abraçou-a.

– Não comece a chorar de novo. Eu não gosto de ver você chorando – reclamou a babá.

Lana secou a primeira e única lágrima enquanto o coelho passava a mão em seu rosto. Osso Duro franziu a testa e encarou o bicho felpudo. Desde quando ele era tão grande? Daria um ótimo ensopado.

– Tá bom. Eu vou obedecer à senhora.

Osso Duro rangeu os dentes.

– Droga! Droga!

– O que foi?

– Eu preferia quando você era teimosa comigo e eu te detestava por isso. Era mais fácil.

Lana sorriu para Osso Duro. A babá esquelética andou até a menina e a abraçou forte.

– Eu não vou deixar ninguém tocar em você de novo, Lana. Não vou deixar ninguém mexer com a sua mãe também. Me obedeça. Siga em frente, e eu cuidarei dela para você. Cuidarei dela para sempre como se fosse você, como se fosse minha filha.

– Você promete, Osso Duro?

– Prometo, minha filha. Pode deixar.

– Eu te amo, babá Osso Duro. Eu te amo.

Lana esticou-se na ponta dos pés e deu um beijo no rosto frio de Osso Duro. A babá arregalou os olhos e deu dois passos atrás.

– Chega. Não posso me apegar a você. Você não é a menina certa. Não posso me apegar a ninguém aqui, todos vocês partem e me deixam sozinha.

Outro relâmpago marcou o céu rajado.

– Não fui eu, babá. Essa lembrança não foi minha, eu juro!

– Não vamos mais falar disso. Mais atravessadores estão chegando. Você precisa fazer a passagem agora, Lana.

– Como?

– Precisamos sair e alcançar a próxima ponte. Venha.

Osso Duro, renovada em suas forças, parou em frente a uma das janelas e puxou a madeira que tapava a vista. Apontou o céu para Lana.

– Vamos para o alto daquele morro. Eu conheço as luzes. Está vendo o buraco no céu?

Lana olhou pela janela. Nuvens pesadas tinham forrado o firmamento e giravam, formando um olho sob a luz vermelha do horizonte.

– A luz sempre vem sobre um lugar alto, como aquele. Sempre um lugar alto, nunca embaixo. E as nuvens, elas giram daquele jeito, vê?

Lana aquiesceu. A babá continuou:

– Nunca vêm aqui embaixo. Precisamos partir, rápido, e escalar aquele morro.

– Eu tenho medo de altura, Osso Duro. Não sei quando isso começou, mas não consigo subir. Fico apavorada.

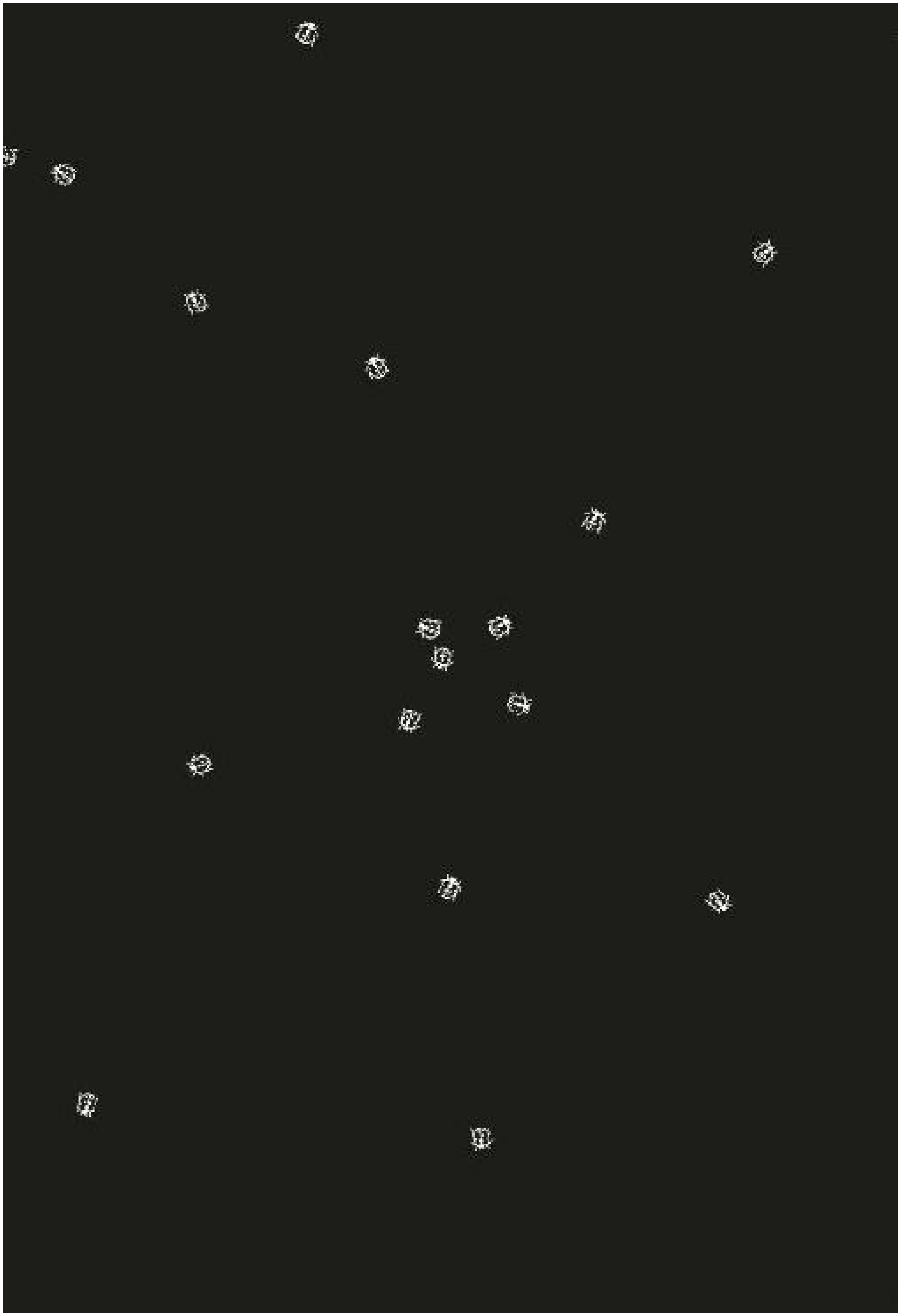
– Não tem outro jeito, Lana. Precisamos subir agora. Eu atravesso você

para a luz, ela te levará para a salvação. Ela sempre salva as crianças perdidas. É como eu. A função dela aqui é salvar quem precisa partir.

– E o Jorge? – perguntou a menina.

– Depois que você for para a luz será fácil escondê-lo, Lana. Eles estão atrás de você, e não dele.

– Eu vou com você, babá. Eu te ajudo.



CAPÍTULO
11

AS DUAS OBSERVARAM A CLAREIRA DO LADO DE FORA da construção. O cemitério ficava na outra face do terreno, eles não podiam ver se os atravessadores haviam notado a fuga. Precisavam enganá-los. Precisavam seguir em frente. Osso Duro erguia o buraco onde deveria existir um nariz e farejava o ar. Cheiro de fogo. Eles estavam por perto. Os atravessadores eram criaturas quentes, queimavam, usavam a energia das novas crianças para se manter ligados ao mundo dos vivos, para voltar e assombrar quem tinha ficado para trás, crivando o coração dos viventes com falsas esperanças, com uma presença que nunca se sustentava. Geravam mágoa e desavenças, nunca um alívio duradouro. Não deixavam que os vivos seguissem seu caminho e tampouco alcançavam a paz, tornando-se seres cada vez mais rancorosos, insatisfeitos e desequilibrados. Eles não viviam na Penumbra nem viviam lá, do outro lado do manto, na terra dos vivos. Os familiares acendiam velas para que seus caminhos fossem iluminados, mas precisavam também pedir que eles acompanhassem a Dona Aranha, que dessem ouvidos à babá das crianças perdidas e fossem atendidos em sua agonia.

– Fiquem perto de mim – disse Osso Duro, sacando seu revólver de cano longo e coronha perolada. – Eles estão tentando descobrir para qual promontório vamos nos dirigir. Eles também sabem que a luz chega no alto. Prestem atenção aos seus passos.

– E por que eles insistem em ficar aqui, babá?

– Eles se sentem injustiçados, filha. Todas as crianças, por serem crianças, partiram cedo demais. Não entendem que o simples fato de terem chegado à luz basta para alguns cumprirem sua missão lá na terra e que é hora de seguir adiante.

– Injustiça. Eu sofri muita injustiça – balbuciou Jorge, finalmente, depois de um longo silêncio.

Lana olhou para o céu. Quando Jorge lembrava, os raios não caíam. Não entendia por que era diferente com ela. Qualquer centelha de suas lembranças marcava o caminho para os atravessadores a encontrarem.

– A vida é uma promessa. Nossas almas precisam cumprir sua missão no mundo de carne para evoluir para a próxima morada, para comungar com o mistério do universo.

– Eles podem se arrepender? Podem atravessar com a luz?

Osso Duro olhou para o alto. Não via mais relâmpagos. A conversa estava sendo boa para a menina. Ela não estava pensando na mãe, e isso não estava convidando mais gente de fora. Mantê-la ocupada com aqueles novos pensamentos para protegê-los era uma ideia astuta.

– Eles recusaram a luz, Lana – murmurou Osso Duro. – Sentem-se aqui, fora da estrada.

Lana, Jorge e o coelho seguiram Osso Duro pela grama ao lado e sentaram-se sobre pedras redondas. Estava esfriando, e o vento aumentava. Um cheiro de queimada vinha de dentro da floresta, o que fez Osso Duro perder uns instantes espiando minuciosamente por entre os troncos das altas e finas árvores que ladeavam o caminho da escarpa que começava a ficar íngreme em direção ao alto do próximo morro.

– A senhora está cansada? – perguntou Lana.

Osso Duro fez que sim com a cabeça, passando a mão sobre a ferida em sua costela. Penetrou os dedos no buraco aberto e tocou seus ossos. Aquela mordida tinha sido para valer. Nunca antes fora machucada daquele jeito.

– Aquelas criaturas me queimaram um pouco. Drenaram minha força. Não sei como. Parece que elas estão mais fortes desta vez, mas não se preocupe comigo. Estou preocupada é com você. Por alguma razão que ninguém aqui explica, você tem muita força, muita energia. Precisa ir embora logo.

– E os atravessadores? Eles podem se arrepender? – insistiu Lana.

– Podem, mas nunca se arrependem. Ficam cegos. Cada vez mais distantes do que eram, e então a luz não consegue enxergá-los mais, separa-se deles. Por teimarem em permanecer, perdem o caminho para partir. E ardem e queimam de ódio porque não conseguem ficar do lado de lá. Por isso atacam vocês cada vez mais, destruindo as crianças novas, as crianças fortes. Eles drenam tudo de vocês só para visitar o outro lado. Eles não esquecem.

– Eu só não queria esquecer o rosto da mamãe. Só isso.

Um novo relâmpago clareou o céu.

– Oh, oh…

– Estou com sono, Osso Duro. Quero descansar.

– Não podemos descansar agora, Lana. Temos que seguir em frente.

– Quero fazer tudo que a senhora está me pedindo, babá, eu juro, mas estou muito cansada. Acho que era a hora que eu dormia no meu mundo. Eu estou ouvindo a musiquinha que a minha mãe cantava pra eu dormir. Estou escutando minha mãe cantar, babá.

– Não, Lana. Não é possível. Sua mãe não está aqui para cantar musiquinhas de ninar.

– Ela me deitava no seu colo…

Mais dois relâmpagos espocaram, e o cheiro de queimado aumentou ao redor do quarteto. Jorge, agarrado ao coelho, olhava para cima.

– Pare de pensar nisso, Lana. Pergunte para mim sobre os atravessadores e por que eles não querem passar.

– …passava a mão no meu cabelo enquanto eu brincava com meu robozinho até cair no sono. Era uma música tão linda, Osso Duro. Se eu me lembrar da música, lembrarei do rosto da minha mãe e vou poder partir com a luz, você não acha?

– Não! Agora, não! Lembre-se de nosso trato. Eu mostro sua mãe para você, mas não pode se lembrar dela agora, até estarmos na frente da luz, da passagem, Lana. Eles virão! Se não pegarem você, vão pegar o pequeno Jorge.

Mais e mais clarões relampearam no céu, fazendo Osso Duro se levantar. Ela ergueu a arma e apontou para a floresta.

– Lana, eu já disse que vou mostrar sua mãe. Estou quebrando uma regra para te ajudar, então NÃO FIQUE SE LEMBRANDO DELA AGORA!

Os clarões continuaram pipocando perigosamente no ar. Cada brilho daqueles era um novo atravessador chegando naquele ponto da Penumbra, explodindo na floresta, lançando fagulhas ardentes para o alto, partindo árvores inteiras ao meio, atraídos pelo delicioso aroma das lembranças da menina morta que não conseguia esquecer.

– Lana, nós precisamos partir daqui.

A menina apertou os olhos. Tinha que estar ali, na Penumbra, e em nenhum outro lugar. Precisava ajudar a babá das crianças perdidas. Se ela tinha força para atrair aquelas feras, tinha que ter força para mandá-las embora também.

Osso Duro começou a ficar ofegante. Já podia ver os primeiros atravessadores. Eles caminhavam pela floresta, atacariam em conjunto. Seus olhos vermelhos apareciam entre os troncos, ainda distantes, com os focinhos erguidos: farejavam o odor de Lana. Eles viriam até ela, e não havia nada que a babá pudesse fazer para deter aquele novo encontro. Osso Duro sabia ser prática quando era necessário. Ela precisava salvar as crianças, mas algumas não queriam mais ser salvas. Passou a mão brevemente sobre a joia púrpura em sua gargantilha. Lana estava embebida em seu passado e em seu desejo de reencontrar a mãe. A menina seria uma atravessadora cedo ou tarde. Já Jorge, em seus braços, tinha uma chance de ser salvo.

Era hora de lutar. Abriu seu vestido, despertando a atenção de Lana para o guarda-armas.

– Eu posso te ajudar, babá. Me dá alguma coisa para espantar esses atravessadores.

Osso Duro encarou a garota enquanto respondia:

– Estas armas são mágicas. São as armas que a Penumbra me concedeu para esperar a criança certa. Elas só funcionam comigo. Não vão funcionar na sua mão.

Lana murchou, lembrando-se da tentativa de Jorge no deserto. O menino havia puxado o gatilho, mas o revólver não disparou. Olhou para o coelho ao seu lado. O bicho felpudo levantou-se, da altura de Lana, farejou o ar e apontou para um galho no chão. Lana chutou o toco, aborrecida.

– Se a minha mãe estivesse aqui, ela me deixaria ajudar.

– Cale a sua boca! Não fale mais dessa mulher, ela não interessa aqui, ela só está atrapalhando, como sempre.

O coelho puxou Lana para longe da babá, apontando o caminho.

– Não fala assim da minha mãe!

Osso Duro avançou agressivamente até Lana e agarrou a menina pelos

ombros, chacoalhando-a à medida que mais espocos de luz estouravam no céu e iluminavam a Penumbra.

– PARE, LANA! Eu já disse que eles estão aqui!

– Eu sinto saudade dela.

– Eu já falei, você acha que sente! Você não sente nada! Você é só uma menina morta. Esqueça!

– Não! Eu vou seguir em frente! Eu vou subir com você, mas não esquecerei nada!

O céu trovejou e relampejou mais uma vez. Osso Duro soltou os ombros de Lana, enquanto o coelho tornava a puxar a menina e a abraçá-la, dando-lhe algum conforto.

– Você não devia ter feito isso, Lana – sussurrou Osso Duro, assustada com o que via.

A floresta havia se enchido de olhos vermelhos que caminhavam na escuridão. O céu, enegrecido com nuvens pesadas e relâmpagos incontáveis que chispavam no chão, trazia cada vez mais atravessadores para a área.

– Me deixa ajudar, Osso Duro.

– É tarde. Tenho poucas armas para tantos – advertiu a babá, erguendo o revólver. – Estou fraca para encarar todos. Precisamos correr. Esta é a sua última chance de atravessar, Lana. Todos precisam seguir em frente, menina, deixar a Penumbra para trás.

No alto da colina, no cimo de escarpas e pedras vazadas por pedaços de raízes, um raio de luz varou as nuvens e tocou o chão.

Os atravessadores pararam na floresta um segundo, enquanto Lana e Jorge se juntavam no meio do caminho.

– Corra, Lana! Atravesse! Agora! – gritou Osso Duro, erguendo os braços e fazendo sua capa levantar-se como asas de morcego.

Lana segurou a mão de Jorge e o coelho apanhou o menino no colo para acelerar a corrida, saltando sobre as patas traseiras como um canguru.

Olhos vermelhos ardiam na floresta, convergindo para a estradinha de terra. Os relâmpagos pararam de brilhar no céu, mas os trovões estavam ali, bem perto das crianças, a cada disparo que Osso Duro dava com seu revólver

de cano longo, fazendo pedaços de árvores voarem pelos ares e derrubando os atravessadores que tentavam pegar os pequenos em sua subida pela estrada. Não queria matá-los, eram crianças perdidas, mas não podia deixar que aqueles poços de rancor danassem almas que ainda tinham salvação, que poderiam ser alcançadas pela luz.

Osso Duro também corria. Contava as balas no tambor. Restavam dezesseis. Já tinha disparado quatro delas, e sabia que não daria para recarregar a arma de fogo. Sua próxima opção seria o chicote. Lutaria para ganhar tempo. Era a primeira vez que arfava enquanto corria. A Penumbra nunca lhe cobrara o preço para permanecer ali, lutando pelas crianças, encaminhando os pequenos para a luz que descia do céu, mas agora parecia ter resolvido cobrar a conta de uma só vez. Seus ossos pesavam, cada passo era um suplício, como se tivesse 300 anos sobre os ombros. Os cortes abertos pelas mordidas ferventes dos atravessadores ardiam e não se fechavam. Mais dois tiros, e dois deles tombaram para trás, soltando os pés de Lana, que lutava para escalar a escarpa, agarrando-se como podia nas pedras que serviam como degraus. Osso Duro viu o coelho saltar para o alto, carregando o menino Jorge. Ela estava exausta. Quando puxou sua carcaça de ossos e pele para cima, parecia pesar uma tonelada. Sentia o bafo das feras em seu calcanhar. O coelho, carregando o menino mas preocupado com a babá, curvou-se, voltou e estendeu a pata, conseguindo içá-la e livrá-la das garras.

– Obrigada, querida – agradeceu a babá, afagando o coelho, que continuou escalando.

Mas logo depois a maior das feras do bando subiu mais alto, cravando as unhas nas raízes expostas e cercando a defensora esquelética e alquebrada.

– Sua hora chegou, Osso Duro! – berrou Patrícia, seguida pela matilha. – Quem vai desaparecer desse mundo, desta vez, é você.

Osso Duro agarrou-se às pedras, impulsionando o corpo e gemendo de dor. Bateu com a ponta do dedo repetidas vezes sobre sua joia púrpura e olhou para cima, esperançosa. Patrícia voltou a rosnar, aproximando-se dos calcanhares da babá. Osso Duro abaixou o cano do revólver e deu dois disparos, fazendo duas feras despencarem das alturas e rolarem até o fundo do vale. As demais criaturas pararam por um instante, uivando de tristeza pela perda dos companheiros. Osso Duro tinha lágrimas escorrendo pelo

rosto e guardou a arma na bainha. Não queria mais sofrimento na Penumbra. Crianças teimosas!

Lana subia chorando. Tremia com medo da altura da colina, mas avançava. O coelho já estava quase chegando ao topo, quase terminando a escalada com Jorge jogado sobre seu ombro.

Osso Duro nunca havia pensado em desistir. Nunca deixou de lutar para subir escadas e montanhas atrás de suas crianças. Sozinhas, elas não podiam atravessar. Osso Duro sabia que ela, a babá das crianças perdidas, era toda a ajuda que lhes restara, mesmo que não entendessem, mesmo que teimassem e resistissem, mesmo que se assustassem com suas armas para enfrentar os monstros em nome delas. Um dia, elas entenderiam, desde que ela, Osso Duro, nunca desistisse.

A babá arfou mais uma vez e passou a mão em seu rasgo, trazendo os dedos sujos de sangue negro e envelhecido. Poderia se jogar em cima de Patrícia e dos outros atravessadores, assim ganharia tempo para receber alguma ajuda. Mas como Lana e Jorge atravessariam? Como encontrariam a luz sem ela?

– Não posso salvar todos – murmurou a babá.

Patrícia voltou a subir, agarrando-se às pedras. Destilava seu ódio e seu calor, que escapavam pela pele e pelos olhos vermelhos, lançando chispas e fagulhas no caminho, incendiando as raízes e deixando uma trilha em brasas pela superfície por onde passava.

O céu roncou, chamando atenção de Osso Duro e fazendo as crianças, quase no alto da escalada, olharem para cima. As nuvens se moviam e revolviam, e uma esfera brilhante nasceu no umbigo etéreo.

– A luz está chegando! – gritou Jorge.

A bolha de luz eclodiu e um facho desceu ao topo do morro. Do meio do olho luminoso nascido nas nuvens, despencou um jato de grãos de areia que bateu no solo do promontório, fazendo a colina vibrar e soltando muitas pedras, que despencaram do alto, colocando Lana e Osso Duro em perigo. A menina finalmente chegou ao topo e, relutante, olhou para baixo, segurando-se às raízes das árvores que estavam lá em cima. O medo estampava seu rosto, mas ela não conseguia evitar o desejo de ver a babá e a vontade de ajudá-la.

– Babá! Vem! Eu consegui.

– Lana… – sussurrou Osso Duro, no fim de suas forças, olhando para cima e desviando-se das pedras que despencavam. Dois pedregulhos atingiram a cabeça dos atravessadores que se aproximavam. – Saia do caminho. Ele está vindo me ajudar – concluiu ela.

Lana levantou o corpo e virou para trás, para o ponto mais alto da colina onde se aferravam as raízes, vendo a coluna de areia que tinha caído das nuvens se erguer e tomar a forma de uma cabeça de asno. Seu corpo não se materializava, girando em lufadas para a frente e indo na direção da garota. Ela recostou-se ao tronco da árvore e deu passagem para a criatura de areia, que desceu a encosta, lambendo os pedaços de pedras encravados no barro da escarpa, desviando-se de Osso Duro e colidindo contra a pilha de atravessadores que subia no encalço da babá.

– Corra, Lana! – gritou a babá.

A menina soube que precisava aproveitar o momento, aproveitar a distração que tinha, literalmente, caído do céu, para aproximar-se da luz que voltou à Penumbra com o intuito de levá-la para fora dali, para longe do perigo dos atravessadores que queimavam e destruíam tudo que tocavam. Lana lançou mais uma olhadela para a trilha de pedras e viu que Osso Duro estava firme, agarrada e escalando lentamente, salva de Patrícia e seus semelhantes pelo turbilhão de areia, pelo menos por enquanto. Levantou-se e correu em direção ao coelho, que já se aproximava do halo de luz que tocava o chão. Jorge, de pé e vergado, ao lado do animal, caminhava enfraquecido para perto do facho.

Assim que a luz viu Lana, começou a rumar para a menina. Era ela que a luz queria. Lana só poderia acabar com a dor e a perseguição a Osso Duro se fosse com a luz, se deixasse a Penumbra. Osso Duro havia prometido defender sua mãe como se fosse sua própria filha. Havia prometido deixar Patrícia longe. Então, Lana tinha que atravessar. As criaturas não teriam mais motivo para continuar atrás de Osso Duro. Atravessando, salvaria a si mesma e a babá.

– Lana…

A menina virou-se para Jorge, que foi ao seu encontro. A luz vinha na direção de Lana e banhava seu cabelo com um espectro dourado.

– Jorge. É hora de nos separarmos.

– Eu vou sentir sua falta.

Lana abraçou o menino carinhosamente. Sem notar, os pequenos fios em seus braços soltaram-se e se enrolaram nos braços dele. Lana sentiu um frio na barriga ao ter sua mente preenchida por imagens de lugares onde ela nunca tinha estado de verdade, lugares que pertenciam ao amigo, retornando à sua memória do quarto escuro e dos gritos do outro lado da porta. A menina lembrou num átimo que havia levado Jorge para aquele lugar uma vez. As memórias da tragédia. Um homem vociferava, gritando com a mulher, com a mãe de Jorge. Ela sentia-se encolhida e indefesa, como ele estivera. Então, a porta foi aberta de supetão. O homem estava lá, com uma cinta na mão. Lana jogou-se para trás, batendo contra uma parede. Caixas de sapato caíram para o lado. Onde estava o morro? Onde estava Osso Duro? Estava ali, sozinha e indefesa, sendo ameaçada por um homem desconhecido. O homem bateu nela com a cinta e logo a chutou no estômago, fazendo-a contrair-se ainda mais e chorar de dor. Ele se virou, e Lana sentiu sua cabeça flutuar para o alto do quarto. Girou o corpo e pôde ver o pequeno Jorge caído no chão. O homem saía quando ele se levantou, segurando-se na cama. O homem parou e olhou para trás. Sentiu-se desafiado. Gritou com a criança. Era para ele ficar no chão. Jorge não se entregou. Continuou de pé, mesmo quando o homem acertou-lhe novamente com a fivela do cinto. O menino chorava e o homem arfava, transpirando, cambaleando por conta da embriaguez.

– Jorge… Não… – comoveu-se Lana.

Uma mulher entrou no quarto, trazendo um ferro de passar roupas na mão. Ela bateu na cabeça do homem, que caiu de joelhos e recebeu um segundo golpe na testa, tombando de costas. Jorge chorava enquanto a mulher soltava o ferro e corria para abraçar o filho.

Lana sorriu.

– A sua mãe, Jorge.

Então, enquanto estavam agarrados um ao outro, o homem se mexeu no chão e se levantou. Lana, no teto, em forma de espectro, gritava para Jorge, mas o companheiro da Penumbra não a escutava.

A mãe não viu. Jorge não teve a mesma sorte. Estarrecido, urinou nas calças, e assistiu à brutalidade sem ter para onde correr. Estava preso àquele

quarto. Estava preso àquela violência. O homem batia em sua mãe. Então o menino mirrado apanhou o ferro de passar e bateu nas costas do monstro. Aquilo só serviu para deixá-lo mais furioso. Jorge entrou na frente da mãe e ergueu as mãos para protegê-la, empunhando sua arma improvisada, mas o homem insano tomou-lhe o ferro. O golpe foi tão selvagem que o garoto voou para o lado, chocando-se contra a parede e caindo de olhos abertos no chão, imóvel, sem mais choro, sem mais luta. A mulher soltou um grito que rompeu sua alma e derramou toda a sua dor. O homem caiu de joelhos, de olhos esbugalhados, soltando o ferro, mas já era tarde. O menino tremia, convulsionando e lutando pela vida. Foi carregado pelos vizinhos enquanto o monstro era algemado. Jorge lutou o quanto pôde, encarou sua briga mais feroz, mas seu corpo não resistiu no hospital e o menino desenlaçou do mundo dos vivos. Jorge precisava mesmo esquecer tudo aquilo para seguir em frente.

Quando Lana abriu os olhos, seus fios negros soltaram-se dos braços do menino, regredindo. Ele estava com os olhos arregalados, encarando os dela.

– Vai, Jorge! Vai. Você não pode ficar aqui. Você não pode lembrar. Não pode. Vai, esquece de tudo!

– O que foi, Lana? Do que você tá falando?

– Você precisa seguir em frente. Não haverá mais sofrimento.

– E você?

Lana olhou para trás. Osso Duro ainda não tinha chegado ao cume do morro.

– Eu vou ficar. Vou ajudar a babá.

A luz tomou o gramado verde e Lana empurrou Jorge para o meio do brilho dourado, fazendo o menino gravitar e começar a flutuar.

– Lana! Eu quero a minha mãe!

O menino lutou contra a luz e seu corpo começou a descer de volta ao topo verde da colina.

Lana ficou aflita, juntando as mãos na boca. Ele não podia ficar. Se ficasse, poderia se lembrar. Não podia. Devia seguir, devia passar adiante.

– Eu vou encontrar a minha mãe, Lana?

Lana inspirou fundo e muniu-se de um sorriso mecânico. Balançou a cabeça, assentindo.

– Vai, sim, Jorge, claro! Sua mãe estará lá do outro lado! Acredita em mim e segue em frente.

O menino cessou a luta e voltou a gravitar. Sua pele foi absorvendo a luz dourada e as pequenas joaninhas recobriram seus braços e pernas.

– Vou sentir sua falta, Lana.

O sorriso da menina tornou-se genuíno, e ela acenou para o garoto enquanto ele se desintegrava em milhares de partículas cintilantes.

O facho de luz continuou iluminando o topo da colina, com um canal aberto até o olho giratório engolfado pelas nuvens. A passagem ainda estava aberta. O coelho colocou as mãos nas costas de Lana e conduziu-a até o meio da clareira, fazendo com que ela fosse banhada pela luz. Lana sentiu o cabelo levitar e o pé começar a se desconectar do chão. A pele vibrava com o toque da energia que a capturava. Estava pronta para seguir em frente. Bastava não resistir e deixar se levar para fora da Penumbra. As primeiras joaninhas douradas começaram a correr por sua pele, subindo por suas canelas, alcançando seus joelhos e cotovelos.

Lana olhou para o fim da trilha que levava até o topo da colina. Queria ver Osso Duro mais uma vez. O cheiro dos atravessadores infestava o ar. A menina não ouvia mais os disparos da arma de fogo da babá. Seu coração foi se inquietando, e ela foi consumida pela agonia. Fechou os olhos e impulsionou o corpo para baixo, como se estivesse afundando numa piscina de luz.

– Não! Não posso seguir ainda.

O coelho insistiu, empurrando-a de volta à luz e apontando para o alto.

– Não posso deixá-la sozinha, coelho, não posso!

Lana correu até a beira da escarpa e viu Osso Duro pendurada a uma pedra, com os olhos serrados e imóvel.

– Babá! – gritou a menina aflita, começando a descer em direção à entidade.

Jogou o corpo para baixo e, mesmo temendo a altura, desceu rapidamente, segurando as bordas dos degraus rochosos. O coelho surgiu na

beirada do promontório e segurou sua mão.

– Me larga, coelho teimoso! Eu preciso ir atrás dela. Não vou deixá-la. Não vou!

Quando a menina soltou seu grito determinado, a luz esmaeceu e as nuvens se fecharam até o facho se tornar um fino fio e extinguir-se por completo, cessando o caminho para o alto.

Lana desceu até alcançar o corpo imóvel de Osso Duro. Seu rosto era pura angústia quando tocou a babá, já com lágrimas nos olhos, temendo o pior.

– Babá, fala comigo.

Osso Duro tremeu as pálpebras e arfou. Suas mãos estavam enfraquecendo e soltando-se das rochas, deixando o corpo deslizar para baixo.

– Acorda, babá! Acorda!

– Você… Não atravessou, Lana? Por quê? – perguntou Osso Duro com a voz débil.

– Eu ia atravessar, babá. Eu ia. Sinto muito…

O dedo fino e trêmulo de Osso Duro tocou os lábios de Lana.

– Você não sente nada, Lana… Você é só uma criança morta.

As mãos da velha babá se soltaram das rochas e seu corpo mergulhou no precipício.

Lana levou as mãos à boca e viu seu próprio corpo balançar perigosamente, o pé soltando-se do apoio de pedra e escorregando, fazendo-a berrar e agarrar-se em desespero a uma raiz. Lana pôde ver o corpo de Osso Duro bater no fundo do vale, imóvel no chão de pedra, e, o pior, os malditos e agourentos atravessadores saindo de seus esconderijos, voltando para a estradinha. Estavam se aproximando da agora indefesa protetora das crianças perdidas.

A menina acelerou a descida, derrapando por alguns trechos da escarpa. Sua camisola se rasgou ao enganchar nas raízes. Os trapos prendiam-se nas arestas secas e velhas e se espichavam, esticando a roupa e atrapalhando o socorro da menina. Um dos ganchos de raiz prendeu o colarinho da roupa de

Lana, esgarçando o tecido e deixando a gola esvoaçante. Ela puxou com força, agarrando o colarinho com seus dedos finos, frios, alvos e cadavéricos. Arrancou um estrépito agudo ao vencer as garras da Penumbra, rasgando o tecido, perdendo o equilíbrio e rolando pelo último metro até o sopé da colina, recobrindo-se das cinzas deixadas pelos atravessadores.

Levantou-se aturdida, cambaleante, com a camisola negra, tingida pela fuligem. Seus olhos vermelhos em brasa encararam os olhos das feras que fechavam o cerco em torno de Osso Duro.

– Eu já estou indo! Não vou deixar você, babá!

Sua voz soou rouca e potente, fazendo as feras estagnarem, confusas com a imagem da menina que tinha voltado da luz para proteger aquela que deveria cuidar de todos. Lana tremia. Tinha medo de que Osso Duro estivesse morta, ainda que soubesse que aquela terra era diferente, onde os já mortos caminhavam e as almas tinham que vagar até encontrar uma saída. Estava com medo de ficar sozinha de novo. Medo de esquecer o rosto de Osso Duro e não conhecer mais ninguém com quem se importasse. Jorge havia partido, sofria por não lembrar mais como ele era. A Penumbra trabalhava rápido.

Lana correu até a babá e ajoelhou-se ao seu lado. Colocou a cabeça dela no colo enquanto chorava e olhava ao redor, temendo a aproximação dos atravessadores.

– Babá, fala comigo! Você tá bem?

Osso Duro abriu os olhos com dificuldade, encarou Lana silenciosamente por um instante e moveu a boca sem conseguir falar.

– Eu preciso te tirar daqui, babá. Preciso te salvar, preciso te levar pra longe deles! Não quero mais me lembrar da minha mãe, babá, me desculpa, me desculpa. Eu só queria que todo mundo ficasse bem.

Osso Duro ergueu a mão e tocou os lábios de Lana mais uma vez.

– Ssssh. Não fale mais nada sobre isso. Não percebe que eles te encontram quando você fala disso? Já falei mil vezes: aqui é um lugar de esquecer.

A menina ergueu a cabeça. Os atravessadores tinham recuado até a beira do caminho e pareciam aguardar.

– Eles ainda estão atrás de nós, Lana. Eu ficarei aqui e não deixarei

nenhum deles passar, mas você precisa correr. Precisa encontrar a próxima colina sozinha. E precisa atravessar.

– Você tá fraca, babazinha. Tá muito fraca.

– Seus olhos, Lana. O que aconteceu?

Lana balançou a cabeça, sem entender do que Osso Duro estava falando.

– Ajude-me a me levantar, criança, eu cuidarei deles para você.

Lana e o coelho, que acabara de voltar também, ajudaram Osso Duro a ficar de pé. A velha estava toda dolorida, e uma mancha longa de sangue negro descia pelo vestido.

– Eu vi tudo que aconteceu com o Jorge, babá. Vi o que o pai dele fez com ele. Aqueles barbantes escuros saíram da minha mão e se enrolaram no braço dele, babá, e eu vi como ele morreu. Jorge não iria suportar se lembrar de tudo de novo.

Os atravessadores, renovados em sua coragem, começaram a cercar as duas, rosnando baixinho. Patrícia não estava entre eles. Lana olhou para todos os lados. Eram muitos, todos que sua teimosia tinha atraído até lá.

– Corra, Lana. Fuja.

– Não! Não vou deixar a senhora sozinha.

– Eu sirvo à Penumbra. Estou aqui para salvar as crianças, levá-las para a luz. Eu só me importo com o meu trabalho.

– Eu não vou deixar a senhora sozinha! Não vou!

– Você prometeu me obedecer. Se não me obedecer, jamais poderá vê-la de novo. Ela estará lá, ao pé da luz, esperando, só para que você a veja e se lembre do seu rosto antes de partir.

Lana abraçou Osso Duro e chorou copiosamente.

– Sua velha traiçoeira e mentirosa. Eu sei que ela não estará, eu sei! Eu sei que tenho que esquecer tudo porque tudo que aconteceu comigo foi muito ruim. Você só quer me enganar. Só quer que eu vá embora. Está mentindo para mim. Você não se importa com ninguém.

Osso Duro deixou duas lágrimas brotarem em seu rosto cadavérico.

Lana assustou-se.

– Babá… Você tá chorando por minha causa?

– Eu me importo com você, Lana. Eu me importo com cada criança que passa pela Penumbra.

– E a criança certa?

Osso Duro, sofregamente, levantou-se e deu de ombros.

– Eu não sei se ela existe. Se ela é uma criança com a qual eu sonhei um dia. Eu não sei quem é a criança certa, Lana, não sei mais.

Osso Duro recostou-se a um pedregulho e pranteou doloridamente.

– Eu esqueci. Esqueci o rosto da minha criança, Lana. A Penumbra é uma terra de esquecer. Não faz bem lembrar na Penumbra. Precisamos todos seguir em frente. Esta é a minha missão: garantir que vocês esqueçam a dor e sigam em frente.

O rosnado dos atravessadores à beira do caminho estava cada vez mais alto. Logo eles venceriam o resto do temor que ainda os detinha e seria tarde demais.

Osso Duro abriu seu guarda-armas e sacou o revólver recarregado.

– Corra, Lana. Corra. Eu os deterei quanto puder.

A velha ergueu o revólver e apontou para o atravessador mais próximo. Contudo, sua mão enfraquecida tremeu e derrubou a arma, fazendo as feras rirem como hienas e dando-lhes coragem para se aproximar.

– Não posso mais. Não quero fazê-los pagar o preço.

Patrícia, com sua cauda de fogo, ressurgiu do meio das feras e tomou a frente da matilha.

– Ah! Ah! Ah! A velha Osso Duro está sem forças. Não consegue nem erguer seu trabuco para nos espetar.

– Corra, Lana!

Lana abaixou-se e apanhou o revólver de Osso Duro.

– Olha lá! A impostora quer usar as armas mágicas da babá – chacoteou uma das feras.

– Não é porque seu rosto está parecendo um esqueleto e sua roupa ficou preta como a da velha que você poderá… – A frase de Patrícia foi

interrompida por um trovão que rajou na Penumbra.

Lana, com um olho fechado e a ponta da língua para fora, puxou o gatilho e a arma ribombou, para surpresa dos atravessadores, que abriram o cerco, assistindo ao corpo alvejado cambalear e tombar de costas ao lado de Patrícia. A matilha rosnou enraivecida enquanto o lobo ferido esfarelava e se tornava um amontoado de brasas carregado pelo vento, levantando uma trilha ligeira de fagulhas e cinzas.

Osso Duro, também surpreendida pelo êxito de Lana, ergueu a mão, tocando o revólver.

– Não os mate, querida.

Ainda assustada, com os olhos arregalados e determinados, a menina viu as pontas dos dedos escurecerem repentinamente.

– Babá! O que tá acontecendo comigo?

Osso Duro viu os dedos de Lana se afinarem e enegrecerem. Ela estava começando a se transformar em algo que não era para ser. Sua alma tinha que atravessar antes que ficasse parecida demais com as feras da Penumbra. Seu lugar era fora dali.

Lana apontou a arma para Patrícia e apoiou Osso Duro para que a babá se levantasse.

– Vá embora, Lana. Fuja.

– Não, babá. Não vou deixar você sozinha com eles.

– Pare de teimar e me obedeça, pelo menos uma vez. Você está se tornando algo da Penumbra, você não pode ficar aqui. Você precisa partir.

Lana ergueu o revólver e disparou mais duas vezes, afugentando as feras, que correram para as árvores a fim de se esconder. Apenas Patrícia permaneceu a distância segura, encarando Lana e Osso Duro.

– Essa munição não vai durar para sempre, amiguinha. Você não vai conseguir salvar Osso Duro, e quando você puser os pés para fora da Penumbra, acredite, eu vou acabar com a raça dessa velha e voltar para o mundo dos vivos para pegar a sua mãe.

Lana puxou o gatilho mais três vezes. Patrícia ganiu assustada e correu também para a floresta, desaparecendo.

– Você a acertou? – perguntou Osso Duro.

– Infelizmente, não, babá. Bem que eu queria.

– Encontre a próxima ponte, Lana. Você precisa ser resgatada antes que seja tarde.

– A senhora vai comigo. A senhora tem uma promessa a cumprir. Precisa ficar forte e mostrar a minha mãe. Não vou te deixar aqui sozinha. – Lana, atenta a todos os lados e segurando o revólver de Osso Duro, chamou o coelho. – Vamos, me ajuda a carregar ela, coelho. Eu sei onde poderemos fazer essa travessia em paz.

CAPÍTULO
12

LANA E O COELHO CRUZARAM O UMBRAL DO hospital. Estavam mais uma vez onde muitos começavam a vida e onde a maioria de nós terminava. Múltiplos raios explodiam no horizonte, trazendo junto o ribombar dos trovões que faziam os velhos ossos do prédio abandonado tremerem de alto a baixo. A fuligem antiga se descolava das paredes decrépitas e caía pelo vão central, flutuando e girando lentamente como floco de neve negra acarpetando o salão e a recepção do hospital. O cheiro doce do fogo antigo recendia o trágico passado daquele lugar, telegrafando e antecipando para Lana uma história que ela ainda não conhecia. A menina lutava para não lembrar o passado, mas a sensação de estar perdendo a mãe aumentava a cada segundo e a cada passo que dava rumo ao ponto final. Temia deixar Osso Duro para trás, mas sabia que precisava encontrar a próxima passagem e buscar o lugar mais alto que conhecia naquela terra para se conectar com o céu. O prédio com seis andares. O Hospital Infantil da Penumbra.

O coelho, cuidadoso como se carregasse um tesouro, depositou o corpo fraco de Osso Duro sobre uma maca empoeirada pela eternidade e velada pela fuligem no saguão do hospital abandonado. A maca recebeu a babá com um rangido doce de quem tinha saudade de fazer o que sempre fizera e agora despertava com gratidão para receber uma nova paciente. Ato contínuo, o bichinho soltou os cadarços das botas negras de Osso Duro e descalçou-a, deixando à mostra seus pés brancos e fantasmagóricos.

Osso Duro abriu os olhos e, arquejante, arregalou-os ao reconhecer o cenário mais uma vez.

– Não! Não! O que estamos fazendo aqui de novo, menina? Você precisa atravessar, não pode ficar aqui.

A velha babá tentou se levantar, mas foi contida pelo coelho, que acariciou sua testa.

Lana, parada junto ao vão de uma janela, observava ainda impressionada seus dedos, escurecidos desde que disparara com a arma de Osso Duro. Os dedos estavam mais longos e ossudos. O revólver com coronha de

madrepérola estava em sua mão e parecia uma extensão perfeita de seu corpo, como se sempre tivesse estado ali, empunhado, pronto para enfrentar os perigos da Penumbra.

– Você não devia ter feito isso comigo, Lana. Não podia. Você prometeu atravessar, eu confiei em você. Não quero ficar neste hospital maldito. Não quero.

– Este é o lugar mais alto que conheço, Osso Duro. E também lembrei que eles não podem entrar aqui. Quando eu atravessar, a senhora vai ficar sozinha, e eu jamais deixaria a senhora esquecida para trás.

– Eles podem entrar, sim, só não querem. Como eu. Você aqui é um bom motivo para eles esquecerem por que não gostam deste lugar. Detestamos isto aqui, Lana, detestamos.

A garota olhou para fora e viu os atravessadores se movimentando entre as lápides do cemitério. Eles eram tantos. Tantos!

– Eu toquei no Jorge e conheci toda a dor dele, babá. Ele não teria forças pra esperar. Ele precisava da sua ajuda, mas você estava cercada pelos atravessadores, estava fraca. Eu não podia deixar a senhora aqui, sozinha.

– Você me desobedeceu mais uma vez. Se tivesse ido, eles não estariam aqui desde o começo.

– Eu não quero partir sem me lembrar do rosto dela, Osso Duro. Ela é tudo que me restou.

– De novo essa conversa. Eu avisei, preveni tanto. Veja sua mão, você já está secando.

– Por que eu fiz o coitado do Jorge lembrar, mas não consegui me lembrar do rosto dela?

Osso Duro tentou sentar-se na maca, mas estava fraca demais, não conseguia manter os ombros erguidos. Levou a mão à ferida em sua costela, contraindo o rosto numa expressão de dor.

– Estou cansada. Não vou aguentar muito tempo, menina.

– A senhora lutou por mim até aqui, babá. Eu não vou abandonar a senhora.

Osso Duro soltou um suspiro profundo e fechou os olhos.

– Você tem que partir agora. Eu vou distrair os atravessadores e você foge com o seu coelho. Você não precisa mais de mim para atravessar. Dê-me a arma.

– Não. A senhora está muito fraca.

Um barulho chamou atenção do lado de fora, fazendo Lana correr até a janela.

Patrícia estava novamente em sua forma humana, com vestido dourado, cauda longa e cabelo vermelho esvoaçante riscando o escuro do cemitério, gritando por Lana e andando em direção à entrada do hospital.

– Muito espertinha! Lembrou que não queremos entrar no hospital. Mas isso não vai me deter, Lana. Você tem força suficiente para todos nós. Todos aqui vão me ajudar a tirar você daí.

– Eu não vou sair até ela sarar e acabar com vocês! – gritou Lana de volta.

– Ah, vai sair, sim, menininha. Desta vez você vai me escutar.

Um grupo de atravessadores, trazendo suas bocarras escancaradas e seus corpos fumegantes, saltou sobre as lápides e alcançou Patrícia. Eles estavam embolados, mantendo o olhar de Lana fixo na janela. A menina contou mais de trinta deles.

Osso Duro finalmente se levantou, sentando-se na maca e apoiando os pés no chão empoeirado e fuliginoso, descalça. Caminhou lentamente com seus pés de pele seca e cheios de ossos até a janela. O coelho permaneceu ao seu lado, amparando a velha e combalida babá.

– Saia daí, Lana – ordenou com a voz fraca.

Lana estava com os olhos presos no grupo de atravessadores. Eles se esparramaram diante de Patrícia, revelando o corpo de uma mulher ajoelhada em frente a uma tumba. Ela estava com os punhos amarrados à frente do corpo e com um saco velho de pano cobrindo a cabeça. O céu vermelho de pouca luz mantinha o corpo da mulher na Penumbra.

Lana agitou-se e forçou a madeira até arrancar uma tábua da janela, aumentando a fresta, na tentativa vã de enxergar o rosto encoberto da mulher. O coração da menina estava disparado. Aquelas pernas, aquela roupa… Ela sabia…

– Mamãe… – A voz de Lana saiu trêmula.

– Eu vou acabar com ela agora, juro por Deus – ameaçou Patrícia, tirando da bainha na cintura uma adaga.

Lana olhou para a babá, ao seu lado. Ela ainda estava muito debilitada para lutar. A menina olhou para cima. Do lado de fora, o céu se agitava e as nuvens começavam a girar sobre o velho hospital da Penumbra, formando um umbigo rubro que prenunciava a chegada da luz. Estava chegando a hora. Patrícia era injusta. A luz vinha para buscar Lana e a ponte começava a se abrir. Ela estava jogando sujo.

– A luz, babá. A luz está vindo pra cá.

– Não. Nenhuma luz deveria vir para o hospital. Não pode ser aqui. Aqui é onde tudo acaba. Não há luz sobre este hospital esquecido e amaldiçoado, Lana.

– A senhora me ensinou a buscar um lugar alto… O telhado do hospital, babá Osso Duro, é o lugar mais alto que eu conheço.

Osso Duro abriu a boca cadavérica enquanto balançava a cabeça.

– Eu posso ir até lá fora e pegar minha mamãe. Posso salvá-la daqueles monstros e levá-la comigo.

– Não! – gritou Osso Duro, segurando a mão ossuda de Lana. – O lugar de sua mãe não é aqui nem lá adiante. Ela não está pronta ainda.

– Mas eles estão com ela… Eu não posso deixá-la, babá.

– Por culpa sua. Por sua teimosia infernal. Se tivesse me escutado, desde o começo, não estaríamos aqui, em perigo, reunidas neste momento.

– Não vou deixar minha mãe, Osso Duro. Não se abandona quem a gente ama.

– Esta é uma terra de ilusões, Lana. Você precisa confiar em mim. Precisa entender que essas criaturas querem enganar você para continuar do lado de lá. Acredite em mim. Aquela não é a sua mãe. Sua mãe não está com eles. Parta, você não está abandonando ninguém.

O coelho se aproximou de Lana e pôs a mão em seu ombro. Lana encarou o bichinho peludo, agora recoberto e manchado pelas peças do robozinho. Como em suas brincadeiras, o seu guardião protetor não parava de crescer.

Lana olhou novamente para Patrícia e para a sua mãe ajoelhada. Trovões roncaram no céu junto com lampejos.

– Tem mais deles chegando – resmungou Osso Duro, mancando ao afastar-se da janela e olhando para o vão aberto do saguão. – A Penumbra já está te enredando. Não está fazendo bem a você. Eu conheço este lugar, Lana. Olhe para suas mãos.

Lana virou as mãos, percebendo que a parte enegrecida tinha avançado. Sua pele estava secando, e suas mãos assemelhavam-se às da babá agora. O hospital rangia e estremecia quando o vento açoitava o velho esqueleto, parecia prestes a desabar. A chuva de fuligem tinha aumentado, e o tapete de cinzas começava a se empilhar pelo caminho, pela escada e pelos móveis esquecidos no saguão. Lana queria obedecer a Osso Duro e acabar logo com sua jornada, mas e aquela mulher? Seria mesmo sua mãe? A menina tinha medo de deixar o hospital e ir ao cemitério. Como os atravessadores que não queriam voltar ao hospital, Lana não queria voltar ao campo dos mortos.

Osso Duro puxou a menina pelo braço, tirando-a da janela. Lana lançou um último olhar para o cemitério. Patrícia ainda subjugava sua mãe. E se Osso Duro estivesse enganada? Ela queria obedecer à velha babá das crianças mortas, mas era sua mãe. Sua mãe! Ela havia feito uma promessa antes, uma promessa ainda mais poderosa. Era essa promessa a que ela precisava obedecer. Era isso! Era isso que ela tinha que fazer. Ela havia prometido nunca, nunca esquecer o rosto de sua mãe, e aqueles atravessadores não a tirariam dela. Não a fariam mal. Era a vez dela, Lana, confrontar a Penumbra. Não era para a sua mãe estar ali, cativa dos atravessadores, os vilões daquele mundo sombrio. Lana sentiu-se novamente miúda e balançada.

Osso Duro a puxou outra vez.

– Lana. – A menina mirou a babá. – Vamos. Obedeça!

Lana puxou o braço. O coelho de pé aproximou-se dela e também pegou seu braço com carinho, afastando-a da janela.

– Obedeça – repetiu a babá.

A garota se esquivou das duas aliadas, retornando até a janela.

– Lana… Você precisa esquecer. Você não pode continuar aqui olhando para quem não está lá. Não pode voltar para aquele mundo nem estacionar

neste aqui. Precisa obedecer e seguir em frente, Lana.

– Eu vou obedecer, babá Osso Duro. Vou seguir minha promessa.

O coelho abaixou-se e colocou as mãos no ombro da menina.

Lana franziu a testa e afastou-se das duas mais uma vez. Olhou para fora e ergueu a arma.

– Não faça isso, Lana. Eles querem te seduzir, te enganar.

– Eu não vou me juntar a eles, babá, mas também não deixarei que machuquem a minha mãe. Aquela menina prometeu que me mostraria minha mãe. Você também prometeu, babá.

– Estamos diante de muitas promessas, menina. Algumas não serão mantidas. A minha maior promessa é carregar as crianças para a luz. É só isso que me importa, e essa é a promessa que vou manter.

Lana mirava novamente com a arma. Levou o dedo ao gatilho. Patrícia pressionava com a adaga o pescoço da mulher.

– Filha! – gritou a voz debaixo do capuz.

O coelho puxou Lana pelos ombros enquanto a menina fazia força para voltar à janela e apontar o revólver para a atravessadora. Aquela voz abafada… Ela estava distorcida, estava mudada por culpa do maldito saco de pano, mas poderia ser a voz de sua mãe. Um relâmpago clareou o cemitério, fazendo os atravessadores olharem para trás.

– Mamãe… – gemeu a menina. – Por que você me deixou?

Quando a mão de Osso Duro agarrou seu braço, Lana encarou os olhos brilhantes da velha e soube que a babá estava de volta ao jogo. Ela havia recuperado sua força e sua determinação. Estava mais uma vez com seu rosto azedo e descontente com o relâmpago que a menina acabara de evocar.

As nuvens giravam rápido, e então o mais intenso facho de luz desceu sobre o hospital. Aquela luz não era só a presença que Lana tinha sentido da primeira vez, quando lhe entregou a neném. Era mais. A luz atingiu o topo do prédio, rasgando o seu interior com filetes e tiras de dourado, chacoalhando as paredes e as estruturas e enchendo a construção com som de rangidos.

Osso Duro olhou para o alto e segurou o braço da menina quando mais fuligem se desprendeu do teto, mergulhando sobre o imponente e esquecido

hall, espatifando-se no chão e esparramando um nevoeiro denso e cinzento pelo ambiente, o que tornava difícil enxergar dois metros à frente.

– Venha, Lana. Eles chegaram. Você precisa partir enquanto há tempo.

– Para onde? – perguntou a menina.

Osso Duro a puxou mais uma vez.

– Eu não vou. Minha mãe está lá fora.

O coelho mordeu a camisola tingida de Lana, puxando-a para o meio do saguão.

– Mas você precisa. Se ficar, vai fazer todos sofrerem. Não percebeu ainda que se trata disso?

Lana já tinha entendido a Penumbra. Só não queria aceitar a partida. Sempre parecia que estava faltando alguma coisa. Ela precisava ir em frente, mas queria sua mãe. Precisava aceitar sua passagem, mas sentia saudade de casa. Ela queria ficar na Penumbra, queria ficar com Osso Duro. Não queria deixar aquela terra como se tivesse sido empurrada por um buraco, como se tivessem esquecido e abandonado ela.

– Eu quero ficar aqui com você, babá. Não quero ficar sozinha de novo. Quero esperar a mamãe com você.

Osso Duro fez um sinal negativo.

– Não, Lana. Não deseje isso. A Penumbra não é um bom lugar pra ficar. Ela faz você esquecer tudo que é importante. E você, Lana, é diferente. Você está fazendo com que todos lembrem. Este hospital. Você trouxe todos de novo para cá. Eles não deveriam estar aqui. Vamos, venha comigo e suba agora. Você tem que atravessar.

Lana olhou para o cemitério cheio de crianças e de atravessadores. Alguns rosnando ameaçadores, outros olhando súplices para dentro do hospital, parados entre as dezenas de lápides, com seus rostos pálidos luzindo levemente. Sua mãe de joelhos, de rosto encoberto. Era só isso que queria ali. O rosto de sua mãe. A sua promessa. Nunca a esqueceria. Nunca esquecer. Nunca esquecer. A mão forte de Osso Duro em seu braço. A babá a puxava para longe de sua mãe, para longe de sua promessa. Começou a arrastá-la pelo saguão fuliginoso e brumoso, ignorando seu pedido para ficar, seu pedido para ver a mãe uma última vez.

O hospital estremecia e telhas começavam a cair, rodopiando no vazio do saguão e espatifando-se no chão de mármore. A luz pesava no velho telhado. A luz parecia ter se sentado sobre o prédio, e o esqueleto carcomido pelo fogo e pelo tempo não aguentaria muito mais. Precisavam partir, para o telhado, para a luz, antes da catástrofe, deixando tudo para trás. Esquecendo sua mãe para trás. Tudo que tinha feito havia sido para lembrar-se dela. Estava tão perto de lembrar. Todos tinham que esquecer, ninguém deveria voltar para aquele hospital. Por que ela, tão teimosa, estava ali?

Ela lembrou. Não tinha tido uma despedida. Sua mãe não a escutava mais. Sua mãe a soltara. Soltara sua mão. Tinha deixado o rio correr porque não podia mais segurar Lana, a menina não podia mais ser detida em suas mãos, como grãos de areia que teimavam em escorrer e ir embora. As pessoas confortavam Ana. Abraçavam a mãe e diziam que era melhor assim. Lana não tinha concordado com aquilo. Lana queria ficar. Tinha feito uma promessa junto ao leito de morte. Tinha prometido à sua mãe que jamais a esqueceria. A mãe não tinha escutado. O quarto ficara escuro. Por que sofria aquele castigo? As forças do outro mundo sabiam que ela era geniosa. Seria um castigo por todas as desobediências que aplicara em sua vida curiosa? Que criança teria culpa nessa vida ou no além por querer saber? Ela só queria saber mais histórias. Saber mais da vida. Por que seria mandada para lá? Lana pegou o barbante em seu bolso e enrolou-o no dedo. Lembrar. Seria para fazer todos eles lembrarem? O barbante balançando. Lembrar. Os fios que saíam de seu braço e que tinham agarrado o menino Jorge. Lana estacou.

A babá olhou para trás, detida pela menina teimosa e empacada como um asno. Lana sentiu um formigamento dos pés à cabeça. Lana era a criança certa! A criança certa para fazê-los lembrar. Lembrar algo que havia muito tinham esquecido e que as colocara naquele lugar.

– Vamos, Lana. Não pare agora.

– Babá. Eu descobri por que estou aqui.

Osso Duro arregalou os olhos, encarando as órbitas escuras de Lana. As mãos da menina estavam ainda mais cadavéricas e ela estava um palmo mais alta. Sua camisolinha esgarçada e esfarrapada, coberta de fuligem, tinha crescido com ela. O tecido fino ganhou camadas, tornando-se um vestido longo de couro que fechava em sua garganta. A menina estava se

transformando diante de seus olhos, assustando Osso Duro, a babá das crianças mortas. Lana era uma delas, uma das guardiãs da Penumbra. Lana era Osso Duro também.

– Eu estou aqui para você lembrar.

Lana apertou o braço de Osso Duro e girou a palma de sua mão.

– Lembre-se, Osso Duro, lembre-se. Você também precisa seguir adiante.

Os capilares negros soltaram-se da palma da mão e do braço da menina, criando fios longos que se enrolaram no braço da babá, impedindo que esta se soltasse de Lana. Osso Duro puxou, dois, três solavancos, sem conseguir se libertar daquela união. Estava com os olhos arregalados e boquiaberta, seus dentes escuros e podres à mostra.

– Você também precisa lembrar, Osso Duro.

A babá estremeceu ao ver o hospital perdendo a camada cinza e preta que recobria suas paredes ancestrais. No meio do saguão da recepção pendia um lustre imenso, cristalino, jogando luz para a entrada e sobre os sofás onde pais e mães aguardavam boas notícias de seus filhos. Eles estavam todos ali, dando vida ao hospital, como em tempos que ela não acessava mais.

– A Penumbra, Lana… A Penumbra… – tartamudeou a babá, estremecendo e caindo de joelhos. – Eu trabalhava aqui, menina… no hospital das crianças perdidas.

– Crianças perdidas?

Osso Duro assentiu. Seu rosto, como as paredes cinzentas, perdeu a camada seca e envelhecida e retornou ao viço de uma senhora de 50 anos.

Lana tocou o rosto da babá e sorriu.

– A senhora é tão linda, Osso Duro.

– Todas nós fomos lindas, Lana. Somos criaturas radiantes, mas vamos perdendo o brilho da estrela conforme nos dobramos à vida.

As luzes do giroflex de uma ambulância cintilavam no fim de um corredor largo e longo, atravessando em hiatos criados pela porta vaivém. Osso Duro andou à beira do saguão, parando no início do corredor. Socorristas abriram a porta, entrando no hospital, e as visitantes da Penumbra viram o veículo de emergência parado ali na frente. Tiravam uma maca da

ambulância que trazia uma menina ligada a um respirador. A cabeça dela chacoalhava a cada movimento. A garota parecia inconsciente. Osso Duro, a do passado, surgiu pela porta do corredor, foi até a garota e acariciou seu cabelo. Ela trazia um travesseiro na mão e o colocou embaixo da nuca da garota. O paramédico que desceu da ambulância sinalizou negativamente com a cabeça.

“Ela está inconsciente, enfermeira Suzana”, resmungou o insensível, passando direto com a maca e avançando pelo corredor.

“Não importa. Ela precisa de carinho, pobrezinha”, disse a enfermeira, indo atrás.

Lana ergueu os olhos para Osso Duro, surpresa.

– Você trabalhava aqui…

Osso Duro suspirou fundo e fez que sim com a cabeça. Lana, com seu rosto cadavérico e de pele sulcada e cinza, ficou comovida com as lágrimas que desciam daqueles olhos que sempre lhe pareceram tão secos.

– Não aqui, pequena. Não aqui. Venha – comandou Osso Duro. – Eu vou lhe mostrar.

Lana seguiu Osso Duro pelo saguão agora impecável, retornado ao seu momento áureo. Os pais e as crianças de alta que passavam sorridentes pelo saguão não viam as duas visitantes da Penumbra vagando pelo ambiente rumo ao elevador.

Entraram. Osso Duro, com o rosto de Suzana, pressionou o sexto andar. O elevador subiu lentamente, roncando, revelando um pouco de cada andar do edifício hospitalar quando trocavam de pavimento. No alto, o compartimento sacolejou e a porta se abriu automaticamente.

– Nenhum pai queria vir para o sexto andar, querida.

Lana deixou o elevador com Osso Duro pousando a mão macia em seus ombros. A babá não estava agora com o vestido negro de couro, cheio de armas para defender as crianças da Penumbra. A enfermeira Suzana trajava um uniforme cinza clarinho, com um chapéu branco sobre o cabelo negro e encaracolado bem-arrumado. Uma placa na entrada do andar revelava a natureza da especialidade oncologia infantil – terapia intensiva.

– Ninguém gostava de ver seu filho entrando para tratamento no sexto

andar, Lana.

A menina andou pelo corredor com o fru-fru de seu longo vestido negro de couro repicando a cada passo.

– Este andar tinha o infame apelido de “Ala das Crianças Perdidas”. Era aqui onde eu trabalhava, pequena Lana. Eu não me lembrava deste lugar, nunca lembrei, você está fazendo meu passado ser possível diante de meus olhos. É aqui que a Penumbra mora.

Lana seguiu Suzana pelo corredor largo. Várias enfermeiras e médicos conversavam atrás de um balcão. Osso Duro pressionou um botão na parede e uma grossa porta de madeira se abriu. Adentraram um amplo salão, onde três dúzias de leitos se perfilavam. Doze junto à parede, doze ao meio e doze junto à grande e deslumbrante vidraça. As janelas eram largas e altas, permitindo que os hóspedes da “Ala das Crianças Perdidas” enxergassem quilômetros de distância, vissem vilarejos e telhados de casas e os carros diminutos passando por ruelas que, muitas delas ali, acamadas, jamais visitariam novamente. O céu, no poente, era uma festa de vermelho e roxo pintando as paredes da sala. Lana e Osso Duro eram dois fantasmas do passado navegando despercebidas pelas memórias de Suzana.

E por falar em Suzana, lá estava ela, fora do corpo de Osso Duro, andando pela sala. Rondando os leitos, despercebida naquele tempo em que as intrusas visitavam, trabalhando entre as crianças, trazendo em seu pescoço um estetoscópio, sorrindo e acariciando as cabeças nuas dos jovens pacientes.

Lana contemplou a enfermeira Osso Duro com o rosto renovado. Era difícil de acreditar que, antes de ser aquela caveira seca, aquela mulher trazia tanta ternura no olhar. Osso Duro, ao lado, suspirou profundamente, a saudade emanando pelos poros. Então as portas se abriram, chamando atenção das três mulheres. Assistiram à enfermeira Suzana, no passado remoto, receber no leito a menina que tinha retornado para tratamento na ambulância.

– É para cá que trazem as crianças terminais, Lana – revelou para a menina. – Aqui era onde os pequenos travavam sua luta mais dura, onde sofriam com as tentativas de continuarem ao lado de seus pais, no mundo dos vivos, e cabia a mim, muitas vezes, confortá-los e prepará-los para a partida. Mas eu não queria que nenhum deles partisse, meu anjo, eu lutava para que

não fizessem a passagem, lutava para que conseguissem ficar aqui, deste lado. Era muita dor. Eu daria qualquer coisa para eles esquecerem todo esse sofrimento e começarem uma nova vida longe da dor, Lana… Qualquer coisa.

A garota viu Suzana, a enfermeira das crianças que definhavam, sendo doce com cada uma delas. Parava ao lado de cada um e fazia alguma graça com brinquedos e bonecas, abria livros infantis em suas cabeceiras e lia para elas. As crianças conscientes sorriam. Suzana inclinava-se sobre cada uma e beijava-lhes as testas – ou os couros cabeludos dos que tinham perdido os fios. Ela parava em frente às que estavam inconscientes, mergulhadas em si mesmas, travando a batalha silenciosa, e cantava para elas, embalando-as em seu sono forçado.

– Eu não posso sentir tudo isso de novo. Não quero – queixou-se Osso Duro ao lado de Lana, dando um passo para trás e forçando os fios que ligavam seus braços.

– Por quê, Osso Duro?

– Aqui era um lugar onde muitas crianças sofriam. Era o lugar onde eu sofria demais. Eu quero esquecer, Lana. Quero esquecer tudo que aconteceu. Eu preciso esquecer.

– O que aconteceu aqui, babá? Diga para mim. É hora de você se lembrar de tudo e se libertar.

Lana apertou ainda mais suas mãos cadavéricas no braço cheio de músculos e pele de Osso Duro. A mulher olhou para a garota enquanto os fios que se enrolavam subiam pelo seu braço e alcançavam seus ombros, soltando faíscas que subiam por sua pele e pinicavam seu rosto.

– Você precisa lembrar, Osso Duro. Precisa sentir.

– Eu não devo sentir nada, menina. Eu sou só uma enfermeira morta.

O coelho, da altura da babá, parou ao seu lado e passou a mão em seu rosto, tentando confortá-la. Osso Duro tremia, e então caiu de joelhos.

– Foi aqui que morri. Morri com todas as minhas crianças e também morri com ela.

Osso Duro começou um pranto doído olhando para Suzana, a representação dela num passado havia muito esquecido.

– Eu não quero lembrar. Eu não quero me lembrar dela. Isso me faz sofrer, sentir muita dor e muita saudade. Me deixe em paz, Lana. Me solte! – ordenou.

Lana manteve a mão firme, olhando para Osso Duro.

– Desculpa, babá, mas agora faz todo o sentido eu estar aqui. Você sabe que não vou soltar você. Não vou a lugar nenhum enquanto nós, aqui, não lembrarmos o que viemos buscar. Eu sou a menina certa.

– Não! Não é! – gritou Osso Duro, chacoalhando-se, tentando se livrar do aperto firme da garota. – Você não é a criança certa, disso eu sei!

Osso Duro puxou seu corpo com força, soltando-se dos punhos de Lana por uma fração de segundos, mas os fios capilares que emanavam do corpo da menina continuaram atados a seus braços e ombros. Ela viu o rosto da garota minguar diante de seus olhos, tornando-se cadavérico como o seu.

– Sim, eu sou a garota certa! – repetiu a nova babá da Penumbra.

– A garota certa morreu aqui, Lana, morreu neste hospital. Porque ela era teimosa e rebelde, igualzinha a você, teimosa, teimosa – revelou Osso Duro, diminuindo a resistência e olhando, com o rosto rasgado por lágrimas que se penduravam em seu queixo. – A garota certa… era Ana. A garota certa era a minha filhinha. Ela era a garota certa. Ela morreu aqui, com todos os outros, e nunca mais voltou.

– Lembre-se de tudo, Osso Duro.

Osso Duro olhou para a menina com o corpo esquelético que acabara de ficar três palmos mais alto, arrastando as barras de seu vestido negro sobre o pavimento da grande sala hospitalar.

– Minha filha era muito teimosa e seu nome era Ana. Ela vivia reclamando da vida. Reclamando de tudo. Tinha chegado naquela idade de reclamar. Eu não aguentava aquelas queixas vazias. Não suportava o menor de seus gemidos por nada, por birra, por mimo, enquanto eu vivia com a dor, o medo real e a morte todos os dias, vendo toda essa mistura de pavor e aflição estampada no rosto dessas criancinhas, todos os dias, todos os dias. Ela sempre teve tudo em casa, tudinho. Não tinha doença alguma. Era perfeita. Era saudável. Não precisava ficar seis horas na quimio. Não precisava ficar duas horas lutando para não morrer sufocada pelo próprio

vômito. Não precisava lutar contra a minha insistência em enfiar comprimidos goela abaixo ou dar injeções doloridas todos os dias. Eu não tinha que rezar por ela todas as noites pedindo um milagre, querendo escutar a palavra “remissão” como se fosse um tesouro. Eu não precisava lutar para que ela ficasse deste lado, sem atravessar para o vale negro dos mortos. Ela precisava saber o que era ser uma criança perdida, o que era ter um problema de verdade.

As portas da “Ala das Crianças Perdidas” se abriram e Suzana mais nova entrou com Ana ao seu lado. Ana era uma adolescente. Estava com a cara emburrada, delineador escuro nos olhos e com os típicos braços cruzados que costumam vestir os adolescentes na fase de se aborrecerem sozinhos. Enfadada e cheia de si, quando atravessou a porta, logo seus olhos foram capturados pelo emaranhado de fios de acesso de soro e de medicação, e seus ouvidos ainda estranhavam os diferentes bipes e alarmes que disparavam eventualmente. Não demorou mais do que duas horas para seus braços relaxarem e seu rosto mudar, enchendo-se de compaixão pelas crianças em avançado estado de deterioração por conta da doença, e Ana começar a ser mais afável com a voz da mãe, prestativa, e começar a querer ajudar, de verdade, aqueles pequenos guerreiros.

– Ela me viu fazendo uma das coisas que mais me doía. Deixar os pequenos enfrentarem o medo onde eu não poderia estar com eles.

Suzana carregou um dos leitos até o elevador. A criança chorava, encolhida no meio da cama enorme, com seu corpo mirrado e machucado pela terrível doença.

“Seja corajoso. Vai dar tudo certo”, disse Suzana.

Quando o elevador se abriu, duas enfermeiras paramentadas, com toucas e proteção envolvendo seus pés em mantos verdes, levaram a criança para o centro cirúrgico.

As horas passaram e então, no início da noite, trouxeram o leito de volta. Um leito vazio. A prancheta com o nome do menino foi removida do pé da cama e Suzana caiu num mutismo doído.

– Foi no meio da madrugada que aconteceu, Lana. Minha filha já tinha aprendido a sua lição, e eu só esperava o sol nascer para irmos embora e a ponte entre meu trabalho, o suplício diário dos pequenos e as coisas que

minha filha precisava aprender se consolidasse. Prometi a ela que quando o sol nascesse voltaríamos para casa. Ela então me perguntou por que eu lutava por aquelas crianças. O que eu fazia por elas. Respondi que as crianças tinham tanto medo que tudo que eu podia fazer era diminuir sua dor. Fazê-las esquecer, por um momento, onde estavam.

Lana e Osso Duro viram a enfermeira e sua filha pararem diante de uma pirâmide roxa, colocada no meio do quarto. Ana levou o fio até a tomada e a enfermeira Suzana acionou um botão. A pirâmide acendeu-se e começou a girar lentamente, projetando nuvens e estrelas roxas nas paredes do quarto. Conforme girava, surgiam dragões voadores e criaturas com seis braços que serviam de desculpa para algazarras e historinhas que a enfermeira lia para os pacientes. Risadas encheram a sala das crianças perdidas. Ana olhou com os olhos cheios de lágrimas para sua mãe e ajoelhou-se ao seu lado, colocando a cabeça em seu colo.

– Eu lutava para que elas não fossem carregadas pela morte. Lutava com todas as minhas forças para que permanecessem aqui, perto de seus pais, perto das pessoas que as amavam. Eu fazia tudo que podia para aumentar o tempo delas deste lado do manto.

Um alarme soou, fazendo Suzana levantar-se com a filha. A enfermeira debruçou-se sobre uma das crianças e olhou para os aparelhos que trinavam repetidamente. Ela correu para fora da sala e retornou empurrando um carrinho, enquanto as crianças despertas choravam aflitas. Ana acompanhava a aflição e tinha ficado estática ao pé da cama. Suzana tirou a camisola hospitalar de cima da criança, revelando seu corpo nu e sua pele retalhada e costurada pelas inúmeras cirurgias. Ana levou a mão à boca, impressionada com aquela visão. Quanta dor! Quanta dor ela via! A enfermeira aplicou um choque na pequenina. Mais enfermeiros entraram na sala enquanto Suzana aplicava a segunda descarga. Então uma dupla de médicos intensivistas tomou conta da ressuscitação e lutou para que a criança continuasse desse lado da vida.

– Eu não as deixava partir. Essa era a minha missão. Essa era a minha vontade. Que nunca fossem para o lado de lá. Mas isso só as fazia sofrer mais, sentir dor por mais tempo. Mesmo assim, eu não queria que elas fossem. E, nessa madrugada, pouco antes de o sol nascer, o inesperado nos apanhou, na noite em que mãe e filha se tornaram uma. Rolos de fumaça

negra apareceram naquelas janelas. – Osso Duro apontou para as vidraças da “Ala das Crianças Perdidas”. – As caldeiras do hospital tinham explodido, fazendo tudo vibrar. O prédio inteiro estremeceu e roncou pela colina.

Lana e o coelho olharam para as janelas, vendo a fumaça negra lamber as vidraças. O alarme de incêndio troou, fazendo as crianças acordadas se agitarem em seus leitos, arregalando os olhos em pânico.

– Corram. Vão para a escada! Atravessem agora! – suplicou Osso Duro, comovida com o que via à sua frente, visitando a si mesma no passado até então esquecido. – Nós tomamos as escolhas erradas aquela noite. – A babá das crianças perdidas fez uma pausa em sua narrativa, os olhos úmidos. Abraçou Lana forte e inspirou fundo, encarando mais uma vez o passado. – O que poderíamos fazer? Somos só um amontoado de escolhas a nossa vida toda. Algumas escolhas nos levam por caminhos com o qual nunca sonhamos e a desenlaces que não desejamos.

Lana, Osso Duro e o coelho viram a enfermeira Suzana correr até as portas do salão. O hall estava vazio. Todos os outros funcionários estavam, por sorte, no saguão do edifício para a confraternização anual dos funcionários noturnos. Ela havia escolhido ficar com as crianças, poderia pegar seus presentes mais tarde. Nunca era um sacrifício ficar com as crianças. Ainda mais naquela noite de aprendizado entre ela e a filha. Ela sabia que era a melhor pessoa naquele prédio inteiro para confortá-las. Entendia-as e as estimulava a lutar mais um dia.

– Quando eu abri a porta para a escadaria, a fumaça já tinha tomado a coluna toda. Não podia levar meus pequenos para baixo por ali. Antes de descermos dois andares, estariam todos mortos. Minha missão era lutar para que continuassem vivos até que a salvação chegasse.

Suzana voltou para dentro e abraçou sua filha.

“O que vamos fazer, mamãe?”

Lana estremeceu ao ouvir a menina falando com Osso Duro. As babás da Penumbra se aproximaram e suas mãos apertaram uma à outra, os fios das memórias emaranhando-se em seus braços.

– Estaremos sempre juntas, Lana. Essa é a nossa história – disse Osso Duro.

Suzana voltou com a filha até o corredor e olhou para a escadaria novamente. Os elevadores estavam parados. Ela conhecia um lugar para esperar, onde conseguiria proteger os pequenos para tentar o resgate. O telhado. Lá era o lugar mais alto. Lá era o lugar mais próximo da salvação. Sempre tinha que procurar o lugar mais alto numa situação como essa. Alguém viria. Os bombeiros. Alguém salvaria suas crianças. Todos lá embaixo sabiam que estavam presos no último andar. A salvação pelo céu não tardaria.

Suzana e Ana começaram a levantar as crianças que podiam andar. Explicaram toda a situação e disseram às quatorze que tinham ficado para trás, algumas desacordadas, que voltariam para pegá-las. Era impossível subir com todas de uma vez só. Era perigoso. Gritavam com as vinte e duas que andavam e se ajudavam.

“Vamos, crianças! Vocês precisam seguir para o lugar mais alto! Vamos! Eu vou salvar vocês.”

Lana parou ao lado do leito da menina que chorava. Ela tinha estendido a mão e segurado a adolescente Ana. Lana reconheceu aquele rosto. Era Patrícia. Era ela.

– Elas morreram? – perguntou Lana para Osso Duro.

A babá balançou a cabeça em sinal positivo.

– Todos morrem um dia, Lana. Essa é uma regra que não pode ser quebrada. Não há teimosia que persista à necessidade da morte.

– Como? Como elas morreram?

Osso Duro apontou para Suzana, e o trio visitante a seguiu pela sala e depois pela escada, ouvindo o choro das crianças assustadas e vendo Ana e a mãe ensinarem os pequenos enfermos a taparem suas bocas e narizes com túnicas hospitalares enquanto subiam os degraus da escadaria tomada pela fumaça. Lá em cima, o ar da noite era frio e o vento soprava, levantando fagulhas do incêndio que consumia o hospital em velocidade vertiginosa. Ondas de calor batiam contra as crianças, que corriam encurvadas. Para horror de Suzana, a situação estava pior do que imaginava. Nada parecido com suas tardes de silêncio quando fugia para o terraço do edifício para tomar um ar fresco e, transgressora, fumar um cigarro mirando o poente, rememorando sua infância nas vielas distantes, quando acompanhava sua

mãe aos funerais. A mãe gostava de enterros. Ganhava dinheiro para chorar à beira dos caixões, e para ela, Suzana, a morte virou coisa comum, foi se transformando de assombro em mais um dia ao lado da mamãe, acostumando-se às pessoas se despedindo e se rasgando em inconformidade. Aprendeu muito cedo que todos morriam e que os mortos não choravam. Os mortos ficavam sempre parados dentro de seus caixões. Não se comoviam com o desespero e a saudade e iam embora sem dizer coisa alguma. Os mortos não sentiam nada. O vento agora era vilão, carregando as brasas para as madeiras que sustentavam as telhas e calhas que rodeavam o pavimento recoberto de betume do telhado do hospital, fazendo os focos de incêndio se esparramarem por ali também. O entorno do telhado era vermelho-vivo e quente. A coluna de fumaça negra tinha ganhado outros pares e, em poucos minutos, transformara-se numa cortina abraçando o cimo do prédio e tornando o céu, levemente alterado pela aurora, um véu negro, como se fosse noite cheia de novo, impedindo o raiar do dia. Tudo tornou-se cinza e nublado, mergulhando o alto do prédio na Penumbra.

“Mãe! O que faremos?”, perguntou a menina Ana.

“Calma, filha. Calma. Vou dar um jeito nisso tudo. Cuide das crianças. Eu vou buscar as que ficaram para trás.”

“Mas elas não podem andar.”

“Eu as carregarei.”

“Todas? Você não vai conseguir. Eu vou junto.”

“Não, Ana! Fique aqui!”

“De jeito nenhum! Elas podem esperar aqui. É o melhor lugar para ficarem. Eu vou com você.”

“Me obedeça, pelo menos uma vez na vida, Ana. Espere aqui!”

Suzana partiu correndo sem esperar a resposta da filha.

Ana xingou e chutou o piso do telhado, contrariada. Logo se viu acudindo as crianças que tossiam e choramingavam, vendo que todas precisavam dela.

Lana, aturdida, tinha ficado também no telhado, acompanhada de Osso Duro e do coelho, testemunhando o que nunca tinha visto antes.

Osso Duro puxou os fios que a prendiam a Lana, arrancando-os de seus braços. O mundo de suas lembranças, vivo e pulsante, continuou no entorno

delas sem se dissolver. Ela havia se lembrado de tudo. Tinha se lembrado daquela noite. A noite em que se desligou da vida. Aflita com esse saber, Lana assistia com ansiedade à sequência de acontecimentos, temendo que as chamas se propagassem pelo telhado ao redor das crianças, ameaçando o nicho quadrado protegido onde haviam se abaixado. O chão de betume era extenso, com dez metros quadrados, e terminava na porta que dava para a escadaria, a céu aberto, rodeado pelas estruturas de madeira que ardiam, começando a perder as forças, colapsando sob o peso das telhas de barro que cobriam a construção antiga. Osso Duro andou até Ana e ajoelhou-se ao lado da filha. Ana olhou para a mãe sem vê-la, ali ao seu lado.

– Não perca a mamãe de vista. Fique com a mamãe. Desta vez pode dar certo, meu amor – suplicou Osso Duro.

Suzana surgiu na porta trazendo três crianças no colo. Ela estava com o uniforme de enfermeira completamente enegrecido e chamuscado. As crianças tossiam. Quando ela desmoronou ao lado de Ana, cuspiu uma gosma negra no chão e entregou à filha as três, desmaiadas.

“Elas…”, balbuciou a filha, temendo o pior.

“Desmaiaram. Apenas desmaiaram. O andar se encheu de fumaça. Preciso tirar vocês daqui logo. Ninguém vai morrer comigo. Ninguém vai morrer hoje.”

Um trovão varou o céu, penetrando no nicho quadrado de betume. Logo as cortinas de fumaça se agitaram enquanto Suzana, a filha e as crianças ergueram suas cabeças para o céu. Um facho de luz portentoso penetrou a fumaça, iluminando o chão escuro, forçando todos a protegerem os olhos ofuscados pelo clarão que se aproximava.

Era um helicóptero, que começou a pairar baixinho, vindo buscá-las. Dois bombeiros surgiram na porta aberta e começaram a gritar instruções. Iriam levar as crianças. O vento forte dificultava o controle da nave, e o nicho pequeno demais para o pouso fez com que um dos bombeiros descesse por um cabo. As crianças começaram a ser içadas até que a nave se encheu. O bombeiro, atado ao cabo, disse que voltaria atrás das crianças restantes, mas que agora a lotação da nave estava completa, não caberia mais ninguém. Suzana teria que esperar a nave descarregar para ser resgatada com as crianças que faltavam. Ela balançou a cabeça para o bombeiro, enquanto sua

filha gritava de dentro do helicóptero, protestando que queria ficar com a mãe até ela ser resgatada. Suzana não esperou o bombeiro. As crianças deixadas para trás estavam com os minutos contados por conta da fumaça que invadira o andar. Cada segundo contava. O bombeiro gritou para que a enfermeira ficasse no telhado e não voltasse para dentro do prédio. Iria morrer se voltasse para o ambiente tomado pela fumaça negra que escapava em colunas revoluteantes pela porta do telhado. O bombeiro já arrancava o mosquetão quando viu a garota saltar perigosamente do helicóptero, despencando mais de cinco metros e rolando sobre o nicho de betume. O homem gritou assustado e temendo uma desgraça, mas ficou atônito ao ver Ana levantando-se e correndo atrás de sua mãe pela porta. Ele pendeu o corpo para fora da nave para voltar ao telhado, mas uma rajada de vento fez o helicóptero levantar e içá-lo inadvertidamente, balançando-o e, quando perdeu altura, o bombeiro bateu com o capacete na lateral da mureta, perdendo os sentidos. As crianças gritavam, enquanto o bombeiro na porta da aeronave pedia ao piloto que subisse mais à medida que ele levantava o cabo, socorrendo o parceiro.

Na “Ala das Crianças Perdidas”, mãe e filha começaram a discutir, mas Ana fez o que tinha prometido. Começou a carregar uma das crianças, Patrícia, que pesava menos de um terço do que ela, definhada pelo ataque ao seu organismo. A menina parecia uma pluma, agarrada a um coelhinho branco de pelúcia. Ana tocou o coelhinho e sorriu para Patrícia, mas a garota parecia não estar ali, com os olhos baços e a alma distante.

“Nós vamos sair daqui.”

Ana tossia, e o andar era pura fumaça. Seus olhos ardiam, e quase não conseguia ver a sombra de sua mãe poucos metros à frente. Começaram a subir as escadas quando ela irrompeu num novo acesso de tosse, sentindo os braços enfraquecerem.

“Eu sou bonita?”

Ana olhou para a menina em seus braços, agora com os olhos abertos no segundo lance de escadas.

“É, sim. Você é linda”, afirmou Ana para a menina.

“Sua mãe é chata. Ela vive me dando remédios que me fazem vomitar.”

Ana tossiu, sufocando com a fumaça.

“Ela só quer o seu bem.”

“Não sei, não. Ela não me deixa voltar para a casa dos meus pais. Ela não me deixa sair daqui.”

“Quando você estiver boa para ir para casa, pode apostar que ela vai deixar. Eu conheço a minha mãe.”

“Eu quero ser enterrada com um vestido dourado.”

“Que máximo. É uma ótima opção para um funeral.”

“Sério?”

Ana balançou a cabeça afirmativamente.

“Promete que vai pedir um vestido dourado? Com uma cauda bem grande, bem comprida?”

“A gente tem que sair daqui. Seu velório pode esperar um pouco, não pode?”

A menina segurou forte o braço de Ana, que se espantou com a energia repentina e começou a tossir com as narinas tomadas pela fumaça.

“Promete?”

“Sim. Prometo. Mas agora anda.”

Ana alcançou a porta ouvindo sua mãe gritar seu nome.

“Ana! Fique comigo!”

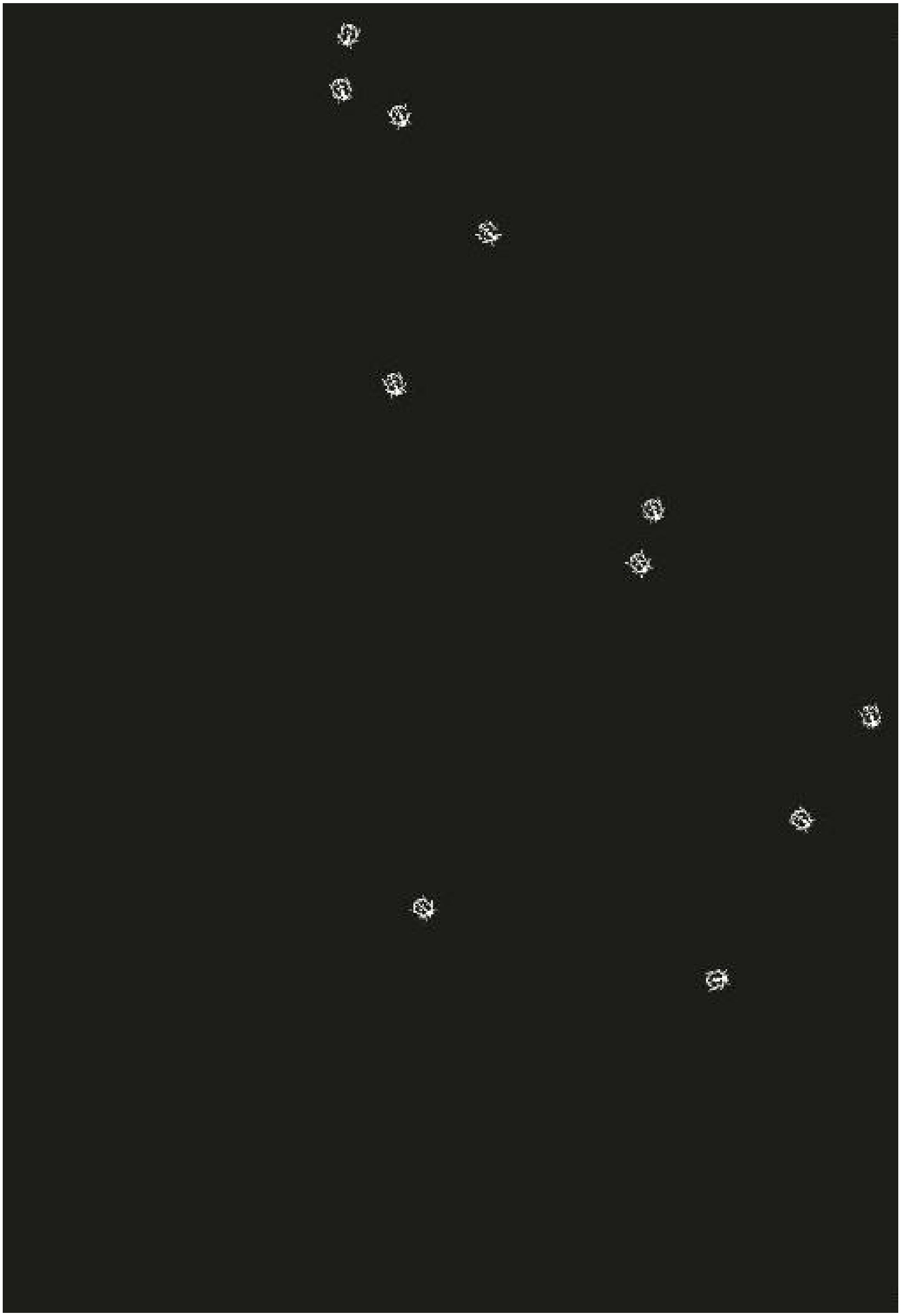
Do lado de fora, a noite estava ainda mais escurecida. Não podia ver quase nada, nem o céu, nem o telhado. Tudo havia sido tomado pela Penumbra.

“Outra hora você compra o seu vestido dourado. Não vai precisar dele tão cedo”, disse Ana, sorrindo para a enferma quando notou o facho de luz do helicóptero aparecendo no céu. “Tá vendo aquela luz? Nós vamos para a luz. Ela veio nos salvar.”

Ana deu mais um passo e escutou um ronco ainda mais alto que o do motor do helicóptero. O chão tremeu por alguns segundos e, instantes depois, um frio na barriga, um grito ao seu lado e a mão forte de Patrícia em seu ombro. O chão não existia mais.

Suzana, agarrada às crianças, recostada à mureta, esperando a filha se

aproximar, também ouviu o helicóptero e depois o ronco. O nicho de betume estremeceu inteiro, e a mureta que beirava o telhado cedeu. Suzana gritou horrorizada ao ver sua filha ser engolida pelo telhado negro junto de Patrícia. Levantou-se aturdida querendo correr atrás da filha, mas estava agarrada pelas crianças que tinham sobrado no telhado e estavam em pânico, apavoradas com o incêndio, com a fumaça e agora com o tremor que fazia o prédio balançar. Gritaram também quando o chão ruiu abaixo de seus pés. Suzana retrocedeu e tombou para o vazio escuro e quente da escuridão segurando as crianças no colo. Apertou-as ainda mais quando labaredas iluminaram a queda, envolvendo os seus corpos e batendo forte contra o chão quente. Não houve dor. Não houve mais medo. A luz no alto do prédio, a luz que deveria tirá-los dali e levá-los para um lugar melhor, apagou-se em seus olhos e um silêncio sepulcral instalou-se sobre a “Ala das Crianças Perdidas”.



CAPÍTULO 13

A LUZ VOLTOU AOS OLHOS DA ENFERMEIRA SUZANA. Algo mágico tinha acontecido. Não estavam mais no telhado escaldante e não existia mais aquela fumaça que sufocava e enegrecia o céu. Estavam num lugar de luz. A luz viva. As crianças estavam bem, todas de pé ao seu redor. A luz olhava para ela, para a enfermeira das crianças perdidas.

"Isso nunca aconteceu antes aqui na Penumbra."

Suzana ficou de pé e encarou a luz. A luz tinha uma face que ela não reconhecia, uma face tranquila que ganhava corpo dentro do halo. A luz não fazia barulho como a primeira. Tinha existido uma luz, uma luz que salvaria as crianças. Uma luz que deveria tê-las tirado do lugar ruim. Qual lugar ruim? Suzana sabia que algo estava faltando. Seus olhos passavam pelas crianças ao redor, as crianças estavam bem, estavam saudáveis e de pé. Era estranho, mas ela sabia que elas não deveriam estar assim, fortes e saltitantes, correndo uma atrás da outra, até mesmo as que não puderam subir, aquelas pelas quais ela ainda tinha voltado para a ala. Aquelas crianças precisavam dela, e uma das crianças, a que ela mais queria ver, estava faltando. Suzana girou, a luz a chamava.

"Nunca recebemos um crescido, um adulto. Sua força com as crianças é muito grande para terem trazido você, a grande perdida, para cá. Isso é tão peculiar."

Suzana, aflita, estava agarrada a três crianças que sorriam, e não conseguia compreender exatamente o que estava acontecendo. Era um sonho? As crianças queriam correr com as outras, queriam se desvencilhar de seus braços, mas a enfermeira não as deixava ir.

– Está faltando uma! Tem uma que não está aqui! Ela precisa vir comigo também! – gritava a mulher para a luz.

"Se ela não está aqui é porque já atravessou ou porque virá no tempo certo, senhora."

– Eu quero a menina. Eu quero a minha menina!

“Venha, atravesse com essas crianças e faça um bom caminho.”

– Eu não vou! Não vou sair daqui até encontrar minha menina, a menina certa!

“Você não pode ficar aqui, senhora. Essas crianças e a senhora têm que esquecer e seguir em frente.”

Osso Duro agarrou as crianças e as puxou para longe da luz.

– Não! Eu luto sempre para elas ficarem comigo! Eu luto sempre! Elas sabem que eu trouxe a criança certa!

“Elas precisam seguir em frente, senhora. Não cometa esse erro. Ficar aqui só trará dor a todos vocês.”

Suzana girou sobre seu corpo e olhou para os lados. Tantas crianças sorrindo, tantas crianças brincando. Elas estavam felizes ali, mas nenhuma delas era a criança certa.

– Filha! Filha, onde você está?

As crianças passavam por Suzana, que as agarrava e olhava para seus rostos.

– Me larga! – gritou Patrícia, forte e rosada, puxando seu coelhinho branco pela mão.

Suzana arregalou os olhos e balançou a cabeça em desespero.

– Ela está aqui! Ela está aqui, eu sei que está aqui!

“Venha, criança.”

A luz moveu-se para Patrícia, que não podia ouvi-la. O corpo de Patrícia começou a ganhar uma tonalidade dourada enquanto a menina sorria vendo a mão brilhar e começar a se transformar em joaninhas de ouro que caminhavam e pinicavam.

Suzana olhava para os lados ainda desesperada, e então viu Patrícia se elevando, começando a flutuar.

– Não! Deixe as crianças comigo! Eu cuidarei delas!

Suzana puxou Patrícia para fora da luz e agarrou quantas crianças pôde em seus braços, caindo sentada e se recostando a uma grande pedra. A luz diminuiu e as sombras envolveram Suzana e seus protegidos.

“A senhora não pode ficar. Aqui é o lugar das crianças perdidas curarem suas dores, esquecerem e seguirem adiante. A senhora é uma exceção e deve partir.”

– Eu amo as crianças. Eu as amo. Eu não quero que partam.

“Venha. Atravesse, Suzana. Ficar aqui só trará dor.”

– Eu não vou até encontrar minha menina! Eu não vou!

A luz suspirou e começou a diluir, enquanto Patrícia se desvencilhava e gritava para a luz.

– Ei! Eu quero ir! Eu quero ficar dourada novamente! Não me deixa aqui! Não me deixa sufocar aqui!

A luz desapareceu. A garota virou-se para trás e assustou-se com a aparência da mulher que a puxara pelo braço.

– Venham, crianças – disse Suzana, juntando suas forças para ficar de pé. – Vamos procurar a menina certa.

– Eu não quero ficar com a senhora! Eu não sei quem você é!

– Patrícia? Você… você se chama Patrícia. Eu sei quem você é.

As crianças se juntaram a Patrícia e se afastaram de Suzana. As mãos da mulher começaram a ressecar e tornaram-se assustadoras.

– Precisamos seguir juntos, não saiam de perto de mim.

– A senhora é má! A senhora não me deixou ir com a luz dourada!

– Não diga isso. Eu não sou má. Eu cuido de vocês. – Suzana franziu a testa e mirou cada rostinho assustado à sua frente. – Eu cuidava… Não sei o quê… como estávamos juntos, mas eu acho que eu cuidava de vocês.

As crianças se abraçaram e começaram a chorar, afastando-se cada vez mais de Suzana.

A enfermeira olhou para sua mão e gritou, assustada. Uma corda foi lançada da escuridão, prendendo seus braços ao corpo, e um puxão bruto a levou ao chão.

– Eu quero a minha mãe – choramingou uma das crianças, assustada.

Duas pessoas saíram das sombras, puxando a corda e enrolando para que Suzana não pudesse ficar de pé. Eles gritavam com as crianças e pediam que

se acalmassem. As faces da dupla externavam surpresa e medo.

– Vamos cuidar de todos vocês. Calminha, calminha. Vem, Letão. Veja o que é isso. Eu nunca vi um adulto aqui.

Um homem com uma arma na mão aproximou-se de Suzana. As crianças, gritando, correram para a escuridão e desapareceram da clareira, chorando e chamando por seus pais.

– Me larguem! – gritava Suzana, debatendo-se – Me larguem!

A mulher rastejou, fugindo da dupla, que tornou a puxar a corda e fez com que ela caísse ao lado de uma poça d'água. Suzana escutou os passos das pessoas se aproximando, arfando e tentando se desvencilhar.

– O que vamos fazer com ela? Vamos levá-la também? – perguntou a mulher.

– Me soltem! Eu não consigo respirar. Eu não consigo sentir minhas mãos. Eu não consigo sentir minhas pernas!

Rosa aproximou-se do rosto de Suzana e fez uma careta:

– Você não tem que sentir nada, mesmo. Você está morta.

Suzana arregalou os olhos e rastejou para longe da dupla.

– Não, não, não! Eu não estou morta. Cadê minha filha? Ela estava comigo. Eu quero a minha filha. Eu quero a minha menina.

– Olha, não sei como uma adulta feito a senhora veio parar aqui. Sério – disse o rapaz, puxando a corda mais um pouco. – Mas, seja lá o que aconteceu na sua passagem, a senhora vai esquecer rapidinho.

– Não! Eu nunca, nunca vou esquecer a minha filha.

– Ah! Esquece, sim. A Penumbra é infalível. Ela faz todo mundo esquecer. – Letão apontou para o céu. – Quando aquela luz voltar, a senhora faça o favor de ir embora, seguir adiante.

– Eu só vou quando encontrar a minha menina.

Suzana tomou outro puxão pela corda e tombou junto a uma poça d'água. Arquejando e gemendo, ficou de joelhos. Quando a dupla ficou às suas costas, erguendo suas lanternas, pôde ver seu rosto refletido na água. Suzana gritou assustada. Não podia ser. Seu rosto era o rosto de uma caveira, o rosto de uma assombração. Suzana sentiu o ar faltar e tombou, desmaiada.

Rosa e Letão ergueram as lanternas e viram o uniforme da enfermeira se transformar diante de seus olhos, indo de um conjunto cinza clarinho para uma indumentária negra, pesada, de couro, fechando da gola aos pés da mulher.

– Oh! Oh, Letão!

– É, eu estou vendo, Rosa.

– A Penumbra a quer aqui.

O homem se abaixou ao lado da mulher caveira.

– Credo. Ela é feita de ossos – comentou ele com a amiga.

– Ela tá seca. Deve ter chorado muito quando era viva. O que será que a Penumbra quer com ela, Letão?

O homem deu de ombros, enrolou a corda nos braços da mulher e a jogou sobre o ombro direito.

– Ufa… Tá leve. Sei lá o que a Penumbra quer, Rosa. Só sei que hoje foi um dia muito estranho. Viu quantas crianças chegaram com ela? Ela tem uma história muito louca com elas.

– É.

– Ela que trouxe, ela que as encontre agora.

A dupla caminhou para a escuridão, deixando para trás o trio de espectadores que tinha permanecido calado e imóvel até o momento. Lana, Osso Duro e o coelho viram o céu se abrir.

Estavam novamente no alto do hospital, e o facho de luz dourada voltou a clarear o telhado do velho prédio. Não havia mais fogo nem fumaça, apenas as nuvens da Penumbra. A luz atingiu o terraço de betume e veio lentamente em direção a Lana, em sua nova forma, alta e de rosto encovado, com as mãos escuras e cadavéricas.

– Suzana, é hora de partir.

– Não. Eu não posso ir, menina. Eu tenho que encontrar minha filha. E preciso continuar ajudando as crianças que chegam à Penumbra até que seja a vez dela voltar. É minha responsabilidade.

Lana segurou a mão de Osso Duro.

– Sua filha, a criança certa, ainda não está pronta.

Suzana abriu a boca, olhando para Lana, que tinha roubado sua aparência de babá das crianças perdidas.

– Ela já foi? Está me dizendo que perdi a vez de minha filha?

Lana negou. O coelho estava parado entre as duas.

– Ela nunca partiu, Suzana. Sua filha não morreu naquela noite. Eu vi o que você nunca viu, Osso Duro, e sei por que estou aqui.

Suzana tremia. Seu estômago estava gelado, como se ela fosse uma coisa viva. Sua filha… Sua filha não tinha morrido no incêndio. Era possível?

– Eu a vi morrer. Eu a vi cair e ser engolida pelas chamas. Eu lembro, eu lembro agora. Estávamos aqui, neste telhado. Você viu, Lana!

Relâmpagos espocaram no céu seguidamente, assustando Suzana, que girou sobre os pés observando o telhado do hospital.

– Você esqueceu, esqueceu tudo, Suzana.

– Cale-se, menina!

– Você precisa seguir. Sua missão foi cumprida há muito tempo, babá Osso Duro.

– Eu quero ver minha filha. Quero vê-la.

– E eu quero ver minha mãe. Não percebe que queremos a mesma coisa? A mesma coisa nos uniu aqui, na Penumbra.

O coelho deu um passo, parando no meio das duas, e ergueu suas patas, agora semelhantes a mãos humanas.

– Do que você está falando? O que quer dizer com isso? Eu não estou entendendo…

– Vovó Osso Duro… Eu me lembrei de você – revelou Lana.

– Vovó? – Osso Duro estranhou e balançou a cabeça, negando e dando um passo para trás.

– Não sou sua avó. Isso não pode ser. Eu e minha filha morremos no mesmo dia, no mesmo fogo, aqui, no alto deste prédio.

– Não – disse o coelho, encarando Suzana. – Lembre-se! Você tem que lembrar.

Da mão do coelho saíram os fios que enrolaram as mãos do trio no alto do

hospital. Os fios soltaram faíscas prateadas, e Suzana e Lana passaram a ver juntas, novamente, o hospital em chamas. Estavam lá, no alto do prédio, vendo Suzana, vestida de enfermeira, encolhida no canto, tentando se levantar para correr atrás da filha. As crianças, porém, agarravam-na, e ela, tomada por pena, agonia e indecisão, esperou abaixada, olhando para a porta de onde jorrava uma coluna de fumaça negra e densa. Sua filha surgiu trazendo Patrícia no colo. Patrícia segurava seu coelhinho branco de pelúcia.

Ana corria, e então parou repentinamente. O telhado estremeceu. Seu rosto e o das crianças transformaram-se numa máscara de aflição e medo. Uma explosão rouca subiu, ensurdecedora, fazendo Suzana baixar a cabeça e desviar os olhos da filha, que estava tombando junto com o piso que cedia. Ana caiu de costas, Patrícia se soltou de seus braços. O helicóptero surgiu no alto e suas hélices jogaram as cortinas de fumaça para baixo. Suzana, Lana e o coelho branco caminharam até a cratera aberta no piso negro de betume. Labaredas ardiam ali embaixo, jogando um calor assustador para cima e fazendo fagulhas subirem e girarem com o vento provocado pela máquina voadora acima de suas cabeças, que despejava um facho de luz. A luz que tinha vindo para resgatar as crianças perdidas. Suzana chorava. Ela olhou para trás e se viu como a enfermeira-mãe sendo dragada pelo chão que desmoronava por completo agora, agarrada às crianças perdidas, cumprindo sua missão, dominada pela dor de ter visto a filha sucumbir diante de seus olhos sem que pudesse dar a mão para ela no último momento naquela vida. Era tudo que ela queria naquele instante: estar junto de sua filha, dar a mão para sua filha, morrer ao lado da criança mais amada, morrer ao lado da criança certa. Todas eram suas crianças. Todas. Aquele telhado de hospital, aquela ponte no alto da colina, tinha se tornado um poço de dor. Tornara-se o lugar onde seu coração tinha sido cravado, e sua alegria, drenada para todo o sempre. Osso Duro, com lágrimas nos olhos, assistiu-se morrer uma última vez, e então observou novamente o chão que não mais existia, o buraco que havia devorado sua filha e as outras crianças. Ela, a menina Lana e o misterioso coelho-gente pisavam no nada, como se estivessem de pé sobre um gigantesco pedaço de vidro, flutuando, situação anormal que permitiu que olhassem para baixo e entendessem. Patrícia, pobrezinha, tinha sido engolida pelas chamas e não viam mais seu corpo. Ana, para a surpresa de Suzana, boiava inconsciente dentro da imensa caixa d’água do hospital. Do

helicóptero, um bombeiro descia velozmente pelo cabo de aço, premido pela urgência de verificar se a garota estava viva. Gritando e gesticulando, ele afundou na água, ainda atado ao cabo. O vento poderoso da máquina fazia o líquido do reservatório ondular. Ele ergueu o braço e começou a ser içado, carregado para o alto, abraçando a garota.

– Vamos, menina! Reaja! – gritou o soldado. – Não vamos desistir de você.

A menina resgatada passou a um palmo dos narizes de Osso Duro e da neta desta. Ana, a filha de Osso Duro, a que um dia ainda seria mãe de Lana, tossiu, vomitando água. Ela trazia o coelhinho branco em sua mão. O coelhinho que fora de Patrícia. Que ela guardou e um dia deu para sua filha, que foi batizada de Lana.

Lana sorriu e lançou a mão ao ar, quase tocando sua mãe adolescente. Ela estava lá, inteira, com sua cor de chocolate, com seu cabelo cacheado e seus lábios largos. A expressão serena adormecida que Lana tinha contemplado tantas e tantas vezes quando acordava aos domingos na cama da mamãe. Ela ainda era uma criança, e um dia seria a sua mamãe.

Suzana olhou para o rosto da filha, abraçada ao bombeiro que subia cuidadoso, elevado pelo cabo de aço, de volta ao helicóptero. Suzana abriu um sorriso largo, sentindo o coração bater acelerado, sentindo um calor esquecido, de ternura, amor e maternidade, abraçar seu peito e emanar para todo o corpo. Sua filha estava viva.

– Mamãe.

A voz ao seu lado fez Suzana estremecer. Aquela mulher crescida ao seu lado, segurando a sua mão era a sua filha. Suzana não sabia o que dizer.

– Não é possível.

– Mamãe! – gritou Lana, transformada em Osso Duro.

– Filha.

– Eu queria tanto ver você de novo. Tanto.

– Eu não sei como você fez isso, filha, mas eu estou aqui.

– Filha – murmurou Suzana, tocando no rosto do coelho.

A aparência de coelho evaporou-se por completo, sobrando apenas os

traços de Ana adulta, que abraçou a mãe.

– Mamãe.

Suzana apertou a filha adulta nos braços enquanto a memória de sua menina adolescente era levada para o alto, carregada para a luz do helicóptero que girava com suas hélices acima de suas cabeças, mas sem produzir barulho algum. Apenas as vozes e os soluços daquelas três mulheres eram escutados naquele momento.

– Eu te esperei, filha… Esse tempo todo. Eu nunca desisti de você.

Ana apertou a mãe ainda mais nos braços e então se virou para sua pequena Lana, que, apesar de estar da mesma altura da mãe, com o rosto transformado, tinha os mesmos olhos carregados de ternura.

– Eu sei que vocês não desistiram. Eu sei.

Lana passou a mão no rosto da mãe.

– Eu nunca vou te esquecer.

Ana abraçou também a filha, formando um abraço triplo.

– Por que você me deixou vir para a Penumbra, mamãe? Eu não tenho nada para esquecer, nada.

Os fios de prata que saíam dos braços de Ana e envolviam sua mãe esparramaram e cobriram também os braços de Lana.

– Você é forte, Lana. Muito forte. Por alguma razão nós três fomos reunidas aqui novamente, no hospital onde perdi minha mãe, onde você nasceu e onde também perdi você, minha filha.

– Eu sei, mamãe. Eu sei que terminei aqui.

– Eu não queria deixá-la ir embora, filha, mas não havia mais nada para se fazer. Manter você aqui seria egoísmo meu. Seria aumentar a sua dor.

Suzana olhou para a neta e secou suas lágrimas.

– Você é muito forte, Lana. Por isso nos reuniu aqui. A Penumbra tem uma dívida com nosso sangue.

– Agora eu sei que estou dormindo. Sei que é a hora do lusco-fusco, e quando eu acordar quero muito, muito lembrar este momento. Lembrar o dia em que encontrei com minha mãe e minha filha. O dia em que me despedi.

– Você me deixou ir, seguir em frente.

Ana fez que sim com a cabeça e abraçou forte a filha.

– Mas eu nunca desisti de você, meu bem. Foi a decisão mais difícil de toda a minha vida. A decisão mais difícil de toda a minha vida.

– Algumas crianças são tão fortes e tão apegadas aos seus pais, Lana, que simplesmente não se desligam – disse a avó da menina.

O trio foi transportado para o corredor, um patamar abaixo do telhado. Osso Duro leu as letras garrafais com as quais tinham rebatizado o recinto dos pacientes terminais. As letras agora anunciavam ALA ENFERMEIRA SUZANA CARVALHO. Unidas, atravessaram a porta da unidade intensiva.

Lana viu-se deitada no leito. Viu sua mãe sentada numa cadeira ao seu lado. Lana viu a si mesma ligada a inúmeros aparelhos. Um tubo em sua garganta. A respiração artificial. Sua mãe chorava, enquanto duas médicas e uma assistente esperavam ao lado dela.

– Chegou a hora, dona Ana – disse a assistente. – A senhora pode se despedir.

Ana tinha a mão trêmula acariciando o cabelo da filha. A outra mão depositou no peito da menina o robozinho protetor e, em seguida, o coelhinho branco junto ao travesseiro da menina, encostando a cabeça do bichinho à da filha.

– Nunca desistirei de você. Nunca sairei do seu lado, filhota.

As mulheres ao lado da mãe que se despedia ficaram em silêncio. Despedidas faziam parte de suas rotinas, mas aquele momento único era sempre muito solene, muito especial. Os aparelhos da criança seriam desligados. Não conseguiam explicar, mas, mesmo depois de tudo se apagar dentro da criança, ela continuava ali, seu coração continuava batendo ainda que aquela casca estivesse vazia. Era dolorido para qualquer mãe assinar os papéis. Era sofrido para qualquer mãe autorizar o desenlace.

Ana curvou-se sobre o corpo quente da filha e a abraçou com força. A menina não respondeu, não parecia perceber que ela estava ali. Ana aproximou a boca do ouvido da garota e cantou sua cantiga de ninar favorita. Ainda que usasse uma voz sussurrada, que fosse audível apenas para a pequena Lana deitada em seu leito, a mãe encheu o quarto das crianças

perdidas com sua canção noturna e sua voz rouca.

O trio, de mãos dadas, conhecia tão bem a cantiga de ninar que começou a entoá-la em conjunto. Ainda cantando a cantiga, foram devolvidas com um brilho de luz ao topo do edifício. Estavam rodeadas pela matilha de atravessadores, que se aproximou silenciosamente, sem ameaça, cabisbaixa, reverente àquele momento em que todos sentiam-se iguais. Sentiam-se recebendo as despedidas de seus pais e mães. Sentiam-se sendo preparados para a derradeira despedida.

– Venham – comandou Lana, a nova protetora das crianças perdidas. – Vamos todas nos despedir.

As nuvens acima do hospital se agitaram novamente, e do umbigo brilhante o facho luminoso e dourado desceu mais uma vez, banhando cada uma das crianças da Penumbra até parar, lançando suas partículas cintilantes sobre o chão de betume, entre Lana e Osso Duro.

– Esta é a sua hora, vovó Osso Duro. É a sua vez de atravessar.

– Não. De jeito nenhum. A luz está aqui para levar os inocentes…

– Sim. Não entendeu ainda? A senhora precisa descansar.

– Não. Eu preciso esperar minha filha – reclamou Osso Duro olhando para Ana, que novamente se parecia com um coelho branco de sua altura.

– Ela já veio visitar nós duas para nos libertar, vovó. Ela está em paz. Agora é hora de partir.

– E eles, os atravessadores? Quem vai proteger as crianças mortas?

– Eles estão aqui porque estão junto com você, vovó. Eles também esqueceram quem eram. Também esqueceram que foram cuidados por você, mas não conseguiram se desligar da senhora.

– Não pode ser. Eu tenho que esperar. Esperar a criança certa.

– Eu sou a sua criança certa, vovó. Eu sou agora a nova babá Osso Duro.

Lana Osso Duro virou-se para os atravessadores e alcançou Patrícia, que estava à frente do grupo. Lana segurou a mão da menina, que estava ainda com o rosto torcido e infeliz.

– Vocês devem ir, agora.

Lana estendeu suas mãos, lançando fios para a frente, que alcançaram

todos os atravessadores, estendendo-se de um para outro, até que todos estivessem conectados. A outra mão de Osso Duro apontou para o facho de luz, e então uma corrente de energia dourada percorreu os fios negros de Lana, ligando atravessadores à ponte de luz que começou a sugá-los para o alto, pontinhos de luz que subiam ligados ao cabo de energia lançado pela entidade.

– Eles já se foram, minha neta. Agora a luz vai apagar.

Lana Osso Duro fez que não com a cabeça.

– Não, vovó. Agora que reencontramos nosso passado, também temos que partir. Chega de perturbar a Penumbra. Outras crianças virão. Outras aventuras surgirão deste lado do manto, vovó, mas a nossa, aqui na Penumbra, acaba agora. Eu sou a criança certa, vovó Osso Duro. A criança certa a te levar para casa.

Suzana segurou a mão da neta e afagou-lhe a face.

– Meu coração duro te transformou no que você é agora.

– Estamos juntas, vovó, e somos iguais.

Suzana virou-se para o coelho branco.

– Não podemos deixar a Ana. Ela não terá a mim nem a você, sua filha. Eu preciso ficar.

– Não, vovó – insistiu a pequena encarnada de Osso Duro. – Minha mãe veio se despedir. Ela sabe que nós estamos juntas e bem. Precisamos deixá-la em paz. Não se transforme numa assombração, vovó Osso Duro. Não assombre os vivos, deixe a dor partir.

– Minha filha – murmurou Suzana, com os olhos lacrimejantes.

O trio se abraçou demoradamente uma última vez.

– Precisamos partir, vovó. Precisamos seguir em frente. Mamãe não é mais uma criança. Quando chegar a hora de deixar o seu corpo para seguir sua aventura, ela não virá para cá.

O coelho dissolveu-se diante do olhar da mãe e da filha, virando cinzas que foram levadas pelo vento da Penumbra.

– Está pronta, vovó?

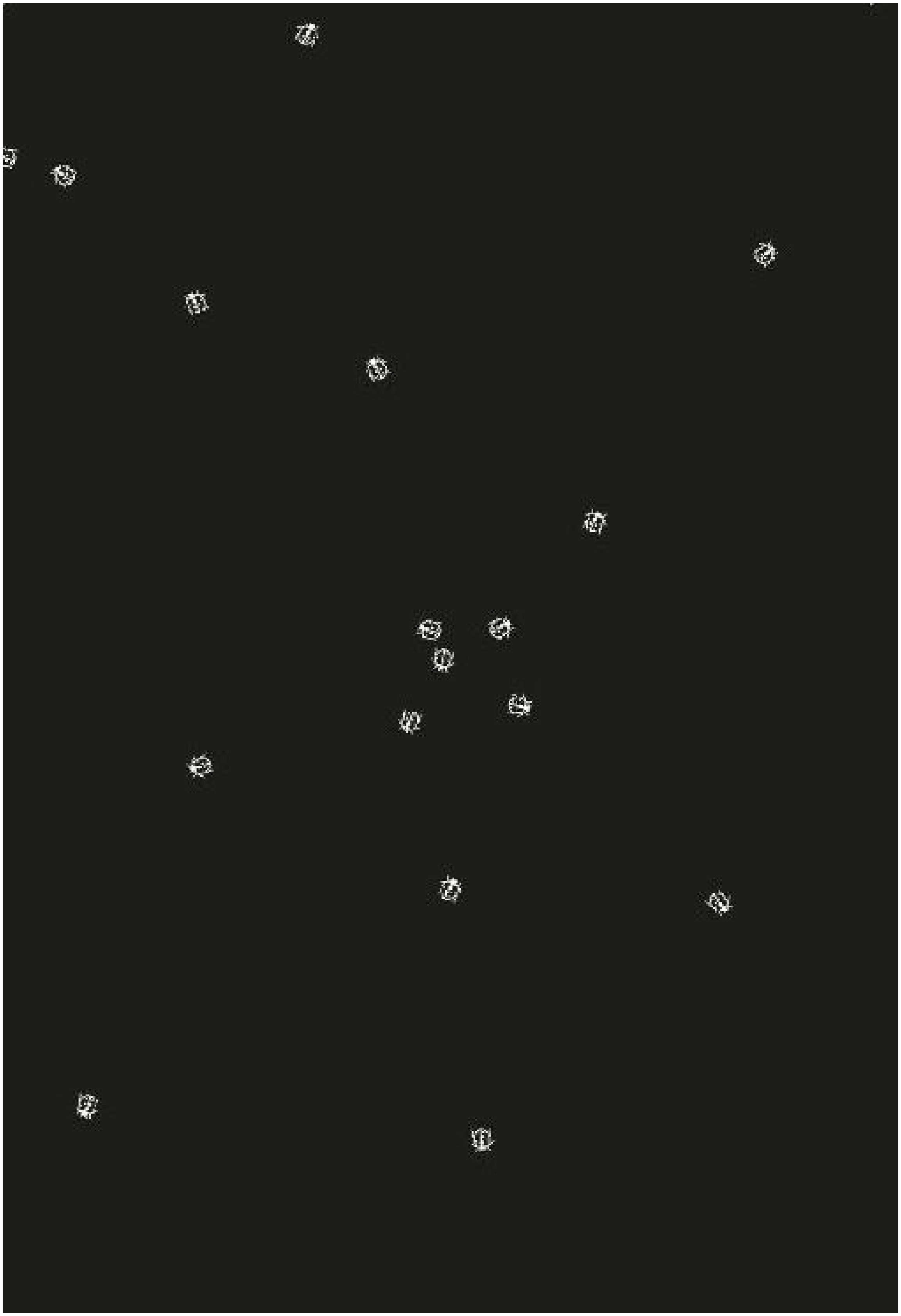
Suzana balançou a cabeça para cima e para baixo e agachou-se no telhado

do hospital, apanhando um punhado de cinzas e soltando-as no céu azul da Penumbra. O amarelo tinha se levantado e tingia as nuvens de dourado.

– Sinto que sentirei saudade deste lugar.

Lana abriu um sorriso em seu rosto encovado e estendeu a mão para a avó.

– Não, vovó. Você não vai sentir nada. Você é apenas uma menina morta.



1ª edição	Outubro de 2017
papel de miolo	Pólen Soft 70g/m^2
papel de capa	Cartão Supremo 250g/m^2
tipografia	Van Dijck Book
gráfica	

ANDRÉ VIANCO nasceu em 1975 e foi criado em Osasco, SP. Começou a escrever ainda adolescente, e no início da carreira ia pessoalmente às livrarias vender os seus lançamentos. Seu primeiro livro lançado de forma independente foi *Os sete*, em fevereiro de 2000, tornando-se também seu primeiro best-seller. Desde então, já escreveu mais de vinte livros, entre eles *O senhor da chuva*, *Sétimo*, *A casa*, *O caminho do poço das lágrimas*, *Estrela da manhã*, *Dartana* e as trilogias "Vampiro Rei" e "O Turno da Noite", que juntos já venderam mais de um milhão de exemplares. Atualmente, autor e roteirista, é considerado o principal expoente contemporâneo do terror e do suspense da literatura brasileira.

Osso Duro terminou de desabotoar a aba de couro no interior de seu vestido, abrindo o compartimento onde guardava suas ferramentas de trabalho na Penumbra. As crianças precisavam dela, e era hora de agir. Muitas vezes era amargo, muitas vezes era assustador, mas era seu fardo ser a mão que trazia alívio para aqueles pequenos perdidos, custasse o que custasse.

Lana acorda num descampado, assustada e com frio. Desorientada, ela só quer encontrar sua mãe e voltar para casa. Mas sua busca não será fácil, pois ela se descobre na Penumbra, um lugar sombrio que foi feito para esquecer. Só que esquecer é tudo que Lana prometeu que nunca faria...

Numa busca obstinada pela mãe, a menina acaba despertando a fúria das criaturas da Penumbra, e terá de ficar frente a frente com a babá Osso Duro, uma entidade perturbadora, mas cujo olhar terno esconce um segredo que poderá colocar em risco todas as regras do lugar.

LeYa
leya.com.br
9 788544 106150
ISBN 978-85-441-0615-0